

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

KATJA REINECKE

**OS RÓTICOS INTERVOCÁLICOS NA GRAMÁTICA INDIVIDUAL DE
FALANTES DE BLUMENAU E LAGES**

FLORIANÓPOLIS

2006

KATJA REINECKE

**OS RÓTICOS INTERVOCÁLICOS NA GRAMÁTICA INDIVIDUAL DE
FALANTES DE BLUMENAU E LAGES**

Tese de Doutorado apresentada ao Curso
de Pós-Graduação em Lingüística da
Universidade Federal de Santa
Catarina como parte do requisito para
obtenção do título de Doutora em
Lingüística.

Orientadora: Prof^a. Dra. Edair M. Görski

Florianópolis

2006

Reinecke, Katja

Os róticos intervocálicos na gramática individual de falantes de Blumenau e Lages. / Katja Reinecke. -- Florianópolis: UFSC/CCE, 2006.

241 p. : il. 29,7 cm.

Orientadora: Edair Gorski

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Lingüística, 2006.

Referências bibliográficas: f. 233-241.

Título em inglês: The intervocalic rhotics in the individual grammars of speakers from Blumenau and Lages.

1. Róticos. 2. Gramática individual 3. Fonética 4. Fonologia 5. Sociolingüística – Tese. I. Gorski, Edair. II. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Lingüística. III. Os róticos intervocálicos na gramática individual de falantes de Blumenau e Lages.

Katja Reinecke
Os róticos intervocálicos na gramática individual de falantes
de Blumenau e Lages

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do grau de Doutora em Lingüística e aprovada em sua fase final pelo Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 8. de dezembro de 2006

Coordenador: Prof. Dr. Fábio Lopes da Silva

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Edair Maria Gorski (UFSC) (Orientadora)

Profa. Dra. Thaïs Cristófaró-Silva (UFMG)

Profa. Dra. Adelaide Hercília Pescatori Silva (UFPR)

Profa. Dra. Izabel Christine Seara (UFSC)

Prof. Dr. Felício Wessling Margotti (UFSC)

Für M., für 80 Jahre.

Agradecimentos pessoais

Danke, Wiebke, für deine wortwörtlich unermüdliche Unterstützung und Zuhörbereitschaft, für deinen Zuspruch und deinen Pragmatismus.

Obrigado, Edair, por topar as minha idéias “individuais” e por acreditar em mim.

Obrigado, Maryualê, pela revisão do meu português chucrute, pelas repetidas introduções ao sistema dos dados do Varsul, ao programa Goldvarb e pelo apóio durante todo curso da nossa pós em lingüística.

Obrigado, João, pela digitalização das fitas e a paciência com minha impaciência com a produção dos CDs.

Obrigado, Antônio, pela revisão ortográfica e os comentários sobre os meus capítulos em estado de obra.

Obrigado, Steven, pela codificação dos meus dados quando eu não agüentava mais ver as serrarias e as 2xV0aBfp1a, 1xV0aLfp1A etc.

Obrigado, Valéria Monaretto, Paulino Vandresen e Izabel Seara, os membros da minha banca de qualificação, pelo apóio, as críticas construtivas e, especialmente, pelo encaminhamento à avaliação acústica por Izabel.

Danke, Jochen Rehbein, für das Vorbild und für die Unterstützung bei der Bewerbung um das Stipendium und auch um meinen Job.

Obrigado, Manoel, por me salvar da teselândia.

Obrigado a todos que me acompanharam e tiveram paciência com a minha perpétua “correria, correria” e que acreditaram em mim.

Resumo

Nesta tese examinamos o comportamento fonético-fonológico dos róticos intervocálicos na fala de 20 indivíduos oriundos de Blumenau (SC) e Lages (SC). Em um primeiro momento, testamos a potencial influência do alemão sobre a variedade do PB de Blumenau, contrastando essa com a variedade de Lages. No entanto, o foco principal de nosso interesse recai sobre a gramática individual e a questão da distribuição das variantes fonéticas entre os dois tipos de rótico, o r-simples e o r-duplo, na fala de cada informante. Dentro de uma visão funcional, que concebe a língua como um sistema complexo, emergente e auto-organizador, desenvolvemos a nossa abordagem, que parte de uma conexão próxima entre os domínios lingüísticos da fonética e da fonologia. Como metodologia conseqüente de, e coerente com essa abordagem, procedemos a uma avaliação qualitativa e aberta do material empírico. Através de uma análise auditiva e acústica chegamos a distinguir 9 variantes cuja distribuição entre o r-simples e o r-duplo foram relacionadas a fatores lingüísticos intrínsecos, à freqüência das palavras constituintes do *corpus* e ao grau de contato individual, no caso dos falantes de Blumenau, com o alemão. Revela-se, no mapeamento das variantes na gramática individual, que existe uma correlação entre os fatores item lexical mais freqüente e classe de palavras, e a escolha de variantes para a realização do r-simples e do r-duplo.

Zusammenfassung

In dieser Arbeit präsentieren wir die Ergebnisse einer phonetisch-phonologischen Untersuchung der intervokalischen R-Realisationen, die aus Interviewaufnahmen mit 20 Sprechern aus den Städten Blumenau und Lages im brasilianischen Bundesstaat Santa Catarina stammen. In Blumenau stehen, seit seiner Gründung Mitte des 19. Jahrhunderts, das brasilianische Portugiesisch und regionale Varietäten, die auf deutschen Einwandererdialekten basieren, in Sprachenkontakt. Einer der Faktoren, deren möglichen Wirkung auf die R-Variation wir in dieser Dissertation untersuchen, ist der Einfluss der deutschen Dialekte auf die Ausformung der brasilianischen Kontaktvarietät. Vor allem bei der großen, markierten Präsenz des uvularen R in Blumenau kann es sich um ein Kontaktphänomen handeln. Die Klasse der R-Laute zeichnet sich im brasilianischen Portugiesisch durch eine große Bandbreite an phonetischen Varianten aus, die vom einfach geschlagenen alveolaren Tap, über den alveolaren Vibranten und mehrere Frikative bis zur glottalen Realisierung reichen. Das Hauptinteresse unserer Arbeit zielt auf die Frage, ob und wie die untersuchten Sprecher bei der Verwendung der verschiedenen R-Varianten bei ihrer Verwendung für das einfache und das doppelte R unterscheiden und damit den lexikalischen Unterschied zwischen Wörtern wie „moro“ und „morro“ wiedergeben oder nicht. Unsere Analyse stützt sich auf einen funktionalen Ansatz, der die Sprache als komplexes, anpassungsfähiges System versteht. Innerhalb dieses Ansatzes wird versucht, die große Kluft zu überbrücken zwischen der phonetischen Ebene und ihrer Vielfalt einerseits und der abstrakten phonologischen Ebene der mentalen Repräsentation andererseits, wie sie im generativen und strukturalistischen Sprachmodell gedacht wird. Die Diskussion des funktionalen Grammatikverständnisses und funktionaler Ansätze in der Phonologie führt uns zu einem Modell der Emergenz und Selbstorganisation der Grammatik, die im individuellen Sprecher - und nicht in einem idealen, abstrakten Kollektiv - verortet wird. Für die Modellierung der mentalen Repräsentation der phonetisch-phonologischen Ebene in der Grammatik des individuellen Sprechers verwenden wir einen Ansatz der lexikalischen Diffusion in einer am Sprachgebrauch orientierten Phonologie wie sie Bybee (2001 und 2005) vorschlägt. Bei der auditiven und akustischen Auswertung unserer 20 Probanden zeigt sich, dass sowohl hoch frequente Einzelwörter, als auch die Wortklasse einen Einfluss auf die Wahl der R-Variante ausüben.

Abstract

In this study we present the variation and distribution of phonetic variants used for the realization of the 2 intervocalic, lexically distinct types of Brazilian Portuguese rhotics, orthographically designed as a simple r vs. a double r. By our auditory and acoustic analysis we are able to distinguish between 9 phonetic forms whose frequency and usage are described for each individual speaker, adopting the theoretical approach of the individual grammar. This approach is embedded in a functional framework that views language as a complex system that shows emergent behaviour and self-organizing patterns. Grammar is seen as an access to language knowledge by the individual and does not depend on a supra-individual, abstract phonological representation as modelled by linguistic approaches in structuralism. The database for our investigation is built up of 20 interview recordings with speakers from the cities of Blumenau and Lages, both located in the Brazilian state Santa Catarina. As Blumenau is a city in which the Brazilian Portuguese stands in linguistic contact with a German variety based on dialects brought to the country by immigrants since the middle of the 19th century, our investigation starts with a comparison between the two cities. The purpose being to discover particular patterns in the Blumenau variety that could be correlating with Germanic influence over the regional variety of Brazilian Portuguese. On the individual level, this potential influence is traced by classifying the individual degree of bilinguality of each speaker from Blumenau. Finally, we describe the phonetic repertory and the mapping of rhotic variants in relation to intrinsic linguistic features of each speaker, including the bilingual degree as a factor for individuals from Blumenau. The results of our investigation point towards the importance of linguistic contact rather as being a phenomenon of the speaker community and not so much one of the individual bilingual level. Between the intrinsic linguistic factors considered, word class seems to correlate, to a certain degree, with phonetic choice and the distribution of variants through the 2 rhotic types. The factor of frequency seems to be just as significant. The importance of high frequency lexical items for the shape of the phonetic-phonological mapping of variants is discussed on the basis of Bybee's approach to usage-based phonology (2001 and 2005).

Lista de figuras

Figura 1. Quadro das variantes de róticos no PB.	36
Figura 2. Quadro de ocorrências das variantes fonéticas por região.....	37
Figura 3. Diagrama da interpretação dos róticos do PB adaptado de Monaretto (1997:200).	46
Figura 4. Diagrama da escala de sonoridade adaptada por Monaretto (1997:150)..	47
Figura 5. Diagrama da escala de grau de vibração, adaptada de Silva e Albano (1999:2211).	49
Figura 6. Diagrama dos fenômenos pertinentes a “línguas EM contato”, adaptado de Heye, 2003:37).....	57
Figura 7. Primeiro quadro da terminologia proposta por Heye (2003), aplicado a exemplos deste estudo.....	58
Figura 8. Segundo quadro da terminologia proposta por Heye (2003), aplicado a exemplos deste estudo.....	59
Figura 9: Sinopse do contexto sócio-histórico e da situação lingüística em Blumenau, de 1850 até hoje.	68
Figura 10. Diagramas das tendências globais da fala e do uso do português e do alemão em Blumenau.....	69
Figura 11. Quadro comparativo do contraste fonético-fonológico dos róticos no PB e no alemão.	73
Figura 12: Quadro sobre a relação entre parâmetros acústicos e a impressão auditiva. Adaptado de Lehmann (disponível em: < http://www.uni-erfurt.de/sprachwissenschaft/personal/lehmann/CL_Lehr/PhonPhon/Phon_Index.html >).	97
Figura 13. Diagrama dos exemplares relacionados à palatalização. Baseado em Cristófaró-Silva (2002:208 e 2002:215)	108
Figura 14. Diagrama de um exemplar com alguns dos contextos que fornecem informações ao armazenamento dos róticos.	110
Figura 15. Diagrama de uma nuvem de exemplares e contextos de um falante individual.....	111
Figura 16. Diagrama das gramáticas individuais em interação e disputa.	112
Figura 17. Quadro de informações individuais do falante 11 de Blumenau.	126
Figura 18. Quadro de informações individuais do falante 20 de Lages.....	127

Figura 19. Diagrama dos passos analíticos fonéticos para a primeira codificação dos dados.	130
Figura 20. Quadro das características perceptuais dos 9 tipos de róticos.	132
Figura 21. Diagrama de um caso excepcional de rótico intermediário do tipo 7.	133
Figura 22. Diagrama de um caso excepcional de rótico intermediário do tipo 3.	134
Figura 23. Oscilograma e sonograma do rótico do tipo 2 no exemplo de “bem caro também”.	136
Figura 24. Quadro dos critérios e características auditivas e acústicas do tipo 2.	136
Figura 25. Oscilograma e sonograma do rótico do tipo 1 em “o morro todinho”.	138
Figura 26. Quadro dos critérios e características auditivas e acústicas do tipo 1 no exemplo “o morro todinho”.	138
Figura 27. Quadro dos critérios e características auditivas e acústicas do tipo 8, no exemplo “aquela barragem”	139
Figura 28. Matriz com os 9 pontos de róticos identificados no <i>corpus</i>	143
Figura 29. Oscilograma e sonograma da aproximante alveolar realizada na palavra “quarenta” pelo falante 16 de Blumenau.	146
Figura 30. Oscilograma e Sonograma do tepe alveolar espirantizado realizado na palavra “ferro” pelo falante 6 de Lages.	148
Figura 31. Oscilograma e sonograma da retroflexa realizada na palavra “interior” pelo falante Lages 20.	149
Figura 32. Oscilograma e sonograma da vibrante alveolar realizada na palavra “gorro” pelo falante 5 de Blumenau.	150
Figura 33. Oscilograma e sonograma da vibrante espirantizada realizada na palavra “bairro” pelo falante 21 de Blumenau.	151
Figura 34. Oscilograma e sonograma da fricativa velar realizada na palavra “birra” pelo falante 17 de Lages.	152
Figura 35. Oscilograma e sonograma da variante uvular realizada na palavra “zorra” pelo falante 2 de Blumenau.	153
Figura 36. Oscilograma e sonograma da fricativa glotal realizada na palavra “marreco” pelo falante 9 de Blumenau.	154
Figura 37. Quadro das variantes encontradas nas entrevistas de cada informante de Blumenau.	157
Figura 38. Quadro das variantes encontradas nas entrevistas de cada informante de Lages.	160
Figura 39. Quadro resumido da comparação entre os resultados de Blumenau e Lages.	162

Figura 40. Tabela das ocorrências de tipo de rótico por variante em Blumenau e Lages.....	165
Figura 41. Tabela das variantes do r-simples, em Blumenau e Lages, considerando-se a posição do acento.....	167
Figura 42. Tabela das variantes r-duplo, em Blumenau e Lages, considerando-se a posição do acento.	168
Figura 43. Tabela das variantes do r-simples, em Blumenau e Lages, considerando-se a classe de palavras.	171
Figura 44. Tabela das variantes do r-duplo, considerando-se as classes de palavras.	172
Figura 45. Quadro do agrupamento das variantes.....	176
Figura 46. Tabela do fator “posição do acento” em relação às variantes amalgamadas.....	177
Figura 47. Tabela do fator “classe de palavras” em relação às variantes amalgamadas.....	179
Figura 48. Quadro das propriedades lingüístico-biográficas dos indivíduos de Blumenau.	188
Figura 49. Diagrama da bilingüidade dos informantes de Blumenau, segundo a terminologia de Heye (2003:37).....	189
Figura 50. Quadro da escala do grau de contato com o alemão dos falantes de Blumenau.	190
Figura 51. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Blumenau 16.	191
Figura 52. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Blumenau 9.	193
Figura 53. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Blumenau 13.	194
Figura 54. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Blumenau 19.	195
Figura 55. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Blumenau 21.	196
Figura 56. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Blumenau 24.	197
Figura 57. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Blumenau 2.	198

Figura 58. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Blumenau 11.	200
Figura 59. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Blumenau 5.	201
Figura 60. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Blumenau 8.	202
Figura 61. Quadro das propriedades lingüístico-biográficas dos indivíduos de Lages.	208
Figura 62. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Lages 3.	209
Figura 63. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Lages 6.	211
Figura 64. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Lages 8.	212
Figura 65. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Lages 12.	213
Figura 66. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Lages 14.	214
Figura 67. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Lages 16.	215
Figura 68. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Lages 17.	216
Figura 69. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Lages 20.	217
Figura 70. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Lages 21.	218
Figura 71. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Lages 24.	219

Sumário

LISTA DE FIGURAS	14
1 INTRODUÇÃO	22
1.1 AS QUESTÕES E OBJETIVOS NORTEADORES	23
1.2 O EMBASAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO	24
1.3 A BASE EMPÍRICA E O LEVANTAMENTO DOS DADOS EM UMA COMUNIDADE DE CONTATO LINGÜÍSTICO E OUTRA SEM CONTATO LINGÜÍSTICO	26
1.4 A ESTRUTURA E O PERFIL DESTE TRABALHO	27
2 A DISCUSSÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA DOS RÓTICOS DO PB	30
2.1 O OBJETO DE ESTUDO E A QUESTÃO TERMINOLÓGICA	
2.2 A FONÉTICA DOS RÓTICOS NO PB	33
2.2.1 VARIANTES DE RÓTICOS NO PB DESCRITAS DESDE GONÇALVES VIANA (1883)	34
2.2.2 AS VARIANTES APROXIMANTES E RETROFLEXAS	38
2.3 A DISCUSSÃO FONOLÓGICA DOS RÓTICOS DO PB	40
2.3.1 A QUESTÃO DO NÚMERO DE FONEMAS DE RÓTICO NO PB	41
2.3.2 O CONTRASTE POR GEMINAÇÃO – A PROPOSTA DE MONARETTO (1997)	43
2.3.3 UMA ABORDAGEM FONÉTICO-FONOLÓGICA DINÂMICA – POR SILVA (SILVA, ALBANO, 1999; SILVA <i>ET ALII</i> , 2001)	49
2.4 RESUMO DO CAPÍTULO	51
3 VARIAÇÃO GEOGRÁFICA E LÍNGUAS EM CONTATO	52
3.1 TENDÊNCIAS NA VARIAÇÃO GEOGRÁFICA DOS RÓTICOS NO PB	53
3.2 OS RÓTICOS EM VARIEDADES SOB CONTATO LINGÜÍSTICO NO SUL DO BRASIL	54
3.2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE CONTATO DE LÍNGUAS	55
3.2.2 TENDÊNCIAS LINGÜÍSTICAS NAS VARIEDADES DO PB EM CONTATO COM O ITALIANO E O ALEMÃO	59
3.3 O CONTATO ENTRE AS VARIEDADES DO PB E DO ALEMÃO EM BLUMENAU	63
3.3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO CONTATO ENTRE O PORTUGUÊS E O ALEMÃO NA CIDADE DE BLUMENAU	66
3.3.2 A PRONÚNCIA DOS RÓTICOS NO ALEMÃO E NA VARIEDADE DO ALEMÃO FALADA EM BLUMENAU	70
3.3.3 O CONTATO LINGÜÍSTICO COMO PANO DE FUNDO PARA A ANÁLISE FONOLÓGICA	77
3.4 CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DA CIDADE DE LAGES E A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO MUNICÍPIO	78
3.5 RESUMO DO CAPÍTULO	81

4	<u>A ABORDAGEM DESTE ESTUDO</u>	83
4.1	A LINGÜÍSTICA FUNCIONAL	84
4.2	A LÍNGUA COMO SISTEMA COMPLEXO	85
4.2.1	O PARADIGMA DINÂMICO - POR WILDGEN (2005)	87
4.2.2	A GRAMÁTICA EMERGENTE SEGUNDO HOPPER (1987)	88
4.2.3	A LINGÜÍSTICA INTERACIONAL SEGUNDO SELTING E COUPER-KUHLEN (2000)	91
4.3	O DOMÍNIO FONÉTICO-FONOLÓGICO	92
4.3.1	O PAPEL DA FONÉTICA EM UMA ABORDAGEM FONOLÓGICA FUNCIONAL	93
4.3.2	OS PRINCÍPIOS FONOLÓGICOS FUNCIONAIS NA PROPOSTA DE BOERSMA (1998)	98
4.3.3	A EMERGÊNCIA FONOLÓGICA	101
4.4	A QUESTÃO DA REPRESENTAÇÃO DOS SONS NA GRAMÁTICA INDIVIDUAL	104
4.4.1	A TEORIA DOS EXEMPLARES NA GRAMÁTICA INDIVIDUAL	105
4.4.2	A GRAMÁTICA INDIVIDUAL DENTRO DA NOSSA ABORDAGEM	109
4.5	RESUMO DO CAPÍTULO	113
5	<u>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</u>	115
5.1	O PERFIL EMPÍRICO DESTE ESTUDO	116
5.2	A GROUNDED THEORY	119
5.3	O LEVANTAMENTO DOS DADOS BIOGRÁFICOS E LINGÜÍSTICOS	122
5.3.1	OS DADOS BIOGRÁFICOS LEVANTADOS	123
5.3.2	OS DADOS LINGÜÍSTICOS LEVANTADOS	128
5.4	A AVALIAÇÃO FONÉTICA AUDITIVA E ACÚSTICA	129
5.4.1	A CODIFICAÇÃO PELA ANÁLISE AUDITIVA	130
5.4.2	A CODIFICAÇÃO PELA ANÁLISE ACÚSTICA	134
5.5	RESUMO DO CAPÍTULO	140
6	<u>APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS</u>	141
6.1	AS VARIANTES SEGUNDO A AVALIAÇÃO AUDITIVA E ACÚSTICA	142
6.2	AS VARIANTES NOS FALANTES DAS DUAS CIDADES.	156
6.2.1	BLUMENAU	156
6.2.2	LAGES	159
6.3	COMPARAÇÃO DAS VARIANTES DE LAGES E BLUMENAU EM RELAÇÃO AOS FATORES INTRÍNSECOS DAS PALAVRAS DO NOSSO <i>CORPUS</i>	163
6.3.1	AS 9 VARIANTES EM RELAÇÃO AOS FATORES LINGÜÍSTICOS INTRÍNSECOS	164
6.3.2	AS RELAÇÕES ENTRE A REGIÃO, OS FATORES LINGÜÍSTICOS INTRÍNSECOS E AS VARIANTES AGRUPADAS	174
6.4	AS RELAÇÕES ENTRE AS VARIANTES DESCRITAS	180
6.5	RESUMO DO CAPÍTULO	184

7	<u>AS GRAMÁTICAS INDIVIDUAIS</u>	186
7.1	OS FALANTES E AS VARIANTES DE RÓTICOS NA ENTREVISTAS DE BLUMENAU	186
7.1.1	OS DADOS LINGÜÍSTICO-BIOGRÁFICOS DOS FALANTES DE BLUMENAU	187
7.1.2	AS GRAMÁTICAS INDIVIDUAIS DOS FALANTES DE BLUMENAU	190
7.1.3	RESUMO DA DISCUSSÃO DAS GRAMÁTICAS INDIVIDUAIS DOS FALANTES DE BLUMENAU	203
7.2	OS FALANTES E AS VARIANTES DE RÓTICOS NA ENTREVISTAS DE LAGES	207
7.2.1	OS DADOS LINGÜÍSTICO-BIOGRÁFICOS DOS FALANTES DE LAGES	207
7.2.2	AS GRAMÁTICAS INDIVIDUAIS DOS FALANTES DE LAGES	209
7.2.3	RESUMO DOS RESULTADOS PELOS FALANTES DE LAGES	220
7.3	RESUMO DO CAPÍTULO	222
8	<u>CONCLUSÃO</u>	223
8.1	A DISCUSSÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA	223
8.1.1	OS ASPECTOS FONÉTICOS	223
8.1.2	OS ASPECTOS FONOLÓGICOS	225
8.2	A GRAMÁTICA INDIVIDUAL	226
8.3	O CONTATO DE LÍNGUAS	229
8.5	RESUMO DO CAPÍTULO	230
9	<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	231
	<u>BIBLIOGRAFIA</u>	233

1 Introdução

O objeto deste estudo são os róticos¹ intervocálicos do português brasileiro (doravante PB). Analisamos as variantes fonéticas utilizadas para o r-simples e o r-duplo em itens lexicais como “carinho”, “carrinho”, “muro”, “murro”, “pêra”, “gorro”, etc. na fala de indivíduos oriundos das cidades de Blumenau (SC) e Lages (SC).

Os róticos, tanto no PB como também em grande número de línguas, formam um conjunto de sons bem diversos. No PB, há realizações fonéticas, entre outras que veremos no decorrer deste trabalho, de tepe, vibrante e fricativa, estendendo-se por várias zonas de articulação diferentes como os alvéolos, o véu palatino, a úvula e a epiglote. Nos estudos do PB predominam duas preocupações principais concernentes ao fenômeno dos róticos. A primeira diz respeito à sua classificação fonológica, e a segunda está voltada para o mapeamento sociolingüístico ou dialetal das suas variantes fonéticas.

Na discussão fonológica, é comum a referência a duas categorias de rótico, contrastando a realização do tepe ápico-alveolar, denominado de “r-fraco”, com as demais variantes denominadas de “r-forte”. Julgamos esta classificação um tanto problemática por apresentar uma relação parcialmente opaca com o *status* fonológico dos róticos sobre o qual existe controvérsia entre os estudiosos da área. Nas análises fonológicos dos róticos há basicamente duas posições. Câmara Jr. (1953), Monaretto (1997) e Bonet e Mascaró (1997), entre outros, defendem a interpretação dos róticos como pertencentes a um só fonema subjacente, enquanto Câmara Jr. (1970) e Mateus (1984), esta última para o português europeu (doravante PE), tomam a posição oposta concebendo dois fonemas de *erre* distintos no português. Entre os defensores de um só fonema há discordância quanto à forma representada na subjacência. Esta é vista ou como o “r-forte” (por CÂMARA Jr., 1953), ou como o “r-fraco” (entre outros, por MONARETTO, 1997), ou como segmento subespecificado (BONET, MASCARÓ, 1997).

¹ Neste estudo damos a preferência ao termo “róticos” porque abrange indiscriminadamente todas as possíveis realizações fonéticas dos *erres*, sem limitar-se *ex ante* a uma das suas classes, como acontece com o termo “vibrante”, e sem englobar os sons laterais dos *eles*, como acontece com o termo “líquida”.

Na pesquisa sociolingüística há um grande número de estudos que apontam para a importância do fator geográfico na realização das diversas variantes fonéticas. Na sua análise da variedade do Sul do Brasil, Monaretto (1997) conclui que o “grupo geográfico”, como a autora denomina a variável que também chama de “etnia”, é o fator extralingüístico de maior influência na variação. Para o caso dos róticos em regiões de imigração alemã, há dissertações e teses, como, por exemplo, a de Rigatti (2003) sobre a realização do rótico no *onset*, e a de Varela-Fuhr (1992) sobre a sua aquisição por falantes bilíngües, as quais levam em consideração a influência dos dialetos alemães em variedades do PB do Sul.

Com esta pesquisa propomos criar um nexos entre o campo de estudos fonético-geolingüísticos e a discussão fonético-fonológica dos róticos do PB. Na área fonológica, há, atualmente, uma predominância de abordagens na linha formalista gerativa². Na parte da análise fonética, na maioria dos trabalhos, é utilizada a descrição impressionista das variantes. Por este motivo, acreditamos que seja relevante complementar os estudos já realizados, com uma abordagem funcional que, além do mais, se propõe a uma re-análise fonética do fenômeno por métodos auditivos e acústicos. A abordagem que escolhemos é fundamentada no conceito funcional de língua como um sistema complexo, o qual aplicamos na visão de gramática individual. Os detalhes de nossa proposta de abordagem são introduzidos no decorrer das seções seguintes.

1.1 As questões e objetivos norteadores

Pela situação do fenômeno e o seu tratamento na literatura científica acima expostos, consideramos que, através de uma análise mais aprofundada em torno das questões abaixo elencadas, se poderá avançar na compreensão dos róticos.

1. Quais variantes fonéticas de rótico ocorrem na fala dos informantes e quais são as relações entre essas variantes?
2. Qual é a distribuição e o uso dessas variantes pelos falantes em relação aos dois tipos de rótico?

² Uma exceção destacada é Silva (1999), que trabalha com o modelo dinâmico da fala, orientado pela fonologia articulatória de Browman e Goldstein (1993).

3. Quais fatores lingüísticos intrínsecos se correlacionam com a escolha de uma ou outra variante para o r-simples e o r-duplo?
4. Em face do grau de contato entre o alemão e as variantes estudadas: a) existe uma relação entre o grau individual de bilingüidade dos falantes de Blumenau e a escolha e distribuição das variantes de rótico? b) há uma correlação entre as diferenças nas gramáticas individuais dos falantes da cidade com contato lingüístico e da cidade sem contato?
5. Que indícios apontam para a organização entre as variantes pelos dois tipos de rótico no mapeamento do indivíduo?

O principal objetivo do nosso trabalho é a descrição dos róticos na fala de cada indivíduo e a busca por indícios tanto para (novas) formas fonéticas, quanto para (novos) princípios organizadores das gramáticas dos falantes em questão, apoiando nessa premissa uma proposta de re-interpretação dos róticos no PB em geral.

Por escolher uma metodologia aberta e qualitativa, que introduzimos na seção a seguir, abstermo-nos de formular um quadro de hipóteses binomiais para serem ou confirmadas ou refutadas. Ao invés disso, gostaríamos de explicitar as nossas expectativas acerca do que é possível se observar nos dados do nosso *corpus*.

Esperamos poder não somente mostrar o surgimento de novas formas³ fonéticas, mas também indicar processos de auto-organização que podem levar a novos princípios estruturais para as variedades em questão.

1.2 O embasamento teórico-metodológico

A nossa proposta se baseia em um *framework* funcional que concebe a língua como um sistema complexo, e que rejeita a visão estruturalista-gerativa de uma representação abstrata e ideal da língua em uma camada supra-individual. O mapeamento das formas lingüísticas e suas relações, nessa abordagem, é situado na gramática individual de cada falante. A interpretação da gramática, no sentido de conhecimento e uso da língua pelos falantes, no *framework* que adaptamos para o nosso trabalho, é orientada pela abordagem dinâmica de Wildgen (2005), pela

³ Por novas formas entende-se aqui formas ainda não descritas para os róticos do PB na literatura afim.

teoria da gramática emergente de Hopper (1987), pela lingüística interacional de Selting e Couper-Kuhlen (2000) e pela teoria dos exemplares de Bybee (2001 e 2005). No que concerne ao âmbito fonético-fonológico, nos pautamos pelos trabalhos de De Boer (1997) sobre a emergência fonológica e pelos princípios fonológicos funcionais de Boersma (1998).

Essa perspectiva de gramática é fundamentada na noção de língua como um sistema complexo e adaptável, no interior do qual existe uma constante disputa entre formas concorrentes para o desempenho de suas funções lingüísticas, como também entre as forças adversárias que atuam em duas direções: por um lado, rumo à convencionalização e manutenção das formas e, por outro lado, rumo à emergência de novas formas e organização lingüística das mesmas. No âmbito fonético-fonológico, esta visão resulta no abandono do modelo estruturalista de fonemas e o conseqüente distanciamento entre os domínios da fonética e da fonologia.

As aplicação dessa abordagem teórica implica uma metodologia qualitativa, exploratória e focalizada no indivíduo, que aproxima os domínios da fonética e da fonologia. Em razão disso, desenvolveremos uma análise das variantes para a realização do r-simples e do r-duplo em nosso *corpus* orientada pela *grounded theory* de Strauss e Corbin (1990). Esse paradigma metodológico fundamenta-se, para o desenvolvimento de uma teoria, no dado empírico. Seu pré-requisito principal, em relação ao nosso estudo, é uma análise aberta e exploratória do material fonético. O diferencial dessa metodologia, em relação, por exemplo, às abordagens gerativas dos róticos, é o estabelecimento de critérios e categorias somente no decorrer do processo de avaliação dos dados.

1.3 A base empírica e o levantamento dos dados em uma comunidade de contato lingüístico e outra sem contato lingüístico

O nosso argumento empírico baseia-se na comparação das gramáticas individuais dos falantes de Blumenau e Lages. Utilizamos os dados disponibilizados pelo projeto *Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil (VARSUL)*⁴, considerando, na análise, os fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra, a saber, a posição do acento, a classe de palavras e os itens lexicais mais freqüentes em cada indivíduo.

O material empírico utilizado nesta pesquisa constitui-se de gravações de fala de 20 informantes, 10 de Blumenau e 10 de Lages, englobando todas as ocorrências acusticamente avaliáveis de r-duplo (872) e um número próximo de ocorrências de r-simples (863 dados), resultando em 1.735 ocorrências no total.

Mediante análise auditiva e acústica distinguimos 9 pontos em uma escala contínua de realizações fonéticas dos róticos na fala dos indivíduos pesquisados. Esses 9 pontos serão chamados, neste trabalho, de variantes, embora se trate, na verdade, de pontos proximais e haja realizações intermediárias entre todos eles. No decorrer da análise examinamos a distribuição e o uso dessas 9 variantes para ambos os tipos de rótico. Por tipo de rótico entende-se, doravante, o tipo r-simples e o tipo r-duplo.

Além de relacionar os resultados no que concerne à distribuição e ao uso dessas 9 variantes para ambos os tipos de rótico com os fatores lingüísticos intrínsecos detalhados acima, pesquisamos também a possível correlação dos dados com o fator “contato de línguas”. A análise do contato lingüístico se dá em dois âmbitos. Por um lado, classificamos, dentro do conjunto dos 10 falantes de Blumenau, cada indivíduo pelo seu grau de contato com o alemão, categorizando as 10 pessoas em uma escala desde o menor até o maior contato com esse idioma. Por outro lado, pesquisamos o fator “região”, no plano da comparação entre as duas cidades,

⁴ Ver www.pucrs.br/fale/pos/varsul

examinando a influência exercida pelo alemão na formação da variedade do PB de Blumenau, contrastando o perfil sócio-histórico e lingüístico de ambas as cidades.

A escolha de uma comunidade de contato lingüístico é motivada pela razão a seguir. Nos trabalhos que visam a variação dos róticos no Sul do Brasil, o fator “região” revela-se importante, o que leva os autores desses estudos a concluir que junto ao fator “região” estejam atuando os fatores “etnia” e “origem de comunidade de contato lingüístico”. O nosso principal motivo para escolher Blumenau como uma das duas cidades em comparação, é o interesse em aprofundar o conhecimento sobre as possíveis influências do alemão na fala de indivíduos dessa comunidade. E escolhemos Lages, para trabalhar com mais uma variedade, relativamente próxima em termos geográficos e sócio-históricos (Blumenau e Lages distam aproximadamente 239 km de distância uma da outra), mas que não representa a presença de um contato com o alemão⁵.

1.4 A estrutura e o perfil deste trabalho

Começaremos, no capítulo 2, com a revisão da literatura científica no que concerne à descrição e discussão fonético-fonológica dos róticos do PB. Debruçamo-nos sobre a delimitação do nosso objeto de estudo e a questão da terminologia usada (2.1). Para a descrição fonética, apresentamos, na seção 2.2, uma visão geral dos róticos do PB, começando com a descrição diacrônica a partir do trabalho de Gonçalves Viana (1883) (2.2.1) e dispensando uma atenção especial para as variantes aproximantes e retroflexas (2.2.2) que constituem um grupo de formas fonéticas difícil de ser encaixado na dicotomia “r-fraco vs. r-forte”. Em 2.3 apresentamos a discussão da parte fonológica, especialmente sob a ótica dos modelos estruturalista (CÂMARA Jr., 1953 e 1977) (2.3 e 2.3.1) e gerativo (MONARETTO, 1997) (2.3.2). Em 2.3.3 conhecemos a abordagem de Silva *et alii* (2001), que aponta para a gradiência das variantes e a importância da incorporação do detalhe fonético na modelagem fonológica. Compartilhando dessa preocupação, também nós chegamos, na nossa argumentação, ao abandono da visão estruturalista, “descartando” a representação por fonemas.

⁵ Ou, pelo menos, a influência do alemão, trazido por imigrantes na região de Lages, é muito inferior à presença do contato lingüístico em Blumenau até hoje em dia.

O capítulo 3 representa a segunda parte da revisão da literatura científica, com a caracterização do contato lingüístico entre o PB e o alemão em Blumenau, trazendo teorias sobre bilingüismo, bilingualidade e contato de línguas. Apresentamos a proposta de Heye (2003) (3.2.1), cuja definição e terminologia do quadro de línguas em contato adotamos nesta tese. Para aumentar a nossa compreensão dos fenômenos relacionados ao contato lingüístico no Sul do Brasil, revisamos dois estudos (SPESSATO, 2001; MARGOTTI, 2004) que analisam a influência do contato entre o italiano e o PB (3.2.2). Na seção 3.3.1 discutimos aspectos do contato entre o alemão e o PB no Sul, apresentando uma sinopse do contexto sócio-histórico da imigração e do contato lingüístico na região. Para estimar possíveis fenômenos no quadro fonético-fonológico, realizamos uma análise contrastiva entre os róticos no alemão e no PB (3.3.2) e, em 3.3.3 explicamos a nossa visão do contato entre as línguas e sua significância para o nosso estudo. Terminamos o capítulo 3 com a contextualização sócio-histórica da cidade de Lages (3.4).

No capítulo 4 desenvolvemos uma certa discussão metateórica centrada na questão dos conceitos relativos ao “funcional” na lingüística (4.1). Em 4.2 introduzimos, orientada pela abordagem dinâmica de Wildgen (2005), a noção de língua como um sistema complexo (4.2.1), a concepção de gramática emergente de Hopper (1987) (4.2.2) e aspectos da lingüística interacional de Selting e Couper-Kuhlen (2000) (4.2.3) – fundamentos teóricos que sustentam a nossa abordagem. Com a seção 4.3 chegamos ao domínio fonético-fonológico dentro do qual abordamos especialmente o papel do detalhe fonético (4.3.1), os princípios fonológicos funcionais conforme propostos por Boersma (1998) (4.3.2) e a emergência fonológica (4.3.3). Pela recusa do modelo de fonemas e sua representação ideal e abstrata, torna-se necessário pensar de uma maneira diferente, não-estruturalista, o acesso que um falante tem à língua. Na seção 4.4, portanto, introduzimos a visão da teoria dos exemplares de Bybee (2001 e 2005) (4.4.1) e da gramática individual (4.4.2) que nortearão a nossa pesquisa.

A discussão dos métodos a serem aplicados em nosso estudo e a apresentação do paradigma metodológico da *grounded theory* (STRAUSS, CORBIN, 1990) são realizadas no capítulo 5. Expomos o perfil empírico geral do nosso estudo (5.1) e adaptamos a proposta da *grounded theory* para o nosso trabalho (5.2), cuja metodologia e procedimentos detalhamos em 5.3.

Nos capítulos 6 e 7 apresentamos os nossos resultados. Em 6 começamos pela apresentação das 9 variantes dentro de uma escala contínua e descrevemos cada variante nas suas características auditivas e articulatórias (6.1). Em 6.2 analisamos a distribuição e ocorrência das 9 variantes nas duas cidades, para, em 6.3, expor os resultados de Blumenau e Lages correlacionados aos fatores intrínsecos das palavras que constituem o *corpus*. Na última seção do capítulo 6 (6.4) tiramos as primeiras conclusões dos nossos resultados em relação à escolha das variantes correlacionada aos fatores discutidos até então, apontando para algumas regularidades e relações entre as variantes.

No capítulo 7 discutimos a gramática individual de cada falante do nosso *corpus*, trazendo (em 7.1.1) os dados biográfico-lingüísticos dos indivíduos de Blumenau, categorizando os dentro de uma escala de grau de contato com alemão, mostrando os resultados para esses falantes (nas seções 7.1.2 e 7.1.3). Nas seções 7.2.1 a 7.2.3 preocupamo-nos, repetindo, a princípio, o mesmo procedimento, desta vez com os falantes de Lages.

O capítulo 8 traz as conclusões da nossa investigação, relacionando os resultados concernentes às cidades (cap. 6) e às gramáticas individuais (cap. 7) com a discussão teórica apresentada nos capítulos 2 a 4. Com as considerações finais no capítulo 9 concluímos o nosso trabalho.

2 A discussão fonética e fonológica dos róticos do PB

Em nosso estudo tratamos de questões fonéticas e fonológicas concernentes aos róticos no PB, focalizando, na parte empírica, a posição intervocálica, isto é, entre duas vogais, p.ex., em “gorro”, “murro”, “pêra”, “muro”, etc. No entanto, este capítulo se destina a expor, preliminarmente, a discussão dos róticos do PB, de uma maneira geral, para então entrarmos, nos capítulos seguintes nas questões mais específicas da nossa pesquisa. Neste capítulo introdutório perseguimos os seguintes objetivos:

- 1) delimitar o objeto de estudo, incluindo uma discussão crítica a respeito da convenção terminológica usada para designar o fenômeno em análise;
- 2) expor a literatura julgada relevante, no que concerne às descrições fonéticas e à discussão fonológica do fenômeno; e
- 3) discutir especialmente duas propostas recentes, de Monaretto (1997), que analisa os róticos dentro de uma abordagem formal gerativa e interpreta o “r-forte” como um tipo de geminada do tepe alveolar que concebe como único fonema subjacente, e de Silva (SILVA, ALBANO, 1999; SILVA *et alii*, 2001), que oferece uma visão alternativa baseada na fonologia articulatória de Browman e Goldstein (1993).

A apresentação neste capítulo é estruturada da seguinte maneira. Em 2.1 revisamos a terminologia aplicada aos róticos na literatura, questionando a convenção de usar a referência “r-fraco vs. r-forte” para distinguir os sons dos róticos no PB. Em seguida (2.2), apresentamos a descrição fonética dos róticos do PB na literatura a partir do trabalho de Gonçalves Viana (2.2.1), dispensando uma atenção especial para as variantes aproximantes e retroflexas (2.2.2) que constituem um grupo de formas fonéticas difícil de ser encaixado na dicotomia “r-fraco vs. r-forte”. Em 2.3 apresentamos a discussão da parte fonológica, especialmente sob a ótica dos modelos estruturalista (CÂMARA Jr., 1953 e 1977) (2.3 e 2.3.1) e gerativo (MONARETTO, 1997) (2.3.2). A preocupação principal das abordagens apresentadas em 2.3 é a questão do *status* fonológico dos róticos, isto é,

a pergunta se o sistema fonológico do PB possui um ou dois fonemas de rótico. Contudo, abordagens como a de Silva *et alii* (2001), que apresentamos em 2.3.3, apontam para o problema geral de conciliar a diversidade fonética dos róticos num modelo fonológico que se concentra somente na questão apontada acima.

2.1 O objeto de estudo e a questão terminológica

Antes de definir e delimitar o objeto desta pesquisa, deparamo-nos com a necessidade de considerar a questão da terminologia a ser aplicada. No caso dos róticos, estamos em face de uma situação terminológica heterogênea, além de denominações parcialmente ambíguas. Nesta seção apresentamos os termos utilizados neste trabalho e os relacionamos a algumas convenções comumente encontradas na literatura científica afim.

O desafio na busca de uma nomenclatura coerente e compreensível para designar o nosso objeto de pesquisa consiste no fato de se tratar não de um, mas sim de vários fenômenos interligados e situados em domínios lingüísticos diferentes. Temos que distinguir aqueles que abrangem o léxico, dos que se encontram no domínio da ortografia, do aspecto fonológico e da realização fonética. Os parágrafos a seguir dedicam-se a esclarecer essa distinção.

No léxico do PB, há uma distinção de significados que a convenção ortográfica capta analogicamente pela diferença entre os grafemas “r” (doravante r-simples) e “rr” (r-duplo), como acontece, p. ex., em “morro” vs. “moro”. Essa distinção ocorre exclusivamente em posição intervocálica, já que o r-duplo é restrito a essa posição. Optamos, no que diz respeito à referência à posição silábica, pelo termo *intervocálico*, e não *pré-vocálico*, excluindo assim, do foco deste estudo, tanto os róticos em posição inicial de vocábulo, como, p. ex., em “rato”, “roupa” etc., como os róticos pré-vocálicos em posição medial de vocábulo precedidos por consoantes⁶, como, p. ex., em “honra” e “guelra”. Além do mais, nos estudos que interpretam o r-duplo como estrutura geminada (ver MONARETTO, 1997, na seção 2.3) há indícios de uma provável estrutura ambissilábica no caso do r-duplo. Sem querer já neste momento assumir uma posição em relação a esse tópico, usaremos o termo

⁶ Isto é, consoantes no aspecto ortográfico, embora vogais nasalizadas e a semi-vogal [w] na realização fonética.

intervocálico, considerando-o em seu sentido mais amplo, isto é: os róticos que ocorrem em vocábulos entre duas vogais, como, p. ex., “cachorro”, “choro”, “murro”, “muro”, etc.

A relação entre cada uma das duas formas, o r-simples e r-duplo, como são diferenciadas no léxico e na convenção ortográfica, e a sua realização fonética é complexa. Para ambas as formas existem várias realizações fonéticas⁷. Na terminologia fonética orientamo-nos, neste trabalho, pelas convenções do alfabeto fonético internacional da IPA⁸ na sua revisão de 2005. Isto é, quando não recorreremos a descrições perceptuais e acústicas mais detalhadas dos sonogramas usados neste trabalho. Na seção 2.2 apresentamos uma breve introdução às formas fonéticas dos róticos no PB que abrangem realizações de tepe, vibrantes, fricativas, retroflexas e aproximantes em várias zonas de articulação.

A questão terminológica mais desafiadora diz respeito à denominação fonológica, da qual trataremos de maneira mais ampla na seção 2.3. Gostaríamos de chamar a atenção aqui para um dos aspectos que torna essa questão tão intrigante. Existe uma tendência a se diferenciar o chamado “r-fraco” do chamado “r-forte”. Essa denominação, apesar de comum na literatura da área, pelo menos desde a obra de Câmara Jr. (1953), é ambígua porque esse antagonismo fraco-forte sugere a idéia de dois tipos de rótico. Mas quais seriam estes dois tipos de rótico? Não pode tratar-se de duas formas fonéticas, porque já vimos que há mais do que duas. Tampouco servem, e não são usados, para referência à distinção intervocálica no seu sentido lexical o ortográfico. Esses dois tipos poderiam se referir a dois fonemas diferentes, contudo, a maioria dos estudos argumenta em favor da existência de apenas um fonema de rótico no PB (ver seção 2.3). É aqui que se encontra a ambigüidade, aumentada ainda pelo fato desta convenção terminológica ser encontrada nos mesmos trabalhos que defendem a existência de um só fonema⁹. Resumindo a

⁷ No caso do r-simples, o uso do tepe alveolar [r] é quase categórico, porém, como mostramos nos dados da nossa pesquisa, pode haver exceções, e portanto devemos prosseguir com cautela para não adotar um padrão fonético já neste ponto do nosso estudo.

⁸ Convenções de transcrição da Associação Internacional de Fonética (International Phonetic Association) disponíveis no site <<http://www.arts.gla.ac.uk/IPA/ipa.html>>. A classificação das consoantes pela IPA é articulatória, fato que tornará necessária a consideração de descrições fonético-perceptuais neste trabalho.

⁹ A noção de dois tipos de rótico no PB também parece fazer parte da percepção do falante leigo. Não estamos cientes de trabalhos que abordem essa questão, porém, Mateus (1982) comenta o tema, em relação aos falantes do PE. (Ver também a seção 2.3).

problemática, evitaremos o uso da dicotomia “r-fraco” vs. “r-forte” neste trabalho e, no caso de a usarmos, será somente entre aspas.

Na seção 2.3 voltaremos à discussão sobre o *status* fonológico dos róticos. Antes disso, gostaríamos de direcionar o nosso olhar para a descrição fonética dos róticos no PB, começando com algumas das primeiras referências feitas sobre a sua pronúncia na variedade brasileira e progredindo até estudos mais recentes.

2.2 A fonética dos róticos no PB

Nesta seção apresentaremos duas características principais do PB, entre outras, que se confirmam em inúmeros estudos, e que fazem parte de um fenômeno ou tendência reportada não somente no português, mas em várias línguas romanas, e outras indo-européias. Trata-se

- 1) da tendência à posteriorização articulatória das variantes fonéticas usadas para a realização dos róticos¹⁰ e
- 2) da variabilidade fonética em geral que os róticos apresentam em muitas línguas¹¹.

Antes de analisar a manifestação desses dois fenômenos no PB, lembraremos de algumas fontes históricas que fazem referência aos róticos no PB, para incorporar uma pequena visão diacrônica dos aspectos fonéticos em questão.

¹⁰ Reportado, entre outras línguas, para o alemão e o francês. Compare Malmberg (1954).

¹¹ P. ex., o francês, o inglês, o holandês e o alemão (REIGHARD, 1985).

2.2.1 Variantes de róticos no PB descritas desde Gonçalves Viana (1883)

A descrição das particularidades da pronúncia da variedade brasileira em comparação com a variedade européia começa, provavelmente, com o *Compendio de Orthografia* de Frei Luís do Monte Carmelo, de 1767¹². Esta obra comenta a diferença entre o PB e o PE quanto à abertura das vogais pretônicas. Fontes mais antigas sobre a formação do PB, em sua grande maioria, tratam exclusivamente de aspectos lexicais regionais, e, quando mencionam a pronúncia, tendem a julgar (e desprezar) a variedade brasileira, sem no entanto descrevê-la.

A primeira menção à pronúncia dos róticos foi encontrada por Noll em obra de Gonçalves Viana, de 1883, que comenta a ocorrência freqüente de uma fricativa sonora que substitui a vibrante no PB, sem poder dizer se se trata de um fenômeno de variação dialetal ou individual, uma vez que ele observa o fenômeno especialmente em falantes oriundos de Pernambuco e São Paulo¹³.

“Ce *r* fricatif sonore est cependant assez fréquent dans la prononciation des Brésiliens, et remplace chez eux le *r* vibrant; je ne saurais dire, toutefois, jusqu`à quel point cette prononciation est individuelle ou dialectale; je l`ai surtout remarquée chez des naturels de Pernambuco et de São Paulo” (VIANA, 1941:25-26, apud NOLL, 1999:197-198).

Com base nesta menção, e também considerando as descrições feitas por Pedra Branca (BALBI, 1826, apud NOLL, 1999:143), Noll conclui que o fenômeno da velarização dos róticos no PB e no PE já havia se iniciado no começo do século XIX, e que no final do mesmo século esse fenômeno já estava mais avançado no PB do que no PE.

No PB atual, a velarização, ou melhor, a posteriorização¹⁴, é uma característica bem marcante do comportamento dos róticos. Sua grande variação regional chama a

¹² Ver Noll (1999).

¹³ Noll comenta sua surpresa em relação à menção de São Paulo como região de velarização, pois considera esta uma realização atípica nessa região. Em uma publicação posterior, Gonçalves Viana modifica sua afirmação: “como o *r* final de muitos dialectos brasileiros, entre eles o do Rio de Janeiro, por ex. em mar, ser” (VIANA, 1892:40, apud NOLL, 1999:198).

¹⁴ Silva *et alii* (2001:96) também chamam de “fricativização” uma vez que as variantes posteriores não somente avançam até a zona articulatória velar, mas também até a uvular e compartilham, como conjunto, o modo articulatório fricativo. Compare seção 2.3.3.

atenção, considerando que é comum, na lingüística lusófona, partir do princípio de que nem o PE e nem o PB apresentam uma variação regional¹⁵ muito grande. Essa visão deve-se, provavelmente, à comparação do português com línguas como o italiano ou o alemão, cuja vasta gama de diferenças regionais é normalmente salientada. A esse respeito, a seguinte observação de Mateus e Andrade (2000:3) é interessante, porque os autores distinguem entre a variação dialetal e a variação socioletal: “*Even if the variation in dialects is not very great, the enormous variation in sociolects presents the Brazilian school with a formidable challenge.*”

No Brasil há um número razoável de elaborações de atlas lingüísticos, situados tanto na dialetologia quanto na geolingüística (ver AGUILERA, 1998), os quais, na sua grande maioria, retratam a realidade de uma região. Contudo, já existem tendências que levam à elaboração de trabalhos que buscam a comparação inter-regional, como, p. ex., o *Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta* (NURC¹⁶), desenvolvido em cinco capitais brasileiras (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre).

Em relação aos primeiros atlas lingüísticos brasileiros, Noll (1999) aponta para problemas na notação fonética, como também para uma falta de coerência na descrição de certas variantes, a exemplo do *Atlas Prévio de Falares Baianos* (APFB), elaborado entre os anos 1960-1962 e publicado em 1963, assim como outros posteriores, tais como o *Atlas Lingüístico de Sergipe* (ALS) e o *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* (EALMG). O problema para a avaliação das anotações nesses atlas consiste no fato de parcialmente não usarem símbolos fonéticos padronizados e de descreverem algumas variantes com pouca precisão fonética, como, p. ex., a “vibrante velar sonora” (no EALMG) que é articulatoriamente impossível, porque não há vibrantes velares. (NOLL, 1999:51)¹⁷

Consciente desses problemas descritivos, apresentamos, nas duas figuras abaixo, as variantes de róticos mais referidas no PB. Como em muitas publicações não há

¹⁵ Com “variação regional” denominamos, neste trabalho, a variação dialetal. Ver a seção 3.1.1.

¹⁶ Ver a descrição do projeto sob o URL: <http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/projnurc.html>.

¹⁷ Noll deduz então que deve se tratar, no caso, ou de uma vibrante uvular ou de uma fricativa velar. Entretanto, a aparente contradição (vibrante velar) poderia ser um indício de formas intermediárias ou de articulação misturada, como também as encontramos (ver seções 5 e 6) e como são descritas por Silva (SILVA e ALBANO, 1999 e SILVA *et alii*, 2001). (compare 2.2.2) e também por Spessato (2001) e Margotti (2004) (compare 3.2.2).

especificações por símbolos fonéticos da IPA, tentamos encontrar a transcrição segundo a convenção da IPA que mais se aproxima da descrição que encontramos nas fontes listadas na segunda figura. Trataremos separadamente das variantes retroflexas e aproximantes na seção 2.2.2.

	ALVEOLAR	RETROFLEXA	VELAR	UVULAR	FARINGAL/GLOTAL
VIBRANTE	1. [r]			6. [R]	
TEPE	2. [r]	3a. [ɽ]			
FRICATIVA SURDA			5a. [x]	7a. [χ]	8. [h]
FRICATIVA SONORA			5b. [ɣ]	7b. [ʁ]	
APROXIMANTE	4. [ɻ]	3b. [ɻ]			

Figura 1. Quadro das variantes de róticos no PB.

VARIANTE:	REGIÃO DE OCORRÊNCIA:	CONFIRMADO, ENTRE OUTROS, POR:
1. VIBRANTE ALVEOLAR [r]	Mais comum no Sul e em SP, veja no texto a seguir.	Cagliari (1981), Monaretto (1997). Ver também Silva e Albano (1999) e Silva <i>et alii</i> (2001), a seguir.
2. TEPE ALVEOLAR [r]	Todo o Brasil.	Todos os estudos da área.
3A. E 3B. RETROFLEXAS (TEPE [ɽ] E APROXIMANTE [ɻ]) ¹⁸	Mais no interior, nos estados MG, MS, GO, SP e no Sul, parcialmente em BA, PB, SG, CE e MA, ver seção 2.2.2.	Noll (1999), Monaretto (1997).
4. APROXIMANTE ALVEOLAR [ɻ] ¹⁹	Especialmente em regiões de contato lingüístico entre o PB e o italiano ou o alemão, no Sul.	Spessato (2001), Margotti (2004). Ver Silva e Albano (1999) e Silva <i>et alii</i> (2001), na seção 2.2.2.
5A. E 5B FRICATIVAS VELARES (SURDA [x] E SONORA [ɣ])	Provavelmente no Brasil todo, com predominância da variante surda.	Para a diferença entre surda e sonora, ver Noll (1999).
6. VIBRANTE UVULAR	Rio de Janeiro	Callou, Moraes, Leite (1998).
7A. E 7B. FRICATIVAS UVULARES (SURDA [χ] E SONORA [ʁ])	Em alternância, e com distinção não muito clara das variantes 5a e 5b.	Noll (1999) e Silva e Albano (1999) e Silva <i>et alii</i> (2001)
8. FRICATIVA FARINGAL/ GLOTAL SURDA [h].	Provavelmente no Brasil todo, porém menos predominante na região Sul.	Noll (1999).

Figura 2. Quadro de ocorrências das variantes fonéticas por região.

Além dessas variantes, há subtipos articulatorios devido aos graus de aspiração, sonorização e arredondamento (NOLL, 1999:51). A realização fonética na fala de um único indivíduo também está sujeita a uma variação razoável (AZEVEDO, 1981:37). Uma tendência importante, no caso dos róticos do PB, mas também observada em

¹⁸ Na verdade, não há uma distinção muito nítida entre ambas as formas nas menções que aparecem nos estudos consultados.

¹⁹ Embora este símbolo fonético ([ɻ]) encontre-se com frequência referindo-se a uma retroflexa, de acordo com a convenção da IPA, não se trata de uma retroflexa!

várias línguas romanas²⁰, é o enfraquecimento, e até o apagamento, do “r”-final, especialmente em final de palavra, mas também parcialmente na posição final de sílaba interna da palavra (ver CALLOU, MORAES, LEITE, 1996, na seção 3.1).

Lembrando a denominação convencional de “r-fraco” vs. “r-forte”, já problematizada anteriormente, seria possível dizer que, entre as variantes acima descritas, a variante nº. 2 (o tepe alveolar [r]) encaixa-se na categoria “r-fraco”, e as variantes nºs. 1, 5, 6 e 7 (ou seja, a vibrante alveolar e todas as variantes fricativas), na categoria “r-forte”. No entanto, em nossa listagem de variantes, encontram-se três variantes (as variantes aproximantes e retroflexas, números 3a, 3b e 4), cuja relação com a dicotomia “fraco-forte” não está clara de modo algum.

2.2.2 As variantes aproximantes e retroflexas

Voltando ao tópico da tendência, aparentemente geral no PB, de posteriorização dos róticos, há autores que falam sobre uma tendência de substituição da vibrante alveolar [r] por variantes fricativas mais posteriormente articuladas, e até do desaparecimento desta vibrante. A manutenção, pelo menos parcial, da vibrante alveolar é observada em algumas variedades regionais por autores como Cagliari (1981), na variedade paulista, e Marquardt (1977) e Monaretto (1997), nas variedades do Sul. Silva e Albano (1999) e Silva *et alii* (2001) apresentam uma interpretação fonético-fonológica da passagem gradiente da vibrante alveolar a variantes fricativas (no caso, com foco nas variantes que ocorrem em início de vocábulo.)

“[...] a realização dos róticos pode se dar ao longo de um contínuo físico, i.e, em dialetos onde os falantes ainda produzem a vibrante alveolar, em alternância com a fricativa velar, podem ocorrer sons intermediários a esses dois, as chamadas “vibrantes espirantizadas””. (SILVA, 1999, apud SILVA *et alii*, 2001:95).

Com esta espirantização, ou fricativização, como tendência de posteriorização da vibrante alveolar, chegamos a um tipo intermediário ao qual pertencem também as variantes classificadas como “aproximantes” nas duas figuras acima. Essa nossa classificação é bastante aproximativa, já que reúne na mesma linha os trabalhos de

²⁰ Por exemplo: o PE, o castelhano andaluz, variedades latino-americanas do castelhano e também algumas variedades do italiano (ver NOLL, 1999; BONET, MASCARÓ, 1997).

Spessato (2001) e Margotti (2004) com a abordagem de Silva e Albano (1999) e Silva *et alii* (2001). Os falantes analisados por esses três autores têm em comum o fato de terem todos origem no Sul. Porém, temos que levar em consideração a possibilidade de não se tratar do mesmo fenômeno fonético na fala dos indivíduos de regiões bilíngües luso-italianas, reportada por Spessato (2001) e Margotti (2004)²¹ e nos trabalhos de Silva e Albano (1999) e Silva *et alii* (2001), embora haja uma coerência forte nas descrições fonéticas em todos os três estudos. A discussão desses trabalhos será retomada nos aspectos que se referem a línguas em contato (capítulo 3) e à gradiência em modelos fonético-fonológicos (capítulo 4).

Ainda falta um tipo de rótico a ser abordado para concluir esta seção, a saber, o “r-retroflexo”. As variantes retroflexas, muitas vezes chamadas de “r-caipira”, ocorrem, principalmente, no interior dos estados de Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, mas também em alguns pontos dos estados de Sergipe, Maranhão, Paraíba, Ceará e Bahia (NOLL, 1999:52). Sua classificação segundo a convenção da IPA não está totalmente clara, mas acreditamos que podem ocorrer tanto a forma de tepe [ɽ], com um só movimento rápido de encurvamento da língua em direção pós-alveolar ou palato-alveolar, como a aproximante [ɻ], em que a língua permanece na posição encurvada, aproximando o modo de articulação a uma fricativa ou então semi-vogal. A princípio, encontram-se nas notações das variantes retroflexas ocorrências em posição pós-vocálica, porém há indícios da sua ocorrência também em outras posições da sílaba. O importante para o nosso estudo é o fato de as variantes retroflexas e aproximantes ocorrerem em contextos silábicos onde, pela dicotomia “fraco-forte”, se espera uma realização de “r-fraco”, mas há variação com variantes do “r-forte” também. Sendo assim, temos aqui tipos de rótico que foneticamente não se encaixam nesta oposição. Voltaremos às implicações problemáticas dessa noção na seção 2.3.

²¹ Margotti utiliza a denominação e transcrição fonética conforme apresentadas nas figuras 2.1. e 2.2. para a aproximante [ɻ], e a descreve como uma variante intermediária entre a vibrante alveolar e um som fricativo, porém a interpreta como uma “[...] pronúncia em transição, indicando que os falantes têm a percepção entre um [r] e outro (*referindo-se aos tipos “r-fraco” e “r-forte”, K.R.*), mas não conseguem realizar esta diferença na pronúncia.” (MARGOTTI, 2004:155). Ou seja, embora pareça se tratar de uma variante intermediária entre o tepe e a vibrante alveolar, o fenômeno reportado acaba sendo identificado como uma variante intermediária entre vibrante alveolar e uma fricativa. Essa descrição vai ao encontro dos resultados de Spessato (2001). Trataremos de ambos estes estudos na seção 3.2.2 sob a ótica do bilingüismo. Spessato (2001), Margotti (2004), Silva (SILVA e ALBANO, 1999 e SILVA *et alii*, 2001) utilizam abordagens diferentes entre si e diferentes do nosso trabalho, contudo, os três autores chegam a descrever um fenômeno fonético parecido que muito se assemelha com o nosso estudo.

Apresentamos nesta seção um dos fenômenos consonantais mais complexos da fonética do PB. Na seção seguinte, trataremos dos aspectos fonológicos e das interpretações controversas do problema em questão.

2.3 A discussão fonológica dos róticos do PB

Para a interpretação fonológica dos róticos há duas perguntas fundamentais às quais os estudos da área procuram responder.

- 1) Qual é a estrutura (fonêmica ou subjacente) dos róticos?
- 2) E como se explica (fonologicamente) a sua variação fonética?

As posições que apresentamos nesta seção divergem, principalmente, quanto ao aspecto relativo ao número de fonemas de rótico no português. Entre os trabalhos discutidos aqui, há dois estudos que defendem a distribuição dos róticos em dois fonemas, Câmara Jr. (1977) para o PB e Mateus (1984) para o PE. Entre os defensores de um só fonema de rótico há uma subdivisão segundo as interpretações desse fonema e a explicação de sua variação fonética. Câmara Jr. (1953) toma o chamado “r-forte” como o fonema e interpreta o “r-fraco” como uma forma enfraquecida. Mateus e Andrade (2000) interpretam o tepe alveolar [r] como elemento subespecificado na estrutura subjacente, que se realiza foneticamente por formas vibrantes fricativas através de regras de superficialização, que por sua vez dependem da posição na sílaba. Monaretto (1997) toma o tepe alveolar [r] como fonema subjacente e explica as ocorrências de formas de “r-forte” por um tipo de geminação. Por se tratar de um estudo recente, dedicado exclusivamente aos róticos e que, além do mais, trabalha com material empírico coletado no Sul do Brasil, examinaremos sua posição com maior atenção na seção 2.3.2. Antes disso, retratamos, na seção 2.3.1, as posições mencionadas acima, considerando também os seus argumentos diacrônicos. Para concluir a seção 2.3, retomamos a abordagem de Silva e Albano (1999) e Silva *et alii* (2001) (2.3.3), já mencionada anteriormente. Embora, nesses trabalhos, Silva não tome partido quanto à questão do *status* fonológico dos róticos, acreditamos que a sua abordagem traz à tona uma interpretação alternativa na explicação da variação dos róticos.

2.3.1 A questão do número de fonemas de rótico no PB

O primeiro a analisar o sistema de fonemas do PB sob uma abordagem estruturalista, tal como proposta por Trubetzkoy (1989), foi Mattoso Câmara Jr. em sua publicação de 1953 “Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa”. Sobre o problema da “líquida vibrante”, como ele a denomina, consta o seguinte:

“A primeira solução fonêmica, que para logo ocorre, é distinguir dois fonemas vibrantes em português, que apenas contrastem em posição intervocálica, e em posição inicial se reduzem a um arquifonema representado pelo tipo “forte”. [...] Um exame fonêmico mais detido, porém, dá-nos outra orientação [...]” (CÂMARA JR. 1953:105-106).

Em seguida, Câmara Jr. defende a posição de que haja somente um fonema de rótico, o qual, para o autor, é o chamado “r-forte”, e de que o “r-fraco” é um alofone de posição intervocálica (CÂMARA JR., 1953:110). Com uma argumentação de base diacrônica, comparando o PB atual com o sistema consonântico do latim, Câmara Jr. interpreta o “r-fraco” como uma forma enfraquecida do r-simples do latim. O “r-forte” é interpretado como a forma que mantém a geminação latina de r-duplo, embora o autor admita que a oposição dos róticos, no PB atual, se manifeste foneticamente de forma diferente do latim, e não por geminação propriamente dita. O argumento diacrônico é defendido também por Wetzels (1997), que aponta para a existência de outras consoantes no PB derivadas de geminadas latinas como /nh/ e /lh/.

Porém, em publicações posteriores (1970 e 1977), o próprio Câmara Jr. revisa a sua posição e passa a defender dois fonemas de róticos no PB. O mais interessante a respeito dessa mudança de opinião é a aparente prioridade que o argumento sincrônico ganha em comparação com o diacrônico, originalmente utilizado pelo autor em sua publicação de 1953. Câmara Jr. sustenta, em seu último trabalho (1977), que a realidade fonética apresenta, de fato, a realização de dois fonemas diferentes. Já em 1970, em uma análise sistêmica, Câmara Jr. afirma que

“[...] aumentar o número de consoantes portuguesas, [...] é justificado porque é compensado, porque por outro lado resulta em [...] diminuir os tipos portugueses de sílaba que cabe descrever” (CÂMARA JR., 1970:36).

Além da preocupação com a realidade fonética que dificilmente pode ser admitida como uma geminação propriamente dita²², há um outro argumento interessante em favor da interpretação de dois fonemas de rótico no português. Mateus (1982 e 1984) chama a atenção para um aspecto raramente considerado nas análises do fenômeno: a autora afirma que os falantes leigos entendem os róticos como duas formas distintas (MATEUS, 1982:85). Um olhar muito mais funcional do que sistêmico.

No entanto, Mateus é mais um caso de revisão da sua própria posição perante a questão dos róticos. Em Mateus e Andrade (2000), os autores passam a argumentar a favor de um só fonema subespecificado, a saber, o tepe [r] na estrutura subjacente, baseando-se, principalmente, na teoria da Geometria dos Traços (*feature geometry*) de Clementes e Hume (1995), e na teoria da subespecificação radical (*radical underspecification theory*) de Kiparsky (1982) e Archangeli (1988). Essa posição é assumida também por Bonet e Mascaró (1997), que discutem exemplos, principalmente do catalão, do castelhano e do PE. Esses autores igualmente interpretam o rótico como elemento subespecificado, no entanto, tomam a variante vibrante ou fricativa como elemento principal. “*Our claim is that the exceptional case is precisely the intervocalic flap*” (BONET, MASCARÓ, 1997:107). A manifestação do tepe na superfície é explicada como resultado de uma especificação adicional do traço [+f]²³. É interessante, nessa obra, a recusa à interpretação das formas vibrantes e fricativas como geminadas. “[...] *for us the intervocalic trill is not a geminate; it is a single segment.*” (BONET, MASCARÓ, 1997:122).

²² Se compararmos a fonética do “r-forte” do PB com uma língua que mantém geminadas lexicais, p. ex., o italiano, vemos que, neste caso, a geminada se manifesta por uma consoante longa, produzida por uma fase mais prolongada de obstrução antes da explosão (no caso das plosivas e africadas) ou por uma prolongação da fase de ruído (no caso das demais consoantes). A geminada italiana muitas vezes é pronunciada com maior intensidade do que a consoante simples (LICHEM, 1969:105). Sendo assim, temos dois aspectos suprasegmentais, a duração e a intensidade, aos quais é atribuída a distinção fonológica. No caso do contraste entre o tepe alveolar [r] e a fricativa velar [x] no PB não encontramos essas características.

²³ [f] de *flap*.

2.3.2 O contraste por geminação – a proposta de Monaretto (1997)

A abordagem proposta por Monaretto (1997) se insere na perspectiva da fonologia não-linear, mais especificamente na Teoria Autossegmental e Métrica. Suas principais interpretações baseiam-se na Geometria dos Traços (CLEMENTS, HUME, 1995) e no Ciclo de Sonoridade (*Sonority Cycle*, CLEMENTS, 1990). Gostaríamos de comentar resumidamente essa posição teórica antes de expor a interpretação de Monaretto acerca dos róticos no PB.

A noção de não-linearidade das propriedades segmentais foi introduzida na fonologia gerativa nos anos 70 do século passado com os trabalhos de Liberman (1975), que se tornaram fundamentais para a Fonologia Métrica, e também de Leben (1973) e Goldsmith (1976) sobre a fonologia tonal em idiomas africanos²⁴. A partir desses trabalhos surgiu a Fonologia Autossegmental. Enquanto na representação formal ainda linear, “[...] o apagamento de um segmento determina também o desaparecimento de toda a matriz dos traços que o caracteriza [...]” (HERNANDORENA 2001:44), o novo princípio de representação, a [o?] autossegmental, consiste, primeiramente, no desenvolvimento de uma análise fonológica multilinear em que os traços são localizados em camadas (*tiers*) diferentes. As camadas são organizadas por linhas de associação e sujeitas a uma condição de boa formação. Os fenômenos fonológicos passam a ser analisados em termos de regras que apagam e re-organizam os diversos autossegmentos (GOLDSMITH, 1976:202). A análise autossegmental fornece a base para o desenvolvimento de um modelo de traços não-lineares, a saber, a Geometria dos Traços.

Na Geometria dos Traços, como proposta por Clements e Hume (1995), os segmentos são representados com uma organização interna, exibida através de configurações de nós hierarquicamente ordenados, em que os nós terminais são traços fonológicos e os nós intermediários, classes de traços²⁵. A organização desses traços é determinada por regras universais. As regras fonológicas previstas por esse modelo atingem sempre todos os traços ordenados sob o mesmo nó e operações de

²⁴ Especialmente o mende, falado principalmente em Serra Leoa e Libéria.

²⁵ Para a tradução do inglês do trecho original de Clements e Hume (1995:249): Hernandorena (2001:47).

uma regra não podem atingir simultaneamente traços que se encontram ordenados sob nós diferentes.

Enquanto se fundamenta na Geometria dos Traços para interpretar o contraste entre os róticos intervocálicos, Monaretto (1997) também segue a proposta do Ciclo de Sonoridade para explicar as diferenças na realização fonética nas demais posições da sílaba. O Ciclo de Sonoridade é um modelo para a boa formação das sílabas, o qual será apresentado quando falarmos da interpretação de Monaretto (1997) acerca da variação dos róticos nas posições silábicas onde não há contraste fonológico. Os dados em que a autora baseia a sua interpretação do *status* fonológico dos róticos no PB foram extraídos do banco de dados do projeto VARSUL, do qual foram utilizadas as entrevistas de 12 informantes de cada uma das três cidades escolhidas, quais sejam, Curitiba (PR), Florianópolis (SC) e Porto Alegre (RS). A autora considera quatro variantes de róticos:

- 1) a vibrante alveolar [r]
- 2) a “vibrante posterior”²⁶, como é chamada pela autora
- 3) o tepe [r]
- 4) a retroflexa (não especificada, podendo ser [ɻ] ou [ɽ])

Pela análise quantitativa realizada, a variável lingüística que exerce a maior influência no comportamento dos róticos é a “posição na sílaba”, controlada de acordo com os cinco fatores seguintes:

- i) ataque, em início de palavra
- ii) ataque, no interior de palavra, precedido por consoante
- iii) entre vogais²⁷
- iv) na coda, no interior de palavra
- v) na coda, em final de palavra.

A variável extralingüística apontada como a de maior atuação é o “grupo geográfico”, ou, como a autora também o denomina, a etnia, cujos fatores são as três cidades analisadas na amostra (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre).

²⁶ “[...] vibrante posterior produzida com uma oclusão ou fricção do dorso da língua em contato com o véu palatino ou com a úvula” (MONARETTO 1997:26). Ou seja, trata-se, provavelmente, da fricativa velar [x] ou de uma variante uvular, fricativa [ɣ] ou [χ] ou, talvez, vibrante [R].

²⁷ Para essa posição a autora examina exclusivamente o r-duplo.

Como resultado principal, a autora aponta para um processo de substituição de uma variante pela outra²⁸ em todos os contextos da sílaba, “até mesmo no intervocálico, único ambiente de contraste” (MONARETTO, 1997:204), com a única exceção do contexto “grupo consonantal”, no qual sempre se realiza o tepe. Partindo desse perfil empírico, Monaretto (1997) argumenta a favor do tepe como forma subjacente no sistema fonêmico, porque este apresenta a distribuição mais ampla, é a forma mais freqüente nos seus dados²⁹ e é a forma que se superficializa na ressilabação frasal. Em encontro de palavras com -r final e vogal inicial, como em “mar_azul”, um exemplo que Monaretto reproduz de Lopez (1979), o rótico é realizado como tepe [r].

Monaretto interpreta o tepe como único elemento, na estrutura fonêmica subjacente do PB, que se superficializa em ataque de palavra como r-forte, e diz que a distinção intervocálica se deve apenas ao número de linhas de associação. O tepe apresenta uma linha de associação entre a camada temporal e a camada melódica com uma “[...] correspondência direta entre estrutura subjacente e estrutura de superfície.” (MONARETTO, 1997:184). O “r-forte” em posição intervocálica é visto como uma geminada de dois tepes adjacentes na camada temporal que, pela regra do *OCP*, se associam a uma só posição na camada melódica, “[...] realizando-se como uma vibrante propriamente dita ou fricativa velar, [...]” (MONARETTO, 1997:184).

Veremos, na figura 3, a interpretação de Monaretto (1997) para os róticos no PB em todas as posições de sílaba (σ). Temos três casos de ligação simples (com uma linha de associação entre as camadas temporal e melódica) em:

- 1) final de sílaba,
- 2) r-simples intervocálico e
- 3) grupo consonantal.

E dois casos de ligação dupla (duas linhas de associação) em:

- 4) r-duplo intervocálico e
- 5) rótico antecedido por consoante³⁰.

²⁸ A autora refere-se ao tepe alveolar vs. as demais formas fonéticas.

²⁹ Ainda que a diferença não seja muito grande, comparar Monaretto (1997:60).

³⁰ Compare a nota de rodapé 6.

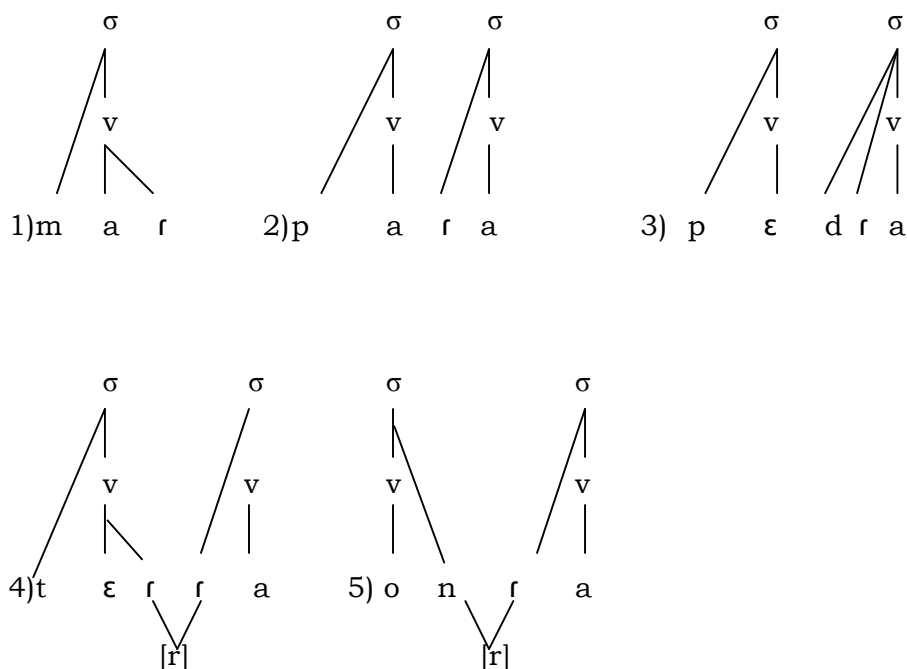


Figura 3. Diagrama da interpretação dos róticos do PB adaptado de Monaretto (1997:200).

As formas do rótico em posição de grupo consonantal e final de palavra, segundo essa interpretação, também possuem uma só linha de associação entre a camada temporal e a camada melódica, e também são realizadas como tepe. Neste diagrama, a autora não é explícita quanto ao rótico na coda no interior da palavra (ex.: “porta”), mas é possível deduzir que se aplique a mesma interpretação válida para o rótico em posição final de palavra (ex.: “mar”).

A realização do “r-forte” na posição inicial de sílaba, precedido por consoante (p. ex.: “guelra”, “honra”, “Israel”, “genro”), é interpretada como uma geminada parcial. As consoantes precedentes apresentam um traço fonológico articulatorio em comum [coronal]³¹ com o rótico. Dessa forma, associada por mais uma linha com a camada temporal, a silabação transforma o tepe em “r-forte”, por fazer parte de uma geminada parcial.

³¹ Na sua realização fonética no PB, o /n/ e o /l/ pós-vocálicos ou tornam a vogal antecedente nasalizada (no caso de /n/) ou são realizados como uma semi-vogal [w] (no caso do /l/) e, portanto, não possuem a característica [coronal] na superfície. O suposto compartilhamento refere-se somente à estrutura profunda (ver MONARETTO, QUEDNAU, HORA, 2001).

Para justificar sua interpretação, Monaretto (1997) toma como ponto de partida o modelo do Ciclo de Sonoridade³² (*Sonority Cycle*) para a boa-formação silábica, originalmente proposto por Clements (1990, apud Monaretto, 1997:150). O modelo é baseado em dois princípios, o primeiro, o princípio da Silabação de Base (*Core Syllabification*), determina que os segmentos se silabificam de maneira que o grau de sonoridade dentro de uma sílaba primeiro cresça e depois decresça. O segundo, o princípio da Dispersão (*Dispersion*), restringe a formação de ataques (dispersão sonora máxima entre ataque e núcleo) e codas complexas (dispersão sonora mínima entre núcleo e coda). Em outras palavras, os valores de sonoridade dentro de uma sílaba bem-formada, segundo o princípio da sonoridade, formam uma curva cuja subida é mais íngreme do que o seu declínio.

0	1	2	3	4	5
oclusivas -	vibrante/fricativas -	nasais -	laterais -	tepe/glides -	vogais

Figura 4. Diagrama da escala de sonoridade adaptada por Monaretto (1997:150).

Para satisfazer os princípios da Silabação de Base e da Dispersão na distribuição dos róticos, o ataque ótimo consiste em uma realização do “r-forte” e a coda ótima consiste no tepe. A escolha de variantes pelo Ciclo de Sonoridade é confirmada pelos dados que Monaretto (1997) apresenta. Porém, pelo Ciclo de Sonoridade, também seria escolhida sempre uma realização do “r-forte” para o contexto intervocálico. Ou seja, não haveria a manifestação de tepe, nem no contexto de “caro”. Para essa posição silábica, a autora assume que a interpretação distintiva entre o “r-forte” e o tepe se dá por meio de linhas de associação. Ou seja, o princípio do Ciclo de Sonoridade não se aplica nesse caso (ver figura 3).

³² Em sua tese, Monaretto (1997) traduz o termo como “Ciclo de Soância”, para evitar a confusão com o termo “Sonoridade”, porém, em trabalho posterior (MONARETTO, QUEDNAU, HORA, 2001), a autora utiliza “Ciclo de Sonoridade”, versão que adotaremos aqui.

Monaretto (1997) explica a distinção fonológica em posição intervocálica, orientando-se pela proposta de Harris (1983) para o espanhol, mediante o contraste estabelecido entre a consoante simples e a geminada. Nesse modelo, o r-simples ocupa um ponto na camada temporal e é associado a um ponto na camada melódica, ao passo que o r-duplo ocupa dois pontos no nível temporal, mas para obedecer ao Princípio do Contorno Obrigatório (*OCP*), que proíbe a aplicação de dois valores iguais a dois elementos adjacentes, é associado a somente um ponto no nível melódico. “Com isso, o sistema interpreta todo *r* com linhas duplas de associação, como *r*-forte e todo *r* com linhas simples, como *r*-fraco, exceto o de início de palavra, [...]” (MONARETTO, 1997:200) (ver figura 3).

Analisando a argumentação de Monaretto (1997), gostaríamos de lembrar rapidamente de dois aspectos, já discutidos no início deste capítulo que dizem respeito à representação dos róticos na estrutura subjacente na forma de “vibrante anterior”. O primeiro aspecto é que essa representação implica a desconsideração de todas as formas fricativas, tão freqüentes no PB atual, na abstração das regras fonológicas. Esse ponto, muito criticado por Silva *et alii* (2001), é retomado na seção 2.3.3. O segundo aspecto está intimamente conectado com o primeiro. A interpretação do r-duplo, no caso de encontro consonantal como “nr” ou “lr”, como efeito de uma geminação parcial, depende totalmente de uma forma de “vibrante anterior” na subjacência; caso contrário, não se poderia admitir um traço articulatorio em comum [+coronal] com /n/ e /l/, que também apresentam, em posição pós-vocálica, esse traço (e mais até: a qualidade consonantal!) somente na estrutura subjacente. Também nesse último aspecto existe, na modelagem fonológica, um distanciamento da realidade fonética.

A variação no “r-forte” e a realização de fricativas são atribuídas por Monaretto (1997) a fatores sociolingüísticos, mais especificamente, ao fator “grupo geográfico/origem étnica”, no caso, os grupos étnicos do Sul sob a influência da imigração européia, entre outras, a alemã. Neste estudo, pretendemos examinar a influência desse fator sobre a pronúncia dos róticos na região Sul, conhecendo mais detalhes do quadro de bilingüismo e de línguas em contato no capítulo 3. Antes de chegar ao resumo do capítulo 2, apresentaremos ainda a abordagem de Silva (SILVA, ALBANO, 1999; SILVA *et alii*, 2001), cuja preocupação com a modelagem fonético-fonológica é justamente a inclusão das variantes fricativas.

2.3.3 Uma abordagem fonético-fonológica dinâmica – por Silva (SILVA, ALBANO, 1999; SILVA *et alii*, 2001)

Embora o trabalho de Silva (SILVA, ALBANO, 1999; SILVA *et alii*, 2001) difira, no seu foco principal, dos estudos apresentados nas subseções anteriores, por abordar especialmente as formas de róticos em posição pré-vocálica em início de palavra, acreditamos que forneça uma contribuição para aspectos importantes da análise dos róticos também na posição intervocálica. Além disso, a interpretação de Silva destaca-se entre as demais, pela sua incorporação do aspecto fonético na representação fonológica, a partir da qual chega a desenvolver um modelo das realizações fonéticas de róticos ao longo de um contínuo físico, incluindo as formas:

- 1) tepe alveolar [r]
- 2) vibrante alveolar [r]
- 3) variantes fricativas ([x], [X], [h] e [ħ])
- 4) como também as variantes, denominadas pela autora de “vibrantes espirantizadas”.

Já comparamos anteriormente esse último tipo de rótico com as realizações intermediárias retratadas, entre outros, por Spessato (2001) e Margotti (2004). Agora passamos a mostrar os resultados acústicos principais de Silva. As formas examinadas pela autora se encaixam em uma escala gradiente da seguinte maneira:

tepe alveolar > vibrante alveolar > vibrante espirantizada > fricativa
(vibrante hipoarticulada) > (vibrante) > (vibrante hiperarticulada)

Figura 5. Diagrama da escala de grau de vibração, adaptada de Silva e Albano (1999:2211).

Silva sugere a analogia da gradiência contínua dessas formas com o grau de vibração das mesmas. A autora chama o tepe de “vibrante hipoarticulada”, porque apresenta uma abreviação do gesto articulatório de vibração (somente uma oclusão do tepe em vez das, tipicamente, três oclusões na vibrante propriamente dita), e denomina as variantes espirantizadas ou fricativas de “vibrante hiperarticulada”, porque apresentam um afrouxamento do gesto articulatório de vibração.

A variação dessas formas, segundo os dados de Silva, não é nem totalmente arbitrária, nem totalmente categórica, e sim, possuir aspectos categóricos e arbitrários. Como fator decisivo na realização de uma ou outra variante, Silva examina a influência da fronteira fonológica adjacente. Seus dados mostram que:

„[...] a espirantização da vibrante varia em função da força de fronteira adjacente a /r/, tal que quanto mais forte a fronteira, mais o segmento tende a vibrante. Inversamente, quanto mais fraca essa fronteira, mais o segmento tende a uma fricativa.“ (SILVA, 1999, apud SILVA *et alii*, 2001:95).

Para o nosso estudo, os resultados de Silva são de elevada importância no que concerne à questão do intermediário articulatório. Tanto nos dados da autora, quanto nos nossos aparecem formas que apresentam características de vibrante e de fricativa ao mesmo tempo. Voltaremos a essa questão quando discutirmos os trabalhos de Spessato (2001) e Margotti (2004) na seção 3.2.2 e depois, ao expor os nossos próprios dados, nas capítulos 5 e 6.

A saliência que Silva *et alii* (2001) atribuem à questão da intravariabilidade individual também se reflete na discussão do indivíduo bilíngüe membro de uma comunidade de fala sob contato entre línguas (ver FÖLDES, 1999 e 2002, na seção 3.3.3) e na discussão dos nossos dados (capítulos 5 e 6). No entanto, os resultados de Silva *et alii* (2001) concernentes à fronteira prosódica não podem ser aplicadas, por analogia direta, aos róticos intervocálicos, objeto desta pesquisa, uma vez que as fronteiras adjacentes, a princípio, são iguais, tanto no caso vogal, seguido por r-simples, seguido por vogal (doravante V-r-V), como no caso vogal, seguido por r-duplo, seguido por vogal (doravante V-rr-V). Não obstante, consideramos a possibilidade de uma influência suprasegmental também em nosso caso. Portanto, examinaremos (comparar 5.3) a possibilidade de a posição do acento lexical, que se realiza através de meios suprasegmentais, influenciar a escolha do rótico também.

2.4 Resumo do capítulo

Neste capítulo mostramos a diversidade das realizações fonéticas dos róticos no PB e apontamos alguns problemas nos modelos estruturalista e gerativo de conciliação dessas realizações fonéticas com uma representação fonológica que focaliza somente a questão do número de fonemas subjacentes no sistema fonológico do PB. Discutimos especialmente as formas intermediárias, como as aproximantes e as retroflexas, e também as vibrantes espirantizadas, expostas no estudo de Silva *et alii* (2001), que constituem o grupo de formas que menos se encaixa nos modelos propostos por Câmara Jr. (1977) e Monaretto (1997). No capítulo 3 apresentaremos, entre outros, os estudos de Spessato (2001) e Margotti (2004), que tratam de variantes de róticos encontradas na fala de indivíduos bilíngües membros de comunidades de fala sob contato lingüístico [de línguas em contato]. Nesses dois estudos, como também nos dados dos falantes de Blumenau (ver capítulos 5 e 6), são igualmente descritos tipos de róticos intermediárias. Uma vez que pretendemos incorporar esses detalhes fonéticos na nossa discussão da fonologia dos róticos do PB, conforme postulado também por Silva *et alii* (2001) e Cristófar-Silva (2002) (ver a discussão nos capítulos 4 e 5), chegaremos, na nossa argumentação, ao abandono da visão estruturalista. “Descartamos³³” a representação por fonemas e propomos um mapeamento das formas organizadas por itens lexicais, situado nas gramáticas individuais de cada falante que, no seu conjunto, formam a língua que concebemos como um sistema complexo.

Porém, antes de apresentar o conceito da língua do sistema complexo no capítulo 4, em que fundamentamos a nossa abordagem, e discutir a interface entre fonética e fonologia que desenvolveremos, precisamos caracterizar ainda com mais detalhes o nosso objeto de estudo – os róticos em uma variedade do PB em contato com uma outra língua. Esse objetivo é perseguido no capítulo a seguir, com o qual concluimos a revisão da literatura científica relevante para o nosso trabalho, iniciada neste capítulo pela apresentação e discussão de aspectos fonéticos e fonológicos, e chegando aos aspectos sociolingüísticos, de bilingüismo, bilingüidade e línguas em contato no capítulo 3.

³³ Reportamo-nos ao título do artigo de Cristófar-Silva (2002) “Descartando fonemas: a representação mental na Fonologia de Uso”.

3 Variação geográfica e línguas em contato

No capítulo 2 mostramos a grande variação, assim como a riqueza de formas variantes que os róticos apresentam no PB, e apresentamos algumas posições divergentes na discussão sobre o *status* fonológico dos róticos em posição intervocálica. Vimos que há fortes indícios que apontam para um papel importante que a região geográfica exerce sobre a variação dos róticos no PB. Neste capítulo gostaríamos de expor primeiramente alguns aspectos gerais a respeito da variação geográfica dos róticos, tais como apontados por estudos na área, para, em seguida, focalizarmos nossa atenção no caso específico de variedades regionais do PB em contato com outras línguas no Sul do Brasil (seção 3.1).

Para a análise do contato de línguas no Sul, seguimos a proposta analítica de Heye (2003), bem como seu instrumental terminológico, a ser apresentado na seção 3.2.1. Antes de falarmos sobre o contato entre o alemão e o PB em Blumenau, revisaremos, na seção 3.2.2, dois estudos (SPESSATO, 2001; MARGOTTI, 2004) que analisam a influência do contato entre o italiano e o PB no Sul, e cujos resultados apresentam analogias interessantes com o contato entre o alemão e o PB. Introduzimos essas analogias, na seção 3.3.1, através de uma sinopse do contexto sócio-histórico da imigração e do contato lingüístico na região, para em seguida (seção 3.3.2) fazermos uma análise contrastiva do quadro fonético-fonológico dos róticos no alemão e no PB. Gostaríamos de salientar o caráter complexo do contato entre o alemão e o PB na região, o que nos inibe, a nosso ver, de tirar conclusões meramente com base em uma suposta interferência. No final da seção sobre Blumenau (em 3.3.3), tentaremos mostrar que a situação de contato entre as línguas pode ser interpretada antes como um pano de fundo para a análise do fenômeno lingüístico em questão, do que como o instrumento de análise propriamente dito. Como instrumento de análise propriamente dito, proporemos o olhar funcional para a emergência fonético-fonológica, o que será discutido no capítulo 4. A abordagem do contexto sócio-histórico de Lages (3.4) focaliza na questão de eventual efeito lingüístico pela colonialização alemã também nessa região e avalia potenciais influências que poderiam estar atuando no quadro de estabilidade / instabilidade da variedade lageana.

3.1 Tendências na variação geográfica dos róticos no PB

Os numerosos trabalhos de mapeamento lingüístico das regiões brasileiras – sejam eles geolingüísticos, dialetais ou sociolingüísticos (comparar a seção 2.2.1) –, mostram uma diversidade riquíssima, da qual ainda estamos longe de ter uma visão mais abrangente e completa³⁴. Continuamos a nossa investigação retomando a questão das duas tendências verificadas na pronúncia dos róticos no PB, já mencionadas no capítulo 2: a posteriorização da zona de articulação e o apagamento do r-final. Ambas as tendências se manifestam há, pelo menos, dois séculos³⁵, e de maneira mais ou menos ampla em todas as regiões do Brasil. Votre (1978), analisando dados do Rio de Janeiro, acredita que o apagamento do r-final está em uma fase de variação quase estável, ou seja, não fica evidente uma mudança em andamento em tempo aparente (LABOV, 1973:275), pelo menos não no decorrer de duas ou três gerações. Entre outros pesquisadores, Oliveira (2001), no seu estudo do apagamento do r-final em Itaituba (PA), segue a proposta de Cagliari (1981) de identificar o apagamento do rótico em posição pós-vocálica como continuação da tendência à posteriorização. Em estudos realizados em regiões diferentes, destaca-se o fator posição na sílaba (i.e., final de palavra) como forte tendência que favorece o apagamento do rótico pós-vocálico. Entre as classes de palavra, são os verbos, especialmente no modo infinitivo, que mais favorecem o apagamento. A importância desses fatores é confirmada, p. ex., para Itaituba (PA) por Oliveira (2001), para o Rio de Janeiro (RJ) por Votre (1978), para Belo Horizonte (MG) por Oliveira (1983) e, em diferentes graus, para Salvador (BA), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Belo Horizonte (MG) e Porto Alegre (RS) por Callou, Moraes e Leite (1996). Todos esses trabalhos citados convergem ao mencionarem diversos outros fatores que influenciam o apagamento do r-final, como sexo, faixa de renda, escolaridade e idade, como também os contextos lingüísticos precedente e seguinte, e número de sílabas no vocábulo. Contudo, esses estudos apontam para uma influência muito menor desses fatores em comparação com os principais fatores lingüísticos já salientados: a posição final de vocábulo e a classe dos verbos, especialmente na forma infinitiva.

³⁴ Um projeto mais recente da descrição de um atlas lingüístico brasileiro encontra-se ainda em fase de constituição das amostras (ver CARDOSO, MOTA, 2003).

³⁵ Ver Noll (1999) e a seção 2.2.1 para a posteriorização, e Votre (1978) para o apagamento do -r final.

As variedades do PB no Sul também apresentam apagamento do r-final, porém, de maneira mais limitada do que o observado nas outras regiões. Marquardt (1977) e Monaretto (1997) consideram as variedades do Sul mais conservadoras, tanto na posteriorização, quanto no apagamento. Monaretto (1997) constata que há um nível razoável de manutenção do r-final, com predominância da realização como tepe [r] na fala das três capitais do Sul. Os dados de Monaretto (1997) apontam o fator “grupo geográfico” como principal influência sociolingüística para a escolha da variante de rótico realizada. Apoiando-se em sua própria pesquisa empírica com dados do VARSUL e também nos dados do Atlas lingüístico-etnográfico da região Sul do Brasil (ALERS)³⁶, Monaretto (1997) atribui a maior resistência a ambas as tendências reportadas para o PB como um todo, parcialmente à influência das comunidades bilíngües na região Sul.

Proseguimos nossa explanação apresentando algumas particularidades do comportamento dos róticos na região Sul em comunidades bilíngües, como denominadas por Monaretto (1997), ou comunidades de línguas em contato, conforme designadas por nós.

3.2 Os róticos em variedades sob contato lingüístico no Sul do Brasil

Além de algumas características atribuídas por estudiosos da área à influência do alemão em comunidades do Sul em contato lingüístico com o português, como o ensurdecimento de consoantes sonoras (“vertate” em vez de “verdade”), a não-vocalização do -l final (como em “papel̩”) e a falta de nasalização consonantal (como em “Alemanha)³⁷, há uma crença comum de que os falantes de descendência alemã não distinguem “corretamente”, ou seja, da maneira esperada pelo padrão brasileiro, entre as formas -r- e -rr- em posição intervocálica. No entanto, como mostramos na seção a seguir, esse fenômeno não se limita ao contato entre o PB e o alemão. Ao contrário, nas regiões de contato lingüístico entre o PB e o italiano, os róticos são tidos como uma característica fonético-fonológica bastante particular e

³⁶ Os dados coletados para o ALERS representam, sobretudo, a fala rural em 275 pontos de pesquisa realizada nos três estados do Sul, fornecendo informações fonético-fonológicas, morfossintáticas e semântico-lexicais.

³⁷ Ver Guttenkunst (1996), para a influência do hunsrückisch no Rio Grande do Sul.

marcante (ver SPESSATO, 2001). Em função desse fato, passamos à discussão de dois estudos sobre o contato entre o PB e o italiano no Sul, para ressaltar possíveis fatores em comum com o caso da variedade do PB em Blumenau sob a influência do contato lingüístico com o alemão.

3.2.1 Considerações sobre contato de línguas

Fenômenos lingüísticos ligados ao contato entre línguas são estudados sob várias perspectivas, aplicando-se uma grande gama de teorias e metodologias diversas. Na lingüística, que não é a única ciência que se interessa pelo campo, há muitas disciplinas e sub-disciplinas que se preocupam com o contato lingüístico no seu sentido mais amplo, entre elas a lingüística contrastiva, teorias de bilingüismo e bilingüidade e a abordagem sociolingüística às línguas em contato. Considerando tal diversificação, não é de se admirar que nessa área de estudos se encontre um uso terminológico nada unificado, parcialmente concorrente e muito específico em cada uma das suas subáreas. Embora tratemos da questão teórica e de nossa abordagem do fenômeno nos capítulos 4 e 5, julgamos necessário reservar um espaço nesta seção para esclarecer a nomenclatura utilizada nesta tese. Há dois grupos maiores (interligados) de termos que são importantes neste ponto de nosso trabalho. O primeiro grupo recobre termos como “língua”, “variedade”, “dialeto”, “padrão”, “socioleto”, e outros similares que se inserem nesse ramo. O segundo grupo contém termos como “bilingüismo”, “bilingüidade”, “monolingüismo”, “contato de línguas” e “interferência”, abrangendo também termos do tipo “variação” e “mudança”.

Discutir todos esses termos de maneira aprofundada não cabe neste trabalho, e nem faz parte do seu objetivo. Portanto, limitar-nos-emos a esclarecer o uso que faremos de alguns desses termos principais, começando de “língua”, “dialeto” e “variedade”.

Não existe uma única definição reconhecida e unificadamente utilizada para distinguir uma “língua” de um “dialeto”. Muitas vezes, a denominação de uma ou outra variedade como “língua própria”, ou então como “dialeto de uma língua”, não depende de fatores lingüísticos, mas sim de considerações políticas, sócio-históricas, entre outras. Neste trabalho, suponhamos as fronteiras entre “língua” e

“dialeto” como relativas, situadas em um contínuo, dentro do qual chamaremos de “língua” aquelas entidades que são mais codificadas. Em nosso caso, estas são, basicamente, o alemão e o português. A codificação acontece, entre outros fatores, mediante normas ensinadas na alfabetização, gramáticas (normativas), socialização de idéias sobre falares corretos e incorretos, e através da normatização ortográfica. Para muitos “dialetos” não existem formas institucionalizadas e fixas de codificação. Chamaremos, neste trabalho, de “dialeto” aquelas variedades do alemão faladas pelos imigrantes que vieram de várias regiões da Alemanha (e Europa) para o Brasil desde o começo do século XIX.

Os termos “dialeto” e “variedade”, ou, especialmente “dialeto” e “variedade regional” são, em nosso ver, praticamente intercambiáveis. Não obstante, faremos uma distinção terminológica para facilitar a leitura. Para referir, neste estudo, às formas, do português e do alemão, faladas hoje em dia no Brasil, preferimos o termo “variedade”, reservando a denominação “dialeto” para os diversos estágios originais do alemão falados pelos próprios imigrantes.

Uma “variedade” não é limitada a uma extensão geográfica, ela pode tanto compreender também uma extensão social. Para essa existe o termo “socioleto”, porém, não faremos a distinção entre os diversos tipos de variedades neste trabalho. Para os fins deste estudo, basta o termo “variedade”, já que a nossa pesquisa inclui a análise tanto de fatores sociais quanto geográficos, quanto também individuais. Sendo assim, trata-se, no caso do português e do alemão de Blumenau de variedades dessas línguas, cujos fundamentos discutiremos mais abaixo no modelo de Heye (2003), reproduzido na figura 6.

Resumimos a nossa definição terminológica, após da discussão que se segue, na figura 6. Veremos primeiro o caso terminológico de “variedade em...” e “variedade de...” contato, seguindo a proposta de Heye (2003), exposta no diagrama a seguir, para depois dar os exemplos do nosso estudo concordando com a discussão terminológica aqui exposta.

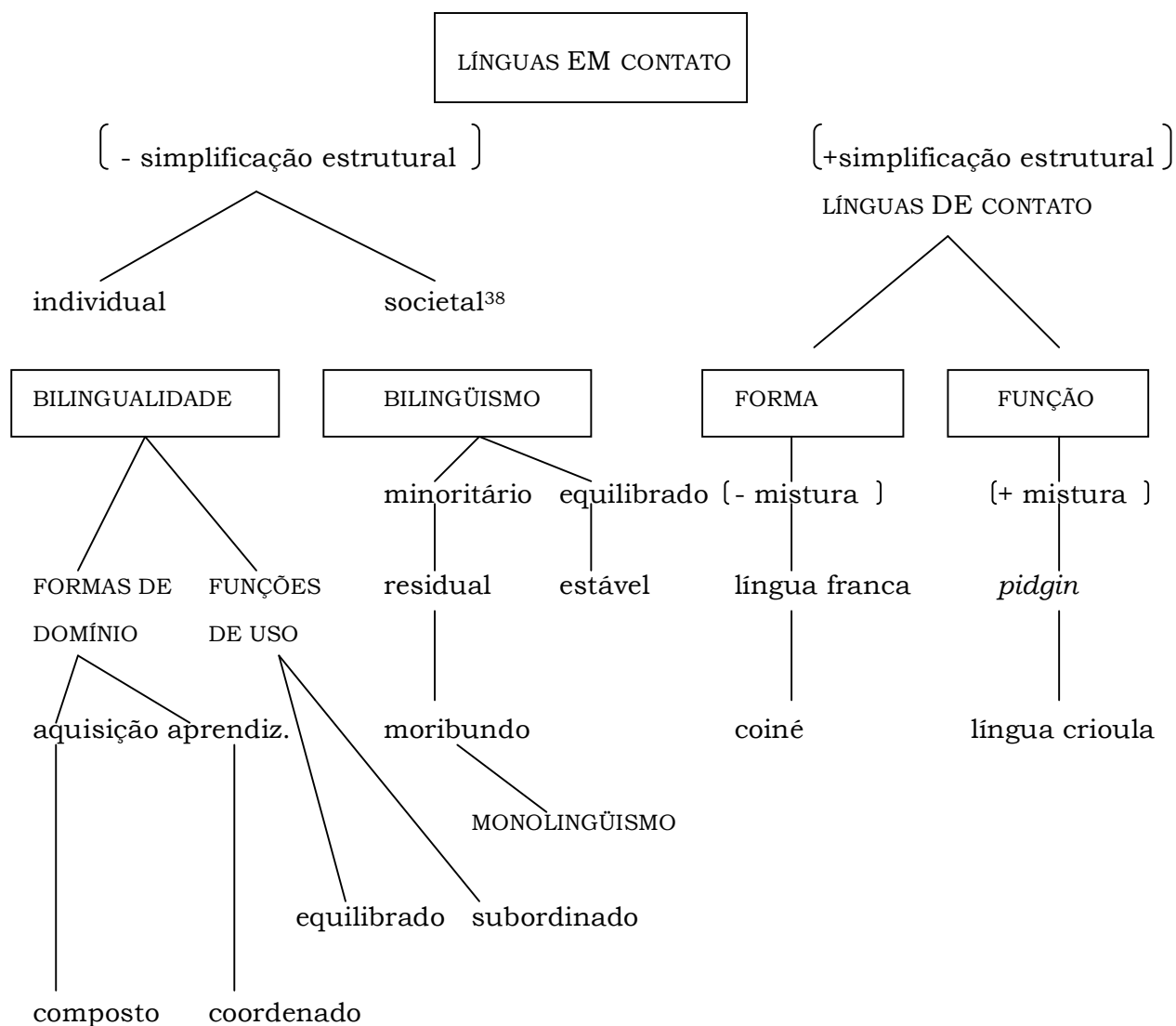


Figura 6. Diagrama dos fenômenos pertinentes a “línguas EM contato”, adaptado de Heye, 2003:37).

Para diferenciar os fenômenos de “bilingüismo” e “bilingualidade”, Heye estabelece uma distinção entre “línguas em contato” e “língua(s) de contato”, da seguinte maneira. Para esse autor, a situação de “línguas em contato” abrange os fenômenos de “bilingualidade”, “bilingüismo” e “língua(s) de contato”. Ou seja, o indivíduo bilingüe (“bilingualidade” como fenômeno individual), a coexistência de duas línguas dentro de uma comunidade de fala³⁹ (“bilingüismo” como fenômeno societal)

³⁸ Interpretamos o termo “societal” de Heye como “fenômeno social”, em oposição ao “fenômeno individual”.

³⁹ Heye (2003:34) utiliza o termo “comunidade de fala” sem entrar na discussão terminológica do mesmo. Não interpretamos o uso que Heye faz aqui do termo conforme a proposta terminológica sociolingüística laboviana. Neste estudo, tampouco seguimos a

e o desenvolvimento de uma língua franca (como resultado do contato lingüístico, um fenômeno de “língua de contato”) ou de uma nova língua (*pidgin* e crioula) são todos analisados sob o termo de “línguas em contato”. Nos tipos de bilingüismo, Heye (2003) distingue entre o “minoritário” e o “equilibrado”. Enquanto este se apresenta em um momento estável na relação entre as línguas em contato de uma comunidade, aquele pode levar a um bilingüismo residual ou até ao desaparecimento de uma das línguas e a um relativo monolingüismo⁴⁰. Nos tipos de bilingüidade, Heye (2003) distingue os indivíduos bilingües pela forma de aquisição ou aprendizagem das línguas em questão, e pela distribuição das funções, se ambas as línguas se estendem no seu uso de maneira equilibrada ou se uma das línguas é dominante e a outra subordinada.

Resumindo as definições terminológicas aplicadas ao nosso trabalho, podemos colocar os seguintes exemplos:

língua -	português e alemão
dialetos alemães -	as variedades regionais faladas na Alemanha
variedade(s) em contato -	o português (com o alemão) de Blumenau
variedade de contato (inter-dialetal) -	o alemão falado em Blumenau

Figura 7. Primeiro quadro da terminologia proposta por Heye (2003), aplicado a exemplos deste estudo.

Acreditamos que o caso dos falantes de Blumenau encaixa-se aproximadamente nas seguintes definições dadas por Heye (2003), expostas na figura 8. No capítulo 6 voltaremos à discussão acerca do *status* do bilingüismo na região, discutindo e testando a nossa classificação com os dados pessoais das entrevistas que constituem a nossa amostra. Explicitando a nossa expectativa sobre o tipo de bilingüidade e bilingüismo dos nossos falantes de Blumenau, antecipamos a

questão da comunidade de fala como colocada por Labov. A nossa referência é a comunidade social, o contexto em que indivíduos entram em comunicação. Geralmente, quando falamos em comunidade dentro deste trabalho, referimos à cidade em questão, Blumenau ou Lages.

⁴⁰ O termo, sugerido por Földes (1999), reflete o fato de que, nas abordagens de fenômenos de contato entre línguas e de bilingüismo, é comum mencionar que não existe uma situação lingüística real em que não haja nenhuma forma de contato entre línguas. Portanto, justifica-se idealizar as línguas dentro de um espectro de mais ou menos contato lingüístico, em vez de estabelecer uma dicotomia estática entre fenômenos de monolingüismo e bilingüismo. O mesmo vale, de forma adaptada, para a situação dos nossos informantes que também apresentam graus diferentes de bi- e monolingüidade.

nossa discussão do contexto histórico e lingüístico e da situação sociolingüística de hoje em dia em Blumenau, expostas na seção 3.3.1. Justificamos essa antecipação com a preocupação de manter a discussão terminológica reunida nesta seção.

bilingüismo residual	não há um equilíbrio entre as situações em que se usa o português e o alemão; o português predomina
bilingualidade composta	aquisição aproximadamente paralela do alemão e do português
bilingualidade coordenada	aquisição de uma língua e aprendizagem posterior da outra

Figura 8. Segundo quadro da terminologia proposta por Heye (2003), aplicado a exemplos deste estudo.

Por enquanto, encerramos as considerações teóricas, e apresentamos, em seguida, os resultados de alguns estudos feitos sobre o português em contato com outras línguas na região Sul. No caso dos róticos, há alguns detalhes interessantes que, tanto as variedades em contato com o italiano, quanto as em contato com o alemão, parecem compartilhar.

3.2.2 Tendências lingüísticas nas variedades do PB em contato com o italiano e o alemão

As duas maiores línguas, em número de falantes, que estão em contato com as variedades do PB em diversas regiões do Sul do Brasil são o italiano e o alemão⁴¹. Mais especificamente, trata-se de variedades próprias de dialetos de ambas as línguas, diferentes das variedades dialetais faladas atualmente em seus países europeus de origem. Embora seja freqüente que os falantes se refiram a essas variedades locais como “o dialeto”, alemão ou italiano, tal denominação coloquial abrange, de fato, uma grande gama de variedades distintas e originadas em duas línguas diferentes. Essas diferenças devem-se, em primeiro lugar, aos diversos dialetos trazidos originalmente pelos imigrantes europeus oriundos de várias

⁴¹ Não consideraremos, devido aos limites de espaço deste trabalho, os estudos realizados sobre comunidades onde ocorre contato lingüístico entre o PB e outras línguas européias ou indígenas; há, porém, fortes indícios de fenômenos semelhantes, no que diz respeito aos róticos, também nessas comunidades, como, por exemplo, o estudo realizado por Ogliari (1999) sobre Prudentópolis (PR) e o contato luso-ucraniano.

regiões alemãs e italianas, como também ao desenvolvimento histórico, social e lingüístico regional transcorrido desde a chegada desses imigrantes ao Brasil. O que essas variedades têm em comum são, basicamente, algumas marcas histórico-políticas compartilhadas em sua existência no Sul do Brasil, desde os meados do século XIX até hoje. No entanto, a questão do contato lingüístico e do bilingüismo regional está presente tanto nas análises do italiano e do alemão, quanto nas do PB em comunidades de contato lingüístico com um desses idiomas. A seguir, apresentamos duas análises de contato lingüístico ítalo-brasileiro, com vistas a apontar algumas tendências aparentemente semelhantes com o contato lingüístico teuto-brasileiro.

O primeiro estudo apresentado, de Spessato (2001), é de relevância especial, porque trata especificamente do caso da variação dos róticos. O segundo, de Margotti (2004), também trata dos róticos, entre outros fenômenos, e é interessante para o nosso trabalho em virtude da sua abordagem de caráter etnometodológico, que o próprio autor chama de “dialetologia pluridimensional e relacional” (MARGOTTI 2004:XV), a qual traz à luz alguns aspectos sócio-geográficos que também são de potencial relevância para o caso do contato teuto-brasileiro.

Em seu estudo do português falado em Chapecó (SC), Spessato (2001) salienta que é “com relação à troca entre tepe e vibrante múltipla que a fala da população alvo desta pesquisa apresenta sua característica mais marcante” (SPESSATO, 2001:16⁴²). Em 46% dos casos em que se espera uma realização da chamada “vibrante múltipla”⁴³, os informantes aplicaram o tepe [r], e somente em 19%, a vibrante múltipla (SPESSATO, 2001:56). Nos casos restantes, aparece uma variante de rótico que a autora denomina de “intermediária”, interpretando-a como uma tentativa dos falantes de aproximar a sua pronúncia à vibrante múltipla, considerada a forma prestigiada no PB. Os casos de realização da vibrante múltipla no lugar do tepe também são interpretados como resultado dessa tentativa de aproximação às formas prestigiadas, na forma de hipercorreção (SPESSATO, 2001:78).

⁴² A numeração de páginas de citações de Spessato orienta-se no documento em formato pdf, obtido da própria autora, e pode divergir da numeração de páginas na versão em livro do mesmo trabalho.

⁴³ Spessato refere-se, ao longo de seu trabalho, à “vibrante múltipla”. Pela descrição dada, acreditamos que se trata das formas vibrante e fricativas em oposição ao tepe [r].

É interessante observar que a autora interpreta esse quadro sem se posicionar perante a questão do *status* fonológico da oposição entre as duas formas de rótico que analisa; ela se atém à busca por explicações e motivos para o comportamento dos falantes e suas intenções (tentativa de se aproximar à forma prestigiada e hipercorreção), a partir, especialmente, de fatores sociais.

Na análise das variáveis sociais, a escolaridade revela-se como o fator de maior impacto sobre a realização do tepe. Com o aumento do grau de escolaridade diminui a aplicação do tepe em lugar da vibrante múltipla. Todavia, a autora ressalta que os fatores sociais exercem uma influência relativa, enfatizando o fator 'bilingüismo individual', "já que [...], há variação na comunidade, possivelmente resultado da história de cada indivíduo e das redes sociais que o cercam." (SPESSATO, 2001:87-88).

Com respeito ao "bilingüismo", o trabalho de Spessato (2001) se vê em face de um problema que também aparece em nossa análise dos falantes bilingües do alemão (ver capítulo 6).

"[...] não se possa [pode] afirmar com precisão esta distinção entre um grupo e outro [mono- e bilingües], sendo que ambos têm um certo contato com a língua dos antepassados, ou convivem com pessoas que, pela proximidade maior com os dialetos italianos, apresentam e transmitem as características dessa interferência lingüística do italiano no português." (SPESSATO, 2001:63).

Com esse comentário, a autora toca na questão do bilingüismo social e da bilingüidade individual. Os traços investigados e interpretados como fenômenos resultantes de contato lingüístico não somente aparecem nos indivíduos bilingües, mas também se apresentam difundidos na comunidade em si. Esse fenômeno tampouco é limitado aos indivíduos descendentes de imigrantes italianos. Spessato afirma que "os luso-brasileiros [...], incorporaram traços lingüísticos tidos como característicos dos descendentes de italianos." (SPESSATO, 2001:88).

Os resultados de Spessato corroboram os apresentados por Monaretto (1997) sobre a predominância do tepe, e oferecem uma possível interpretação para o fenômeno que não parte do sistema fonológico e, sim, considera como fatores decisivos o bilingüismo e o contato lingüístico.

Em seu estudo do contato entre o italiano e o português, realizado em 8 municípios⁴⁴ de população predominantemente descendente de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, Margotti (2004) observa uma neutralização da oposição entre, como ele mesmo denomina, o “r-fraco” e o “r-forte”, e conclui que esta se deve à influência do italiano que, nos seus dialetos em questão, não apresenta duas formas de rótico. Os argumentos de Margotti (2004) para a interpretação desse fenômeno assemelham-se aos de Spessato (2001), vendo as formas “intermediárias” como fruto da tentativa dos falantes de aproximar sua pronúncia ao padrão de PB que concebem como prestigiado. Porém, como consta em Spessato (2001), Margotti (2004) também observa que a neutralização e as formas intermediárias não se limitam aos falantes bilíngües, mas também ocorrem nos falantes monolíngües habitantes na área de contato entre o italiano e o PB. A realização do tepe [r] em contextos lingüísticos como, p. ex., em “genro”, é constatada por Margotti (2004), com base nos dados do ALERS, também em regiões de contato do PB com o alemão, e até mesmo em regiões predominantemente lusófonas. Esses dados evidenciam a problemática da delimitação de uma “região de contato lingüístico”. Tanto o estudo de Spessato (2001), como o de Margotti (2004) mostram que não se pode considerar somente os indivíduos bilíngües. Os traços em questão fazem parte, pelo menos, de uma variedade em contato. Porém, ainda não conhecemos exatamente a extensão da influência desse contato sobre o PB na região Sul. Ou seja, ambos os trabalhos citados apontam para a possibilidade de que, para realizar uma pesquisa que aborde o contato de línguas, é preciso levar em consideração uma variedade em contato bastante abrangente que não se limita aos indivíduos e variedades do PB em contato direto com uma outra língua. Alguns dos efeitos do contato estão espalhados ou, pelo menos, deixando rastros, em toda a fala do Sul.

Não obstante, a difusão desses dois fenômenos – a neutralização da oposição dos dois tipos de rótico e a realização de uma forma intermediária – não se dá homogeneamente nem dentro, nem fora das comunidades onde ocorre contato entre línguas. Como mostram os dados de Margotti (2004), há diferenças notáveis na ocorrência desses fenômenos, dependendo da zona de residência (meio urbano ou rural), do município (os oito investigados) e do estilo de fala⁴⁵. O que chama a

⁴⁴ Em Santa Catarina, estes são os municípios de Rodeio, Orleans, Chapecó e Videira, no Rio Grande do Sul, Caxias do Sul, Nova Palma, Sananduva e Sarandi.

⁴⁵ Esses são os primeiros três grupos de fatores, nesta ordem, selecionados como

atenção, nesse perfil empírico, é que o fator “posição na sílaba” não foi selecionado como significativo. Neste ponto, os resultados de Margotti (2004) não corroboram os de Monaretto (1997), nos quais o fator “posição na sílaba” foi selecionado geralmente em segundo lugar, depois do “grupo geográfico”⁴⁶. Não obstante, na análise empírica de Margotti (2004), encontramos um perfil micro-geográfico que revela em mais detalhes a influência do “grupo geográfico”. No capítulo 6 apresentaremos o perfil dos falantes e as variáveis consideradas em nosso estudo, discutindo nos capítulos 6 e 8 o caso de Blumenau, comparando os nossos resultados com os apresentados nesta seção.

De modo a contextualizar a nossa pesquisa sobre os róticos no PB de Blumenau, apresentamos, na seção a seguir, o quadro sócio-histórico do contato entre o português e o alemão na região de Blumenau, e discutimos brevemente os aspectos fonético-fonológicos do alemão que possuem relevância para a investigação dos róticos.

3.3 O contato entre as variedades do PB e do alemão em Blumenau

O foco do nosso trabalho recai sobre um aspecto do contato lingüístico que, na lingüística especializada da área, tende a situar-se mais distante do que é geralmente o centro de atenção dos estudos: a influência da língua minoritária (em nosso caso, o alemão) sobre a língua dominante na comunidade (o português)⁴⁷. A escolha de Blumenau como comunidade lingüística integrante do banco de dados do projeto VARSUL, o qual visa contemplar em sua amostra os grupos lingüísticos mais representativos de cada estado do Sul, motivou-se explicitamente pela influência da colonização alemã nessa região. Não obstante, é difícil encontrar estudos que abordem tal influência sobre o português de maneira a considerar aspectos lingüísticos do alemão em detalhes.

⁴⁶ Ver Monaretto (1997:90) para as variantes vibrante anterior, vibrante posterior e retroflexa. O “grupo geográfico” foi selecionado em primeiro lugar, e “posição na sílaba” em segundo; no caso do tepe, a ordem dos dois fatores se inverte.

⁴⁷ Existe uma tendência a maior interesse na análise do ângulo oposto, ou seja, de observar fenômenos de contato manifestados na língua minoritária.

Já mencionamos a crença, bastante comum, de que os falantes bilíngües, ou os descendentes de alemães, de Blumenau não fazem uma distinção nítida entre as duas formas de rótico usadas no português para sinalizar a oposição fonológica no contexto intervocálico, como no exemplo “muro” vs. “murro”, e que não pronunciam os róticos, nos demais contextos do vocábulo, conforme a expectativa do padrão⁴⁸. Monaretto (1997) atribui a variação no “r-forte” na fala do Sul à influência das línguas em contato com o português na região que, em muitos casos dos dialetos italianos⁴⁹ e no caso do alemão em geral, não possuem uma oposição fonológica nos róticos. Sendo assim, a variedade do PB de Blumenau poderia ser considerada um caso extremo de uma tendência reportada como geral para a fala do Sul.

Explicar a variação na fala de Blumenau pela interferência de uma outra língua que, como no caso do alemão, apresenta um sistema fonológico fundamentalmente diferente no caso dos róticos, é uma argumentação, em princípio, bastante esclarecedora. A questão da interferência é um assunto muito discutido, no âmbito da lingüística aplicada ao ensino e da psicolingüística, há décadas. Por interferência ou *transfer* entende-se, em geral, a aplicação de características, regras e estruturas da língua materna à língua estrangeira na hora da aprendizagem. Sem entrar em detalhes, gostaríamos de comentar três aspectos dessa discussão.

1. Embora tenham sido descartados com veemência os primeiros modelos que visavam explicar erros na língua alvo pela influência da língua materna, como, p.ex., a hipótese de identidade (KRASHEN, 1982) e a hipótese contrastiva (BAUSCH, KASPER, 1979), a interferência continua um tópico central na lingüística aplicada ao ensino de línguas estrangeiras.

2. Para a maioria dos domínios lingüísticos (PUPP SPINASSÉ, 2005:216) constata-se, atualmente, que erros de produção na língua alvo são muito menos motivados por formas de *transfer* do que os primeiros modelos sugeriam. Não obstante, é justamente no âmbito fonético-fonológico que o *transfer* da língua materna é bastante significativa.

⁴⁸ Referimo-nos, neste momento, ao padrão conforme exposto por Monaretto (1997), compare seção 2.3.2.

⁴⁹ Os dialetos italianos investigados por Margotti (2004) são, sobretudo, a coiné vêneta e o lombardo, entre outros.

3. Neste trabalho, concluímos apenas que naquela geração de blumenauenses que aprenderam o português como segunda língua após a aquisição do alemão como língua materna, deve ter existido uma interferência. Porém, não podemos saber, ao certo, em que grau e por quais formas se deu essa interferência, e tampouco podemos assumir que gerações posteriores que começaram a aprender o português paralelamente ao alemão (bilingüismo), e muito menos ainda as gerações predominantemente luso-falantes, estivessem sujeitas às mesmas interferências.

Em relação a esse terceiro aspecto, é interessante um exemplo discutido por Rosenberg (2005), na sua comparação de ilhas lingüísticas⁵⁰, no caso do alemão volgaico⁵¹ em contato com o russo e do alemão da coiné hunsrückisch, no Rio Grande do Sul. Trata-se de um exemplo típico que indica que o caso da interferência não é tão claro quanto possa parecer. O autor mostra que o alemão volgaico desenvolveu formas de nasalização vocálica, alheias à variedade alemã de origem, as quais o alemão hunsrückisch não apresenta, embora este esteja em contato com o português e aquele em contato com o russo, que não possui vogais nasais.

Ainda assim, não se pode negar de antemão a interferência fonético-fonológica do alemão na variedade do PB de Blumenau; mas se deve atentar, no momento de tirar conclusões sobre possíveis interferências de um sistema sobre o outro, para a complexidade desse fenômeno, e analisá-lo com cautela⁵². A possível interferência da língua alemã sobre os róticos no português de Blumenau, contudo, fornece uma pista muito interessante para a análise realizada em nosso estudo. Assim, apresentamos, na seção 3.3.2, uma descrição do alemão e dos dialetos alemães falados pelos imigrantes na região de Blumenau, fazendo uma rápida análise contrastiva do sistema fonético-fonológico de ambas as línguas em contato (seção 3.3.3). Antes, porém, de nos ocuparmos da interferência lingüística, introduzimos, na seção a seguir, o quadro sócio-histórico do contato entre as duas línguas e os seus falantes na região de Blumenau.

⁵⁰ Com a expressão “ilhas lingüísticas”, Rosenberg refere-se a pequenas comunidades de falantes, no caso, do alemão, inseridas em contextos de outras línguas majoritárias e sem contato com o teto do alemão padrão falado na Europa.

⁵¹ Da região do Rio Volga, na Rússia.

⁵² Os nossos informantes de Blumenau, na sua maioria, adquiriram o alemão antes do português. Ainda assim, se não conseguirmos traçar a influência do alemão sobre o português na comunidade, avaliaremos, nos capítulos 6 e 8, uma potencial influência na gramática individual de cada falante bilingüe.

3.3.1 Contextualização sócio-histórica do contato entre o português e o alemão na cidade de Blumenau

Ao voltar nosso olhar histórico sobre o contato social, cultural e lingüístico teuto-brasileiro na região de Blumenau desde a sua fundação em 1850, fazemos um retrato de seu desenvolvimento desde a predominância monolíngüe alemã original, até a predominância monolíngüe português atual. Com a diminuição, em número de falantes e de situações de uso, do alemão na comunidade, nossa pesquisa trata de um perfil de falantes ainda bilíngües, porém com diferenças de geração para geração no grau de domínio e familiaridade com o alemão. A consideração desse fato leva à escolha de uma metodologia que visa a proximidade individual de cada falante com o alemão dentro de uma matriz de critérios que apresentaremos no capítulo 5.

O contato entre os dois idiomas, o alemão dos imigrantes com suas diversas variedades dialetais, e o português, faz parte do contato sócio-cultural na região de Blumenau, marcado por fases historicamente diferentes. Ao longo dos 156 anos transcorridos desde a chegada dos imigrantes alemães na região de Blumenau, ocorreu uma mudança progressiva desde o domínio monolíngüe alemão, passando pelo bilingüismo teuto-português que teve seu início nos centros urbanizados, até a dominância atual do monolingüismo português urbano e a permanência de áreas rurais bilíngües. No quadro abaixo, apresentamos o contexto sócio-histórico e lingüístico do contato teuto-português em Blumenau, desde 1850 até hoje, através de uma sinopse das fases mais decisivas e dos acontecimentos mais marcantes. Datas e números citados no quadro abaixo foram extraídos, na maioria dos casos, dos estudos de Mailer (2003) (“MA”, na sinopse) e Frotscher (2003) (“FR”, na sinopse).

Período	Contexto sócio-histórico	Condição do contato lingüístico
1850 - 1889 (proclamação da República)	Fundação de Blumenau por imigrantes alemães.	Predominância de monolíngües alemães, com diversificação dialetal.
1889 - 1914 (início da 1ª Guerra Mundial)	Chegada de novos habitantes não-descendentes de alemães. Imigração de colonizadores alemães de outras regiões brasileiras.	Começo do bilingüismo urbano. Vinda de imigrantes de língua polonesa, russa e húngara e de colonizadores alemães do Rio Grande do Sul. Contato inter-dialetal e inter-cultural ⁵³ . O aumento da população, desde 1883, é devido a um alto índice de natalidade na própria colônia, e não de imigração (FR:15).
1914 - 1945 (final da 2ª Guerra Mundial)	1917: Declaração de guerra do Brasil contra a Alemanha. Proibição de escolas, publicações e organizações alemãs até o final da 2ª Guerra Mundial ⁵⁴ . Campanha de nacionalização no Estado Novo, proibição do ensino em alemão (1939), proibição de publicação de jornais e revistas em alemão como também do seu uso na igreja e em instituições públicas (1942). Industrialização e urbanização. 1920: 5% da população de imigrantes e descendentes trabalham na indústria; 1927: 16% (FR:57). De 1824 a 1940 entraram aprox. 250.000 alemães e 95.000 austríacos no Brasil (MA:15) ⁵⁵ .	Censo 1927: dos ca. 98.600 habitantes, 53% declaram o alemão como língua materna, mas 86% da população já nasceu no Brasil (FR:14). Exceto por 3 distritos, os falantes alemães formam a maioria lingüística em toda Blumenau (FR:15). A opressão lingüística e cultural leva a uma perda do <i>status</i> da identidade e da língua alemã, o português como língua oficial se torna mais importante e mais difundido. Tendência de diminuição das comunidades monolíngües alemãs e de aumento do bilingüismo (urbano). Censo 1940: 97,3% da população do município de Blumenau ⁵⁶ declara falar alemão no lar (MA:8).

⁵³ Frotscher (2003:50) explica que “[m]uito embora Blumenau fosse um espaço culturalmente heterogêneo, [...] – apesar de que os falantes da língua alemã eram em grande número – havia uma concepção de Blumenau enquanto região “alemã” e que era manipulada nos jogos da política estadual.”

⁵⁴ Ver Rosenberg (1998).

⁵⁵ Porém, não se sabe ao certo quantos imigrantes continuaram a sua viagem para outros países latino-americanos e não se sabe, tampouco, quantos falantes do alemão oriundos de

1945 – 1970	1961: permissão de retomar o ensino do alemão como língua estrangeira.	Efeitos posteriores da nacionalização, especialmente na forma de manutenção de um monolingüismo alemão rural ⁵⁷ . Passagem do bilingüismo urbano para o monolingüismo português.
desde 1970	Maior industrialização e modernização, especialmente das mídias de massas. O ensino do alemão em diferentes instituições educativas é retomado a partir dos anos 70-80: atualmente apresenta uma diminuição de procura e de número de alunos ⁵⁸ .	A industrialização torna Blumenau um alvo de migração brasileira, trazendo uma maior população de falantes monolíngües do português. Tendência para o monolingüismo urbano português e para a diminuição do bilingüismo rural. Preocupação político-lingüística de manter a herança cultural e lingüística alemã.

Figura 9: Sinopse do contexto sócio-histórico e da situação lingüística em Blumenau, de 1850 até hoje.

Nesse quadro vemos que a grande cesura lingüística entre a dominância do monolingüismo alemão original e a dominância do monolingüismo português atual tem sua origem na opressão cultural e lingüística ocorrida nas décadas de 30 e 40 do século XX. Frotscher (2003:4) comenta que “[...] Blumenau foi uma das localidades mais visadas pela repressão e controle de estrangeiros e descendentes durante o Estado Novo”. Os efeitos da campanha de nacionalização e unificação lingüística permaneceram até que a industrialização, a modernização e o aumento da população de brasileiros não-descendentes de alemães se tornassem os fatores mais influentes e aceleradores da difusão do monolingüismo português. Ainda que hoje em dia exista um número considerável de medidas sociais, culturais e lingüísticas que visam a manutenção da herança alemã no Brasil, o uso do idioma alemão está cada vez mais restrito.

outros países, que não a Alemanha e a Áustria, chegaram ao Brasil. Portanto, esse número pode servir somente como indicador.

⁵⁶ Isto é, depois do desmembramento da região do Vale de Itajaí. O novo município de Blumenau, formado na década de 1930, ocupa uma área geográfica significativamente menor.

⁵⁷ Altenhofen (1996:71) descreve que as áreas rurais significavam um nicho para a manutenção do dialeto alemão. Com a proibição, tinha se cortado o contato com o alto-alemão da Alemanha e o uso do dialeto ficou restrito à vida particular; porém, por falta de uma rede de ensino de português também nas áreas rurais, a difusão da língua portuguesa e do bilingüismo tardou muito mais nessas áreas do que nos centros urbanos.

⁵⁸ Para 1993, Mailer (2003:47) dá o número de 28 escolas (estaduais e municipais) com 2.287 alunos e 36 professores que ensinavam alemão em Blumenau; para o ano da sua tese (2003), Mailer estima que “Hoje há somente 15 professores de alemão e um número estimado de 800 alunos, em cerca de 15 escolas na rede municipal em Blumenau”.

A variedade do português falada em Blumenau está desde a sua origem sob a influência do contato com o alemão. Embora o alemão tenha sido o idioma minoritário inserido no contexto do português brasileiro como língua majoritária no país, podemos dizer que, na região de Blumenau, o alemão constituía a língua majoritária, pelo menos até a 2ª Guerra Mundial. O primeiro contato entre falantes do português e do alemão levou necessariamente à formação de um bilingüismo social que abrangia diferentes graus e formas de bilingüidade individual⁵⁹. A tendência em direção ao monolingüismo português está presente tanto em termos de falantes individuais, quanto em termos de uso e funções na vida social. Simplificada através de duas escalas, vemos, no quadro abaixo, a situação de contato lingüístico por volta do começo da 2ª Guerra Mundial. As setas (“→”) indicam o aumento no número de falantes e situações monolingües portuguesas.

O domínio dos idiomas pelo indivíduo:				
monolingüe alemão	bilingüe c/ predominância do alemão	bilingüe equilibrado	bilingüe c/ predominância do português	monolingüe português
				→
Uso das línguas em diferentes contextos sociais (familiares e públicos):				
domínios de exclusividade do alemão	domínios de predominância do alemão	domínios equilibrados	domínios de predominância do português	domínios de exclusividade do português
				→

Figura 10. Diagramas das tendências globais da fala e do uso do português e do alemão em Blumenau.

As setas em ambas as escalas indicam a tendência geral descrita nesta seção: o número de falantes monolingües do português e de situações em que é falado o português na vida particular e social está aumentando. Sendo assim, assumimos que o idioma alemão na comunidade de Blumenau tem, hoje, uma influência relativamente pequena; porém, por sua presença na formação da variedade local do português desde a colonização da região, supõe-se uma presença lingüística alemã

⁵⁹ Para essa distinção terminológica confira Heye (2003:37), que diferencia as formas de línguas em contato segundo a divisão individual (bilingüidade) e societal (bilingüismo).

já incorporada na variedade do português de Blumenau. Mailer (2003:8) resume a situação do alemão em Blumenau de hoje:

Contudo, hoje, a língua aparece muito pouco no contexto social, restringindo-se a nomes de restaurantes, lojas, ruas, escolas somente. Não há nenhum periódico em língua alemã e nem mesmo qualquer programa de televisão, que seja veiculado nessa língua. Há somente uma emissora de rádio que transmite uma programação musical com repertório alemão. A zona urbana, entretanto, está impregnada da cultura alemã, seja nos valores e comportamentos, no modo de vida das pessoas, ou mesmo nos hábitos e costumes, como a gastronomia, a arquitetura, os clubes de caça e tiro, as escolas particulares ligadas às igrejas católica ou evangélica, vários clubes e associações esportivas e recreativas que desenvolvem atividades de cultura germânica, como corais, dança, e mais recentemente, as chamadas “tradições inventadas,” como os grupos de dança folclórica e a Oktoberfest. Enfim, a língua alemã, na qual os imigrantes expressaram as manifestações culturais, hoje está, até certo ponto, excluída do contexto local.

Vimos, nesta seção, que o contato entre o alemão e o português na região de Blumenau já passou por fases histórica e lingüisticamente bem diversas. Atualmente, é dada como certa a tendência de o alemão perder cada vez mais significância na vida cotidiana, ao mesmo tempo em que a sua aquisição como língua materna ficou menos comum. Na seção a seguir, procuramos levantar algumas características fonéticas e fonológicas do alemão que nos permitam focalizar a discussão em nosso objeto de estudo, os róticos.

3.3.2 A pronúncia dos róticos no alemão e na variedade do alemão falada em Blumenau

Não sabemos com muitos detalhes como e quais dialetos alemães tiveram maior influência na formação da variedade do alemão de Blumenau. Não existe um mapeamento das formas e diferenças no alemão falado hoje na região⁶⁰. Embora saibamos de onde se originaram os principais grupos de imigrantes no final do século XIX (Mailer (2003) menciona Hannover, Braunschweig, Oldenburg e Prússia), certamente há uma diversidade muito maior, contando com os imigrantes oriundos de outras regiões de língua alemã, como Áustria, Suíça e, parcialmente, de regiões russas, além da migração intra-brasileira, que trouxe falantes do dialeto ou da coiné hunsrückisch, do Rio Grande do Sul para a região de Blumenau.

⁶⁰ Mailer (2003:30).

Pelo que consta em estudos da área⁶¹, há dois grupos dialetais principais, falados por grupos maiores entre os imigrantes em Santa Catarina: o pomerano e um dialeto oriundo da Vestefália⁶². Porém, Altenhofen (1996) e Rosenberg (1998) comentam que nenhum dos dois chegou a ter uma distribuição tão ampla, e nem um papel tão dominante como aconteceu com o hunsrückisch no Rio Grande do Sul.

Ambos os dialetos, o pomerano e o vestefaliano, fazem parte dos dialetos do baixo-alemão, já o hunsrückisch é um dialeto do alto-alemão. A influência que esses dialetos tiveram sobre a formação das variedades brasileiras do alemão deve ser encarada, portanto, como bastante rica em variantes alternativas de pronúncia. Altenhofen (1996), em sua análise da formação do hunsrückisch no Rio Grande do Sul, identifica três influências básicas mais marcantes para essa variedade, depois do seu desenvolvimento no Brasil, a saber: o contato inter-dialetal alemão, o contato com o português e uma influência menor do alemão padrão falado no Sul.

É muito lamentável que ainda não exista um mapeamento das variedades e variantes da fala alemã na região de Blumenau. Um estudo desse gênero faz falta e continua a ser um grande desiderato. Contudo, para o caso dos róticos, é possível assumir que alguns aspectos mais conhecidos da fonologia do alemão sejam válidos também para a variedade de Blumenau⁶³, mesmo sem conhecer com tanto detalhe as diferenças na fala regional. Observando as principais características fonético-fonológicas dos róticos no alemão e em algumas das suas variedades, veremos o porquê dessa assunção.

Em todas as variedades do alemão existe uma certa gama de realizações fonéticas dos róticos, sendo encontradas, entre outras formas, o tepe [r] ou a vibrante alveolar [r] e a fricativa uvular [X]. A variante retroflexa [ɻ] é observada em alguns dialetos alemães, p.ex., em algumas partes de Hessen, contudo, a mesma está sendo substituída por uma realização uvular nas gerações mais jovens. Uma forma freqüente no alemão, que deve ser pelo menos rara, ou até mesmo não pertencente

⁶¹ Compare, entre outros, Altenhofen (1996 e 2003), Mailer (2003) e Rosenberg (1998 e 2005).

⁶² As regiões de onde se originaram os imigrantes falantes desses dialetos ficam atualmente nos estados federais alemães de Renânia do Norte Vestefália e Mecklenburgo-Pomerânia Ocidental.

⁶³ Isto é porque não existe e nunca existiu em nenhuma variedade do alemão uma distinção lexical sinalizada por diferentes realizações de róticos.

ao inventário fonético do PB, é a realização vibrante uvular [R]. No alemão, também há as fricativas velar [x] e glotal [h], mas estas não fazem parte das realizações do fonema /r/, sendo fonemas próprios que contrastam com aquele⁶⁴, como analisamos com maior atenção logo adiante. Observando o perfil fonológico dos róticos no alemão, há unanimidade (ver WIESE, 1996; TERNES, 1999) sobre dois aspectos:

- 1) No alemão existe um só fonema de “erre” (/r/), não havendo nenhum caso de oposição lexical que envolva diferentes tipos de rótico.
- 2) A variação entre os dois principais tipos de fonema “erre” no alemão é vista como meramente regional, conforme a descrição de Wiese:

“Variation between these places of articulation [uvular and alveolar] is interdialectal variation, but not allophonic or other variation in a given system” (WIESE, 1996:171).

Antes de entrar na questão das ocorrências e frequência dessas duas formas, achamos importante mostrar todo o quadro das formas fonéticas envolvidas no caso dos róticos do PB que comparamos com a relação fonético-fonológica do alemão. Em seguida, voltaremos à questão da distribuição geográfica.

Lembrando do quadro fonético dos róticos no PB, apresentado na figura 1, e da discussão fonológica apresentada em todo o capítulo 2, podemos notar facilmente os contrastes entre o PB e o alemão. No quadro abaixo, mostramos as formas fonéticas de rótico descritas para o PB e colocamos ao lado o fonema alemão ao qual pertencem essas formas, para os casos em que existir uma correspondência no alemão. Quanto às questões das retroflexas no alemão e da vibrante uvular no PB, estas não competem a este trabalho.

⁶⁴ Na fonologia alemã, há controvérsias sobre o *status* do fonema /h/, porque este não ocorre em posição pós-vocálica, e também porque existe uma distribuição complementar entre o /h/ e o /ŋ/. Contudo, podemos desconsiderar essa discussão para o caso dos róticos devido à oposição fonológica inquestionável entre /r/ e /h/ no alemão como em “raus” e “Haus” (“fora” (adv.) e “casa” (subst.)). O fonema /x/, que inclui as realizações [x] e [ç] com caráter de distribuição complementar, também contrasta com /r/, p. ex., em “Wache” ([x]) e “Ware” (“guarda” (subst.) e “mercadoria”) e em “Seuche” ([ç]) e “Säure” (“epidemia” e “ácido” (subst.)). O *status* fonológico do /x/ também está sendo questionado em alguns estudos, porém, somente em relação ao fonema /h/. (Ver WIESE, 1996; TERNES, 1999).

	ALVEOLAR		RETROFLEXA		VELAR		UVULAR		GLOTAL	
	PB	AL	PB	AL	PB	AL	PB	AL	PB	AL
VIBR.	[r]						[R]			
TEPE	[r]		[ɾ]	-						
FRIC.							[ʁ]			
					[x]	não -r	[χ]		[h]	não- r
APROX.	[ɹ]	-	[ɻ]	-						

Figura 11. Quadro comparativo do contraste fonético-fonológico dos róticos no PB e no alemão⁶⁵.

Na figura 11 apresentamos as transcrições fonéticas (segundo o IPA) de todos os sons que podem ser realizações do rótico no português brasileiro, tanto para o r-simple e para o r-duplo. e no alemão. Para esse quadro, seguimos os estudos citados no capítulo 2 e, para o alemão, Ternes (1999) e Wiese (1996). Há quatro formas fonéticas que, em ambos os idiomas são realizações de *erre*, a saber, a vibrante e o tepe alveolar e as formas uvulares. As formas retroflexas e aproximantes não são reportadas para o alemão. Além do mais há duas formas fonéticas no PB, as fricativas velar e glotal, que, no alemão, são atribuídas aos fonemas /x/ ([x]) e /h/([h]).

Sem levar ainda em consideração o complexo perfil fonológico da distinção muito discutida entre o chamado “r-fraco” e o “r-forte” no PB, vemos que há três tipos de relação entre as formas fonético-fonológicas no PB e no alemão.

O primeiro tipo é a relação entre pares, p. ex., no caso da vibrante alveolar [r]. Esta forma fonética existe em ambos os idiomas e em ambos pertence ao fonema /r/. A esse tipo pertence também a fricativa uvular [χ] (surda) ou [ʁ] (sonora). Tratamos primeiro dessas duas formas em conjunto, para depois falar mais sobre o [ʁ] que, junto com a vibrante uvular [R], constitui a forma à qual se refere a citação de Wiese acima, quando fala da variante uvular. No alemão, a fricativa uvular pode ser situada entre os fonemas /x/ e /r/, manifestando diferenças devidas à co-articulação. Ainda no alemão, o /r/ pode ser pronunciado [χ] ou [ʁ], como, p.ex., no encontro consonantal antecedido por /k/, em “Krampf” ([kχ] ou [kʁ]) (câimbra),

⁶⁵ Por motivo de simplificação, não incluímos no quadro todas as formas sonoras das fricativas.

sendo que [X] também pode ocorrer como realização do fonema /x/, como, p.ex., no encontro consonantal seguido por /k/ e antecedido por uma vogal posterior, tal como em “hochgehen” ([Xg]) (subir) ou “Tauchgang” ([Xg]) (mergulho).

O segundo tipo é de não-correspondência fonética. No caso das formas retroflexas no PB, desconhecemos variantes fonéticas que seriam suas correspondentes no alemão, o mesmo ocorrendo no caso da vibrante uvular do alemão, para a qual desconhecemos variantes correspondentes no português.

O terceiro caso é de não-correspondência fonológica. A forma fonética existe em ambas as línguas, como as fricativas velar e glotal, porém, só no PB pertence ao fonema /r/, enquanto no alemão pertence a outros fonemas (/x/ e /h/).

Depois de ter apresentado o quadro fonológico alemão correspondente às formas fonéticas que, no PB, compõem o grupo dos róticos, voltamos ao assunto introduzido através da citação de Wiese (1996) anteriormente, a saber, a variação entre o “erre” alveolar e o uvular (vibrante ou fricativa) no alemão. Estima-se que as variantes uvulares [ʀ] ou [R] entraram no alemão por influência do francês, começando a ser realizadas nas variedades sociais de falantes de alta formação e urbanos⁶⁶. Sendo assim, as variantes uvulares, originalmente, não fizeram parte de uma variedade dialetal ou geográfica, não obstante devem ter entrado no sistema como variantes de prestígio no período situado entre o final do século XVII até o século XX. Atualmente, a variante alveolar está sendo substituída pela uvular nas gerações mais jovens em parte dos estados de Hamburgo, Schleswig-Holstein, Baixa-Saxônia e Meckleburgo-Pomerânia Ocidental, (KÖNIG, 1989) os quais compõem o norte da Alemanha e incluem regiões de origem de imigrantes alemães que vieram para o Brasil. As regiões nas quais é observada a dominância da variante uvular, sem diferença entre as gerações, constituem localidades mais rurais dos estados de Saxônia, Turíngia, Baden-Württemberg, as duas Renâncias e, parcialmente, as regiões de Brandenburgo, nos arredores de Berlim. Ou seja, são também regiões de onde se originaram imigrantes alemães que chegaram ao Brasil. Na Baviera, Áustria e partes da Suíça ocidental domina até hoje a variante alveolar, mas não de maneira exclusiva.

Ainda que a variante uvular tenha se introduzido como parte do código lingüístico elaborado, na forma de uma variante de prestígio e urbana, notamos:

⁶⁶ Compare as tendências reportadas pelo francês e pelo português em Noll (1999), Reighard (1985) e Malmberg (1954).

- 1) que a sua difusão, hoje em dia, não é limitada às regiões urbanas; e,
- 2) que os dialetos falados pelos imigrantes alemães no Brasil se originaram tanto em regiões nas quais a variante uvular demorou a predominar (como é, supostamente, o caso do dialeto pomerano), quanto em regiões nas quais se observa uma difusão da variante uvular já mais antiga (como é o caso do dialeto vestefaliano e, provavelmente, também do hunsrückisch).

Portanto, assumimos que os dialetos trazidos pelos imigrantes alemães para a região de Blumenau continham tanto a forma alveolar quanto a forma uvular. Não sabemos se uma das duas se tornou predominante, mas é importante lembrar que o fator fonológico mais relevante reside no fato da distinção entre as duas formas fonéticas não estar relacionada a uma função fonológica. Salientamos, ainda, o contraste mais fundamental entre a relação fonético-fonológica no PB e no alemão, mostrado a seguir.

No PB, as fricativas velar [x] e glotal [h] integram o quadro fonético dos róticos, e pertencem ao(s) fonema(s) (do) “erre(s)”. A diferença entre o tepe [r] e as variantes posteriores é lexicalmente significativo em português, ao passo que no alemão encontramos o quadro oposto: as trocas entre a alveolar e a uvular não alteram o significado, enquanto as fricativas velar [x] e glotal [h] constituem fonemas próprios. Perspectivizando esse contraste entre o PB e o alemão em termos da fonologia funcional, que parte da idéia de que contrastes fonéticos se formam na interação dos princípios articulatório (princípio de fazer o menor esforço articulatório) e perceptual (princípio de aumentar a perceptibilidade dos traços chaves que carregam a distinção lexical), vemos a oposição descrita a seguir.

No alemão é fonologicamente significativa a distinção:

- 1) entre qualquer uma das variantes alveolares [r] ou [r] e as uvulares [ʀ] ou [R] e a fricativa velar [x],
- 2) entre qualquer uma das variantes alveolares [r] ou [r] e as uvulares [ʀ] ou [R] e a fricativa glotal [h], e
- 3) entre a fricativa velar [x] e a fricativa glotal [h]⁶⁷.

No PB, conforme as descrições já estabelecidas, há somente uma oposição fonologicamente significativa: entre o tepe alveolar [r] e as demais variantes, tanto a vibrante alveolar [r], como também todas as variantes fricativas.

Conforme as diferenças e também das semelhanças entre os róticos no PB e no alemão descritas nesta seção, podemos assumir que um falante adulto do alemão, que aprende o PB como uma segunda língua, apresente uma interferência da língua materna com as seguintes conseqüências potenciais⁶⁸:

- 1) Problemas de distinção, na percepção e não produção, entre os dois tipos de róticos do PB. (Trocar, p. ex., “moro” por “morro” e vice versa).
- 2) Aplicação de variantes fonéticas pertencentes ao inventário fonético alemão inexistentes ou marcadas no PB. (P. ex., a vibrante uvular [R]).
- 3) Problemas de discriminação, compreensão e produção de variantes fonéticas de rótico no PB que, no alemão, são atribuídas a outros fonemas, como [x] e [h].

Essas potenciais interferências manifestam-se em cada aprendiz em grau e modo diferentes. Assumimos que, a situação do falante bilíngüe em Blumenau de hoje⁶⁹ difere ainda da situação do aprendiz monolíngüe alemão adulto que chega ao Brasil como imigrante. Podemos imaginar que a primeira geração de imigrantes estava frente a um certo “impacto” do contato entre o português e o alemão, desenvolvendo, provavelmente, algumas formas *pidginizadas* que, por sua vez,

⁶⁷ Essa última distinção é questionada, comparar a nota de rodapé 65, por não contrastar em nenhuma posição, uma vez que [x] somente ocorre em posição pós-vocálica e [h] somente em pré-vocálica.

⁶⁸ Dependendo ainda de fatores individuais, quais manifestações de interferência realmente são encontradas na pronúncia de um falante não-nativo do PB.

⁶⁹ Mais especificamente, dos meados da década de 1990 a 2000, em qual foi realizada a coleta dos dados pelo projeto VARSUL.

modificaram, talvez diminuíram em alguns aspectos o quadro dos róticos do alemão e do PB, aumentando o, em outros. As gerações seguintes, ou, melhor colocar, os indivíduos pertencentes a gerações seguintes, cresceram e adquiriram, em formas de bilingüismo e bilingüidade diferentes no que concerne modo de aquisição / aprendizagem e grau de domínio, conforme exposto por Heye (2003, seção 3.2.1). O quadro contrastivo, que expomos na figura 11, não reflete a real relação de formas fonéticas e fonológicas presentes na biografia lingüística dos falantes considerados para o nosso estudo. Esse quadro somente pode ser imaginado como uma aproximação. Suponhamos que a realidade seja mais complexa.

No capítulo 4 damos prosseguimento às nossas considerações em relação ao quadro fonético-fonológico aqui proposto. Porém, antes de podermos passar para as teorias e análises fonológicas chaves de nosso trabalho, mostraremos como, a nosso ver, a situação de línguas em contato investigada nesta seção se relaciona com a nossa abordagem fonológica. Propomos que o contato lingüístico na região sob estudo sirva, antes de tudo, como um pano de fundo para a nossa análise.

3.3.3 O contato lingüístico como pano de fundo para a análise fonológica

Mostramos, até aqui, que o fenômeno dos róticos não apresenta homogeneidade em nenhuma das variedades que compõem e contribuem para o contato lingüístico entre o alemão e o português na região de Blumenau. Notamos a grande variação fonética, assim como a questão fonológica controversa para o PB em geral, descrevemos a origem pluri-dialetal e a influência inter-dialetal e intra-lingual das variedades alemãs e do português falado em Blumenau desde o início do contato entre essas duas línguas na região. Por último, verificamos que tampouco há homogeneidade nos graus de aquisição, aprendizagem e mesmo uso das variedades dessas duas línguas em Blumenau hoje.

Considerando esse quadro bastante diversificado e heterogêneo, julgamos justificada o bastante a nossa proposta de desistir de uma simples análise contrastiva para chegar a conclusões sobre uma possível interferência do alemão no PB de Blumenau. Numa abordagem alternativa a essa, nossa intenção é trazer para a discussão a visão de Földes (2002) e Rosenberg (2005), a respeito de como se pode

inserir a questão do contato lingüístico em uma análise fonológica de caráter mais abrangente, ou seja, que visa o indivíduo, a gramática individual e possíveis formas em conflito.

Tanto Földes (2002) quanto Rosenberg (2005) salientam, em seus trabalhos sobre o contato lingüístico entre o alemão e outras línguas, o potencial desse tipo de análise no sentido de aumentar a compreensão da língua em questão de modo geral. No nosso caso, vale frisar, uma tal interpretação se aplica não somente à variedade de Blumenau, mas ao PB em geral. Seguindo as propostas desses dois autores, propomos encarar nosso caso teuto-brasileiro como um contexto lingüístico mais receptivo, devido à sua relativa instabilidade, o que pode aumentar a emergência de novas formas fonéticas e novos meios de organização fonológica dessas formas nas gramáticas individuais dos falantes em questão.

Como já proposto anteriormente, tomamos para análise o caso do PB de Blumenau, que é tido, no senso comum, como um exemplo de variedade onde não há distinção entre os dois tipos de rótico fonologicamente diferentes, e que se configura como um caso extremo de uma tendência relatada para o português de todo o Sul em geral. O caso de Lages, embora também seja uma comunidade sujeita a vários fatores históricos e sociolingüísticos que trazem instabilidade e podem gerar um maior número de emergências fonético-fonológicas nos róticos, é tomado como uma comunidade comparável, em vários aspectos, à de Blumenau, exceto no ponto do bilingüismo e bilingüidade teuto-português de ainda hoje em dia. Ou seja, a escolha de Lages como ponto de comparação com a fala dos indivíduos de Blumenau, deve-se à ausência do contato lingüístico nesta cidade.

3.4 Contextualização sócio-histórica da cidade de Lages e a imigração alemã no município

No banco de dados do VARSUL, a cidade de Lages representa a colonização gaúcha no estado de Santa Catarina. Porém, há também imigrantes oriundos, entre outros, da Alemanha e de colônias antigas alemãs dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Resumimos, nos parágrafos a seguir, algumas informações que encontramos sobre o aspecto da imigração alemã em Lages, para depois comparar o

quadro de contato de línguas exposto para o caso de Blumenau, com o caso de Lages⁷⁰.

Lages, a cidade principal da região Serrana do Estado de Santa Catarina, foi fundada em 1766, originalmente em um lugar chamado Taipa, onde existia uma ermida levantada por tropeiros, sob a capitania de São Paulo.

A localidade devia servir como defesa contra a invasão dos castelhanos que cobiçavam as terras, ao mesmo tempo em que oferecia proteção aos tropeiros e viajantes que cruzavam o Planalto Serrano transportando gado do Rio Grande do Sul para São Paulo⁷¹. Em 1820 foi desanexada de São Paulo e passou a fazer parte de Santa Catarina. A sua função de estalagem na rota comercial entre o Rio Grande do Sul e São Paulo, principalmente na passagem do gado dos campos gaúchos para abastecer os trabalhadores da extração de ouro em Minas Gerais, deixou marcas, até hoje, na economia lageana, que é basicamente sustentada pela pecuária, agricultura e indústria madeireira.

A partir do final do século XIX, o território de Lages passou a receber imigrantes alemães e italianos. Havia, parcialmente, imigração vinda diretamente desses dois países de origem; porém, em grande parte, tratava-se de imigração de descendentes de alemães e italianos vindos do Rio Grande do Sul e de outras colônias alemãs de Santa Catarina. Dessa forma, os alemães, entre esses grupos sociais, já trouxeram consigo uma mistura teuto-brasileira, ou teuto-gaúcha, de costumes e cultura⁷². Castello Branco (2001) descreve, na sua dissertação de mestrado, como o discurso político-ideológico “determinado[...] a formular uma identidade nacional homogênea” esqueceu do elemento de constituição do sentimento de identidade dos imigrantes alemães e seus descendentes. A autora afirma que esse grupo, os alemães em Lages, viveram “uma trajetória de tensões e conflitos [...] que se deram naquela cidade de modo diferente de outras regiões de colonização alemã do estado

⁷⁰ Infelizmente, no caso de Lages, encontramos um número muito limitado de trabalhos científicos históricos que abordassem especialmente o aspecto da imigração alemã no município. As nossas informações baseiam-se, principalmente, no trabalho de Castello Branco (2001).

⁷¹ Fonte: <http://www.sc.gov.br>

⁷² “Os alemães residentes em Lages, [...] geralmente eram oriundos de antigas colônias, situadas nos caminhos Lages-Desterro/Florianópolis, Lages-São José e Lages-Blumenau.” (Citação do resumo do projeto de pesquisa “Alemães e seus descendentes na área rural de Lages durante a Primeira República”, sob coordenação de Valberto Dirksen em cooperação com Juçara de Souza Castello Branco e João Klug. disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4767632H2>>)

de Santa Catarina.”⁷³ Castello Branco fala em uma desintegração desse grupo étnico, devida à baixa densidade demográfica que favorecia a miscigenação e assimilação da cultura luso-brasileira em maior grau do que se reporta das antigas colônias alemães, como, por exemplo, no caso de Blumenau.

Vemos, então, que há uma influência histórica da imigração alemã no Estado de Santa Catarina e também na formação da comunidade da cidade de Lages. Contudo, o grupo étnico de imigrantes alemães e seus descendentes, diferentemente do que aconteceu em Blumenau, se manteve menos separado de outras tendências culturais da região, o que contribuiu para a deterioração da cultura e da língua alemã.

Podemos assumir, nos termos de Heye (2003), discutidos acima, que o bilingüismo teuto-português na região de Lages deve ter sido minoritário e residual e, conforme os períodos pesquisados por Castello Branco (2001), moribundo aproximadamente na época do Estado Novo. A formação da variedade lageana esteve sujeita a influências de mistura de variedades brasileiras catarinenses, gaúchas, paulistas e até mineiras (pela influência tropeira), e também, embora em grau, extensão e período inferior do que no caso de Blumenau, ao contato de línguas entre, principalmente, o português, o alemão e o italiano com outras variedades do Sul.

Resumindo a contextualização sócio-histórica da imigração alemã na região de Lages, chegamos à conclusão de que, para esse caso, é verdadeira a afirmação de Földes (1999) de que dificilmente se encontram línguas vivas naturais em estado de puro monolingüismo, e de que, antes, deve se assumir um gradiente entre um relativo monolingüismo e um relativo bilingüismo. Dessa forma, podemos tratar Blumenau como uma comunidade relativamente bilíngüe, e Lages como relativamente monolíngüe.

Em Lages, a influência cultural e lingüística alemã é, provavelmente, sobreposta pela influência intra-varietal da migração de grupos entre os Estados do Sul e Sudeste. Essa migração pode ser vista também como fonte de instabilidade para o sistema (nesse caso, a variedade lageana do PB), parecida, embora de outra origem,

⁷³ A fonte dessa citação é o resumo da dissertação de mestrado da autora, disponível em: <<http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200123441001010004P5>>

com a instabilidade causada pelo contato entre línguas em Blumenau, conforme expomos na seção 3.3.3.

3.5 Resumo do capítulo

Neste capítulo, mostramos o contato entre o alemão e o PB na região de Blumenau em suas diferentes etapas sócio-históricas até o presente, além de apresentar resultados de dois estudos, que compartilham algumas características semelhantes, sobre o contato lingüístico entre o italiano e o PB no Sul do Brasil. Vimos que há uma grande diversidade de dialetos, como também influências de diferentes características que contribuíram e ainda contribuem para a formação da variedade do PB em contato com o alemão. Descrevemos o quadro fonético-fonológico dos róticos no PB e no alemão, mas sem formular hipóteses sobre possíveis influências baseadas somente na comparação contrastiva entre as duas línguas. Face a tamanha diversidade, argumentamos pela impossibilidade de assumir, como mecanismo explanatório, simplesmente a existência de traços de interferência do alemão sobre o português. Admitimos que não é possível explicar os desvios que se percebem ao se comparar a pronúncia dos róticos no PB de Blumenau com o padrão esperado (conforme descrito no capítulo 2) com base apenas na noção de línguas em contato, mais especificamente, considerando somente os diferentes estágios de bilingüidade e bilingüismo na situação de mudança em curso atual.

Propomos, então, caracterizar a situação de contato entre línguas como um pano de fundo para a nossa análise fonológica, assumindo que uma variedade dialetal, historicamente sujeita a influência externa de outra língua (ou de outros dialetos) e atualmente sujeita a mudanças sociolingüísticas (como a diminuição de falantes bilingües e a tendência para o monolingüismo português na região), pode se constituir num *locus* de análise capaz de proporcionar um olhar diferente sobre o português e, conseqüentemente, desvelar aspectos que, em outros tipos de análise, se ocultam.

Consideramos que esse cenário de contato lingüístico não-estável representa um momento sociolingüístico que leva, mais do que outras situações lingüisticamente

mais estáveis, à emergência de novas formas fonéticas e causa, no sistema, novos modos de organização e de mapeamento dessas formas.

Trazendo algumas características históricas e sociolingüísticas da cidade em comparação com Blumenau, Lages, percebemos que nessa também há, devido à influência do contato intravarietal, forças desestabilizadoras que podem atingir o quadro de formas fonético-fonológicas dos róticos dos falantes em uma comunidade. Sendo assim, a comparação entre ambas as cidades concentra-se menos no grau de estabilidade ou instabilidade lingüística, e mais no fator contato de línguas. Nos capítulos 6 e 7, quando apresentarmos a comparação dos falantes de Blumenau e de Lages, os perfis individuais dos falantes considerados para este estudo, veremos que o aspecto bilingüismo / bilingüidade constitui o divisor mais saliente entre um grupo de falantes e o outro.

No capítulo a seguir, trataremos mais da questão da estabilidade e instabilidade lingüística dentro do conceito de língua como sistema complexo, o qual constitui o fundamento teórico da nossa abordagem.

4 A abordagem deste estudo

Neste capítulo apresentamos o conceito de gramática individual. A gramática individual constitui o domínio em que pesquisamos o quadro fonético-fonológico dos róticos. O capítulo é dividido em quatro seções. Primeiro, em 4.1, introduzimos a abordagem da lingüística funcional, relacionando-a com os modelos gerativo e estruturalista dos róticos expostos no capítulo 2. Em 4.2, tratamos do conceito de língua em que baseamos o nosso estudo e dentro do qual a) concebemos o âmbito fonético-fonológico que discutimos em 4.3 e, b) desenvolvemos uma proposta para a representação da gramática individual, sobre a qual nos debruçamos em 4.4.

A discussão neste capítulo é orientada pelas seguintes questões: (1) O que é a gramática individual e como ela se relaciona com e se situa face ao conceito de língua como um sistema complexo? (2) Como é a relação entre os domínios lingüísticos no interior do sistema complexo e como concebemos o âmbito fonético-fonológico dentro desse conceito? Seguindo essas perguntas e desenvolvendo a nossa abordagem dentro do fio condutor por elas constituído, pretendemos chegar, no final do capítulo, a propor uma representação fonético-fonológica na gramática individual.

Os principais trabalhos nos quais orientamos a construção da abordagem teórica para o nosso estudo, a saber, o paradigma dinâmico de Wilden (2005), a teoria da gramática emergente de Hopper (1987) e os fundamentos teóricos da lingüística interacional de Selting e Couper-Kuhlen (2000) serão introduzidos na seção 4.2. Na seção 4.3 discutimos o aspecto fonético-fonológico que integra o sistema complexo da língua, trazendo os trabalhos de Boersma (1998) e de De Boer (1997). Uma vez que recusamos a visão fonológica estruturalista e, portanto, não utilizamos o conceito de fonema concebido por ela, precisamos analisar que tipo de representação lingüística pode substituir o fonema para os fins de nossa análise. Com esse objetivo, na seção 4.4, avaliamos a concepção de Bybee (2001 e 2005) acerca da fonologia de uso e a adaptamos à nossa proposta de abordagem para chegar a uma síntese teórica e uma breve antecipação das implicações do nosso modelo teórico para a metodologia a ser aplicada neste estudo.

4.1 A lingüística funcional

Nos modelos estruturalista e gerativo, cuja interpretação dos róticos do PB apresentamos no capítulo 2, criticamos a distância de abstração que apresentam entre o dado fonético e a interpretação fonológica. Neste capítulo argumentaremos em favor de uma aproximação dos domínios fonético e fonológico e da consideração do detalhe fonético para um modelo fonológico dos róticos. O modelo gerativo concebe uma distinção entre a estrutura profunda e a estrutura superficial, apresentando uma semelhança com o estruturalista neste aspecto. A fonética é considerada a manifestação na superfície⁷⁴. Assim o modelo gerativo recorre a níveis de explanação diferentes, a língua é explicada através de uma abstração em forma da competência ideal. O que acontece na superfície é visto como causado por aspectos performativos, não entendidos como lingüísticos propriamente ditos. Por exemplo, na interpretação dos róticos por Monaretto (1997), por um lado, há a motivação intrinsecamente fonológica que causa a regularidade na pronúncia; por outro, a motivação sociolingüística a que a autora recorre para explicar todos os tipos de desvio do comportamento regular esperado. No entanto, não há explicação sobre por que ora há o comportamento regular, ora o desviante, e por que ora os fatores sociolingüísticos interferem, ora não se aplicam. Já para o nosso estudo, o que interessa é uma visão dos róticos como um só fenômeno. A desconsideração do detalhe fonético leva justamente a uma representação fonológica muito abstrata e ao tratamento das “irregularidades” fonéticas como meramente performativas.

No PB, os róticos formam um conjunto de sons especialmente intrincado e a variedade da qual partimos em nossa análise, o PB de Blumenau, está sob a influência do contato com o alemão. Consideramos que tal situação demanda a necessidade de se aplicar uma metodologia exploratória, começando por uma descrição fonética mais cautelosa para, então, desenvolver uma abordagem fonológica que inclua a diversidade das variantes.

Para poder dar conta de todas as formas de rótico que se encontram na fala dos indivíduos analisada neste estudo, precisamos recorrer a um conceito de língua (a) que abranja a possibilidade de emergência de novas formas e estruturas, (b) que permita considerar diferenças gradativas e não somente categóricas, e

⁷⁴ Motivo pelo qual é comum encontrar, em descrições gerativas, a idéia de que uma forma fonológica subjacente se “superficializa” foneticamente.

(c) que considere a influência simultânea de fatores oriundos de diversos domínios interligados. Esse conceito é que nos propomos a desenvolver neste capítulo. Trata-se de conceber a língua como um sistema complexo. Tentaremos analisar a variação fonético-fonológica dentro do sistema, e não à parte dele, integrando o conceito de gramática individual nessa visão do sistema complexo.

4.2 A língua como sistema complexo

Começamos esta seção com um resumo introdutório daquilo que, neste trabalho, entendemos por um sistema complexo, antecipando os conceitos-chave que apresentaremos e discutiremos de modo mais abrangente no decorrer do capítulo.

Os estudos lingüísticos realizados na linha funcionalista não se inscrevem num quadro teórico unificado, uma vez que a lingüística funcional recobre diferentes vertentes. Eles apresentam um alto grau de pluralidade e diversidade nas suas origens. Para o nosso estudo, o conceito de língua que serve como fundamento à escolha e à definição da abordagem fonológica funcional proposta, é baseado na noção de língua como um meio de comunicação que é tanto *resultado de*, quanto um *instrumento para* a constituição da interação social entre os seres humanos. Concebemos a língua como:

- 1) um sistema complexo (WILDGEN, 2005), (discutido em 4.2.1);
- 2) composta por formas e organizações dessas formas emergentes (HOPPER, 1987), (em 4.2.2); e
- 3) representada na gramática individual, sendo um recurso para a organização da interação humana (SELTING, COUPER-KUHLEN, 2000), (em 4.2.3).

Para a elaboração teórico-metodológica da nossa proposta de abordagem funcional que concebe a língua como um sistema complexo, partimos do postulado de Wildgen (2005) acerca do paradigma dinâmico, depois discutimos a emergência da gramática na perspectiva de Hopper (1987). No final desta seção apresentamos a nossa noção de gramática individual, situando-a face ao conceito de língua como um recurso para a interação humana (SELTING, COUPER-KUHLEN, 2000). Após essa reflexão teórica acerca da relação entre o sistema complexo e a gramática

individual e após ter discutido a interface entre a fonética e a fonologia na seção 4.3, voltaremos à questão da gramática individual na seção 4.4, quando iremos expor a questão da representação fonético-fonológica na gramática individual.

Nos aspectos acima listados – a complexidade, a emergência, o conceito de gramática individual e de língua como um recurso da interação humana –, revela-se a diferença fundamental entre a perspectiva funcional adotada nesta tese e a perspectiva estruturalista, caracterizada pelo dualismo *langue vs. parole* de Saussure ou competência vs. performance do modelo gerativo. Esses conceitos de altíssima influência na lingüística do século XX são explicitamente rejeitados por, entre outros, De Boer (1996:96): “[...] language is a collective phenomenon. Nobody is in control of the language, and no speaker has a complete and accurate image of the language.”

Antes de detalhar os principais postulados dos autores citados nesta seção, delineamos, abaixo, a relação que estabelecemos entre seus conceitos e a nossa proposta de abordagem.

A língua, segundo as premissas com as quais dialogamos neste capítulo, é um sistema complexo dentro do qual existem formas e organizações dessas formas que estão em um perpétuo desenvolvimento ou mudança. A mudança é o resultado de uma competição de forças adversárias. Essas forças são, por um lado, processos que favorecem a estabilidade do sistema, através, por exemplo, da convencionalização de formas lingüísticas; por outro lado, são processos de inovação lingüística. A noção fundamental para captar o desenvolvimento, a modificação, a inovação e renovação dentro do sistema é a noção de emergência gramatical⁷⁵. A localização da gramática e, portanto, da emergência, está no indivíduo e o processo pelo qual emergências nas gramáticas individuais podem estender-se e reproduzir-se através do sistema, é a interação humana. O nosso estudo, no seu recorte empírico, não contempla diretamente a questão da interação, não obstante, julgamos importante trazer alguns pressupostos da lingüística interacional à nossa discussão uma vez que a interação humana necessariamente integra o modelo que conecta o sistema complexo – a gramática individual – a noção de emergência. A interação lingüística fornece a esse modelo a ligação entre um

⁷⁵ Por “gramatical” entende-se não o domínio da gramática ou sintaxe, e sim a organização ou estrutura lingüística.

indivíduo e o outro, entre uma gramática individual e a outra e, assim, entre a gramática individual e a língua como um sistema complexo.

4.2.1 O paradigma dinâmico - por Wildgen (2005)

O paradigma dinâmico de Wildgen (2005), que envolve a noção de sistema complexo, é baseado na teoria do caos, segundo o modelo de Thom (1983), cuja origem é matemática.

Para compreender a complexidade do sistema, é crucial, segundo o autor, a noção do processo. São os processos de interação e influência recíproca entre os elementos e a estrutura do sistema que geram a estabilidade. No sistema complexo, os elementos que são partes em relação ao todo, também são um todo em relação aos elementos menores que o compõem. Assim como a língua, por exemplo, é uma parte em relação à interação social como um todo, o sistema lingüístico também constitui um todo em relação aos domínios (fonologia, léxico, sintaxe, etc.) que, por sua vez, são compostos por partes. Num sistema complexo há, permanentemente, a interação de uma parte qualquer em relação às outras partes e ao todo e, ao mesmo tempo, do próprio sistema em relação às partes que o integram.

A ação, a reação e a interação dos agentes do sistema são processos que se desenvolvem sem que haja uma ordem centralizada e superior que controle a atividade de cada um. O comportamento coletivo do sistema é o resultado da adição e interação de todos os comportamentos individuais⁷⁶. Uma língua é o conjunto de todas as gramáticas individuais que nela interagem e com ela contribuem⁷⁷.

O modelo de Wildgen prevê um ciclo entre os processos que mantêm a estabilidade e os processos que permitem a emergência de novas formas. Esses dois processos, no sistema lingüístico, estão presentes e ativos da seguinte maneira. A solução de problemas comunicativos *ad hoc* na interação humana direta trabalha como um processo gerador de novas formas. Quando meios lingüísticos específicos para a

⁷⁶ Ver Holland (1992).

⁷⁷ Como se pode perceber, o sistema complexo não é um sistema, como compreendido pelo estruturalismo ou pelo gerativismo, no sentido de estruturas, regras fixas ou uma gramática universal às quais o comportamento lingüístico está sujeito.

solução de problemas comunicativos se tornam convenções, estamos frente a um processo estabilizador.

Lembrando, porém, da interação interna do sistema complexo bem como de sua interação com o meio contextual e sua sensibilidade também aos fatores externos, compreendemos que não pode haver uma dominância absoluta dos processos convencionalizadores, mas somente uma aproximação ao equilíbrio, entre a geração de novas formas e a estabilidade das formas convencionalizadas.

4.2.2 A gramática emergente segundo Hopper (1987)

A proposta teórica de Hopper (1987) compartilha em boa parte a visão de Wildgen (2005)⁷⁸. Os dois autores têm em comum, essencialmente, a rejeição ao conceito de gramática como um domínio abstrato e superior à língua usada pelos seus falantes. O ponto de partida da Gramática Emergente de Hopper (1987) é a crítica à interpretação dualista da língua (gramática) como um conjunto de regras e o seu uso concreto como mera implementação dessas regras. O termo “emergente” é adaptado de Clifford (1986), cuja referência à “cultura” é atribuída analogicamente à gramática por Hopper (1987), que afirma ser a gramática temporal, emergente e disputada. É temporal porque a língua precisa ser vista como um fenômeno social no seu contexto em tempo real. Como a sua estrutura está permanentemente em desenvolvimento em um processo infinito, fornece a possibilidade de gerar algo novo, imprevisível, que são as formas e estruturas emergentes. A disputa, ou a negociação, é resultado do encontro, parcialmente conflitante, de dois ou mais sistemas de representação. De fato, Hopper (1987) nega a existência de uma só representação mental como proposto na idéia de competência na gramática gerativa. “There is no room – no need – for mediation between mental structures.” (HOPPER, 1987:143). Para Hopper, a representação é individual e depende da experiência de cada falante, do acesso e da interpretação de cada falante em relação ao contexto comunicativo concreto.

Assim, a experiência e a interpretação de dois interlocutores em um contexto concreto podem ser muito diferentes – o que leva à negociação e à disputa. Não há

⁷⁸ Embora que não haja indícios de que Hopper conhecesse o trabalho de Wildgen (2005), primeiro publicado em 1987.

nenhum falante que possua a competência mais completa e mais correta do que a competência de outros. Nessa noção de emergência da gramática, as regularidades da língua (da gramática, no seu sentido mais amplo) surgem do discurso. Enquanto o discurso confere forma às estruturas, elas também o formam em um processo recíproco. A estrutura lingüística, nessa visão, não é um sistema de princípios abstratos, mas sim vista como um espriamento da sistematicidade de itens individuais, como palavras, frases e colocações padronizadas curtas (HOPPER, 1987:141).

Gostaríamos de salientar três aspectos que são significativos para o nosso trabalho e que não aparecem na discussão da teoria de Wildgen (2005), na seção anterior. O primeiro está relacionado à afirmação de Hopper (1987:143) de que “speaking is more similar to remembering procedures than it is to following rules”. Esse aspecto e também o segundo, que trata da questão do espriamento, são fundamentais para a noção de representação (individual ou coletiva) que pretendemos discutir na seção 4.4, na qual questionamos o sistema de fonemas da lingüística estruturalista e também os modelos gerativos de representação fonêmica, e avaliamos uma alternativa (BYBEE, 2001) para interpretar o fenômeno fonético-fonológico em foco nesta pesquisa. O último aspecto, a ser discutido nesta seção, é a questão de como a abordagem de Hopper (1987) e a nossa proposta de abordagem se situam no âmbito da lingüística funcional e da sociolingüística (como antecipamos rapidamente na introdução a este trabalho). Hopper (1987) posiciona-se de maneira bastante explícita não somente contra a lingüística gerativa, mas contra toda a lingüística estruturalista⁷⁹. Contudo, existe a possibilidade de compatibilizar o modelo de Hopper (1987) com abordagens funcionais mais “moderadas” como, por exemplo, com o modelo estruturalista-funcional⁸⁰ de Givón (1995) ou com a adaptação de Tavares (2003) chamada de sociofuncionalismo. Tavares (2003) salienta a diferença entre o modelo funcional e a sociolingüística laboviana, colocando que:

⁷⁹ Observamos que o termo estruturalismo na lingüística pode ser entendido de maneira mais estreita, relacionado a (diversos) modelos seguidores do saussurianismo e em oposição à lingüística gerativa, ou então, de maneira ampla, incluindo todas as teorias que se referem a uma análise isolada do sistema lingüístico. A nossa referência é ao termo estruturalismo no seu sentido amplo, incluindo assim tanto os modelos baseados em Saussure, quanto também a lingüística gerativa proposta por Chomsky e modelos seguidores.

⁸⁰ Termo proposto por Hoffmann (2003).

Diferentemente [da abordagem funcional de Hopper (1987)], WLH [Weinreich, Labov, Herzog] (1968) atribuem papel central às noções de sistema e de estrutura, considerando a língua um sistema regido por regras (in)variáveis entendidas como elementos estruturais, parte da competência lingüística dos falantes. Para os autores, aspectos funcionais ficam em segundo plano. [...] Nessa linha, Labov (1994) nega que a função exerça motivação significativa sobre a constituição da estrutura ou mesmo que desempenhe papel relevante no rol de causas da variação e da mudança lingüística. (TAVARES, 2003:187).

O que, para a lingüística funcional na proposta de Hopper (1987), é a convenção, sujeita à mudança permanente e resultante de eterna negociação, não deve jamais ser confundido com o sistema no sentido estruturalista da *langue* e tampouco com a *parole*. A teoria funcional do Hopper (1987) e a de Wildgen (2005), e também a abordagem proposta para este trabalho, não separam os dois níveis, nelas não existe a distinção dualista. Compartilhamos a opinião de Hopper (1987) de que a fala é antes um processo orientado pela experiência e memória do falante do que a observância ou implementação de regras. A idéia de espraiamento exposta por Hopper (1987) leva à questão de como formas e estruturas lingüísticas (especialmente fonético-fonológicas) são memorizadas, uma vez que a noção de representação abstrata, como no conceito de *langue*, é recusada. A discussão desse questionamento é retomada na seção 4.3, quando falarmos de modelos exemplares e da proposta de uma gravação da imagem do som diretamente ligada ao léxico.

O significado dessa visão para abordagens fonético-fonológicas e particularmente para o nosso trabalho será discutido a partir da seção 4.3.1. Antes disso, gostaríamos de expor, de forma breve, a última das três propriedades consideradas essenciais para a nossa abordagem, a saber, a interação como constituída e constituinte da comunicação e das estruturas e formas lingüísticas. Para tanto, apresentamos, na seção a seguir, a proposta de Selting e Couper-Kuhlen (2000) no âmbito da lingüística interacional. Esse componente teórico completa a relação que tentamos estabelecer entre o indivíduo, a gramática individual e o sistema complexo da língua como um todo. Embora não analisemos a fala em interação, como já mencionado, precisamos ter uma noção de como se dá a constituição da língua através da interação entre indivíduos e gramáticas individuais.

4.2.3 A lingüística interacional segundo Selting e Couper-Kuhlen (2000)

A lingüística interacional apresentada nesta seção é baseada em Selting e Couper-Kuhlen (2000), e ancorada em conceitos da etnometodologia e da teoria da interação⁸¹. Abordagens vizinhas como a da análise da conversação também estão sendo consideradas e parcialmente integradas à lingüística interacional. Essa teoria entende as estruturas lingüísticas como resultado de processos interacionais (não-individuais), tratando-as como recursos flexíveis para a construção de significado, compreensão e interação social (SELTING, COUPER-KUHLEN, 2000:81). A pragmática, dentro dessa abordagem funcional, não é um sistema independente das outras faculdades lingüísticas. Ela é um fundamento da comunicação lingüística. Essencial para a análise de estruturas lingüísticas dentro de modelos funcionais em geral é a integração do ouvinte – como veremos também na proposta de Boersma (1998) (seção 4.2.2), que considera as categorias perceptuais como integrantes indispensáveis para a descrição fonética e fonológica.

Contudo, a lingüística interacional dá um passo além. Nessa teoria, o ouvinte não consiste apenas na parte receptiva, mas é visto como integrante ativo da interação. Ele dá retorno e influencia o falante paralelamente ao discurso dele. A intenção e os objetivos dos participantes ouvintes/falantes da interação são levados em consideração. Podemos dizer que há, antes, interlocutores, ou então dois participantes no contexto dialógico, e não um falante e um ouvinte. Na visão de Selting e Couper-Kuhlen (2000), o participante “ouvinte” exerce um papel ativo. A constituição de significado social e comunicativo se dá através da interação ativa de dois participantes igualmente e continuamente envolvidos. Na abordagem da lingüística interacional são chamados também de participantes cooperativos⁸². Ao longo de um diálogo, por exemplo, a participação do interlocutor que temporariamente exerce o papel atribuído ao “ouvinte” não é tida em menor grau que a do “falante”. Nessa noção encontramos uma conexão mais próxima ainda de disputa, nos termos de Hopper (1987), ou então de negociação (SELTING, COUPER-KUHLEN, 2000) entre objetivos, interpretações (do mundo, imagens, etc.) e as duas gramáticas dos interlocutores.

⁸¹ Ver Auer (1999).

⁸² Para a cooperação de falantes-ouvintes veja, por exemplo, os trabalhos dentro da Lingüística Interacional de Selting (2000) e Szczepek (2000a e 2000b).

Reunindo as contribuições das três linhas teóricas expostas neste capítulo, temos o panorama sintetizado a seguir. Da proposta de Selting e Couper-Kuhlen (2000), interessa ao desenvolvimento da abordagem aqui proposta a) a relação entre o indivíduo e o sistema e b) a forma pela qual se compreende a disputa entre as gramáticas individuais. De Wildgen (2005), vamos trabalhar com a noção de que a língua é um sistema complexo, inserido em um sistema maior que abrange vários subsistemas. E com Hopper (1987), assumimos a perspectiva da emergência de novas formas. Mas para completar a nossa proposta de abordagem funcional é importante salientar que a auto-organização (na gênese da situação de fala concreta, como coloca Wildgen (2005)) e a negociação e disputa das formas e significados são realizadas por falantes humanos. Mais adiante, na seção 4.3.3 expomos um experimento com agentes múltiplos de inteligência artificial que foi realizado para modelar a auto-organização do sistema fonêmico vocálico. Acreditamos que esse tipo de experimento pode retratar certo aspecto da auto-organização. Porém, não podemos deixar de considerar que os seres humanos interagem de maneira bem mais complexa e com muito maior sensibilidade às condições do contexto e dos vários meios lingüísticos, um nível de interação que modelos e algoritmos jamais poderão realizar.

Após as considerações sobre a abordagem da lingüística funcional dentro de uma visão do sistema lingüístico como auto-organizador, emergente e interacional, chegamos aqui à questão de como especialmente os domínios da fonética e da fonologia, ou, como preferimos colocar, o domínio fonético-fonológico se encaixa nessa visão. Na seção 4.3 tentaremos expor o que significa estudar um objeto fonético-fonológico, para depois, na seção 4.4, voltar à questão sobre o que entra no lugar da representação mental e como estruturas e formas fonético-fonológicas são memorizadas, acessadas e processadas pelos falantes.

4.3 O domínio fonético-fonológico

Embora haja um incremento em número de estudos funcionalistas no mundo e no Brasil (NEVES, 1999), especialmente a partir das últimas duas décadas do século 20, essa tendência atinge mais fortemente a área da sintaxe do que da fonética e da fonologia, especialmente no que diz respeito à interface entre ambas. No Brasil predominam trabalhos exclusivamente fonéticos descritivos ou estudos fonológicos

na linha gerativa que tratam da variação fonética, no caso dos róticos, entre outros, como um fenômeno de superfície sujeito à “mera” influência sociolingüística, que não vem ao caso na interpretação do nível fonológico. As poucas exceções dessa tendência são, por exemplo, os trabalhos de Silva (1999; SILVA *et alii*, 2001) e Cristófaros-Silva (2002, 2006) que dão mais realce ao detalhe fonético na análise, categorização e representação fonológicas. A proposta de substituição do conceito de fonema dentro de uma abordagem funcional e não-estruturalista não é um fato inédito. Não obstante, trata-se de um procedimento ainda pouco difundido no Brasil. É nesse âmbito que se insere a nossa proposta de abordagem.

Antes de voltar à questão da representação discutida por Cristófaros-Silva (2006), na seção 4.4, julgamos importante adiantar a discussão sobre a relação entre a fonética e a fonologia e os processos da emergência em ambos os domínios, o que pretendemos nesta seção. Começaremos por examinar alguns aspectos fonéticos e mostrar sua relação com a fonologia na seção 4.3.1, para na seção 4.3.2 apresentar a proposta de Boersma (1998) de uma fonologia funcional baseada integralmente no balanceamento entre os princípios articulatórios e perceptuais. Essa abordagem é chamada pelo autor de Teoria da Otimalidade Funcional. Em seguida, daremos continuidade à discussão da emergência, agora voltada à fonologia, retomando o trabalho de Wildgen (2005) – o qual também compartilha a visão da necessidade de reunificação ou, pelo menos, de reaproximação dos domínios da fonética e da fonologia – e introduzindo os estudos de De Boer (1996 e 1997), na seção 4.3.3. Esses autores discutem a emergência do sistema fonológico baseando-se, principalmente, em experimentos de agentes múltiplos de inteligência artificial, mostrando que os agentes chegaram a desenvolver um sistema fonológico quase humano sem depender de nenhum conhecimento de “regras” lingüísticas e seguindo somente restrições de percepção e produção de sons.

4.3.1 O papel da fonética em uma abordagem fonológica funcional

Considerando a importância com que a fonologia funcional – especialmente nas linhas teóricas que contemplam a emergência, como as de Wildgen (2005) e Hopper (1999) – trata da sua relação com a fonética, sentimos necessidade de examinar a relação entre esses dois campos lingüísticos, tradicionalmente separados em duas disciplinas diferentes, e de examinar a qual fonética ou quais aspectos fonéticos se referem esses domínios. Além do mais, descrevemos a relação pouco coerente entre

as formas fonéticas, com sua grande variação, descritas pelo PB e as suas interpretações fonológicas, motivo pelo qual julgamos pertinente propor uma nova análise tanto no âmbito fonético quanto no fonológico. Nesta seção pretendemos esclarecer os aspectos fonéticos para, nas subseções a seguir, retomar a questão da interface entre os dois domínios, examinando como a fonética, conforme exposta aqui, entra na abordagem da fonologia funcional e emergente.

Em relação à fonética dos róticos no PB, discutimos no capítulo 2 a tendência do assim chamado “r-forte” à posteriorização. Porém, as formas “posteriorizadas”, ou seja, fricativas velares e uvulares, às vezes não são consideradas pela abordagem fonológica. No modelo gerativo formal, conforme a proposta de Monaretto (1997), as formas fricativas não fazem parte da representação mental, o que motivou a crítica formulada por Silva (1999).

A fonética e a fonologia partilham o mesmo campo de interesse: os sons de uma língua e das línguas em geral. Normalmente, atribui-se à fonética o estudo dos aspectos físicos da produção e percepção desses sons, enquanto se diz caber à fonologia estudar as relações entre os aspectos (ou traços) dos sons que contribuem para a constituição do significado. Porém, as duas disciplinas relacionam-se de maneira bastante complexa, de modo que o objetivo mais amplo de ambas as torna complementares. Clark e Yallop (1990) apontam que, nas definições que procuram distinguir as duas disciplinas, muitas vezes há a tendência de querer subordinar uma à outra. Ora se encontra o argumento de que somente a fonologia estaria tratando da verdadeira realidade mental, enquanto a fonética se preocuparia com os “meros” aspectos físicos⁸³, ora se inverte o julgamento, afirmando que somente a fonética estaria tratando da realidade objetiva, enquanto a fonologia estaria se preocupando “apologeticamente” (CLARK, YALLOP, 1990:3) com a organização dessa realidade.

O estabelecimento dos dois campos como disciplinas separadas origina-se com o advento do estruturalismo, primeiramente, através dos ensinamentos de Ferdinand de Saussure, ganhando o seu perfil definitivo com a Escola de Praga, especialmente através de um de seus representantes mais importantes, Nikolaus S. Trubetzkoy.

⁸³ Por exemplo, quando se afirma que “[...] estudos fonéticos podem auxiliar a fonologia.” (HERNANDORENA, 2001:13) sem também comentar o “auxílio” que a fonologia fornece à fonética.

Essa distinção marcou todos os conceitos de maior influência da fonologia até hoje em dia. Ohala (1991:8) comenta que, desde então, há uma ênfase no aspecto sistêmico (fonológico) pelo qual a fonologia se livrou parcialmente da preocupação com a fonética física e os seus métodos de ciência exata. Porém, Ohala julga o conceito de fonética de Trubetzkoy um tanto estereotipado, e reclama que este falha por igualar o objeto imediato e visível ao objeto superposto. “[...] equating the immediate, visible object of study to the ultimate object of study.” (OHALA, 1991:8). Para Ohala, o objeto imediato é formado pelos sons e sua articulação. O objeto “último” seriam as causas fundamentais do comportamento dos sons das línguas em um sentido bem amplo⁸⁴. É justamente nessa direção que argumentam as abordagens apresentadas nas seções 4.2.1, 4.2.2 e 4.2.3 – a separação da fonologia e a criação de uma representação do sistema abstraído da realidade fonética não podem ser mantidas em uma abordagem funcional no sentido proposto pelos autores acima referidos.

Apesar dessa separação tradicional, a fonologia nunca se afastou por completo da fonética, seja na perspectiva estruturalista ou na gerativista. O próprio conceito de fonema, tanto na linha européia, fortemente ligada a Trubetzkoy, quanto na linha norte-americana, ligada a Bloomfield (2001)⁸⁵, envolve conceitos fonético-articulatórios. Estes aparecem também na noção de traços (CLEMENTS, HUME, 1995) presente nas abordagens da fonologia gerativa autosegmental como, por exemplo, na teoria autosegmental e métrica⁸⁶ e na fonologia articulatória⁸⁷ (BROWMAN, GOLDSTEIN, 1993). Hayes (2000) propõe uma classificação de diferentes modos de analisar a interface entre fonética e fonologia como se encontram em tratamentos recentes, na maioria fonológicos, e menciona, entre outros, o modelo da Fonologia Funcional de Boersma (1998). Boersma, por sua vez, sustenta que a fonologia, quando leva em consideração a fonética, não pode se limitar a aspectos articulatórios, e sim, deve incluir também a área da fonética perceptual. Eis um dos elementos em que esta perspectiva funcional está mais distante dos enfoques formais. No Brasil, os trabalhos de Silva (1999; SILVA *et alii*

⁸⁴ Lindblom (1999:13), que recusa a distinção entre comportamento digital (fonológico) e análogo (fonético), afirma que “[...] phonology remains behaviour and continues to be analog.” Assim podemos entender o comportamento e as últimas causas como pertencentes ao âmbito fonético-fonológico.

⁸⁵ Tradução para o alemão do original inglês de 1933.

⁸⁶ Nesta tese representado pelo estudo de Monaretto (1997), descrito no capítulo 2.

⁸⁷ Abordagem aplicada por Silva (1999, 2000), a qual apresentamos na seção 4.3.

2001) e Cristófaros-Silva (2002 e 2006) são representantes de abordagens que estreitam as relações entre a fonética e a fonologia.

Cabe, neste ponto, esclarecer alguns aspectos de natureza fonética, especialmente os articulatórios e perceptuais, e também tratar da interface entre a fonética e a fonologia com vistas ao desenvolvimento de nossa própria abordagem.

Um aspecto muito importante diz respeito a que elementos da fonética os modelos fonológicos farão referência. Boersma (1998) mostra que tanto no estruturalismo *stricto sensu* como nos modelos gerativos há um enfoque⁸⁸ nos aspectos articulatórios e uma menor atenção aos aspectos perceptuais. Faremos aqui uma breve diferenciação entre as subdisciplinas articulatória, acústica e perceptual.

As três subdisciplinas em conjunto abrangem todo o processo da produção, transmissão e recepção do som da fala. Cada uma dessas subdisciplinas examina um aspecto desse processo, e é muito importante salientar que, embora os seus parâmetros estejam proximamente interligados, não há correlações exatas entre eles (ver figura 12, em baixo). O efeito no sinal acústico, por exemplo, pode ser resultado de um movimento (gesto) articulatório ou de outro (comparar nota de rodapé 92, neste capítulo). E a percepção auditiva nem sempre corresponde ao que se vê no sinal acústico, por exemplo, na visualização através do sonograma. Pelos processos físicos e neurofisiológicos, não é possível tratar totalmente separados os aspectos articulatório, acústico e perceptual. Em relação ao nosso trabalho e especificamente aos róticos, revisaremos alguns aspectos da fonética acústica. Neste momento, resta nos debruçarmos um pouco mais sobre algumas particularidades da fonética perceptual de modo a abordar as três subdisciplinas com abrangência semelhante neste estudo.

A fonética perceptual trabalha com conceitos próprios, ligados a conceitos acústicos. Não se trata de conceitos intercambiáveis, porque a acústica diz respeito ao que é físico e mensurável, enquanto os conceitos perceptuais se originam na capacidade auditiva (HIRST, DI CRISTO, 1998). Embora não haja uma relação biunívoca entre o parâmetro acústico e a impressão auditiva, há entre eles uma correlação aproximada, retratada no seguinte quadro.

⁸⁸ Segundo Boersma (1998), ora as teorias fonológicas gerativas ignoram os conceitos perceptuais, ora os misturam com conceitos articulatórios, o que o autor chama de “traço híbrido” (*hybrid feature*) (1998:16).

PARÂMETRO ACÚSTICO	IMPRESSÃO AUDITIVA
periodicidade	barulho vs. tom ⁸⁹
amplitude	volume
freqüência (fundamental)	altura
duração	abreviação vs. alongamento
estrutura formantal	cor do som

Figura 12: Quadro sobre a relação entre parâmetros acústicos e a impressão auditiva. Adaptado de Lehmann (disponível em: <http://www.uni-erfurt.de/sprachwissenschaft/personal/lehmann/CL_Lehr/PhonPhon/Phon_Index.html>).

Conforme antecipamos, mostrar a importância da distinção entre traços articulatorios e perceptuais para sua aplicação em modelos fonológicos é um dos objetivos principais do trabalho de Boersma (1998). Vejamos um exemplo deste autor para entender o seu argumento. No caso do vozeamento, definido como a vibração das pregas vocais e comumente tomado como um traço articulatorio (LADEFOGED, 1975), Boersma defende que este é um conceito perceptual [sonoro] que depende do grau de periodicidade⁹⁰. Não há um único gesto articulatorio associado à sonorização, e sim um conjunto de traços articulatorios que dependem da constrição acima da laringe⁹¹. Isoladamente, é possível encontrar alguns traços articulatorios envolvidos tanto na sonorização quanto na realização de sons surdos⁹².

⁸⁹ Dentro da categoria tom, através da periodicidade se distinguem, por exemplo, sons sonoros e surdos.

⁹⁰ A periodicidade, por sua vez, é um parâmetro acústico.

⁹¹ Por exemplo, se o ar passa livremente, como no caso das vogais, há um vozeamento espontâneo se as pregas vocais estiverem contraídas. Ao contrário, no caso de uma obstrução, como em [b] (especialmente no contexto intervocálico), gestos laringeos ou supralaringeos ativos são necessários para manter a sonorização – “[...] the larynx may be lowered, the width of the glottis or the tension of the vocal folds may be adjusted, the walls of the pharynx, the cheeks, or the velum may be expanded passively or actively, or the stop may be pre-nasalized.” (BOERSMA, 1998:17).

⁹² Por exemplo, para obstruintes surdos também podem ser necessários gestos ativos envolvendo a glote e a laringe, entre outros. “Likewise, active gestures are sometimes needed

Nesta seção, tentamos mostrar algumas diferenças entre os aspectos articulatório e perceptual da fala que julgamos relevantes para a questão da relação entre fonética e fonologia. Com o modelo de Boersma (1998) conheceremos agora uma abordagem fonológica proximamente relacionada à fonética.

4.3.2 Os princípios fonológicos funcionais na proposta de Boersma (1998)

Nesta seção pretendemos mostrar como uma (re)conexão do aspecto fonético com a fonologia poderia contribuir para uma descrição fonológica funcional, embora o objetivo de Boersma (1998) divirja do nosso, pois o que ele pretende é unir aspectos fonológicos e fonéticos em uma gramática formal descritiva. Boersma se orienta principalmente pela Teoria da Otimalidade (OT) (PRINCE, SMOLENSKY, 1993), que fornece as noções de hierarquia e restrições (*Constraint Ranking*). O autor adapta a noção de que o candidato ótimo para o *output* da superfície é avaliado segundo restrições conflitantes ao processo de interação de princípios funcionais adversários.

I will present the functional version of OT and show that if we express articulatory and perceptual principles directly as constraints in the language user's production and perception grammars, the desired properties of their interactions will follow from the Optimality-theoretic notion of violability: because the principles are inherently conflicting, the corresponding constraints, if stated in their naked, most general forms, must be violable. (BOERSMA, 1998:44).

Dessa forma, Boersma pretende substituir as teorias da Fonologia Autossegmental e da Geometria dos Traços pelo modelo funcional. Resumindo o cerne da *Functional Optimality Theory*, gostaríamos de examinar que pontos estão de acordo com as propostas funcionais apresentadas até aqui, ao longo do capítulo 4. A teoria de Boersma (1998) baseia-se nos seguintes fundamentos:

for voiceless obstruents, [...]: widening or constriction of the glottis, raising of the larynx, stiffening of supralaryngeal walls, or active narrowing of the supralaryngeal tract.” (BOERSMA, 1998:17).

- 1) O *ranking* e a avaliação do candidato ótimo (= que vai ser enunciado) se dá através de restrições impostas por princípios funcionais.
- 2) Crucial é a distinção entre os traços perceptuais e os traços articulatórios.
- 3) Essa distinção leva à proposta de uma gramática perceptual e uma gramática de produção.
- 4) Introdução do conceito da gradação dos rankings, em que nenhum é totalmente fixo e nenhum totalmente livre.
- 5) O local onde os *rankings* são fixados é a gramática do indivíduo.

Já discutimos a distinção entre traços articulatórios e perceptuais na seção anterior, de modo que, dentre esses cinco aspectos, restam dois (4 e 5) dos quais ainda não tratamos e que são de maior interesse para a nossa abordagem. Ao situar a fixação dos *rankings* (5) na gramática individual, os argumentos de Boersma (1998) apresentam alguma familiaridade com os de Hopper (1987, ver seção 4.1.2). Para ambos os autores, não existe uma representação mental coletiva ideal. Na idéia da gradação dos *rankings* (4) repete-se, primeiro, a noção da eterna disputa – não somente entre as gramáticas individuais dos interlocutores, mas também entre os princípios funcionais articulatório e perceptual, cujo processo apresentamos no próximo parágrafo. O segundo aspecto importante da gradação dos *rankings* revela-se em uma observação de Zuraw (2003), que comenta que o *ranking* das constrictões é probabilístico e que para cada enunciado há uma nova avaliação do falante.

A partir da distinção de ambos os participantes do processo comunicativo, falante e ouvinte, Boersma (1998:3) formula a sua noção fundamental através de cinco princípios funcionais, que norteiam a comunicação eficiente e efetiva.

- 1) O falante⁹³ minimiza o seu esforço articulatório em número e complexidade de gestos e coordenação.
- 2) O falante minimiza a confusão perceptual entre enunciados de significados diferentes.
- 3) O ouvinte minimiza o esforço necessário para a classificação e usa o menor número de categorias perceptuais possível.

⁹³ Na verdade, no original inglês, Boersma (1998) coloca o pronome feminino “she” para a referência a falantes e ouvintes. Cremos que o faz por considerações de “*political correctness*” que julgamos interessantes, porém, por falta de familiaridade nossa com os respectivos costumes em publicações científicas no Brasil, optamos, por enquanto, pela adaptação à forma masculina.

- 4) O ouvinte minimiza o número de falhas de reconhecimento, usando o máximo possível de informações acústicas.
- 5) O falante e o ouvinte maximizam a passagem de informação.

Aceitando uma visão da língua como um sistema complexo, o quadro desses princípios pode ser classificado como um dos subsistemas fonético-fonológicos. Porém, uma vez que o uso da língua e o objetivo comunicativo humano não são limitados à mera troca de informações (ver acima o princípio 5), a nossa abordagem procura interpretar as condições que levam à “escolha” de uma forma a ser enunciada, de uma maneira mais abrangente.

Nesta seção conhecemos uma proposta foneticamente fundada para um modelo de uma Teoria da Otimalidade Funcional. Contudo, nossa abordagem não entra na linha da *OT*, embora tenhamos visto que há vários aspectos familiares entre a teoria de Boersma (1998) e as abordagens de lingüística funcional expostas anteriormente. O que há de comum entre elas é a suposição de que uma fonologia funcional precisa ser baseada necessariamente na fonética. Tanto no modelo de Boersma (1998) quanto no de Wildgen (2005), o qual apresentaremos na seção seguinte, a noção de um domínio de representação dos fonemas é descartada. Ambos os modelos situam a “gramática” fonológica no indivíduo. Ambos também consideram o aspecto fonético perceptual no seu modelo fonológico, criticando o fato de os modelos gerativos se orientarem, ou somente pelos traços articulatórios ou pelos traços híbridos, sem distinguir bem entre os aspectos articulatórios e perceptuais.

Na próxima seção, voltaremos a alguns aspectos do paradigma de Wildgen (2005) já introduzido na seção 4.2.1, discutindo, com bastante detalhamento, um experimento realizado por De Boer (1997) com agentes de inteligência artificial no qual Wildgen baseia a sua argumentação em favor da emergência fonológica.

4.3.3 A emergência fonológica

O fundamento fonético da fonologia funcional de Wildgen (2005) corresponde ao que acabamos de expor no modelo de Boersma (1998), a saber, os processos auditivos, os processos de articulação, os processos cerebrais de planejamento e adaptação cooperativa de produção e percepção e a memorização de padrões de som, palavras e entonação.

Com base em um experimento realizado por Lindblom, MacNeillage e Studdert-Kennedy (1984), Wildgen (2005) discute como um espaço articulatório metrificado poderia ser utilizado para explicar a emergência de estruturas fonológicas. O experimento que trazemos à nossa discussão é de De Boer (1997), que se baseia em Lindblom, MacNeillage e Studdert-Kennedy (1984). Para Wildgen, o aspecto mais intrigante nesse tipo de experimento e nos seus resultados é o fato de encontrar uma explicação funcional para a ontogênese da língua e a emergência diacrônica das estruturas fonológicas sem precisar das entidades fonológicas (para ele) pseudo-reais como o fonema e o traço, mas sim conseguindo uma interpretação conexionista fonético-fonológica:

Gelingt es, auf der Basis eines metrisierten Artikulationsraumes die Emergenz phonologischer Strukturen zu erklären, so ist nicht nur eine Wiederanbindung der Phonologie an die Phonetik und die Reduzierung pseudorealer Entitäten wie Merkmale, Phoneme, Oppositionsstrukturen erreichbar, es kann auch die Morphogenese phonologischer Muster in der Ontogenese und der Sprachgeschichte funktional erklärt werden. (WILDGEN, 2005:61)

No seu experimento sobre emergência de um sistema vocálico, De Boer (1997) utiliza-se de agentes de inteligência artificial programados com capacidades articulatórias e perceptuais semelhantes às capacidades humanas. Cada agente possui uma unidade de percepção e uma de produção, porém não tem a capacidade de perceber a si mesmo (*feedback loop*⁹⁴), perceber a própria pronúncia. Esses agentes interagem em um *imitation game* (jogo de imitação). Cada agente é

⁹⁴ O retorno auditivo, ou seja, a percepção que o falante tem da sua própria fala ao enunciá-la.

programado para desenvolver uma lista particular⁹⁵ de vogais. Antes do início do jogo, essas listas estão vazias.

No começo do jogo, são apresentadas a todos os agentes, individualmente, vogais enunciadas por um sintetizador que calcula as frequências formantais (F1, F2, F3 e F4) de cada vogal segundo a sua articulação metrificada pelos parâmetros pré-estabelecidos⁹⁶. Cada agente cria uma lista própria de vogais segundo a sua interpretação perceptual. Cada partida do jogo envolve dois agentes, um (o iniciador) emite um som que o segundo agente (o imitador) tenta imitar, aproximando o próprio som emitido do som emitido pelo iniciador. A vogal emitida pelo imitador é, por sua vez, avaliada pelo iniciador, que fornece um sinal não-acústico para informar o imitador se a imitação foi ou não fiel. Cada avaliação tida como fiel é contada como um jogo concluído com sucesso, e cada avaliação tida como não-fiel é contada como sem sucesso.

Em certas partidas do jogo são criados ruídos adicionais (com 10% a 30% do volume do estímulo vocálico) para evitar que os agentes copiem com plena perfeição as vogais, forçando-os, assim, a criar um sistema de vogais em que os fonemas não se assemelhem demasiadamente. Após um determinado número de partidas, cada agente passa por um procedimento de auto-avaliação. As vogais com alto índice de partidas bem sucedidas não são modificadas. Se um som apresentado pelo iniciador não coincide com uma das vogais na lista das bem sucedidas do imitador, este cria uma nova vogal. Ao contrário, as vogais com baixo grau de sucesso nos jogos anteriores são mais prováveis de serem modificadas. Vogais com baixo índice de partidas bem sucedidas são eliminadas da lista do agente.

O grau de partidas bem-sucedidas se nivela ao longo do jogo (3.000 partidas) em uma média de 90%. Para De Boer (1997), os sistemas vocálicos desenvolvidos em vários conjuntos de partidas do jogo de imitação chegam a se aproximar bastante de sistemas vocálicos humanos naturais⁹⁷. A presença e o aumento do ruído adicional ao sinal vocálico revelaram-se significantes para o grau de sucesso dos

⁹⁵ Representação na gramática individual.

⁹⁶ As vogais são representadas por três parâmetros binomiais (0-1), a saber: posição da língua (0=frente, 1=atrás), altura da língua (0=baixa, 1=alta) e arredondamento labial (0=não arredondado, 1=arredondado).

⁹⁷ Em um dos jogos, coincidentemente, os agentes reproduziram de maneira bem semelhante o sistema vocálico do *oubykh*, uma língua oeste-caucasiana.

jogos. Porém, mesmo com ruído, os agentes atingiram um alto número de partidas bem-sucedidas.

Gostaríamos também de expor aqui um aspecto discutido pelo autor com bastante ênfase. Trata-se da questão dos traços. De Boer (1997) comenta que o experimento realizado com o sistema vocálico não depende *a priori* da existência de traços distintivos. Porém, os parâmetros utilizados na programação dos agentes são uma simplificação de um sistema humano de traços. De Boer (1997) não é explícito no que concerne ao conceito de fonema. No entanto, nas listas dos agentes ele se refere às vogais como “fonemas”, enquanto Wildgen (2005) argumenta que justamente o tipo de experimento como o realizado por De Boer (1997) indica que o conceito de fonema não é necessário para explicar e descrever a emergência do sistema. Como esse aparente paradoxo pode ser resolvido? Precisamos lembrar que os agentes de De Boer (1997) “comunicam-se” somente através de vogais e de um sinal não-acústico que fornece o retorno sobre a adequação da imitação do agente imitador em jogo. Pela lingüística estruturalista, o fonema é definido como a menor unidade sonora que pode distinguir significados. Como na “comunicação” dos agentes não existe um significado transmitido pelos sons distinguidos pelos formantes e como o único significado comunicativo – o retorno sobre a adequação da imitação – é transmitido através de um sinal não-acústico, não estamos diante de um sistema de fonemas.

De Boer (1997) apresenta um sistema fônico que se correlaciona com as idéias de auto-organização do sistema complexo expostas por Wildgen (2005) e que coincide – em um nível simplificado e de inteligência artificial – com o modelo de Boersma (1998), ainda que os agentes de De Boer (1997) não disponham de um *feedback loop* e nem de um algoritmo de preferência pelas formas cineticamente mais econômicas, compostas por menos gestos articulatórios. Segundo Wildgen (2005:67), esse tipo de experimento mostra como o sistema auto-organizador é relativamente independente do seu meio contextual que somente se manifesta em forma de ruído. Tal ruído pode causar certa inquietação no sistema e exerce um papel na fixação das condições delimitadoras da auto-organização. No entanto, acreditamos que o sistema lingüístico humano se encontra envolvido em um meio muito mais complexo que não poderíamos reduzir somente a uma influência de ruído externo. Já observamos também que a comunicação não se reduz à mera troca de informações e que os agentes de De Boer (1997) não se comunicam de

forma semelhante aos humanos, uma vez que não há nenhum objetivo ou alvo comunicativo conectado com a transmissão e imitação dos sons.

Consideramos as observações feitas por De Boer (1997), no que diz respeito aos traços distintivos, de grande importância para a próxima questão que pretendemos avaliar na seção a seguir. Se concordarmos com Wildgen (2005) e descartamos os fonemas (junto com os traços distintivos), como podemos conceituar a realidade fonético-fonológica mental do falante individual? Os agentes de De Boer (1997) não possuem fonemas e sim fornecem listas complexas de imagens de sons, gravadas analiticamente com os seus parâmetros articulatórios e seus valores perceptuais (valores dos formantes). Como podemos imaginar esses valores na capacidade de fala e na percepção da fala humana? O exemplo dos agentes fornece algum modo segundo o qual podemos criar um modelo que exemplifique a forma pela qual acessamos a informação fônica da fala? Essas indagações nos conduzem à seção seguinte, na qual discutimos uma proposta sobre o que poderia substituir a representação de fonemas em um modelo não-estruturalista.

4.4 A questão da representação dos sons na gramática individual

Para propor um modelo fonético-fonológico emergente que não empregue a idéia de uma representação mental abstrata de regras e fonemas e que esteja assentado sobre um (sub-)sistema complexo no meio de outros (sub-)sistemas lingüísticos e não-lingüísticos complexos, precisamos recorrer a um outro tipo de conceito que poderia explicar a relação dos aspectos fônicos dentro da língua e seu uso. Esse conceito teria que oferecer uma resposta às questões levantadas no final da seção anterior, as quais reolocamos aqui de maneira modificada:

- (1) Qual tipo de imagem fônica é utilizado pelo falante?
- (2) Quais informações pertencem a essa imagem fônica?
- (3) Como essa imagem se relaciona ao sistema complexo da língua?

Apresentamos, em seguida, a teoria de exemplares de Bybee (2001) (4.4.1) avaliando a sua compatibilidade com a abordagem desenvolvida neste capítulo. Após essa avaliação, chegaremos ao nosso conceito de gramática individual na seção 4.4.2.

4.4.1 A teoria dos exemplares na gramática individual

Em Hopper (1987) já vimos a proposta de que a realização da fala se assemelha mais a um processo de lembrar-se de experiências do que a um processo de implementar regras. Na linha de Bybee (1998, 2001, 2005), que segue o trabalho de Hopper (1987), encontramos uma teoria de exemplares baseada na idéia de que o “conhecimento” da língua, presente no seu uso pelo indivíduo, não é gramatical no sentido de uma estrutura abstrata e sim gravado em forma de um amplo conjunto (categorizado e organizado) de enunciados.

[...] the ‘knowledge’ underlying the fluent use of language is not grammar in the sense of abstract structure, but is rather a large store of categorized and sorted previous utterances which form the basis for the production and comprehension of new utterances. (BYBEE, 1998:421).

As abordagens da teoria de exemplares, como a de Bybee, satisfazem um pré-requisito de sistemas complexos (WILDGEN, 2005:85), o de que os domínios do sistema complexo lingüístico não devem ser compreendidos como altamente independentes um do outro, como ocorre nos modelos gerativos. Na abordagem de Bybee temos a íntima conexão do detalhe fonético com a emergência fonológica e, além do mais, a conexão do domínio fonético-fonológico com o léxico e também com o gramatical (BYBEE, 2005:22).

A questão da ‘representação’ fonético-fonológica, ou melhor (evitando esse termo, que está muito proximamente conectado ao modelo mentalista, e seguindo a formulação de Bybee (1998:421), a questão do ‘conhecimento presente no uso’ é respondida pela teoria de exemplares da seguinte maneira.

[...] a *Teoria de Exemplares* assume que a memória de propriedades fonéticas é associada a itens léxicos individuais. O léxico e a gramática expressam graus específicos de generalizações de memórias fonéticas, mantendo um relacionamento estreito entre si. (CRISTÓFARO-SILVA, 2002:208, grifo da autora).

Essa visão se distancia muito da idéia gerativa da representação fônica pelos traços. Lembramos que, no capítulo 2, discutimos uma análise dos róticos no PB por Monaretto (1997). Essa autora não atribui a força distintiva entre o r-simples e o r-duplo ao nível de traços, mas sim, em dimensão ainda inferior, às linhas de associação do traço (uma vs. duas) à camada temporal. Adotando a proposta da teoria de exemplares, chegamos a uma interpretação muito mais holística. Antes de examinar essa proposta em relação à nossa própria abordagem, gostaríamos de expô-la de forma mais detalhada. Em Bybee (2001:6-8) encontramos os princípios básicos do *Usage-Based Model*, termo adaptado por Cristófaros-Silva (2002:212) como *Fonologia de Uso*.

1. A experiência afeta as representações.
2. As representações mentais de objetos lingüísticos têm as mesmas propriedades das representações mentais de outros objetos.
3. A categorização é baseada em identidade e similaridade.
4. Generalizações em relação a formas não são separadas das representações gravadas, e sim emergem a partir das formas.
5. A organização lexical oferece generalizações e segmentações em vários níveis de abstração e generalização.
6. O conhecimento gramatical é um conhecimento procedural.⁹⁸

Para a nossa análise, a adoção da teoria dos exemplares, traz duas questões importantes de se considerar aqui. A primeira é o papel que, na visão de Bybee (2001 e 2005), a freqüência exerce sobre a formação da gramática (individual) e, a segunda, em que forma nos devemos imaginar o mapeamento de itens freqüentes em relação aos seus aspectos fonético-fonológicos.

No que concerne à primeira questão, há, no modelo de Bybee (2005), duas características dos itens mais freqüentes, que podem ter um impacto sobre a emergência de novas formas na gramática. Bybee (2005:22) menciona, por um lado, o poder de inovações que se espraiam a partir das formas e construções mais freqüentes. “Certain higher frequency exemplars of constructions dominate formation of categories of items within constructions.” Por outro lado, justamente as construções (ou, em nosso caso, os itens) mais freqüentes podem manifestar

⁹⁸ Acrescida de algumas pequenas alterações, essa listagem se orienta, basicamente, pela adaptação para o português de Cristófaros-Silva (2002:212).

uma maior resistência contra mudanças que envolvem a gramática, ou então as formas menos freqüentes em uma gramática. “High frequency exemplars of constructions resist change on the basis of more productive constructions.” (BYBEE, 2005:22). Essa ambivalência, de os itens mais freqüentes poderem ser os desencadeadores de mudanças no sistema e, ao mesmo tempo, manterem-se resistentes frente a outras mudanças, é compatível com a visão de Wildgen (2005) sobre o equilíbrio ou a complementação dos processos que geram o novo dentro de um sistema e os processos que consolidam e mantêm a estabilidade do sistema. Os itens mais freqüentes, ou, conforme a terminologia de Bybee, os exemplares mais freqüentes de uma forma, são pontos em que a negociação entre esses dois processos pode se tornar visível.

Em relação à segunda questão, interessa saber de que maneira o falante acessa o conhecimento ou a experiência lingüística na hora de processar (perceber e produzir) a fala na comunicação oral. Bybee (2001) propõe que os itens lexicais, ou seja, palavras, constituem o nível de representação fonético-fonológico. Cristófarosilva sugere “que *padrões* fonéticos – tipicamente constituídos por sílabas – são as unidades de avaliação e categorização” (CRISTÓFARO-SILVA, 2002:211). Na sua análise da palatalização de oclusivas alveolares no PB, a autora avalia, conseqüentemente, o comportamento de unidades silábicas (/ti/ vs. /tʃi/).

Para exemplificar a idéia da teoria dos exemplares para a forma de armazenamento ou representação que assumimos neste estudo, gostaríamos de expor a interpretação que Cristófarosilva (2003) propõe sobre a variação de /t/ e /tʃ/ no PB.

Cristófarosilva (2003) se baseia na fonologia de uso de Bybee (2001) e, além do mais, aplica a teoria dos exemplares de Pierrehumbert (2001)⁹⁹. Cristófarosilva

⁹⁹ Na denominação dos modelos, Cristófarosilva (2003) distingue entre a fonologia de uso, para se referir à proposta de Bybee (2001), e a teoria dos exemplares de Pierrehumbert (2001). Não adaptamos esta distinção aqui, uma vez que a Fonologia de Uso também é um modelo de Teoria de Exemplares. A freqüência e a questão da probabilidade entram com um papel forte nos trabalhos de ambas as lingüistas que têm uma influencia recíproca entre si e interagem na discussão desta linha de pesquisa sem que pudesse se dizer que o trabalho de uma seja o mais original dos dois. O estudo de Pierrehumbert (2001) é voltado mais para a descrição formal. Para nós, e assim o discutimos também na seção 4.4., o modelo de Bybee (2001) entra como uma abordagem da teoria de exemplares.

(2003) visualiza o modelo dos exemplares conforme um desenho de Bybee (2001:52) e seguindo uma descrição de Pierrehumbert (2001:140):

In an exemplar model, each category is represented in memory by a large cloud of remembered tokens of that category. These memories are organized in a cognitive map, so that memories of highly similar instances are close to each other and memories of dissimilar instances are far apart. The remembered tokens display the range of variation that is exhibited in the physical manifestation.

As categorias, ou seja, as unidades armazenadas, são representadas por um conjunto (chamado de nuvem) de todas as formas pertencentes (chamadas de *token* ou então exemplar). No mapeamento cognitivo, as formas (*tokens*) mais semelhantes situam-se mais proximamente, as mais diferentes mais distantemente uma da outra. As formas memorizadas apresentam o leque de variações nas realizações fonéticas. Para o processo da palatalização, Cristófar-Silva (2003) formula o esquema da figura 13. Os fatores sociais, o significado e a pragmática, o contexto fonético e o contexto morfológico fornecem informações armazenadas em conjunto com a nuvem inteira.

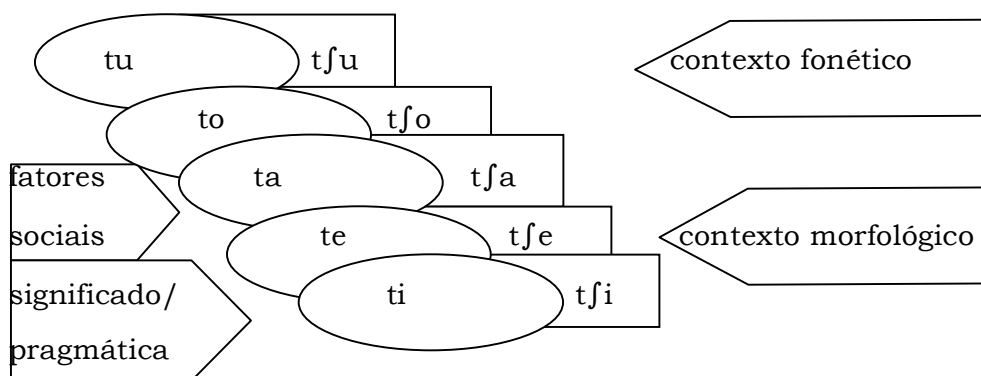


Figura 13. Diagrama dos exemplares relacionados à palatalização. Baseado em Cristófar-Silva (2002:208 e 2002:215)

Uma vez que Cristófar-Silva (2003) parte da idéia de que a forma do armazenamento é silábica, a nuvem de exemplares que ela propõe é composta por todas as seqüências potenciais de /t/ e /tʃ/. Entre elas, a autora distingue as formas esperadas (tu, to, ta, te e tʃi) das formas não esperadas (tʃu, tʃo, tʃa, tʃe e ti). Bybee (2005), cujo modelo parte do armazenamento de palavras e curtas seqüências de palavras, e enfatiza que na sua abordagem as informações que entram na memorização dos exemplares estão conectadas a todos os domínios lingüísticos. Discutimos a nossa posição frente a questão do armazenamento na

seção 4.4.2, na qual delimitamos a nossa proposta de abordagem, sintetizando as características do conceito de língua como sistema complexo, expostas ao longo deste capítulo. O modelo de armazenamento de formas não-estruturalista, conforme a fonologia de uso de Bybee (2001), será adaptado ao subsistema fonético-fonológico dentro do sistema complexo.

4.4.2 A gramática individual dentro da nossa abordagem

Debruçamo-nos neste capítulo sobre uma visão funcional que concebe a língua como um sistema complexo, composta por formas e organizações dessas formas emergentes e representada na gramática individual.

As formas, ou os recursos lingüísticos, neste modelo, são armazenadas na gramática individual de cada falante. As gramáticas individuais estão permanentemente em processos de adaptação e mudança. A disputa entre as diversas interpretações do mundo, aqui em relação à produção e percepção fonético-fonológica, e a tendência de padronizar formas convencionais estão em um equilíbrio de forças que permite a emergência de novas estruturas e formas, mas, ao mesmo tempo, mantém estabilidade. Nesse aspecto, compartilhamos as definições de Wildgen (2005), salientando que a auto-organização do sistema possui um sentido duplo: o da emergência de novas estruturas e o da estabilidade de estruturas através dos processos efetivos entre as partes do sistema. Vimos, em Selting e Couper-Kuhlen (2000), a forte ênfase no fato de que o sistema que descrevemos é um comportamento humano interacional. A gramática, conforme, entre outros, Wildgen (2005), Selting e Couper-Kuhlen (2000) e Hopper (1987), é ancorada no falante individual. No entanto, a adaptabilidade do sistema como fenômeno coletivo se dá somente através da interação e negociação. Seguindo Bybee (2001), admitimos a gramática como um conhecimento procedural.

O domínio fonético-fonológico, dentro do sistema lingüístico como um todo, é concebido por nós como uma interface entre dois subdomínios proximamente ligados. Conforme argumenta Lindblom, entendemos a fonologia como um nível

superior de organização, porém não autônomo em relação à fonética¹⁰⁰. Admitimos, com Bybee (2001) e Cristófar-Silva (2003), que as formas fonético-fonológicas são armazenadas em conjuntos de diferenças antes gradativas do que categóricas. O domínio fonético-fonológico, além do mais, é visto como intimamente interligado aos demais domínios lingüísticos e subsistemas da comunicação humana. Portanto, discordamos da proposta de Boersma (1998), que explica a emergência de formas fonéticas intrinsecamente dentro do domínio fonético-fonológico. Por motivos não-fonéticos ou fonológicos, um candidato não-ótimo pode chegar a ser mais usado do que outro que seja ótimo (no sentido da avaliação dos princípios articulatórios e perceptuais). Em nosso modelo, a interação e a relação com os demais domínios lingüísticos e as suas informações como, por exemplo, significado e pragmática, contexto morfológico e fatores sociais, também exercem uma influência. As entidades fonético-fonológicas, no sistema complexo, são armazenadas não somente gradativa, mas holisticamente.

Na figura 14 expomos o armazenamento segundo a proposta de Bybee (2001):

1) ALGUNS DOS CONTEXTOS QUE FORNECEM INFORMAÇÕES AO ARMAZENAMENTO:

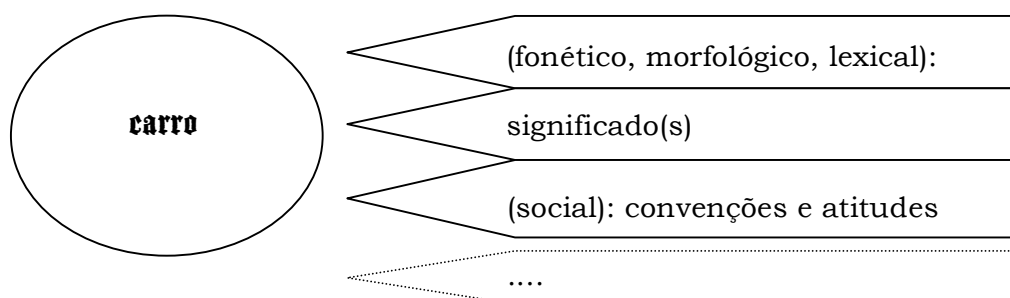


Figura 14. Diagrama de um exemplar com alguns dos contextos que fornecem informações ao armazenamento dos róticos.

No diagrama acima vemos um exemplar, ou seja, uma unidade fonético-fonológica conectada à informação fonética/morfológica/lexical de um tipo de item lexical que contém um r-duplo, usando o exemplo da palavra “carro”. De acordo com a abordagem que propomos, baseada em Bybee (2001), o armazenamento se dá em forma de palavras e não, como sugere Cristófar-Silva (2002), em forma de sílabas.

¹⁰⁰ Phonology differs qualitatively from phonetics in that it represents a new, more complex higher level of [that] behaviour. [but] [...] phonology remains behaviour [...]. (LINDBLUM, MACNEILLAGE, STUDDERT-KENNEDY, 1984:13).

Assim, os róticos, no contexto intervocálico, não podem ser analisados em termos de sílabas, justamente porque os concebemos como um fenômeno intercalado entre duas vogais. O seu comportamento, nessa posição na palavra, conforme mostram os dados de Monaretto (1997) e os de nossa própria pesquisa, difere de outras posições.

Se colocarmos agora esse item individual, “carro”, da figura 14, em uma nuvem de exemplares e basearmos essa imagem no nosso modelo, chegamos a uma representação que poderia ser ilustrada da seguinte maneira:

2) NUVEM DE EXEMPLARES E CONTEXTOS

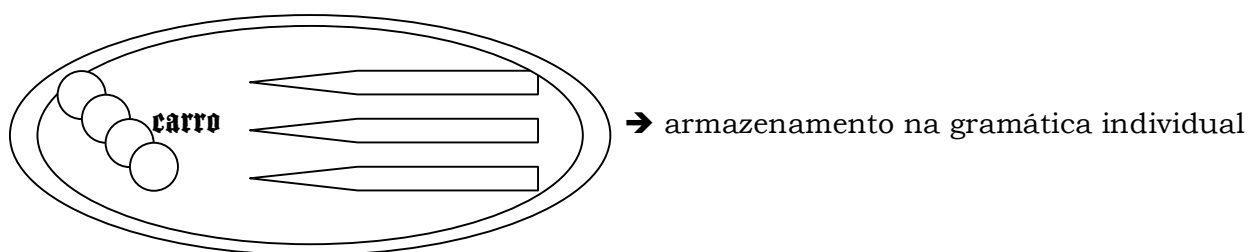


Figura 15. Diagrama de uma nuvem de exemplares e contextos de um falante individual

Os círculos representam um número n de formas fonéticas (p.ex. [r], [R], [x], [ʁ], [ʁ]) que em um só falante compõem a nuvem de exemplares da palavra “carro”. A relação entre os exemplares é uma estrutura, análoga aos agentes de De Boer (1997), que utiliza o espaço acústico, pré-determinado pelas restrições articulatórias e perceptuais.

De forma bem simplificada, vemos na figura 16 o momento da interação.

3) DA GRAMÁTICA INDIVIDUAL À INTERAÇÃO E DISPUTA ENTRE GRAMÁTICAS

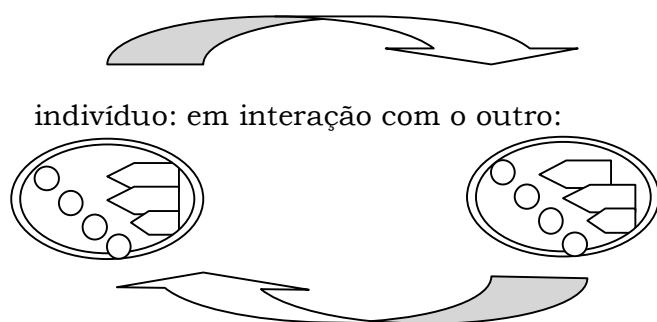


Figura 16. Diagrama das gramáticas individuais em interação e disputa.

Por enquanto, limitamos a nossa análise à fala dos indivíduos, com base na qual gostaríamos de examinar com mais detalhes o processo de emergência não somente de novas formas fonéticas, mas também de estruturas de auto-organização. O foco do nosso estudo recai sobre a diversidade das variantes encontradas na fala de um só indivíduo e as relações fonéticas entre essas variantes que podem apontar para relações fonológicas. A partir do próximo parágrafo apresentamos as implicações que surgem da escolha do modelo teórico para a metodologia a ser implementada em nosso estudo.

O recorte metodológico do material empírico dentro de uma abordagem baseada na complexidade do sistema lingüístico encontra-se perante um paradoxo. Justamente a complexidade, que sugere a interação múltipla em vários níveis entre vários agentes do sistema, não permite justificar a limitação a um só fenômeno lingüístico sem levar em consideração todos os potenciais pontos com que está interagindo.

Na pesquisa da língua como um sistema complexo, auto-organizador, emergente e ancorado no conhecimento do falante individual, somente podemos chegar a afirmações que procuram um fundamento estável no dado individual. As nossas conclusões da análise empírica são válidas somente com base no seguinte argumento: o fenômeno x , observado na fala do falante y , é um fenômeno possível dentro da gramática da variedade em questão, o PB de Blumenau. Sendo uma gramática individual possível nesta variedade, podemos usá-la como indicio de processos atuantes nesta variedade.

O nosso procedimento, conseqüente da fundamentação teórica assumida e do objetivo deste estudo, consiste nos seguintes pilares metodológicos:

- 1) A interpretação dos dados através de uma avaliação qualitativa gradativa segundo o modelo da *grounded theory* (STRAUSS, CORBIN, 1990). Esse modelo visa um procedimento de codificação aberta e seqüencial dos dados e evita uma categorização *ex ante* dos fenômenos pesquisados. Portanto, se aproxima bastante dos critérios da abordagem funcional que aplicamos.
- 2) A focalização na gramática individual, que não busca o falante estratificado, e sim, procura nas gramáticas individuais indícios da organização fonético-fonológica.
- 3) A fundamentação do argumento através de uma análise fonética auditiva e acústica para satisfazer a exigência da fonologia funcional de uma reaproximação com a fonética, que torne o argumento mais sólido em comparação com estudos que se baseiam em análises exclusivamente auditivas.

Dessa forma, concebemos o nosso trabalho como uma nova interpretação para um fenômeno sobre o qual já existem descrições, partindo de uma análise com enfoque na gramática do indivíduo. Pelo lado empírico, a contribuição a uma discussão dos róticos, que esperamos oferecer com o nosso estudo, consiste em nosso fundamento fonético auditivo e acústico e a sua forte interface com a fonologia, como também na exploração qualitativa dos dados. Pelo lado teórico, tentamos aumentar a visão funcional dos róticos, sensibilizar pela complexidade do fenômeno e problematizar o tratamento desse fenômeno por modelos reducionistas.

4.5 Resumo do capítulo

Neste capítulo desenvolvemos a nossa proposta de abordagem funcional sob a qual analisamos o fenômeno dos róticos dentro de uma visão fonético-fonológica integrada, concebendo esse domínio como parte de um sistema complexo, auto-organizador, emergente, produto e instrumento da interação humana. A gramática de uma língua, vista como um sistema complexo, nesta perspectiva, é constituída pelas gramáticas individuais que nela interagem. Há disputa entre as entidades fonético-fonológicas gradativas tanto dentro da gramática de um indivíduo – e a esse aspecto se atém a nossa pesquisa empírica – como também entre todas as gramáticas dos indivíduos que estão em contato. Esse último aspecto extrapola os

limites do nosso estudo empírico, porém integra a visão de como se situa a gramática individual no âmbito coletivo.

Após ter desenvolvido a abordagem teórica e o conceito de língua em que baseamos o nosso trabalho, apresentaremos, no próximo capítulo, a metodologia da avaliação fonético-fonológica dos nossos dados. Por conceber os meios fonético-fonológicos como emergentes e a sua representação como ancorada em formas gradativas e concorrentes na gramática individual, torna-se necessário um procedimento exploratório e qualitativo. Como metodologia adequada para esse procedimento propomos seguir a *grounded theory* de Strauss e Corbin (1990), que expomos no capítulo 5.

5 Procedimentos metodológicos

Neste capítulo delineamos o caminho trilhado para atingir o objetivo deste estudo, qual seja, propor uma nova interpretação para os róticos do PB, apoiada nos dados de róticos intervocálicos produzidos por informantes oriundos de Blumenau (SC) e de Lages (SC), dentro de uma abordagem da gramática individual.

O levantamento de dados para o nosso estudo consiste em dois conjuntos procedimentais, a) a tiragem dos dados biográficos dos entrevistados de ambas as cidades, e b) a exploração fonética aberta e a categorização de variantes dentro de cada gramática individual. A coleta de um maior número possível de informações biográficas tem o objetivo de apurar o grau de contato de cada indivíduo com o idioma alemão. Isto é, no caso dos falantes de Blumenau. As entrevistas com os falantes de Lages são examinadas com vistas a detectar, no indivíduo, eventuais indícios de bilinguagem ou contato com o alemão, uma vez que o grupo de Lages serve, em nosso estudo, como grupo de comparação com os bilíngües, ou indivíduos em contato com o alemão, de Blumenau. Na parte de fonética perseguimos o objetivo de descrever as variantes e analisar a relação e organização entre elas dentro da gramática de cada indivíduo, através de uma perquirição exploratória e aberta, baseada no paradigma metodológico da *grounded theory* (STRAUSS, CORBIN, 1990).

Gostaríamos de salientar que a *grounded theory* não se trata, de fato, de uma teoria, por si só, mas de uma metodologia qualitativa pela qual se constitui uma teoria. Uma das características principais de um trabalho científico elaborado dentro desse paradigma metodológico é a explicitação de todo o processo metodológico, que não está desvinculada da discussão dos resultados finais, e sim, integra-se à discussão dos mesmos. Por esse motivo dedicamos um espaço relativamente grande neste trabalho à descrição detalhada da avaliação auditiva e acústica, na seção 5.4, e da amostragem teórica que apresentamos no capítulo 6.

Começamos, na seção 5.1, expondo o perfil empírico geral do nosso estudo, formulando, agora com mais detalhes, as questões centrais e as hipóteses que norteiam a pesquisa. O paradigma da *grounded theory* e a sua adaptação para o nosso estudo são apresentados em 5.2. A *grounded theory* encaixa-se nas

exigências conseqüentes da nossa abordagem funcional e complexa, conforme discutido no capítulo 4. Optar por essa metodologia de pesquisa social significa avaliar o material empírico de uma forma lingüístico-social, de maneira não-quantitativa. Não são, em primeiro lugar, valores estatísticos que interessam para o objetivo do nosso trabalho, e sim, procurar uma compreensão holística do comportamento do indivíduo e sua gramática. Na seção 5.3 descrevemos os critérios e procedimento do levantamento dos dados biográficos e lingüísticos que integram o *corpus* da nossa análise.

Os detalhes da avaliação combinatória auditiva e acústica, suas etapas e resultados parciais são apresentados e discutidos na seção 5.4. No final deste capítulo, em 5.5, tratamos da questão de como se encaixam os dados e o procedimento de seu levantamento no conceito da gramática individual.

5.1 O perfil empírico deste estudo

Gostaríamos de retomar o perfil que apresentamos na introdução (capítulo 1) deste trabalho, desta vez, com base na discussão exposta ao longo dos capítulos 2 a 4. Na introdução, propusemos o seguinte perfil de análise:

1. Objeto de estudo: Os róticos intervocálicos do PB na fala de indivíduos de Blumenau em comparação com falantes de Lages.
2. Questão norteadora: Como se dá o mapeamento das formas fonéticas dentro da gramática individual? Quais formas há, como se relacionam uma com a outra e qual é o comportamento fonológico delas?
3. Objetivo principal: Descrever dos róticos mostrando a sua gama de propriedades auditivas e acústicas e analisar os princípios organizadores da gramática de cada indivíduo, apoiando nessa premissa uma proposta de re-interpretação dos róticos no PB em geral.
4. Embasamento teórico: A abordagem fonético-fonológica complexa emergente, baseada na teoria da gramática individual e na fonologia funcional conforme expostas no capítulo 4.
5. Princípios metodológicos:

i) Avaliação fonética com base em uma análise auditiva e acústica, bem como categorização dos dados através de um processo gradativo e aberto, conforme a *grounded theory* (STRAUSS, CORBIN, 1990).

ii) Comparação das gramáticas individuais dos falantes de Blumenau e Lages.

6. Base empírica formada com os dados disponibilizados pelo projeto VARSUL, considerando os fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra, a saber, a posição do acento, a classe de palavra e os itens lexicais mais freqüentes em cada indivíduo.

Após a apresentação da diversidade das formas fonéticas dos róticos no PB descrita na literatura afim (capítulo 2); da exemplificação das variedades de origem dos falantes, sendo a primeira uma variedade em contato com o alemão e a segunda uma variedade sem contato lingüístico presente atualmente (capítulo 3); e da discussão da nossa abordagem teórica no capítulo anterior (4), chegamos então à questão da avaliação empírica. Em seguida, gostaríamos de justificar o procedimento exposto nesta seção, segundo as necessidades e exigências conseqüentes dos nossos objetivos e da escolha de abordagem adotada. Conforme antecipado, um dos desencadeadores de nosso interesse pelos róticos e sua (não-) distinção intervocálica pelos falantes de Blumenau e Lages originou-se em uma pequena pesquisa por nós realizada¹⁰¹ sobre os róticos na fala de Blumenau. Na ocasião, nossos resultados confirmaram parcialmente os de Monaretto (1997), ou seja, a aparente falta de distinção entre o r-simplex e o r-duplo intervocálicos pelos falantes de Blumenau, ao menos de acordo com a categorização fonética exclusivamente auditiva e a aplicação do modelo quantitativo laboviano. No entanto, também transpareceu que alguma dimensão da realidade dos róticos não estava bem modelada dentro da metodologia aplicada naquele trabalho, motivo pelo qual um estudo funcional é uma chance de fornecer uma compreensão mais rica e aprofundada do fenômeno. Desse modo, o desejo de desenvolver um modelo mais capaz de captar o comportamento dos róticos na fala dos indivíduos em questão, e que respondesse mais detalhadamente à questão da (não-)distinção entre os dois contextos intervocálicos motivou a realização do presente estudo.

A idéia condutora inicial para este trabalho era de comparar os falantes de Blumenau com falantes de outra cidade do Sul que não estivesse em contato com o

¹⁰¹ Reinecke (2005).

alemão. Escolhemos a cidade de Lages por ser uma das comunidades representadas no banco de dados do VARSUL, com material empírico coletado dentro da mesma metodologia aplicada em Blumenau e por se tratar de uma região que, no VARSUL, não representa uma comunidade de contato lingüístico, ao que resumimos a principal diferença interessante para o nosso caso.

A diferença qualitativa entre o levantamento e a categorização dos dados do trabalho anterior e da presente pesquisa está nos seguintes aspectos. O primeiro concerne à avaliação fonética. Os dados neste trabalho são analisados não somente auditiva, mas também acusticamente e sem categorização prévia de variantes. O segundo aspecto diz respeito à concepção de gramática individual. Investigamos a organização das variantes na fala de cada falante individualmente. O foco do nosso estudo está na gramática individual, além do mais, como detalharemos na seção 5.3, os nossos dados não satisfazem às exigências de uma análise segundo a metodologia clássica da sociolingüística quantitativa. Contudo, levantamos os fatores intrínsecos das palavras que constituem o *corpus* para analisar a sua influência sobre o fenômeno em questão. Comparamos, como única instância acima do indivíduo, os dois conjuntos de falantes, tomando o fator “região” como pista paralela para observar de que modo efeitos individuais poderiam se manifestar na comunidade, embora o nosso objetivo não seja exatamente a descrição da variedade de uma comunidade de fala. Esse levantamento, em relação à análise auditiva e acústica bem como ao procedimento interpretativo, é o tema desenvolvido na seqüência deste capítulo.

Na realização de nossa análise, deparamo-nos com problemas concernentes à escolha da abordagem teórico-metodológica, conforme exposto no capítulo anterior. Do ponto de vista fonético, a limitação do nosso material encontra-se no fato de as gravações disponíveis no *corpus* do projeto VARSUL refletirem pouco o aspecto dialógico, por se tratarem de entrevistas orientadas pela metodologia da sociolingüística variacionista¹⁰², normalmente realizadas por entrevistadores oriundos de fora da comunidade de fala em questão. Portanto, a nossa investigação limita-se à descrição e à análise da organização da gramática individual. Conforme

¹⁰² Os informantes são conduzidos a falar, tanto quanto possível, sem interferência do entrevistador já que o que se busca, na metodologia laboviana, é captar o vernáculo, ou seja, a fala mais natural e espontânea possível, à qual é dispensado o mínimo de atenção. As narrativas de experiências pessoais são os tipos de seqüências textuais que predominam na amostra do VARSUL.

explicamos no capítulo 4, excluimos a parte da interação que, segundo o nosso conceito da língua, é o constituinte da língua como fenômeno supra-individual.

Na seção a seguir detalhamos os princípios metodológicos da *grounded theory*.

5.2 A grounded theory

O paradigma da *grounded theory*, traduzido para o português como “teoria fundamentada nos (ou em) dados”¹⁰³, é um conjunto de processos analíticos que se origina no trabalho de Glaser e Strauss (1967), como instrumental de pesquisa social qualitativa. Neste trabalho, orientamo-nos pela versão e pelos princípios metodológicos propostos por Strauss e Corbin (1990), os quais apresentam algumas diferenças em comparação com a linha desenvolvida pelo, anteriormente, co-autor da teoria, Barney G. Glaser. Gostaríamos, em primeiro lugar, de delinear os fundamentos desse paradigma, para, depois, descrever a aplicação da teoria aos nossos procedimentos metodológicos.

Neste trabalho aplicamos uma metodologia originária das ciências sociais, com a qual pretendemos chegar à descrição da gramática individual de cada falante. Justificamos essa opção mediante dois argumentos principais. O primeiro argumento é o nosso interesse integrativo voltado ao âmbito performativo da língua¹⁰⁴. O segundo argumento concerne ao nosso foco na gramática individual, pela preocupação crítica que compartilhamos com a seguinte opinião afirmada por Rieger.

Solange eine umfassende Sprachtheorie fehlt, welche die formal erklärenden Terme [...] über wohldefinierte Meßoperationen [...] mit quantitativ numerischen Termen [...] verbindet, ist es (noch) nicht möglich, linguistische Gesetzhypothesen so zu formulieren, daß daraus beobachtbare Zusammenhänge deduktiv prognostiziert und [experimentell] getestet werden könnten. Zusammenhänge, die daher nur aufgrund

¹⁰³ Ver: <http://www.levacov.eng.br/marilia/grounded_theory.html>

¹⁰⁴ O âmbito performativo, para nós, não corresponde à distinção entre “competência” e “performance” segundo a dicotomia gerativa. A nossa compreensão do âmbito performativo da língua orienta-se pela definição de Rieger (1995:25) “Dieser [der Performanz] liegt aber nicht primär ein Vermögen zur Produktion korrekter Sätze zugrunde, sondern die kommunikative Kompetenz des sinnvollen Gebrauchs pragmatisch-funktionaler, d.h. bedeutsamer sprachlicher Äußerungen.” O âmbito performativo não se baseia em uma competência para produzir sentenças gramaticalmente corretas, e sim, na capacidade comunicativa de emprego de enunciados pragmático-funcionais, ou seja, enunciados que carregam significados.

bestimmter Beobachtungen und eher rudimentärer theoretischer Vorstellungen bestenfalls vermutet werden können, werden [...] deshalb nur als [...] Resultat jener Prozesse beschrieben werden können, die für das Zustandekommen dieser Beobachtungen vermutet werden. (RIEGER, 1995:3)¹⁰⁵.

Essa posição meta-teórica de Rieger dialoga com o desenvolvimento de teorias qualitativas baseadas em dados empíricos como, em nosso caso, a *grounded theory*, que surgiu como um questionamento crítico da aplicabilidade imediata do padrão de *good science* oriundo das ciências exatas em estudos de fenômenos sociais. A crítica formulada por Strauss e Corbin dirige-se em geral contra o positivismo inerente das exigências de compatibilidade, generalização, consistência, reproduzibilidade, precisão e verificação, no âmbito das ciências exatas e, em específico, questiona a possibilidade de reproduzir, em termos de pesquisa científica, fenômenos sociais e / ou psicológicos.

“The usual scientific canons include: significance, theory-observation compatibility, generalizability, consistency, reproducibility, precision and verification. [...] the dangers that must be guarded against by qualitative researchers when using such terms lie in their more positivistic connotations, [...]. However, no theory that deals with a social / psychological phenomenon is actually reproducible, [...]” (STRAUSS, CORBIN, 1990:250).

Temos que considerar, portanto, os preceitos quanto (i) ao desenvolvimento qualitativo de uma teoria e (ii) à justificação científica de tal.

Quanto ao desenvolvimento de uma teoria, Strauss e Corbin (1990) propõem que os diferentes domínios do processo científico, a saber, o levantamento dos dados, a sua análise, a proposta de hipóteses e de uma teoria, são mais proximamente interligados e mais bem conduzidos de uma maneira não-linear, deliberada e circular do que seguindo uma seqüência unidirecional.

“A grounded theory parte da suposição que o pesquisador, já durante a coleta de dados, desenvolve, aprimora e interliga conceitos teóricos, construtos e hipóteses, de tal maneira que levantamento e análise se superpõem.” (MAYRING, 2000)

¹⁰⁵ Enquanto não dispusermos de uma teoria complexa da língua, que integre os termos formais, através de operacionalizações mensuráveis bem definidas, com os termos quantitativos, não podemos formular hipóteses lingüísticas de uma maneira que permita a dedução prognóstica de correlações observáveis e empiricamente testáveis. Essas correlações que, por causa disso, podemos somente supor com base em certas observações e idéias teóricas rudimentares, são correlações que podemos comunicar e descrever [cientificamente] somente encaixadas na descrição dos processos que levaram à observação dessas correlações por nós supostas. (Adaptação do alemão pela autora)

O procedimento metodológico compreendido pela *grounded theory* inicia com uma codificação¹⁰⁶ aberta dos dados, sem categorização prévia. Durante a avaliação, o pesquisador deve desenvolver categorias provisórias que, voltando a mais uma etapa de exploração dos dados, devem ser reavaliadas e reformuladas até encontrar categorias mais robustas e relevantes afirmadas pelo material empírico.

Frente a essa descrição bastante abstrata do processo de desenvolvimento de um modelo teórico no paradigma da *grounded theory*, gostaríamos de fazer duas observações. Primeiro, para melhorar a compreensão do processo e das etapas que o compõem, mostramos em 5.4 como esse processo se dá na análise do nosso material empírico. Segundo, pode parecer que o processo e as etapas descritos não estão tão distantes da metodologia científica de outras abordagens, como o início desta seção talvez tenha sugerido. A diferença entre uma pesquisa que segue outro modelo e uma pesquisa baseada no paradigma da *grounded theory* encontra-se justamente na explicitação de todas essas etapas. Em outros modelos, esses passos metodológicos acontecem, de uma maneira ou de outra, dentro da cabeça do pesquisador no processo de busca por categorias e exemplos que satisfaçam os objetivos e hipóteses que quer defender. Com essa observação chegamos à questão da justificação da metodologia qualitativa que constitui a *grounded theory*. A explicitação detalhada do processo de categorização é um procedimento fundamental para uma teoria formulada dentro deste paradigma. Para a avaliação de uma teoria que segue a metodologia proposta, Strauss e Corbin (1990) sugerem este critério de qualidade:

“In a grounded theory publication, the reader should be able to make judgements about some of the components of the research process that led to the publication.” (STRAUSS, CORBIN, 1990:252).¹⁰⁷

Antes de passar para a descrição da análise realizada com o nosso material empírico, nas seções a seguir, queremos apontar para um certo “parentesco” ou, pelo menos, para a compatibilidade que vemos entre a nossa abordagem fonético-fonológica complexa e emergente, a descrição fonético-fonológica na teoria de

¹⁰⁶ Por “codificação” entende-se, na *grounded theory*, o processo de demarcar e rotular provisoriamente as unidades do fenômeno a serem interpretadas. Em nosso caso, isso se refere à coleta das ocorrências de róticos intervocálicos e sua primeira descrição, que precede a sua apreensão em termos de variantes e, posteriormente, em termos de categorias dentro das gramáticas individuais.

¹⁰⁷ Com essa observação voltamos à opinião meta-teórica de Rieger, exposta acima.

exemplares adaptada da proposta de Bybee (2001) para a representação na gramática individual e a metodologia segundo o paradigma da *grounded theory*. Todas essas três linhas trabalham:

- 1) com categorias abertas;
- 2) com exemplares, suas propriedades individuais e as relações entre eles, em primeiro lugar, e só posteriormente com atributos categóricos e variantes generalizadas;
- 3) sem recorrer a uma representação intermediária abstrata (estruturalista) e, em vez disso, utilizando um modelo lingüístico não-binomial¹⁰⁸.

Destarte, cremos ter apresentado um encaminhamento metodológico consistente com os nossos objetivos e com o paradigma teórico em que nos apoiamos na realização deste estudo. A seguir, passamos a apresentar o material de análise, começando pela caracterização dos falantes e de como tratamos o perfil individual de cada um (5.3), para depois aplicar a metodologia adotada à avaliação fonética dos nossos dados (5.4).

5.3 O levantamento dos dados biográficos e lingüísticos

O material empírico em que realizamos a nossa análise consiste em gravações de 20 entrevistas realizadas por pesquisadores do projeto VARSUL no início da década de 1990, em Blumenau e Lages, com informantes oriundos daquelas cidades¹⁰⁹. O *corpus* do banco de dados do projeto VARSUL foi implementado pelas universidades UFRGS, PUC-RS, UFSC e UFPR e disponibiliza amostras de realizações da fala de habitantes enraizados em áreas urbanas sócio-culturalmente representativas de cada um dos três estados da Região Sul do Brasil. As entrevistas foram realizadas entre 1990 e 1996 sob a metodologia variacionista e estão armazenadas em forma de fitas cassetes, CDs e transcrições. Trata-se de 24 entrevistas para cada cidade com uma estratificação dos falantes segundo os critérios sexo, idade e escolaridade.

¹⁰⁸ Rieger (1995:9) argumenta em relação à inadequação de modelos binomiais enquanto não tivermos uma teoria lingüística que forneça categorias empiricamente testáveis na fala real e espontânea.

¹⁰⁹ De acordo com os critérios do projeto VARSUL, os informantes admitidos para o banco de dados devem ter morado na cidade em questão por pelo menos dois terços de sua vida, e não podem ter morado fora da região por mais de um ano no período de aquisição da língua nativa (2 a 12 anos).

A escolha das cidades foi norteada pela preocupação de representar as capitais e os grupos étnicos ou sociolingüísticos culturalmente representativos de cada um dos estados¹¹⁰.

O banco de dados do VARSUL possui 24 entrevistas para cada cidade, porém, tanto para Blumenau como para Lages, somente em 10 fitas encontramos uma qualidade satisfatória para a nossa análise auditiva e acústica. Contamos, portanto, com 20 entrevistas na totalidade.

5.3.1 Os dados biográficos levantados

Os falantes selecionados pelos pesquisadores do VARSUL não são representativos de todos os aspectos (bi-/mono-)lingüísticos encontrados em Blumenau (comparar a exposição no capítulo 3). No caso de Lages, não há como excluir a possibilidade, ainda que a chance seja pequena, de encontrar um indivíduo bilingüe entre os entrevistados. As fichas sociais dos informantes lageanos trazem informações escassas sobre a origem étnica e a biografia lingüística dos entrevistados. Como já mencionado, foram critérios decisivos para a escolha dos informantes, conforme a metodologia do VARSUL, a origem geográfica e a etnia. Assim, como comunidade de fala, Blumenau representa, no *corpus* do projeto VARSUL, a cidade influenciada por colonização alemã, e Lages representa a colonização gaúcha. Embora não tenham sido levadas em consideração informações lingüístico-biográficas dos falantes para a constituição do *corpus*, ainda assim, no tratamento dos dados, procuraremos “individualizar” os perfis dos informantes, captando informações sobre o grau ou o tipo de bilingüismo de cada um ao longo das próprias entrevistas. No caso de Lages, observaremos possíveis informações indiretas que indiquem a origem étnica do falante e de sua família.

As informações obtidas sobre o perfil individual dos falantes de Blumenau foram extraídas diretamente das entrevistas ouvidas, ou seja, trata-se de informações que os próprios falantes dão sobre si mesmos, e não de dados levantados

¹¹⁰ No Rio Grande do Sul: Porto Alegre, Flores da Cunha (colonização italiana), Panambi (colonização alemã) e São Borja (fronteira-contato com o espanhol). Em Santa Catarina (além de Blumenau e Lages): Florianópolis e Chapecó (colonização italiana). No Paraná: Curitiba, Londrina (colonização mineira e paulista), Irati (colonização eslava) e Pato Branco (colonização gaúcha).

metodologicamente pelos entrevistadores do projeto VARSUL. Portanto, há entrevistas que fornecem mais, ou menos, informações desse tipo, e seus valores não são operacionalizados através de critérios objetivos, mas captados na forma de julgamentos subjetivos emitidos no decorrer de uma narrativa, por exemplo. Em princípio são consideradas todas as informações possíveis que dizem respeito à biografia lingüística do informante e de sua família.

1. Quais membros da família dominam ou dominaram qual idioma em que grau¹¹¹:

> Membros: bisavós, avós, pais, esposos, filhos, netos (até noras e genros) do informante.

> Graus: (p.ex.) falar só alemão, falar só português, discriminar entre compreensão e produção do idioma ou entre as modalidades escrita e falada.

2. O uso atual dos idiomas (e uso antigo, se diferente) pelo informante em contato com o seu meio social e familiar:

> Com quem, na família, se comunica(-va) em alemão?

> Há outras instâncias sociais, p. ex., culto na igreja ou na escola bilingüe dos filhos, em que se pratica o alemão?

> Outros contatos quaisquer?

3. A idade com que o informante adquiriu ambos os idiomas.

> Desde sempre? Na idade pré-escolar ou escolar? Depois de adulto?

> Com quem? Em alguma instituição? Qual? Em que época?

> Qual língua adquiriu primeiro? Ou adquiriu ambas simultaneamente?

4. A distância geracional que existe entre o informante e seus antecedentes imigrantes da Alemanha (ou da Áustria).

5. O grau de domínio dos idiomas pelo informante segundo o seu próprio julgamento.

> Discriminação entre produção e percepção, oral e escrita.

> Diferenças no grau de domínio em diferentes fases da própria vida.

6. Atitudes do informante face aos dois idiomas e a questões gerais sobre a situação da existência de ambos em Blumenau, e face à identidade.

¹¹¹ Esse é um exemplo de julgamento altamente subjetivo e relativo.

- > Identificação própria e dos membros da família: quem é (era) alemão, quem é brasileiro.
- > Opiniões do tipo: o alemão é uma língua mais difícil do que o português.

Conforme explicamos anteriormente, essas informações estão disponíveis em quantidade e detalhamento diversificados nas entrevistas, não se prestando à quantificação e objetivação rigorosa. Em vista disso, vamos tratá-las como parte de uma narração lingüístico-biográfica subjetiva em que certos conceitos podem aparecer ou não. Conseqüentemente procuramos apontar uma escala ternária: mais, menos ou nenhum bilingüismo. Resumindo de maneira ainda vaga o quadro dos nossos informantes de Blumenau: há dois que não descendem de falantes de alemão e alegam ser monolíngües, dois que descrevem uma relação bastante distante com o alemão e pouco uso deste idioma no dia-a-dia, e os restantes são indivíduos bilíngües com uma proximidade relativamente maior com o idioma alemão. Um fator que ajuda nessa categorização bastante aproximativa são os comentários relativamente freqüentes dos próprios falantes no decorrer da entrevista, avaliando o grau de domínio do alemão, e também, especialmente no caso dos informantes mais idosos, do português, comparando os diferentes aspectos de competência (oral e escrita) nas duas línguas.

Quanto a Lages, revela-se, nas entrevistas com os falantes dessa cidade um número muito inferior de informações biográficas e sobre a origem étnica e regional da cidade. Não foi possível estabelecer uma lista uniforme de aspectos para operacionalizar os dados biográficos dos indivíduos de Lages. Ao invés disso, consideramos o máximo de elementos que, de uma maneira ou outra, apontam para o contexto étnico-cultural do falante e / ou da sua família. No capítulo 6 retomaremos essa questão. Na figura 18 descrevemos alguns tipos de informações que entraram individualmente na descrição do perfil biográfico dos falantes de Lages. Concluindo esta seção apresentamos dois exemplos de caracterização de falantes, no. 11 de Blumenau e no. 20 de Lages, conforme serão considerados no capítulo 6.

informante no.	Blumenau 11
avós paternos	vieram da Alemanha adultos
pais	pai veio da Alemanha aos 6 anos, mãe ? pais falam ainda alemão em casa entre si
informante	nasceu em Blumenau, aprendeu primeiro alemão, aprendeu português somente na escola, opinião: “hoje infelizmente não é mais a maioria de descendência alemã aqui em Blumenau” escreve alemão “com certos erros”, entende fala e escrita em alemão “perfeitamente”
filhos	informante fala alemão com eles, têm “tendência” para o português, filho menor: os colegas de escola riem dele quando fala alemão

Figura 17. Quadro de informações individuais do falante 11 de Blumenau.

No quadro acima vemos que há algumas informações mais objetivas, como, por exemplo, o fato de os avós paternos terem vindo para o Brasil como adultos, trazendo o pai do informante como criança de 6 anos. Como também há informações mais vagas e subjetivas, por exemplo, sobre o grau de domínio do alemão pelo próprio informante e pelos filhos dele. Além do mais, incluímos um exemplo de uma opinião individual sobre o âmbito sócio-cultural de Blumenau, citando as próprias palavras do informante. Bem nítida também é a incompletude dos dados. Sabemos a origem dos avós paternos e do pai, porém nada sabemos sobre o lado materno do informante. Comparamos agora o tipo de informações fornecidas em uma entrevista com um informante de Lages.

informante no.	Lages 20
avó paterna	alemã
Pai	origem alemã com português, “apego ao litoral, não à Serra”
informante	é de Ponte Alta (região não tem fronteira com o município de Lages e apresenta uma típica mistura de culturas), veio para Lages aos 18 anos, trabalha como vendedor externo e tem contato pelo comércio com regiões gauchescas, alemãs e italianas, conhece, comenta e participa de tradições culturais diferentes, às vezes se refere a “nós” e “nossas danças” falando das gaúchas, usa gírias gaúchas, como “prenda” para dizer “mulher”

Figura 18. Quadro de informações individuais do falante 20 de Lages.

Vemos, no caso das informações biográficas de um informante de Lages que estão disponíveis, menos informações acerca da origem étnica e regional da família do falante. Esse falante é o nosso único indivíduo de Lages que alega ser de descendência parcialmente alemã, pelo lado da avó paterna. Porém, pela falta de mais informações concernentes ao contato com a língua e / ou cultura praticada na família ou pela avó, buscamos, ao longo da entrevista, obter informações mais indiretas sobre possíveis influências da origem étnica. Procedendo assim, encontramos antes indícios de uma orientação cultural gaúcha na família de origem do falante, do que menções de manutenção de tradições consideradas alemãs.

Os dois quadros expostos nas figuras 17 e 18 são representativos em número de informações em comparação com os outros informantes. Há informantes cujas entrevistas oferecem mais detalhes, outros, menos. A mistura de informações concretas com opiniões e estimativas mais vagas é fruto do método pelo qual chegamos a tais informações, cuja coleta, conforme já mencionado, não foi previamente estipulada e direcionada pelos pesquisadores do VARSUL. No capítulo 6 descrevemos o perfil de todos os outros informantes junto com os dados da avaliação fonética, cujos procedimentos são expostos na seção 5.4.

Antes de passar para as análises fonéticas, gostaríamos de apresentar ainda as informações lingüísticas cuja influência potencial sobre os róticos também é examinada neste estudo.

5.3.2 Os dados lingüísticos levantados

No levantamento dos dados, entraram as seguintes informações lingüísticas do contexto em que ocorreram os róticos analisados: primeiro, distinguimos entre o r-simples e o r-duplo e, adicionalmente, controlamos a classe de palavra, a posição do acento lexical principal e o item lexical.

A classe de palavra é categorizada em três fatores: verbo, substantivo e o conjunto de outras classes. Tal recorte se justifica por três motivos: (i) a tendência indicada por estudos dos róticos em outras posições na sílaba¹¹²; (ii) o fato de que a maioria dos casos de pares mínimos em que ocorre, realmente, a oposição realizada pelo tipo do rótico, se limita aos verbos e substantivos (moro-morro, carinho-carrinho), tendo como exceção destacada a oposição adjetivo- substantivo como em caro-carro; (iii) a característica do material analisado, no qual predominam as ocorrências das classes de verbo e de substantivo. Todas as classes de palavras incluídas no fator “outras classes” não chegaram a abranger tantas ocorrências quanto as dos verbos e dos substantivos.

O controle do item lexical mostrou-se importante pela ocorrência numerosa de certos itens que se repetem com alta freqüência na maioria das entrevistas.

Optamos por não excluir repetições após um certo número (à exceção de um único caso, mencionado abaixo), porque, se tivéssemos limitado a extração dos nossos dados a uma repetição de, digamos, no máximo, cinco ocorrências por item, isso teria reduzido substancialmente a nossa amostra. Houve um caso em que nos vimos frente à necessidade de estabelecer um limite de ocorrências. Trata-se do item “serraria”, que acontece com uma freqüência de aproximadamente 40 ocorrências em uma única entrevista. Destas consideramos as primeiras 25, o equivalente a aproximadamente 25% das ocorrências totais desse falante. Por ser um caso particular, uma vez que em nenhuma outra entrevista o item possui uma freqüência com um número maior do que 3 ocorrências, não fizemos uma subdivisão do item em elementos como “serraria”, “serrador”, etc., embora, pelo número de ocorrências de cada um desses elements, isso pudesse acontecer. Os 20 itens lexicais mais freqüentes em todo o *corpus* são:

¹¹² Para o apagamento do -r final, por exemplo, Callou, Moraes e Leite (1996, ver capítulo 2) mostram que ele se dá mais facilmente na classe dos verbos na forma infinitiva.

>> *terra, carro, carrinho, morrer, arroz, carroça, arrumar, guerra, correr, bairro, serra, terreno, erro, aborrecer, correia, porre, barragem, churrasco, chimarrão, horrível*¹¹³ <<

O que chama atenção nessa lista é que todos os itens, sem exceção, apresentam a forma com r-duplo; não houve nenhum caso de r-simples. Temos 13 substantivos, 6 verbos e 1 adjetivo que representam a forma mais freqüente de cada item lexical.

A variável “acento” é dividida em três fatores: 1) o acento primário lexical recai sobre a vogal imediatamente anterior ao rótico, como em “caro”; 2) o acento recai sobre a vogal imediatamente posterior ao rótico, como em “barragem”; e 3) o acento não recai em nenhuma das duas vogais da vizinhança imediata do rótico, como em “aborrecer” ou “árvore”. Uma vez que, pela velocidade de fala e / ou por evitar encontro de acentos (ver FROTA, 2000), pode acontecer um deslocamento do acento da sílaba, consideramos a localização do acento primário não somente com base do léxico mas também conferimos a sua real aplicação pelos falantes em cada ocorrência.

Optamos por analisar a influência do acento por acreditar que a saliência de uma sílaba, como no caso do acento lexical, pode influenciar, pelos meios suprasegmentais, a pronúncia dos segmentos contidos nessa sílaba.

5.4 A avaliação fonética auditiva e acústica

As gravações das entrevistas realizadas pelos pesquisadores do VARSUL estão disponíveis, na agência da UFSC, na forma de fita-cassete. Para a avaliação fonética, auditiva e acústica, as fitas foram digitalizadas, de modo a melhorar a qualidade auditiva através da aplicação de filtros de equalização e de supressão de ruídos, que são mais altos que os dos parâmetros dos segmentos, ou seja, acima de 24.000Hz

¹¹³ Esta lista refere ao fator “item lexical mais freqüente” no plano do conjunto dos 20 falantes. Na gramática de cada indivíduo que descrevemos no capítulo, não aparecem necessariamente todos esses itens e sim, somente as palavras mais freqüentes na entrevista de cada informante.

A avaliação fonética orientou-se pelo paradigma de pesquisa qualitativa da *grounded theory*, conforme exposta em 5.3. As etapas percorridas nas análises auditiva e acústica para a codificação do material, apresentadas nesta seção, podem ser exemplificadas no esquema abaixo (figura 19). Por tiragem de exemplares entende-se, neste trabalho, a discussão dos itens mais freqüentes dentro da gramática individual de cada falante que será apresentada no capítulo 7.

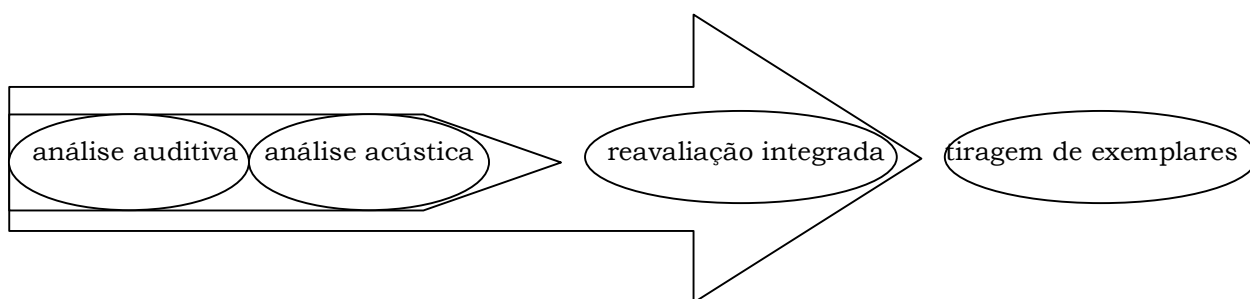


Figura 19. Diagrama dos passos analíticos fonéticos para a primeira codificação dos dados.

Na figura acima apresentamos as etapas de codificação, que compreendem (i) a análise auditiva, exposta na seção seguinte (5.4.1), e (ii) a análise acústica, que descrevemos na seção 5.4.2.

5.4.1 A codificação pela análise auditiva

Para a avaliação auditiva usamos os programas *praat*, na versão 4.1.13¹¹⁴, *Audacity*, na versão 1.2.4b¹¹⁵ e *iTunes*, na versão 4.8¹¹⁶. A utilização de três programas diferentes para avaliação das ocorrências traz a vantagem de permitir a investigação de mais detalhes perceptuais, já que cada um possibilita uma configuração dos equalizadores e do volume, entre outros elementos.

Realizamos mais de uma audição de todos os dados. A segunda audição e a análise acústica aconteceram, parcialmente, em paralelo. Na primeira audição de uma

¹¹⁴ Sistema de análise fonética, desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink do Departamento de Ciência Fonética da Universidade de Amsterdam. À disposição na URL: <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>.

¹¹⁵ Editor e gravador de áudio, desenvolvido por vários colaboradores e disponível em português na URL: <http://audacity.sourceforge.net/about/?lang=pt>

¹¹⁶ Reprodutor de áudio, desenvolvido pela *Apple Computer*.

entrevista com aproximadamente 120 itens analisados, já desenvolvemos uma idéia prévia dos tipos de rótico que esse falante usa. Não fizemos uma descrição detalhada de 120 ocorrências, e sim, ao longo da primeira avaliação, já formamos grupos de tipos hipotéticos. Esse é o processo que se entende, na terminologia da *grounded theory*, por codificação. A segunda avaliação foi iniciada somente após terem sido ouvidas todas as ocorrências de todas as entrevistas.

Os exemplos que apresentamos nesta seção e na seguinte são tirados do *corpus* de Blumenau, exceto a variante auditiva no. 4, a retroflexa, que somente ocorre no *corpus* de Lages. A variante no. 7, por sua vez, é encontrada exclusivamente no *corpus* de Blumenau e não a identificamos nas entrevistas de Lages.

O número de 9 variantes que resultam da nossa análise, contém um certo grau de arbitrariedade, já que existem sempre formas intermediárias que, a certa altura, resolvemos agregar a um tipo ou outro. Efeitos de co-articulação, ruídos na fita e diferenças no volume da gravação como também de filtros usados na digitalização do material podem interferir na discriminação auditiva. Organizar as ocorrências em 9 tipos de rótico significa necessariamente estabelecer critérios inclusivos e exclusivos. Não obstante, compreendemos esses tipos como graduais e não categóricos. Na avaliação auditiva conseguimos distinguir os tipos mais pelo modo de articulação e pelas características perceptuais pertinentes, do que pela zona de articulação¹¹⁷. No quadro abaixo, apresentamos os nossos primeiros resultados. A numeração segue a sua ordem pelas zonas de articulação.

¹¹⁷ A identificação da zona de articulação foi a tarefa mais difícil na análise auditiva, ainda que Boersma (1998, comparar capítulo 4) inclua as zonas de articulação entre os traços perceptuais. A dificuldade se deve, provavelmente, em parte, à qualidade acústica da gravação, causando uma certa vagueza em nosso julgamento desse aspecto.

no.	estouro	vibração	aspiração	fricção	zona
1	sem	sem	?	?	alveolar
2	com	sem	sem	sem	alveolar?
3	com	sem	com	?	alveolar/pós-alveolar ¹¹⁸
4	sem	sem	sem	sem	retroflexa
5	sem	com	sem	sem	alveolar
6	com	pouca	sem	pouca	alveolar?
7	sem	sem	?	com	velar?
8	sem	sem	?	com	?
9	sem	sem	com	com	glotal

Figura 20. Quadro das características perceptuais dos 9 tipos de róticos.

As características perceptuais que conseguimos distinguir são os sons de estouro, vibração, aspiração, fricção e, com muita cautela, a zona de articulação. Atribuímos a essas características os valores “com”, “sem”, “pouco” e “?” (duvidoso).

Quando colocamos “?”, nos casos de aspiração e fricção, significa que não conseguimos identificar a fonte do ruído adicional percebido, que pode ser causado por uma aspiração ou por uma fricção. Usamos “?” para indicar uma interpretação alternativa. No tipo 8, por exemplo, marcamos fricção; alternativamente, o ruído poderia ser causado pela aspiração que marcamos com “?”. Ao contrário, no caso do tipo 3, acreditamos ouvir uma aspiração que poderia ser também uma fricção.

Em muitas ocorrências de articulação aparentemente alveolar aparecem ruídos adicionais. Se identificamos, nesses casos, uma fricção, isso significa que há um outro gesto articulatório que está causando o ruído. Por exemplo, no tipo número 3, categorizamos a zona de articulação como “alveolar/pós-alveolar”. A articulação do rótico parece ser alveolar, mas também parece que há um estreitamento entre língua e a zona pós-alveolar, causando uma fricção nesta zona. Alternativamente

¹¹⁸ A zona pode compreender tanto a articulação do rótico propriamente dito – neste caso, os alvéolos –, como também a zona em que é gerado o ruído (fricção ou aspiração adicional), neste caso, pelo que parece na audição, a zona pós-alveolar. Colocamos as duas zonas, já que nas formas alveolares de róticos normalmente (comparar o IPA) não ocorre aspiração ou fricção.

ao que indicamos nesse caso pelo “?”, também poderia se tratar de uma aspiração adicional.

No caso do estouro, identificamos três tipos (2, 3 e 6) em que se escuta um barulho de explosão, o que indica um rápido fechamento total, no caso, entre a língua e os alvéolos.

Além dessa classificação, mantivemos a descrição de ocorrências individuais distintas desse quadro, sejam elas de tipo ou as que apresentam propriedades ainda não classificáveis pelos critérios utilizados no quadro acima. Gostaríamos de exibir dois desses casos para ilustração de como foram tratados na avaliação.

O primeiro exemplo está agrupado ao tipo 7:

no.	estouro	vibração	aspiração	fricção	zona
7	sem	sem?	?	com	velar?

obs.: A ocorrência “7yV0nBfp1a” parece ser uma articulação intermediária entre uma vibrante alveolar e uma fricativa, pelo menos há um ruído de uma fricção ou leve vibração que se origina em uma zona articulatória bastante posterior.

Figura 21. Diagrama de um caso excepcional de rótico intermediário do tipo 7.

Uma explicação de natureza articulatória, sobre a qual podemos apenas especular nesse caso, poderia ser que a forma descrita no diagrama acima é uma vibrante alveolar [r], porém com a língua elevada, na zona velar ou uvular, o que explicaria a presença do ruído que parece uvular. Alternativamente, poderia tratar-se de uma vibrante uvular [R], com um estreitamento pela língua nas zonas alveolar e velar. Esta segunda alternativa parece pouco provável, motivo pelo qual levamos em consideração uma terceira alternativa, a de que se trata de uma fricativa uvular com um estreitamento na zona alveolar adicional. Trata-se de um exemplo de um falante de Blumenau. Após a análise acústica exporemos, no capítulo 6, como chegamos a classificar essa variante como um tipo de fricativa velar. Entre as fricativas velares de Blumenau não há nenhum exemplo prototípico dessa articulação, conforme previsto pela descrição da *IPA*.

O segundo exemplo está agrupado ao tipo 3:

no.	estouro	vibração	aspiração	fricção	zona
3	com	sem	com	?	alveolar-velar

obs.: A ocorrência “3ySHaBfg2f” parece ser uma articulação simultânea na área alveolar e velar. Não é possível distinguir se o barulho audível é causado por um estouro na zona alveolar ou não. O ruído de fricção (ou aspiração), aparentemente velar, está superposto.

Figura 22. Diagrama de um caso excepcional de rótico intermediário do tipo 3.

Nesse caso, a explicação articulatória que formulamos a partir da impressão auditiva é que parece haver um gesto articulatório de tepe alveolar [r] superposto por uma fricção velar.

Com esses dois exemplos pretendemos, neste momento, somente problematizar a classificação auditiva em geral. Apresentamos todas as variantes com as suas propriedades auditivas e acústicas no capítulo 6.

Chegando a uma classificação provisória, após concluídas as duas etapas de análise auditiva, começamos a análise acústica que reestrutura parcialmente as categorias obtidas.

5.4.2 A codificação pela análise acústica

A análise acústica foi realizada através do programa *praat*¹¹⁹, utilizando, principalmente, os recursos do oscilograma e do sonograma, adicionado à visualização de quatro formantes. O sonograma foi configurado para mostrar as frequências de 0 a 5.500Hz, sendo aumentado, quando necessário, especialmente no caso das fricativas, para frequências de 0 a 10.000Hz.

A escolha dos parâmetros para a descrição acústica é orientada por Hess (2005:2)¹²⁰, que especifica os critérios abaixo para a descrição de consoantes, aos quais adicionamos o critério de vibração (5), que é específico dos róticos.

¹¹⁹ Comparar seção 5.4.1.

¹²⁰ A paginação, neste caso, se baseia no documento disponível na internet em formato pdf na URL: www.ikp.uni-bonn.de/dt/lehre/materialien/aap/aap_3f_4p.pdf

- 1) Transições entre os formantes
 - alcançando o *locus* formantal: sim ou não
- 2) Vozeamento (*voice bar*) → esse critério foi posteriormente descartado
 - sim ou não
- 3) Explosão / Estouro
 - sim ou não
 - caso sim: em qual freqüência?
- 4) Fricção
 - sim ou não
 - caso sim: em qual freqüência?
- 5) Vibração
 - sim ou não
 - caso sim: quantas batidas, em que freqüência?

Porém, devido à filtragem diferente empregada nas diversas gravações, não obtivemos dados acústicos relativos a todos esses critérios para todos os falantes. As freqüências altas, especialmente, às vezes não são bem distinguidas no material digitalizado.

Na análise acústica revisamos primeiro as propriedades acústicas de todos os 9 tipos de rótico descritos pelos critérios auditivos mencionados anteriormente. Essa revisão levou a uma segunda proposta de classificação. Após a comparação entre resultados auditivos e acústicos, chegamos a recodificar aqueles dados que antes tinham sido marcados como casos de dúvida. A recodificação atingiu aproximadamente 15% do *corpus*, recaindo especialmente nos tipos auditivos 1 e 2, que precisamos rever completamente depois da análise acústica. Vejamos, nos parágrafos a seguir, as etapas de análise desses dois tipos.

Escolhemos, para a ilustração dessa comparação entre análise auditiva e acústica, um exemplo identificado como tipo “2”. Esse é um dado que mostra uma alta correlação entre as características auditivas e acústicas, o que não acontece em todos os tipos e todas as ocorrências. Optamos por mostrar essa ocorrência em primeiro lugar, para depois discutir os casos em que as análises auditiva e acústica não convergem tão bem uma com a outra. Nas duas figuras abaixo vemos primeiro (figura 23) a imagem do oscilograma e do sonograma em um trecho de

aproximadamente 0,18s do rótico na frequência de até 8.000Hz. A consoante é realizada dentro da seqüência “bem caro também”, ou seja, encontra-se entre as vogais “a” e “o”. Em seguida, temos a figura 24, comparando em uma sinopse as características perceptuais e acústicas do rótico nessa ocorrência. A descrição da análise acústica segue logo após as figuras.

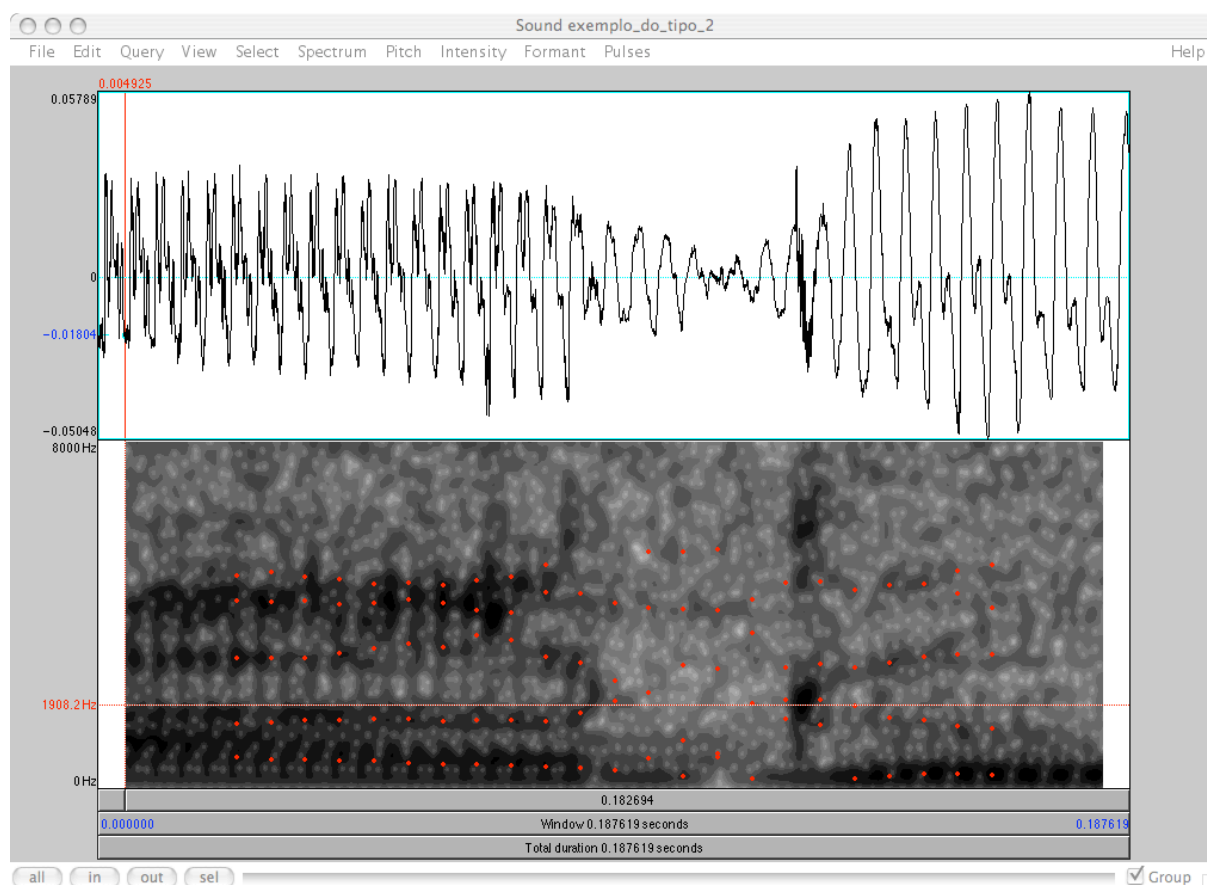


Figura 23. Oscilograma e sonograma do rótico do tipo 2 no exemplo de “bem caro também”.

exemplo: “bem caro também”					
critérios auditivos					
no.	estouro	vibração	aspiração	fricção	zona
2	com	sem	Sem	sem	alveolar
critérios acústicos					
no.	estouro	vibração	fricção	transição formantal	
2	redução de energia antes; amplitude até 8.000Hz	sem	sem	locus da consoante alveolar é marcado pela direção que o formante 2 apresenta (em torno de 1800Hz)	

Figura 24. Quadro dos critérios e características auditivas e acústicas do tipo 2.

Na comparação direta entre as características descritas pela análise auditiva e acústica vemos que se verificou a impressão perceptual da presença de um estouro que apresenta no sonograma duas faixas de maior energia, a primeira entre 1400Hz e 2700Hz, e a segunda entre 4500Hz e 8000Hz. Não estão presentes batidas de uma vibração, nem temos indícios de uma fricção no sonograma. O vozeamento é interrompido por aproximadamente 0,002s, imediatamente antes do estouro, que logo é acompanhado por vozeamento novamente. O segundo formante (F2) aponta na direção de 1800Hz (ver HESS, 2005) que indica a articulação alveolar. Na classificação articulatória de consoantes, trata-se, no caso, do rótico tipo 2 do tepe alveolar [r].

Com o sonograma abaixo apresentamos um exemplo de uma variante que classificamos anteriormente como tipo auditivo no. 2, ou seja, como tepe alveolar. Porém, na análise acústica revelaram-se propriedades muito diferentes do tepe, conforme acabamos de descrever acima. Depois de conhecer suas propriedades acústicas, percebemos que essa variante apresenta características consonantais muito vagas, de difícil classificação. Revimos, então, todas as ocorrências de classificações do tipo 1 e 2 e recodificamos mais que 220 casos. A grande maioria deles foi recodificada de 2 para 1.

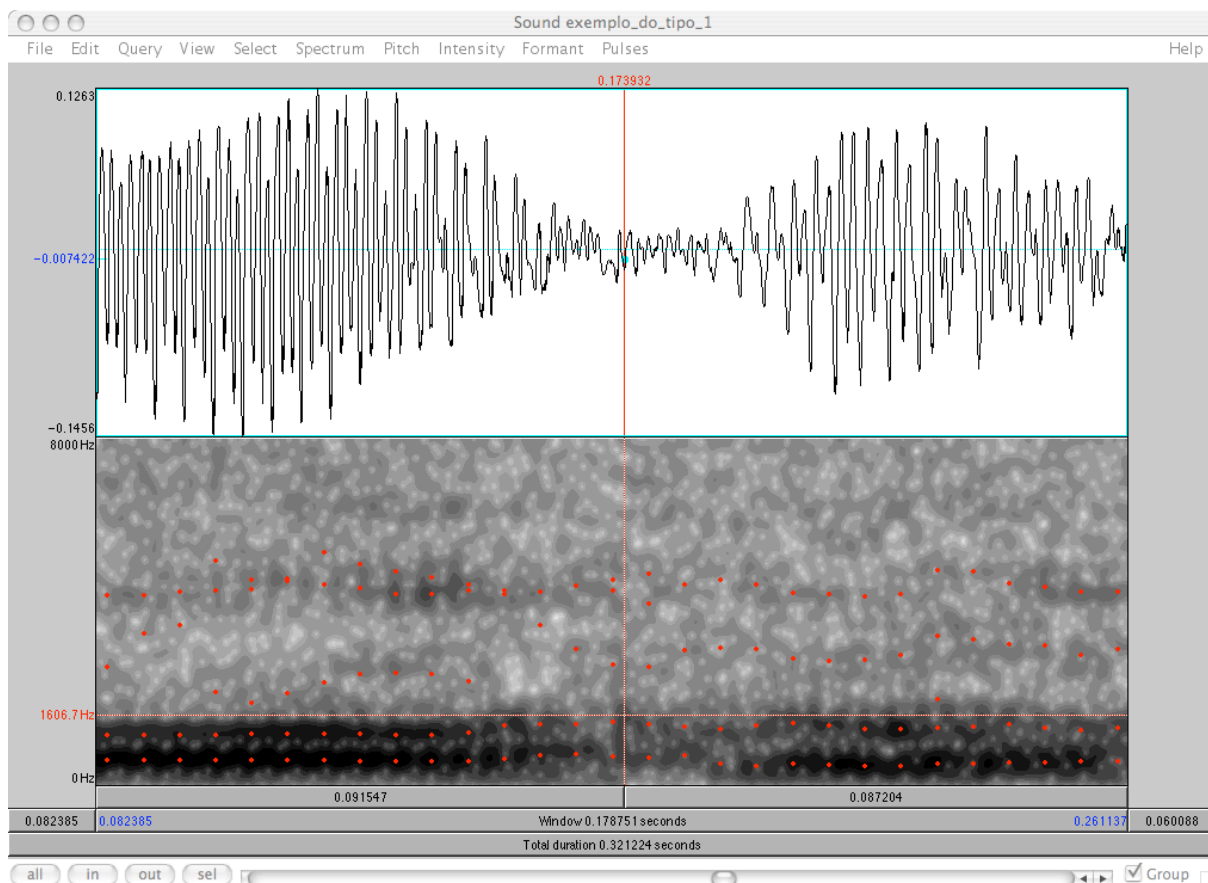


Figura 25. Oscilograma e sonograma do rótico do tipo 1 em “o morro todinho”.

Na figura 25., no caso do tipo 1, vemos uma diminuição de energia até a marcação vertical vermelha e depois disso percebemos um aumento. Ambos os processos ocorrem continuamente sem um movimento abrupto (um estouro). A transição dos formantes é quase linear. Não há uma faixa de energia de fricção visível.

exemplos: “o morro todinho”					
critérios auditivos					
no.	estouro	vibração	aspiração	fricção	Zona
1	sem	sem	?	?	alveolar?
critérios acústicos					
no.	estouro	vibração	fricção	transição formantal	
1	não, diminuição e aumento da energia contínuos	sem	muito pouca ou sem	segundo formante (F2) quase linear, na faixa de 1.700Hz	

Figura 26. Quadro dos critérios e características auditivas e acústicas do tipo 1 no exemplo “o morro todinho”.

O que chama atenção é a ausência de características consonantais marcantes que mostrem nessas ocorrências a qualidade de um tepe, por exemplo, já que se trata de uma articulação alveolar, ou de uma vibração. A impressão de propriedades consonantais vagas se mantém, quer as resultantes da análise auditiva, quer as da análise acústica. Concluimos que pode se tratar de uma articulação semi-vogal ou aproximante. No capítulo 6 voltaremos a discutir esse tipo com mais detalhes.

No caso da avaliação auditiva do tipo número 8, não chegamos a uma conclusão sobre a zona de articulação. Na análise acústica percebemos a aproximação e, muitas vezes, até o cruzamento dos formantes F3 e F4, o que aponta para a articulação uvular. Na seção 6.1 mostramos o sonograma e o oscilograma dessa variante, mas antecipamos aqui o resumo da comparação auditiva e acústica, de modo análogo ao que foi feito nos casos anteriores.

exemplo: "aquela barragem"					
critérios auditivos					
no.	estouro	vibração	aspiração	fricção	Zona
8	sem	sem	?	com	?
critérios acústicos					
no.	estouro	vibração	fricção	transição formantal	
8	sem	sem	faixas de energia baixa até 800Hz	F3 e F4 aproximam-se em torno de 3.000Hz, F1 abaixa-se	

Figura 27. Quadro dos critérios e características auditivas e acústicas do tipo 8, no exemplo "aquela barragem"

Com a exposição acima, iniciamos a apresentação dos nossos resultados, explicando e dando exemplos da codificação realizada nas avaliações auditiva e acústica. Pela seqüência analítica do paradigma da *grounded theory*, segue, após a codificação, a amostragem teórica, cujo processo é percorrido na apresentação dos resultados no capítulo 6. Em seguida, no capítulo 7, descrevemos as variantes representadas na gramática de cada indivíduo, buscando por indícios da organização e relação (= nível fonológico) entre as variantes (fonéticas).

5.5 Resumo do capítulo

Neste capítulo introduzimos o paradigma metodológico da *grounded theory*, analisando a sua adaptabilidade ao nosso quadro teórico, exposto no capítulo 4, e ao nosso objetivo de chegar a uma análise fonético-fonológica dos róticos representados nas gramáticas individuais de falantes de Blumenau e Lages. Argumentamos em favor de um procedimento qualitativo, exploratório e aberto. A metodologia guiada pela *grounded theory* exige, como uma das suas partes integrantes, a explicitação transparente e detalhada dos passos analíticos, o que fizemos, elaborando e exemplificando o caminho pelo qual chegamos à codificação auditiva e acústica dos dados. Enquanto a codificação é compreendida como uma pré-seleção de possíveis categorias, em nosso caso, as 9 variantes encontradas em todo o *corpus*, a próxima etapa, a amostragem teórica, que percorremos no capítulo 6, consiste em uma análise mais aprofundada, testando a robustez das categorias. Já antecipamos que, no capítulo 6, argumentaremos não em favor de variantes com delimitações categóricas, e sim, em prol de tratar essas variantes como pontos proximais em uma escala contínua.

No que concerne à forma como estão à nossa disposição os dados no banco do VARSUL, descrevemos o seu levantamento nas entrevistas com os falantes de Blumenau e Lages conforme a metodologia utilizada pelo referido projeto. Depois explicamos a investigação dos fatores biográficos e o nosso recorte dos dados lingüísticos intrínsecos. Nas informações biográficas, o nosso interesse principal recai, no caso de Blumenau, sobre a aquisição dos dois idiomas e o contato com o alemão durante a vida dos informantes até hoje em dia. No caso de Lages, perquirimos as informações fornecidas pelos entrevistados em relação a possíveis influências culturais e / ou lingüísticas do alemão também nessa cidade.

6 Apresentação dos resultados

Neste capítulo descrevemos as 9 variantes de róticos que distinguimos pelas análises auditivas e acústicas e comparamos os nossos resultados relativos às entrevistas de Blumenau e Lages.

Na seção 6.1 expomos uma matriz contínua, na qual localizamos as variantes, e descrevemos as características auditivas e acústicas de cada variante, mostrando os sonogramas e oscilogramas obtidos pela análise com o programa *praat*. Por constituir o grupo cerne de nosso interesse, a maior parte dos dados analisados nessa seção foram retirados do *corpus* de Blumenau, exceto a variante retroflexa, que ocorre somente na fala de Lages, e a fricativa velar, cujas características aparecem mais claramente em dados encontrados no *corpus* de Lages. Iniciamos todas as seções e subseções neste capítulo com a descrição do caso de Blumenau, explorando e descobrindo as possibilidades de análise desse material para, depois, conferir a aplicação dos mesmos passos analíticos ao caso de Lages.

Em 6.2 analisamos a distribuição e ocorrência das 9 variantes nas duas cidades. Descrevemos as variantes mais usadas para ambos os tipos de rótico e examinamos a questão de se e como os falantes em ambas as cidades distinguem ou não entre os dois tipos de rótico.

Na seção 6.3 expomos os resultados de Blumenau e Lages correlacionados aos fatores intrínsecos das palavras que constituem o *corpus*. Mais especificamente, apresentamos resultados de cruzamentos entre as diferentes formas de realização do r-simple e do r-duplo e as variáveis lingüísticas “posição do acento” e “classe de palavras”, para cada uma das cidades. Analisamos o uso das variantes isoladamente e amalgamadas. Não se trata de uma análise multivariada, mas de distribuição de freqüências de uso, com vistas a delinear padrões de regularidade. Conforme já mencionamos anteriormente, uma vez que, pela constituição da amostra, não conseguimos estabelecer um quadro estratificado de falantes com distribuição equilibrada pelas células sociais, os fatores sociais clássicos (sexo, idade e escolaridade) não serão analisados.

Na seção 6.4 relacionamos os resultados apresentados nas seções 6.1 a 6.3 e interpretamos o comportamento quanto à escolha das variantes correlacionado aos fatores discutidos até então, apontando para algumas regularidades e relações entre as variantes.

6.1 As variantes segundo a avaliação auditiva e acústica

Nesta seção apresentamos primeiro os resultados das duas fases da nossa avaliação fonética, pelas quais chegamos a um quadro de 9 variantes de rótico. Na descrição dessas 9 variantes entram, além de propriedades auditivamente discriminadas, também aspectos revelados na análise acústica. Nesta primeira etapa da análise, acumulamos os resultados dos dois métodos de avaliação fonética por ambos possuírem tanto características que tornam os seus resultados mais confiáveis, como aspectos nos quais os resultados precisam ser averiguados com mais cautela. No caso da avaliação auditiva, o fator principal que contribui para a discriminação mais segura é a capacidade do ouvido humano de distinguir, no caso, gestos de modos articulatorios diferentes realizados paralelamente. Por exemplo, nas variantes de vibrantes espirantizadas, às vezes se identifica a vibração que, no sinal acústico, pode ser sobreposta pela energia da fricção que dissimula a imagem no sonograma. A vantagem da avaliação acústica sobre a auditiva revela-se, por exemplo, na discriminação da estrutura formantal. No caso de variantes vibrantes ou fricativas pronunciadas com pouco esforço articulatorio, torna-se difícil a identificação da zona de articulação pelo método auditivo. No sonograma, as formantes das variantes alveolares, velares, uvulares e glotais possuem propriedades bem características que permitem identificar a zona de articulação com maior segurança. Sendo assim, no conjunto de 9 formas que apresentamos na figura 28, abaixo, integramos os resultados complementares dos dois métodos fonéticos que percorremos durante a nossa avaliação. O diagrama mostra as variantes dentro dos eixos “zona de articulação” (horizontal) e “modo de articulação” (vertical). A ordem de apresentação das zonas de articulação segue as propriedades fisiológicas humanas, começando, à esquerda, pela zona alveolar, seguida pela velar, uvular e glotal. A variante retroflexa é tratada como pós-alveolar, por isso, e pela ausência de variantes identificadas como palatais, a zona alveolar é seguida logo pela velar. A ordem de apresentação dos modos de articulação orienta-se pela facilidade de ilustração clara.

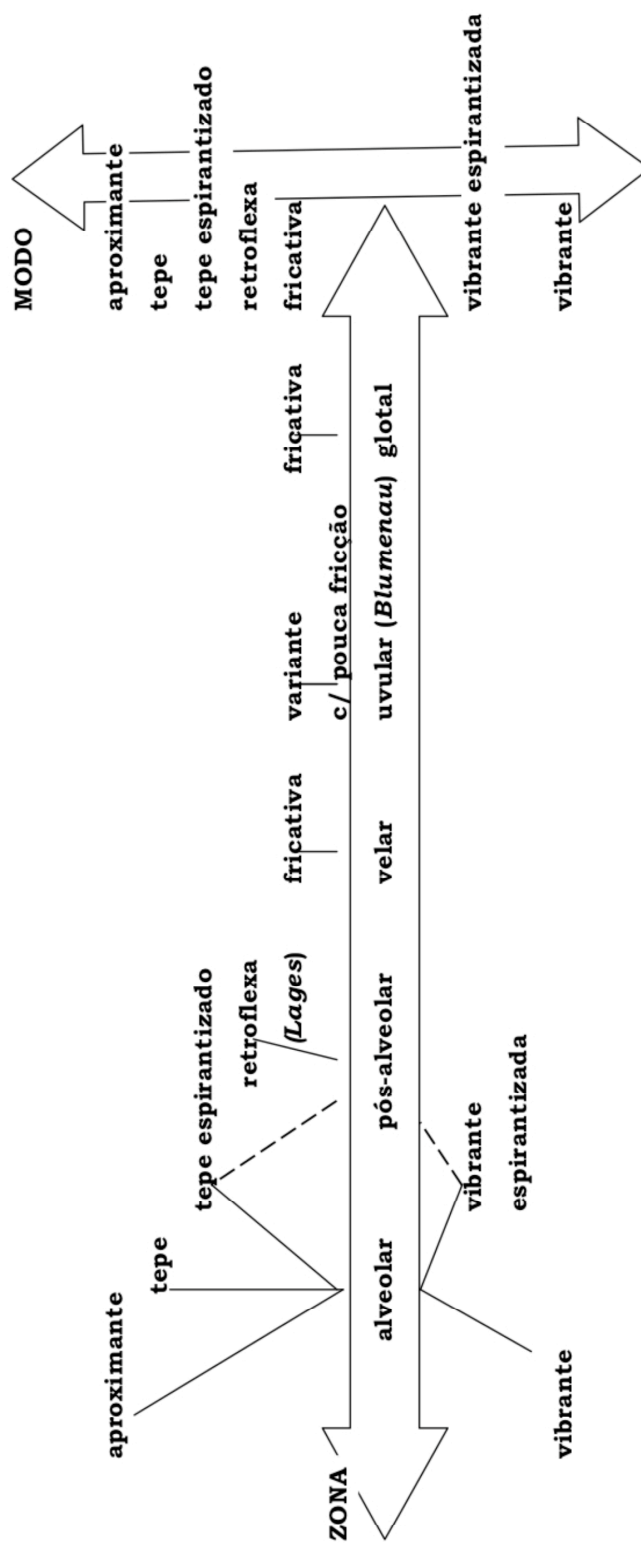


Figura 28. Matriz com os 9 pontos de róticos identificados no *corpus*.

No diagrama acima, identificamos 9 pontos dentro de uma escala gradiente e contínua. Embora passemos a apresentar, em seguida, exemplos prototípicos de variantes situadas mais próximas desses pontos, trata-se somente de exemplares. O conjunto de dados que examinamos ocupa, de fato, lugares em todos os graus intermediários entre os pontos fixados. Na figura acima, distinguimos os diferentes modos e as diferentes zonas de articulação. Um fator que não incluímos no diagrama é o vozeamento. Essa omissão deve-se ao fato de que nem na avaliação auditiva, nem na imagem do sonograma obtivemos resultados inequívocos sobre o fator vozeamento. Destarte, não tratamos dos subtipos (surdo/sonoro) de algumas das variantes apresentadas¹²¹. As 9 variantes contidas na matriz contínua apresentada na figura 28 ocorrem em ambas as cidades pesquisadas, exceto a retroflexa, que ocorre somente nos dados de Lages, e a variante uvular, que observamos somente na fala de Blumenau.

Ilustramos a discussão dos 9 pontos dentro da nossa matriz contínua com imagens dos sonogramas e oscilogramas gerados pelo programa *praat*, embora nem sempre seja muito nítida nas imagens a diferença principal entre um tipo e o outro. Nesses casos, recorreremos mais fortemente à descrição auditiva. A denominação dos tipos segue a classificação do *IPA*, adicionando os tipos de tepe e vibrante espirantizados, conforme a proposta terminológica de Silva e outros (2001). No caso do tepe, não se trata exatamente de uma espirantização no sentido de fricativizar o som no mesmo ponto de articulação, uma vez que o ruído é causado, mais provavelmente na zona pós-alveolar. Não obstante, acreditamos que o fenômeno descrito mais abaixo é bastante parecido com a espirantização como a conhecemos no caso da vibrante e, portanto, julgamos justificada a aplicação do termo “espirantizado” para ambas essas variedades. A nossa discussão de cada um dos tipos recorre à descrição auditiva e acústica da variante, seguida por uma caracterização das propriedades que a distinguem das outras variantes próximas e parecidas. A partir dessa descrição, começamos a nos referir aos pontos identificados na matriz contínua como “variantes”, embora salientemos que, foneticamente, se trata mais de aproximações a esses pontos do que de variantes categoricamente delimitadas.

¹²¹ Supomos que o fator “vozeamento” também tenha qualidade gradiente, uma vez que as realizações fonéticas podem apresentar um ensurdecimento ou, então, especialmente em nosso caso, em que examinamos somente o contexto vocálico vizinho ao rótico, um vozeamento parcial devido a efeitos de co-articulação.

Para a apresentação dos sonogramas nesta seção decidimos não seguir rigidamente o padrão de parâmetros da visualização elaborada com o programa *praat*. Normalmente, os sonogramas são expostos na faixa de 0 a 8.000Hz, porém modificamos essa marca em benefício da clareza da imagem, especialmente nos casos em que não há marcações de energia nas frequências mais altas. Os recortes têm durações entre 180 e 700 milissegundos (ms). Dependendo da nitidez da imagem de cada gravação, apresentamos recortes maiores ou menores. Nos casos de imagens muito claras, procuramos mostrar a palavra inteira na qual ocorre o rótico. Há casos em que a delimitação do rótico está visível no sonograma e no oscilograma. Nos casos em que julgamos difícil a distinção visual do rótico, marcamos com uma faixa escurecida no oscilograma o começo e o fim da articulação. Normalmente utilizamos os recursos do programa *praat* para visualizar os formantes e assinalamos, nos casos em que essa informação contribui para a identificação do rótico, o *locus* da articulação, por uma linha pontilhada. Uma exceção em que não aplicamos nem os formantes e nem o *locus*, é a vibrante alveolar, uma vez que, nesse caso, ambos os recursos encobriram a visibilidade das batidas no sonograma. Doravante falaremos, quando fizermos referências às imagens dos sonogramas e oscilogramas, somente em sonogramas, com vistas a uma leitura mais fluida. Não obstante, nos comentários acerca das variantes faremos observações concernentes também aos oscilogramas, especialmente quando tratarmos de fenômenos de energia.

Seguindo a ordem pela zona de articulação começamos com a descrição da aproximante alveolar. Trata-se de uma variante encontrada com grande frequência. Pelo *IPA*, ela é descrita com o símbolo [ɹ] e é classificada como semivogal. A língua aproxima-se dos alvéolos, porém não há um contato completo entre órgão articulador (língua) e zona articulatória (alvéolos) e nem chega a estreitar tanto a cavidade oral que possa causar a turbulência do ar característica das fricativas. A relativa abertura da cavidade oral permite que, no sonograma, esta consoante apresente uma estrutura formantal semelhante à das vogais. Não há uma interrupção da saída do ar.

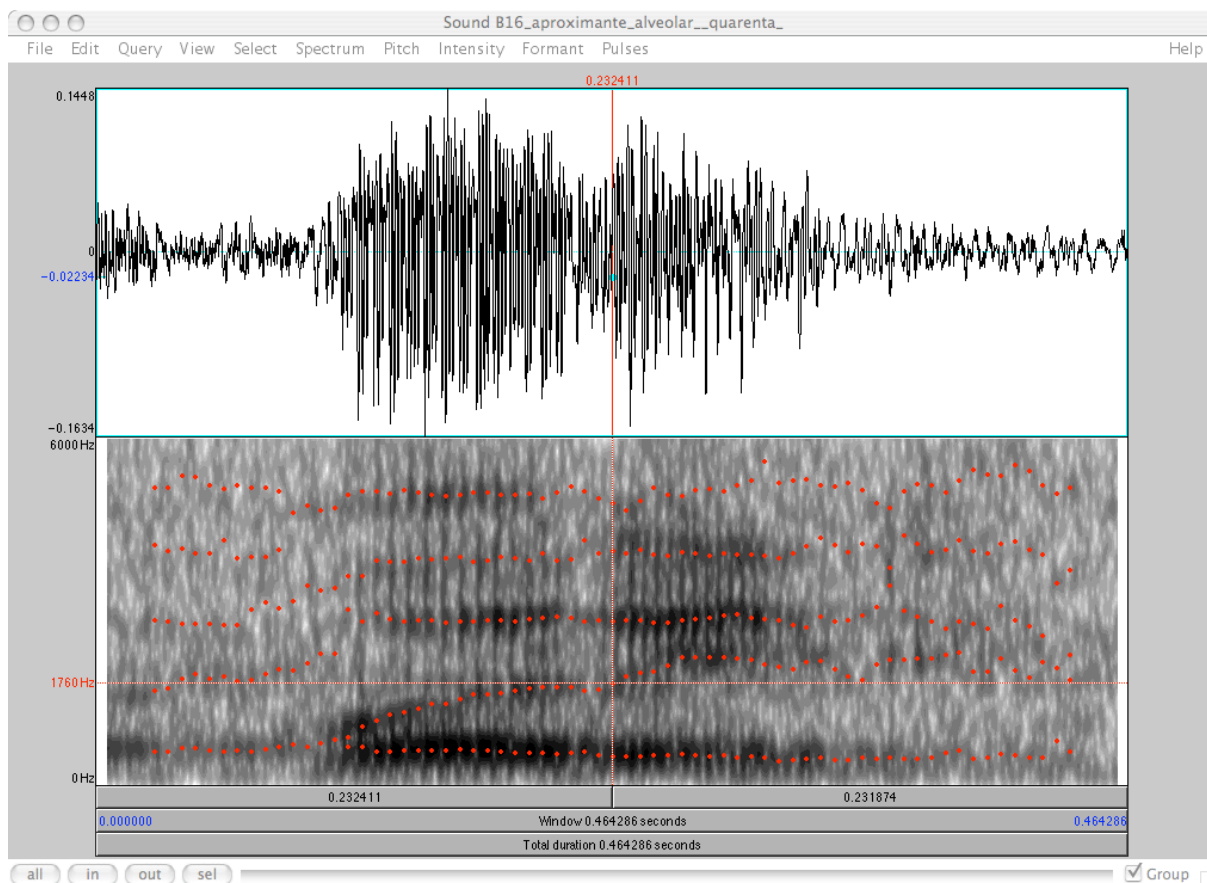


Figura 29. Oscilograma e sonograma da aproximante alveolar realizada na palavra “quarenta” pelo falante 16 de Blumenau.

Embora seja uma variante de alta frequência em todo o material analisado, nesse ponto de nossa matriz contínua trata-se de um tipo somente acusticamente qualificado. No sonograma há uma diferença bastante nítida entre a aproximante e o tepe alveolar. Isso vale para a transição dos formantes, que é relativamente linear no caso da aproximante, para a ausência do estouro na aproximante e para o período mais destacado de diminuição de energia no tepe. Na aproximante, a energia cai pontualmente sem apresentar fases de diminuição ou aumento, o que se observa no tepe alveolar. É importante considerar que as aproximantes, da forma como ocorrem no nosso material empírico, se parecem, na avaliação auditiva, muito com os tepes. A distinção segura dos tipos tepe e aproximante alveolares é possível somente com base na análise acústica.

Em comparação com a aproximante, a realização do tepe alveolar [r] que mostramos no sonograma abaixo distingue-se, em primeiro lugar, pela presença de uma diminuição de energia até a batida, que é o momento em que a língua fecha a passagem do ar, alcançando os alvéolos, seguida por um estouro, que é seguido por um rápido aumento de energia. O estouro tem uma faixa de maior energia que vai

até 8.000 Hz. A energia dentro da faixa de freqüências mais altas é bem distribuída. A transição formantal é descontínua. O F2 tende em direção ao *locus* de 1.800Hz que, em algumas ocorrências é alcançado, em outras, somente se aproxima. Do ponto de vista auditivo, muitos dados tinham sido classificados como tepe e, após a análise acústica, re-qualificados como aproximante. Embora a literatura afim tome o tepe alveolar como o protótipo da realização do r-simples, ele não ocorre, em nossa amostra, com freqüência muito mais alta (545 ocorrências) do que a da aproximante (395 ocorrências).

Na variante do tepe alveolar espirantizado temos uma aspiração ou fricção adicional. Essa variante compartilha com o tepe descrito acima o estouro. Porém, a energia antes do estouro, no tepe espirantizado, não diminui tanto quanto no tepe alveolar sem espirantização, e tampouco apresenta sua energia tão concentrada no momento do desbloqueio. A impressão auditiva é de que o desbloqueamento, ou a batida do tepe, e a fricção aconteçam simultaneamente. No entanto, no sonograma vemos que a fricção, com energia forte acima de 2.400Hz., inicia-se depois de uma curta interrupção após o estouro. Parece se tratar de um gesto articulatório posterior ao movimento do tepe. Essa ocorrência de dois gestos articulatórios está indicada na matriz (figura 28) por duas linhas que apontam a zona de articulação das variantes tepe espirantizado e vibrante espirantizada. A margem inferior da faixa da energia (ca. 2.300Hz), assinalada pela linha vermelha, indica a zona articulatória pós-alveolar. A marcação no oscilograma delimita a articulação a partir do estouro até o final da fricção. Em nosso *corpus* há 121 ocorrências do tepe espirantizado.

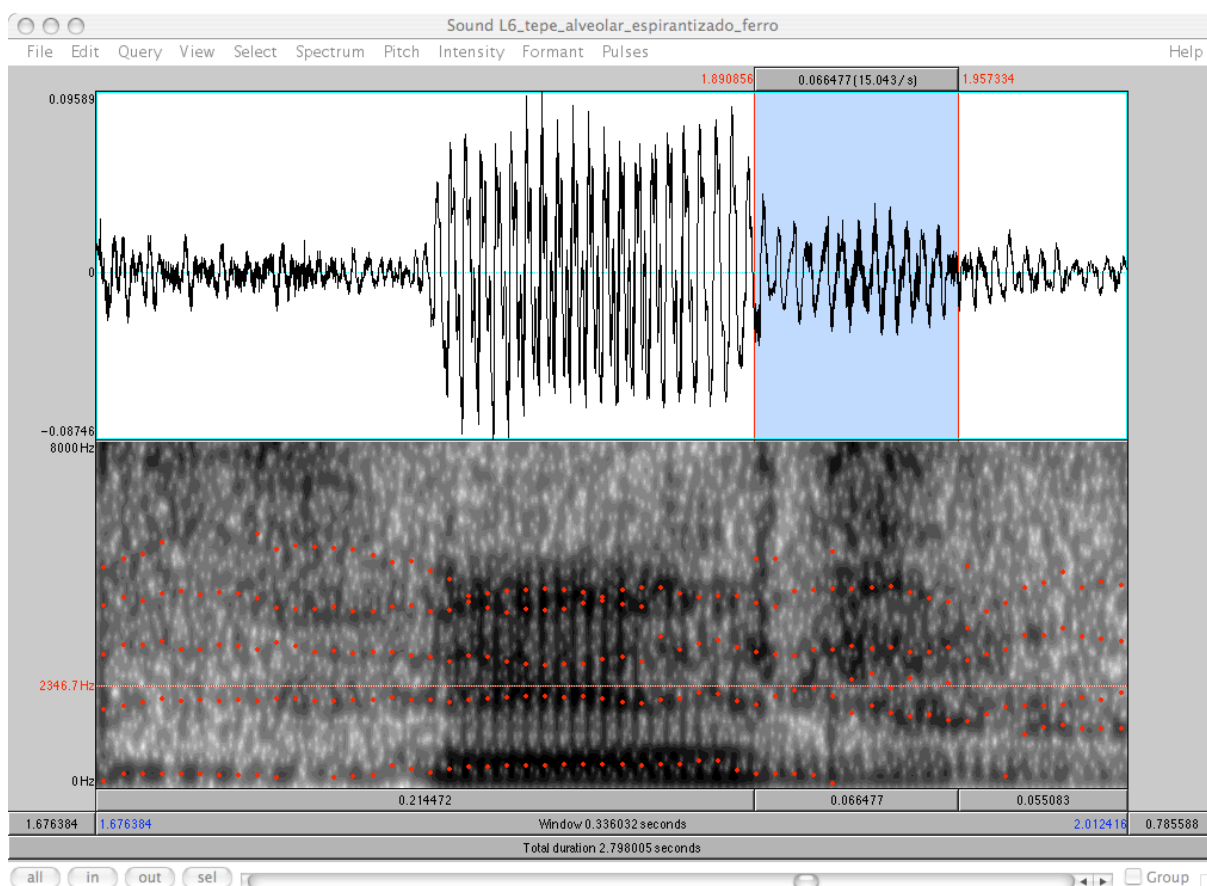


Figura 30. Oscilograma e Sonograma do tepe alveolar espirantizado realizado na palavra “ferro” pelo falante 6 de Lages.

Embora a próxima variante a ser discutida, a retroflexa [ɻ], também seja pós-alveolar, esta se distingue do tepe espirantizado de maneira inequívoca pelo modo de articulação. Como já vimos no caso da aproximante alveolar, a retroflexa é uma outra variante semivogal¹²². A língua curva-se em direção à zona pós-alveolar onde forma um estreitamento da cavidade oral. No sonograma aparece uma estrutura formantal parecida com a das vogais vizinhas. A diferença entre as duas variantes semivogais, a aproximante alveolar e a retroflexa, manifesta-se no sonograma primeiro pela duração. A aproximante é formada por uma curta diminuição de energia e uma passagem relativamente linear e rápida entre as vogais. A retroflexa é mais demorada e sua passagem é mais lenta entre as vogais vizinhas.

¹²² Nas retroflexas, o *IPA* distingue entre as variantes retroflexa aproximante [ɻ] e tepe retroflexo [ɺ]. Em nossa análise tratamos da retroflexa como um só fenômeno. Pela estrutura formantal acreditamos justificada a nossa descrição dela como aproximante [ɻ]. Resolvemos chamar essa variante somente de “retroflexa” para evitar a confusão com a aproximante alveolar [ɻ].

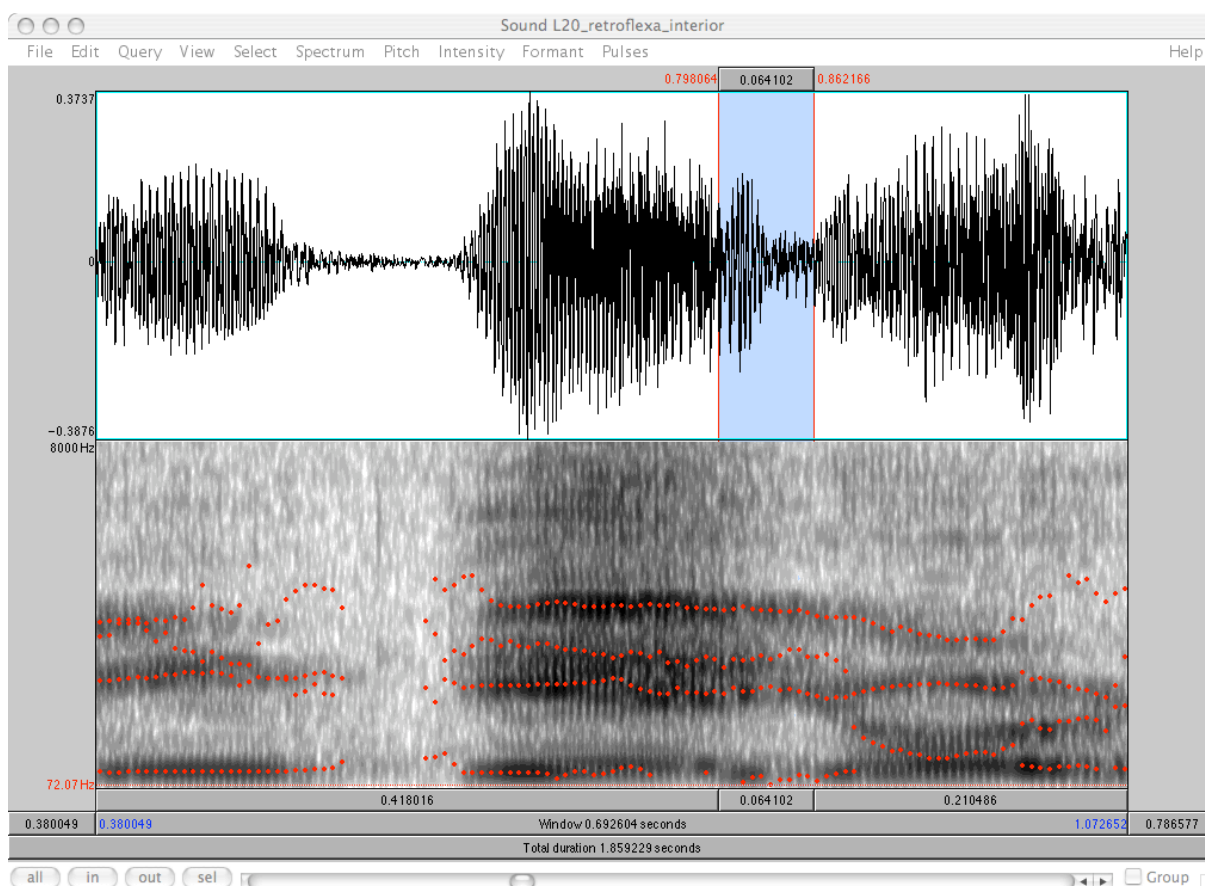


Figura 31. Oscilograma e sonograma da retroflexa realizada na palavra “interior”¹²³ pelo falante Lages 20.

A retroflexa ocorre em nossos dados somente na fala de informantes de Lages e, na maioria dos casos, restrita à posição vocálica de grupo consonantal ou ao final da palavra. As ocorrências em posição intervocálica são todas, sem exceção, de dois informantes de Lages e relativamente raras (7 ocorrências em total).

A próxima variante a ser descrita, a vibrante alveolar [r], ocorre com freqüência em ambas as cidades (total de 184 ocorrências), entretanto, o seu protótipo, conforme a descrição articulatória do *IPA*, também não é encontrado com muita facilidade. Muitas vezes, no caso da vibrante, a impressão auditiva é de perceber as batidas repetidas da ponta da língua contra os alvéolos. Mas, provavelmente por causa da qualidade das gravações, aquelas não se manifestam de maneira bem nítida nos sonogramas. A vibrante alveolar apresenta algumas características em comum com o tepe alveolar. Depois do primeiro estouro seguem-se outros, marcados tanto por

¹²³ Nesta ocorrência, ambos os róticos são realizados como retroflexas, a marcação no oscilograma delimita aproximadamente o rótico intervocálico. A delimitação certa é um pouco difícil pelas características quase vocálicas da retroflexa (aproximante).

rápidas diminuições e aumentos de energia como também pela faixa de energia bem forte que já vimos no caso do tepe alveolar. O F2 transita de forma quase linear em uma faixa entre 1.100Hz e 1.200Hz, enquanto o F3 parece formar ondas entre os estouros, diminuindo até um ponto mínimo de 1.500Hz e aumentando, nos seus pontos mais altos, até aproximadamente 2.600Hz. O F2 aponta a articulação alveolar, embora não alcance o seu *locus*. Na figura 32 temos uma vibrante realizada com 3 batidas, assinaladas pelos indicadores brancos.

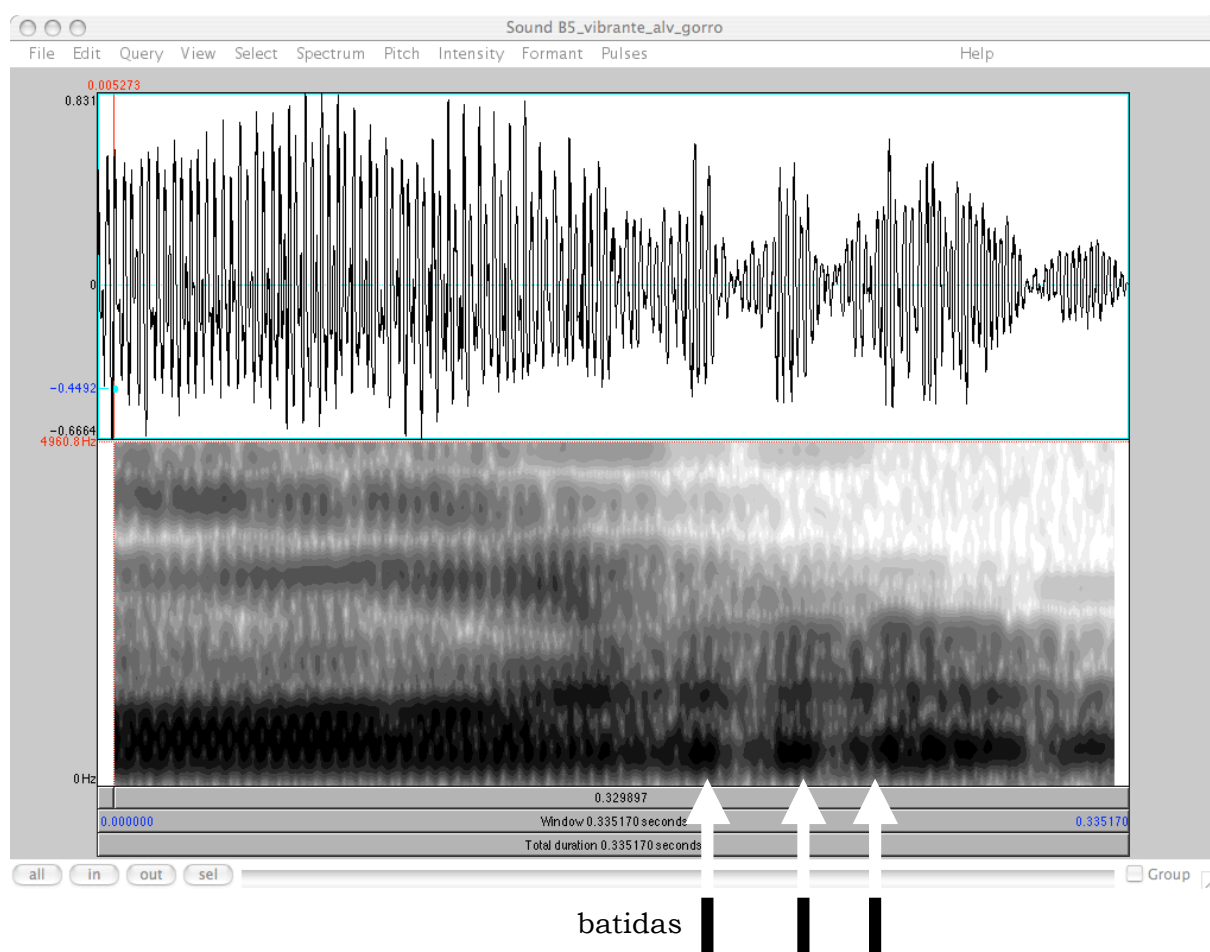


Figura 32. Oscilograma e sonograma da vibrante alveolar realizada na palavra “gorro” pelo falante 5 de Blumenau.

Um fator que dificulta a identificação do modo articulatório vibrante da variante alveolar pode ser a fricção. Não é atípico uma vibrante apresentar também um ruído causado por fricção. A comparação entre a vibrante e a vibrante espirantizada revela um dos nossos casos de passagem gradiente mais nítida. A atribuição de uma dada realização a uma dessas duas variantes é uma questão intrincada. Temos algumas ocorrências mais evidentemente classificáveis como uma ou como outra variante. Porém, a maioria dos casos é situada entre esses dois pontos que identificamos em nossa escala contínua. Em função disso, a imagem da vibrante

espirantizada que passamos a expor aqui no sonograma não está muito nítida. Ao contrário, a fricção parece ocultar no gráfico as batidas que o ouvido consegue distinguir.

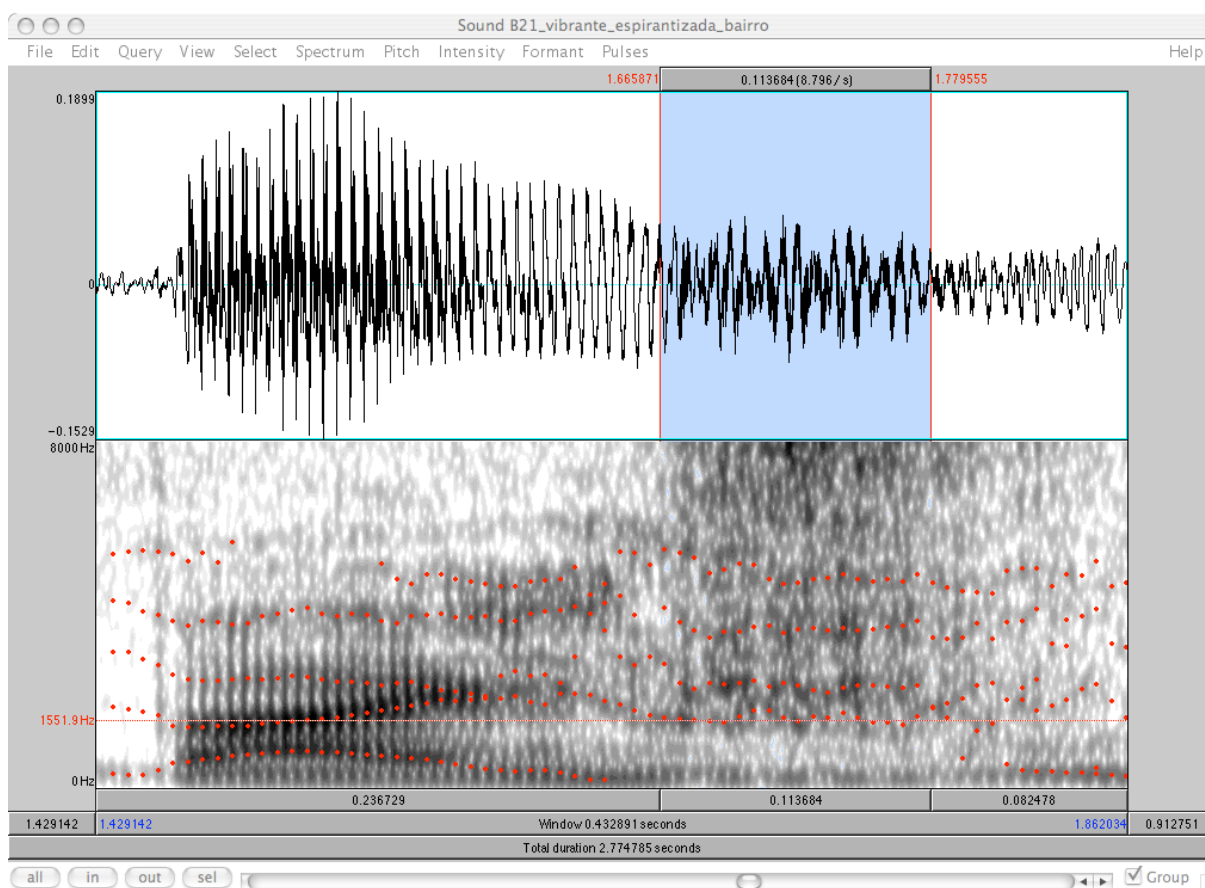


Figura 33. Oscilograma e sonograma da vibrante espirantizada realizada na palavra “bairro” pelo falante 21 de Blumenau.

O que se visualiza, na imagem acima, são faixas de energias de batidas, entre as delimitações marcadas no oscilograma, porém não tão concentradas e intensas como as do estouro do tepe ou da batida da vibrante alveolar sem fricção. A faixa de energia da fricção é bem distribuída como ocorre, por exemplo, na fricativa palatoalveolar [ʃ]. A margem inferior da faixa de energia fica em torno de 1.500Hz. Há 63 ocorrências que atribuímos à vibrante espirantizada.

Na passagem das zonas articatórias anteriores para as posteriores, chegamos, após a vibrante alveolar espirantizada, à zona velar. A variante descrita a seguir, a fricativa velar [x], é concebida na literatura especializada (ver capítulo 2) como uma das variantes de rótico, as quais são bem comuns no PB. Na análise auditiva,

encontramo-la nas realizações de 3 informantes de Blumenau e em todos os informantes de Lages, somando um total de 199 ocorrências.

Nos falantes de Blumenau, especialmente quando o rótico segue uma vogal baixa posterior como /a/ e /o/, a articulação da fricativa tende mais à zona uvular. Uma vez que justamente esse contexto vocálico é muito freqüente nos itens lexicais mais falados no *corpus* de Blumenau, a realização da fricativa velar é relativamente rara. Comparando esse resultado com a avaliação dos falantes lageanos, percebemos que, neste caso, também há uma tendência à posteriorização da fricativa velar para a uvular nos casos de antecedência por /a/ e /o/, embora haja diferenças entre as cidades. Em Blumenau ocorre uma variante fricativa velar com tendência à uvular e, além do mais, há uma variante nitidamente uvular. Em Lages, a tendência da fricativa velar à posteriorização por co-articulação está menos acentuada e não ocorre uma variante uvular própria. Mostramos, no próximo sonograma (figura 34), uma realização de uma fricativa velar de uma falante de Lages.

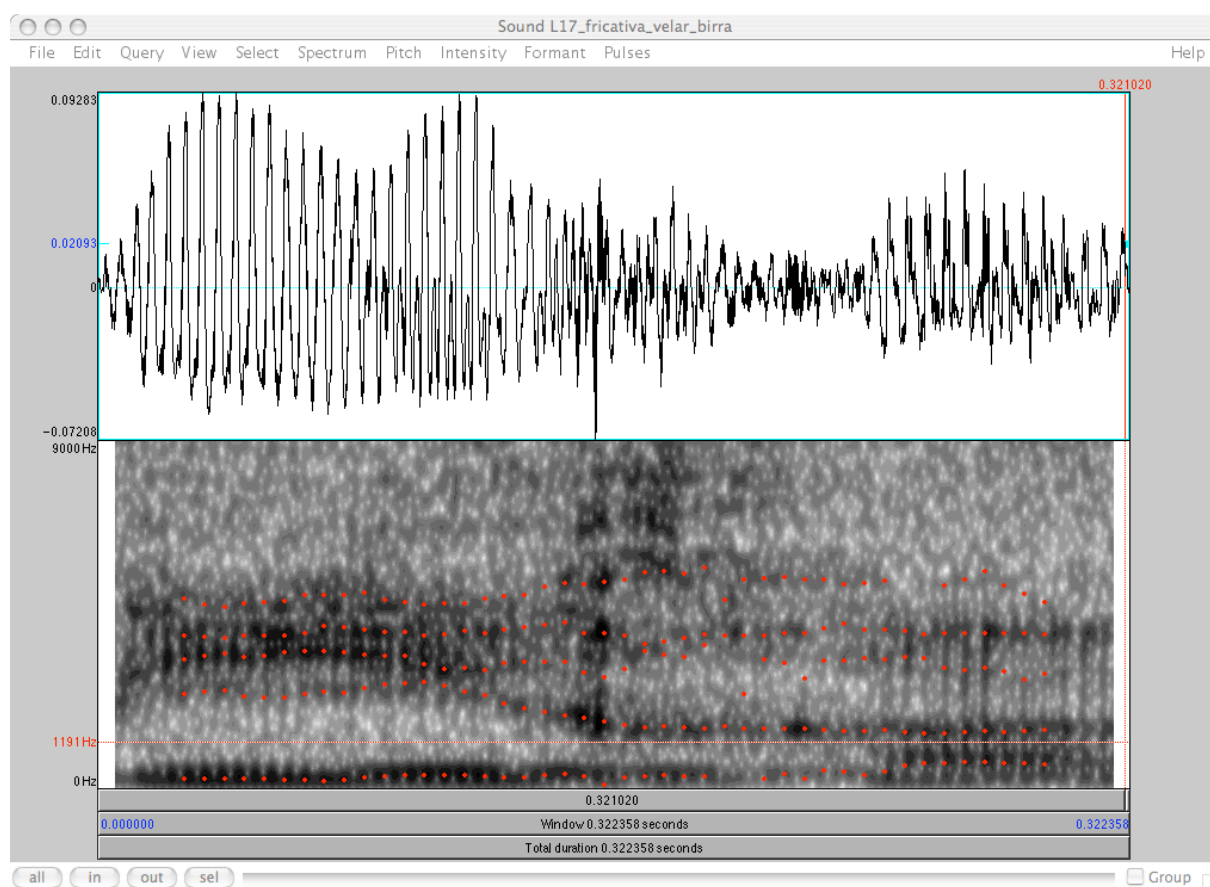


Figura 34. Oscilograma e sonograma da fricativa velar realizada na palavra “birra” pelo falante 17 de Lages.

Vemos no sonograma acima energia de fricção até as freqüências mais baixas, assinaladas pela marcação vermelha, que alcançam um nível mínimo de aproximadamente 1.100 Hz.

Para a variante uvular com pouca fricção (doravante variante uvular) não há exemplos de fala de Lages. Nem auditivamente, nem acusticamente identificamos características uvulares nas variantes de Lages. No próximo sonograma (figura 35), em que vemos uma variante realizada por um falante de Blumenau, é possível perceber o aspecto característico da variante uvular, a aproximação ou o cruzamento dos formantes F3 e F4 na faixa de 3.800Hz. No *corpus* de Blumenau há 90 ocorrências da variante uvular.

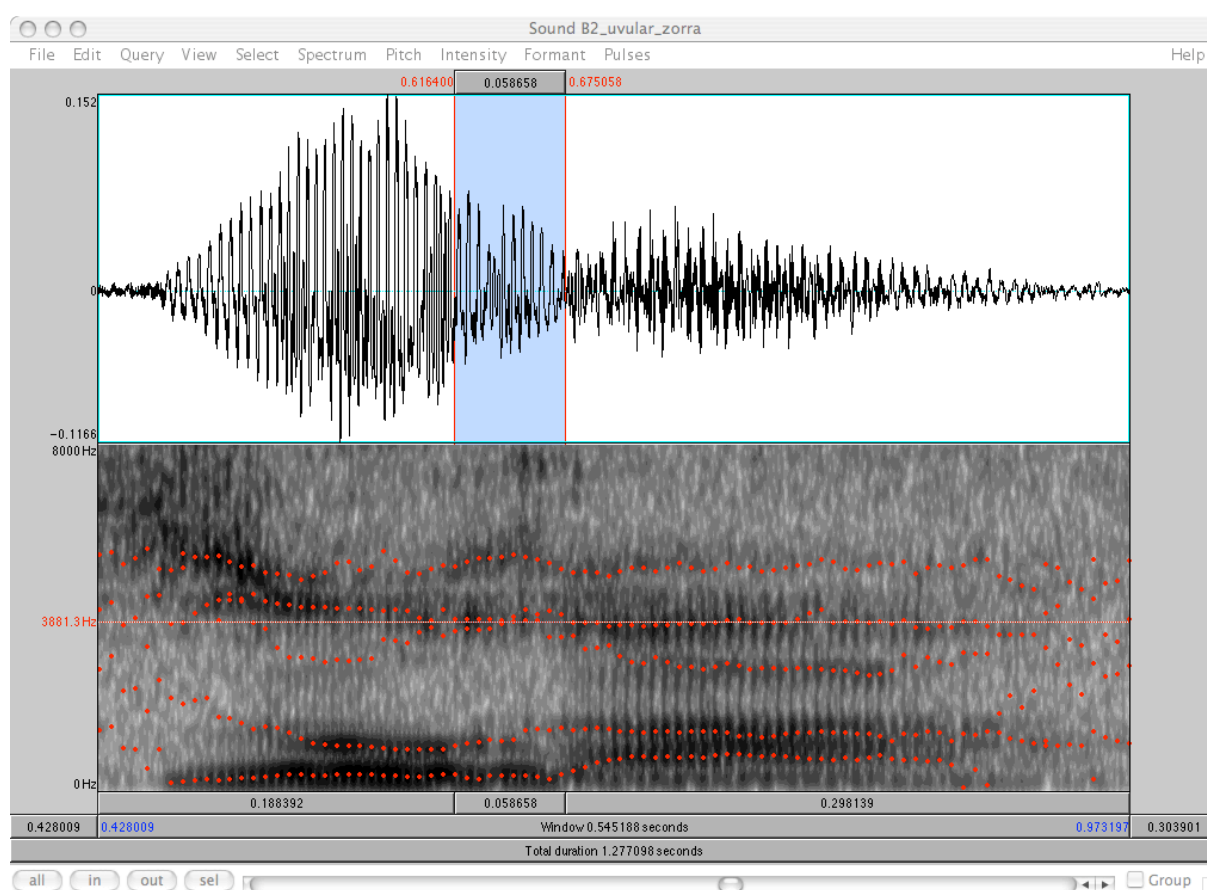


Figura 35. Oscilograma e sonograma da variante uvular realizada na palavra “zorra” pelo falante 2 de Blumenau.

As características principais da última variante a ser discutida, a fricativa glotal, são a influência dos formantes das vogais precedente e seguinte na transição pela fricativa e o ruído de fricção pouco audível. Na imagem abaixo, a marcação no oscilograma delimita a transição entre a vogal /a/ e /e/ que constituem o contexto

vocálico desse rótico. Trata-se, no caso da variante glotal, também de uma forma muito freqüente (131 ocorrências) em todo o material empírico.

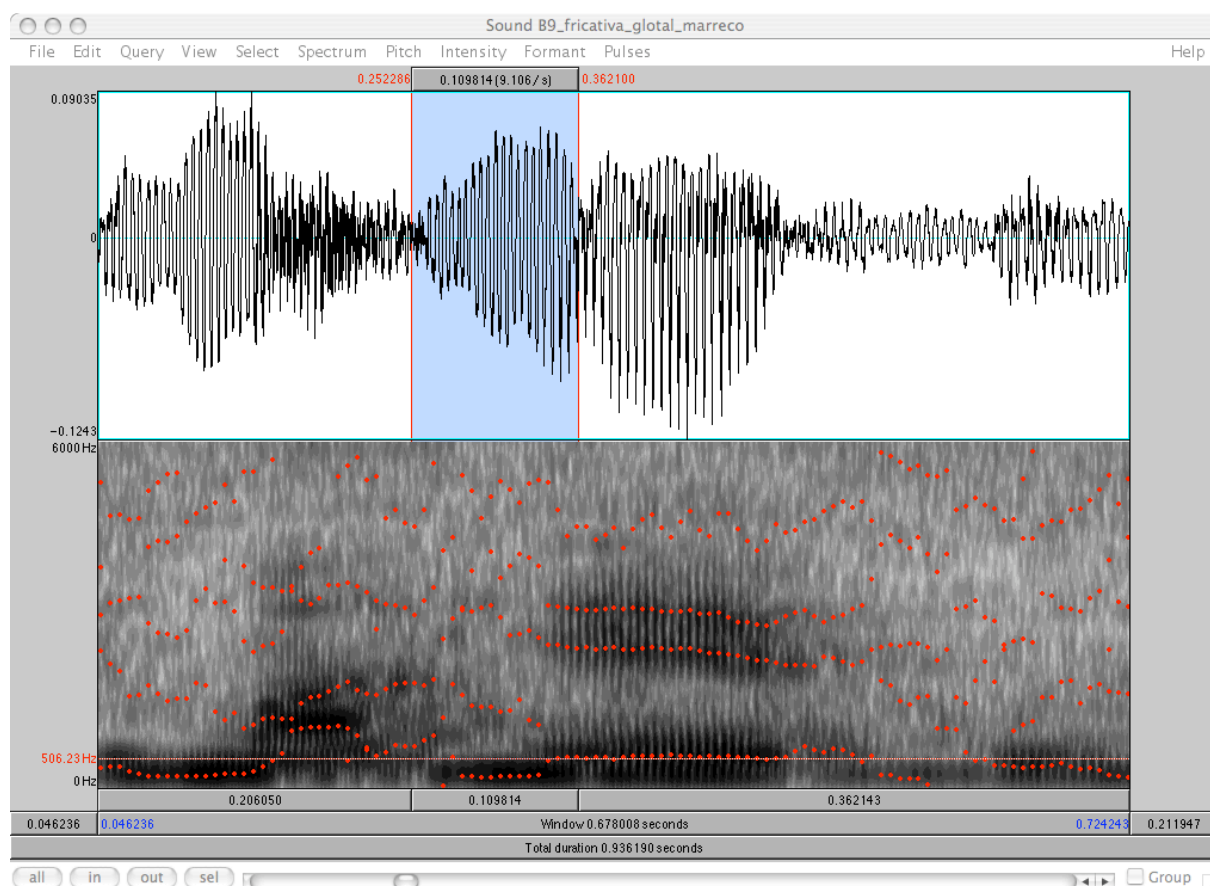


Figura 36. Oscilograma e sonograma da fricativa glotal realizada na palavra “marreco” pelo falante 9 de Blumenau.

Resumindo a discussão fonética apresentada até aqui, constatamos que a nossa análise auditiva e acústica traz os seguintes resultados principais sobre os róticos na fala de Lages e Blumenau.

- 1) Praticamente não há realizações fonéticas prototípicas. Portanto, as variantes definidas na matriz contínua apresentada na figura 28 são, antes, pontos de aproximação em uma escala gradual e não podem ser concebidos como variantes categóricas. As delimitações entre as variantes são híbridas.
- 2) Justamente as variantes referidas na literatura (capítulo 2) como as mais comuns no PB, a saber, o tepe alveolar e a fricativa velar, apresentam, no material analisado, propriedades destoantes da descrição articulatória segundo o *IPA*. No caso da fricativa velar trata-se de uma imagem bastante híbrida, apresentando

fases acusticamente identificadas como uvulares. Em muitos casos de ocorrências auditivamente identificadas como tepe alveolar, vemos, na análise acústica, que se trata de uma outra articulação, uma aproximante sem a batida característica do tepe.

Para avaliar essa discrepância entre o perfil acústico e a descrição na literatura, precisamos considerar o seguinte aspecto. Antes de identificar, apressadamente, as formas discriminadas no material de Blumenau e Lages como uma particularidade dos falantes dessas cidades, é necessário lembrar que a impressão auditiva, em ambos os casos, no tepe alveolar e na fricativa velar, resultou em uma classificação consentânea com a literatura especializada. A contradição com a expectativa surgiu através da avaliação acústica. Portanto, os nossos resultados não questionam a existência ou classe dessas duas variantes (tepe alveolar e fricativa velar); não obstante, apontam para a necessidade de rever a classificação articulatória de ambas através de pesquisas acústicas¹²⁴ de fala espontânea e natural.

3) Antes de apresentar a distribuição das variantes descritas acima na fala dos indivíduos das duas cidades, já antecipamos o resultado de que há uma variante exclusiva de Blumenau, a uvular, e uma variante exclusiva de Lages, a retroflexa.

Nos 9 pontos que discriminamos na matriz contínua, as formas são distinguidas por propriedades auditivas e acústicas e por possíveis conclusões sobre a zona e o modo de articulação dessas variantes. Algumas categorias distinguem-se igualmente na análise auditiva e na acústica. Para outras, como, por exemplo, o tepe alveolar, a análise acústica torna necessária uma reavaliação e uma divisão do tipo em dois, o tepe e a aproximante alveolar. A conclusão sobre a zona de articulação depende em alto grau da análise acústica. As impressões auditivas, neste aspecto, não são suficientemente claras, chegando, às vezes, a ser equivocadas.

¹²⁴ Ou articulatórias, onde houver o equipamento técnico necessário.

6.2. As variantes nos falantes das duas cidades.

Nesta seção apresentamos a distribuição das variantes pelos dois tipos de rótico, comparando os falantes de cada cidade. Começamos com a descrição dos resultados para Blumenau, considerando, em primeiro plano, a questão da distinção ou não entre variantes para a realização do r-simples e do r-duplo, e examinando as variantes mais freqüentes para ambos os casos.

6.2.1 Blumenau

Na figura 37 apresentamos as variantes fonéticas encontradas nas entrevistas de Blumenau. Na primeira linha consta o número da entrevista, que passa a identificar cada um dos 10 falantes. Para cada variante distinguimos a sua aplicação na realização do r-simples e do r-duplo. Embora não haja nenhuma ocorrência da variante retroflexa, ela foi incluída nesse quadro para facilitar a comparação com o outro quadro apresentado adiante, na figura 38, com as variantes identificadas nas entrevistas de Lages. Consideramos na figura 37 de Blumenau, como também na 38 de Lages, cada ocorrência de uma variante, encontrando casos de uma única ocorrência, para certas variantes, ao longo de uma entrevista inteira. Ao agruparmos as variantes, na seção 6.3, nos debruçaremos mais detalhadamente sobre a questão da freqüência de uso por informante.

Blu- menau	2	5	8	9	11	13	16	19	21	24	total
aprox.	23 r	22 r	28 r	26 r	30 r	36 r	63 r	44 r	26 r	32 r	330r
alv.	1 rr		24rr			16rr				5 rr	46rr
tepe	4 r			4 r		17rr	2 rr	6 r		5 r	19r
alv.										3 rr	22rr
tepe	9 rr	7 r	5 r				27rr				12r
alv. esp.			1 rr								37rr
retrofl.											
vibr.		13rr		10rr	22rr		35rr		12rr		92rr
alv.											
vibr.				6 rr					3 rr		9rr
alv. esp.											
fric.		6 rr						9rr		8 rr	23rr
velar											
uvular	15rr	11rr	7 rr	9 rr	5 rr			14rr	12rr	3 r	3r
										14rr	87rr
fric.	1 r		1 r	2 rr	2 rr	7 rr		31rr	3 rr	6rr	2r
glotal	6 rr		2 rr								59rr
total r- simples	28	29	34	30	30	36	63	50	26	40	366
total r- duplo	31	30	34	27	29	40	64	54	30	36	375
total	59	59	68	57	59	76	127	104	56	76	741

Figura 37. Quadro das variantes encontradas nas entrevistas de cada informante de Blumenau.

Na discussão dos resultados examinamos primeiro a questão da distinção entre o r-simples e o r-duplo¹²⁵. Começamos por estabelecer as variantes usadas para cada um dos dois tipos e observar se e como os falantes distinguem entre os dois.

¹²⁵ Não faremos referência à dicotomia “r-fraco vs. r-forte” concebida pela literatura fonológica do PB, discutida no capítulo 2. Ao invés disso, vamos tratar os dois tipos de rótico como r-simples e r-duplo, conforme já os distinguimos na figura 6.12.

Na figura acima (37) vemos os resultados do uso das variantes de rótico pelos 10 falantes de Blumenau. Para o r-simples nota-se que todos os falantes usam a aproximante alveolar (330 ocorrências) e somente 4 falantes (2, 9, 19 e 24) aplicam, em um total de 19 ocorrências, o tepe alveolar propriamente dito. Há dois informantes (5 e 8) que também produzem o tepe alveolar espirantizado para o r-simples (em um total de 11 ocorrências). Em três casos (2, 8 e 24) uma variante posterior, a fricativa glotal (falantes 2 e 8, uma ocorrência cada) ou a variante uvular (falante 24, 3 ocorrências), é usada para a realização de um r-simples.

Em relação à distinção entre r-simples e r-duplo, vemos que em 6 falantes (5, 9, 11, 16, 19 e 21) é mantida uma distinção entre as variantes aplicadas ao r-simples e as aplicadas ao r-duplo. Nos demais falantes não há uma distinção categórica entre os dois tipos de rótico. Onde houver a não-distinção, isto é, nos casos dos falantes 2, 8, 13, e 24, predomina a transgressão do padrão individual no sentido de que em variantes normalmente utilizadas para o r-simples há realizações de palavras com o r-duplo, especialmente a aproximante e o tepe alveolares (somando 68 ocorrências). No sentido contrário, há somente 5 ocorrências, conforme acabamos de descrever no parágrafo anterior, em que um r-simples é realizado através de uma variante predominantemente aplicada a realizações do r-duplo.

O r-duplo apresenta uma variação maior do que o r-simples. Todos os falantes aplicam entre 3 e 5 variantes diferentes para o r-duplo, alternando entre todas as 8 formas de rótico encontradas no *corpus* de Blumenau. Com 92 ocorrências, a variante mais freqüente para o r-duplo é a vibrante alveolar, seguida pela uvular com 87 ocorrências. Somente uma das 8 formas possíveis é aplicada em menos de 20 ocorrências, a saber, a vibrante alveolar espirantizada, com 9 dados. Em relação ao número de falantes, as variantes mais freqüentes, ou melhor, mais distribuídas, para o r-duplo, são as variantes uvular e fricativa glotal (8 dos 10 falantes), seguida pela vibrante alveolar (5 falantes).

Resumindo, 6 dos 10 informantes mantêm uma distinção entre as variantes atribuídas ao r-simples e aquelas atribuídas ao r-duplo, enquanto 4 não a mantêm. Na fala desses 10 informantes de Blumenau, para o r-simples predomina a realização como aproximante alveolar e, para o r-duplo, as realizações como vibrante alveolar e uvular. Vejamos, a seguir, a situação de Lages.

6.2.2 Lages

A figura 38 traz as variantes de rótico encontradas nas entrevistas com os informantes de Lages, segundo os mesmos critérios utilizados para a organização da figura 37, que mostra os róticos dos falantes de Blumenau. Na primeira linha constam os números das entrevistas, que passam a corresponder à identificação de cada um dos 10 informantes. Cada variante foi distinguida pela sua aplicação na realização do r-simples ou do r-duplo. Apresentamos, no quadro abaixo, todos os 9 pontos inicialmente discriminados em nossa matriz contínua (figura 28), embora não haja nenhuma realização da variante uvular observada na fala dos informantes de Lages. Para manter a boa comparabilidade entre as figuras 37 e 38, mantivemos o quadro das 9 variantes em ambos os casos.

Lages	3	6	8	12	14	16	17	20	21	24	total
aprox. alveolar	2 rr	1 rr	3 rr	1 rr	1 r			4 rr		7 rr	1r 18rr
tepe alveolar	58 r 2 rr	33 r	57 r 12rr	35 r	50 r 3 rr	54 r	51 r	42 r 5 rr	37 r	69 r	486r 22rr
tepe alv.esp.	1 rr	15rr	1 rr	3 rr	1 r 30rr			5 rr		12rr	1r 67rr
retrofl.							1 rr	3 r 3 rr			3r 4rr
vibr. alveolar	32rr	18rr	4 rr	4 rr	10rr			1 rr		23rr	92rr
vibr. alv.esp.	4 rr	5 r	24rr		3 rr			9 rr		9 rr	5r 49rr
fricativa velar	1 r 15rr	5 rr	6 rr	28rr	3 rr	54rr	24rr	3 rr	10rr	27rr	1r 175rr
uvular											
fricativa glotal	1 rr	1 rr	2 rr	2 rr		3 rr	25rr	6 rr	30rr		70rr
total r- simples	59	38	57	35	52	54	51	45	37	69	497
total r- duplo	57	40	52	38	49	57	50	36	40	78	497
total	116	78	109	73	101	111	101	81	77	147	994

Figura 38. Quadro das variantes encontradas nas entrevistas de cada informante de Lages.

Na apresentação dos resultados resumidos no quadro acima, também seguimos a mesma ordem já percorrida na descrição dos resultados de Blumenau. Todos os 10 falantes de Lages realizam o r-simples através do tepe alveolar. No caso de 4 falantes (3, 6, 14 e 20), além do tepe, ocorrem outras variantes aplicadas ao r-simples. Na fala do falante 3 há 5 ocorrências da vibrante alveolar espirantizada para r-simples. O falante 14 aplica uma vez a aproximante alveolar e uma vez o tepe espirantizado, e falante 20 aplica 3 vezes a retroflexa.

Em relação à distinção entre r-simples e r-duplo vemos que, de modo similar ao comportamento dos falantes de Blumenau, 6 falantes lageanos (6, 12, 16, 17, 21 e 24¹²⁶) mantêm uma distinção categórica entre as variantes usadas para o r-simples e as usadas para o r-duplo. Nos outros 4 entrevistados de Lages há aplicações do tepe alveolar, a variante predominantemente usada para o r-simples, também para algumas realizações do r-duplo. No sentido inverso, ou seja, a aplicação de variantes, por exemplo, da vibrante espirantizada ou da fricativa velar, predominantemente usadas para o r-duplo na realização de um r-simples, é rara. Nisso, a situação de Lages se assemelha à de Blumenau.

Assim como ocorre na fala dos entrevistados de Blumenau, os informantes de Lages também apresentam uma variação maior nas realizações do r-duplo do que nas do r-simples. Para o r-simples, a variante mais freqüente, em relação ao número de falantes (todos) e ao número de ocorrências (486) é o tepe alveolar, havendo somente 11 exceções ao total. Já para o r-duplo, os falantes aplicam entre 2 e até 8 variantes diferentes, alternando entre todas as formas de rótico encontradas no *corpus* de Lages. Para o r-duplo, a variante mais freqüente em relação ao número de ocorrências (175) e ao número de falantes (todos os 10) é a fricativa velar, seguida pela fricativa glotal com um total de 70 ocorrências distribuídas por 8 falantes e o tepe alveolar espirantizado com 67 ocorrências em um total de 7 falantes.

Resumindo e fazendo uma primeira comparação entre os resultados de Blumenau e Lages, vemos as seguintes diferenças expostas na figura 39.

¹²⁶ Dizer que esses 6 falantes distinguem categoricamente entre o r-simples e o r-duplo é válido somente com base do quadro das 9 variantes discriminadas auditiva e acusticamente. Uma vez que a distinção auditiva da aproximante e do tepe alveolar é insegura, não poderíamos estabelecer, pelo aspecto auditivo, essa distinção para todos os 12 falantes em Blumenau e Lages. Os falantes 6, 12 e 24 de Lages e o falante 16 de Blumenau não distinguem de modo auditivamente perceptível entre o r-simples e o r-duplo. Voltamos a considerar esses 4 casos no capítulo 7.

critério de comparação	cidade	Blumenau	Lages
forma de r-simples mais freqüente		aproximante alveolar	tepe alveolar
forma de r-duplo mais freqüente		vibrante alveolar e a uvular	fricativa velar
número de variantes diferentes em um só falante		r-simples: 1 a 3 r-duplo: 3 a 5	r-simples: 1 a 3 r-duplo: 2 a 8
número de falantes que distinguem entre as variantes do r-simples e as do r-duplo		6	6
Observações		não há ocorrências da retroflexa	não há ocorrências da uvular
		em 57 diferentes combinações entre tipo de rótico (simples/duplo) e as 8 variantes há 13 casos com menos de 4 ocorrências	em 65 diferentes combinações entre tipo de rótico (simples/duplo) e as 8 variantes há 24 casos com menos de 4 ocorrências

Figura 39. Quadro resumido da comparação entre os resultados de Blumenau e Lages.

Após essa comparação dos resultados da distribuição das variantes na realização do r-simples e do r-duplo em Blumenau e Lages, passamos a comparar os resultados dos falantes de ambas as cidades em relação aos fatores “posição de acento” e “classe de palavra”.

6.3 Comparação das variantes de Lages e Blumenau em relação aos fatores intrínsecos das palavras do nosso *corpus*

Nossa análise empírica baseia-se em um quadro de falantes cuja distribuição estratificada não é homogênea, conforme já salientado. Não há uma composição mínima e equilibrada das células sociais, em virtude de termos desconsiderado aqueles falantes, de ambas as cidades, cujas gravações não apresentam a qualidade mínima requerida para análise auditiva e acústica. Dessa forma, não realizaremos uma análise de eventuais condicionadores sociais. Contudo, é possível considerar o efeito da variável extralingüística “região”. Sendo assim, tratamos nesta seção de dois conjuntos, cada um composto de 10 falantes, que representam as cidades. Controlamos, no levantamento dos dados, a posição do acento, a classe de palavra e os itens lexicais mais freqüentes. Por causa da diversidade de palavras que constituem os itens lexicais mais freqüentes em cada falante, vamos considerar esse fator somente na análise das gramáticas individuais, apresentada no capítulo 7. O cruzamento entre as formas de realização das variantes e os fatores lingüísticos é feito comparativamente entre as duas cidades.

Começamos a exposição utilizando o quadro das 9 variantes (8 para cada cidade) em relação aos fatores lingüísticos intrínsecos (6.3.1). Porém, em alguns casos, que discutimos adiante, surge a questão de se haveria um comportamento em comum entre variantes parecidas em termos de uso e propriedades fonéticas. Para examinar a possibilidade de os fenômenos descritos nesta seção, correlacionados ao fator “região” e aos fatores lingüísticos intrínsecos, atuarem paralelamente ou de maneira aproximada em mais de uma variante, consideramos, após o resumo da distribuição de todas as variantes por cidade, possibilidades de agrupar algumas variantes e avaliá-las em conjunto, o que é feito na seção 6.3.2.

6.3.1 As 9 variantes em relação aos fatores lingüísticos intrínsecos

Na seqüência da análise nesta seção, as variantes são correlacionadas aos fatores “posição do acento” e “classe de palavras” nos dados que constituem o nosso *corpus*. Retomamos, primeiro, os valores totais de ocorrências por variante em ambas as cidades, distinguindo a sua aplicação para os dois tipos de rótico (figura 40). As tabelas, a partir daí, são organizadas por tipo de rótico: são apresentados separadamente os resultados para r-simples e para r-duplo, primeiramente com cruzamento entre as formas variantes e a variável posição do acento (figuras 41 e 43) para cada rótico, depois entre as variantes e a variável classe de palavras (figuras 42 e 44).

variante	cidade	Blumenau	Lages	total
aproximante alveolar		330 r	1 r	331 r
		46 rr	18 rr	63 rr
tepe alveolar		19 r	486 r	505 r
		21 rr	22 rr	43 rr
tepe alveolar espirantizado		12 r	1 r	13 r
		37 rr	67 rr	104 rr
retroflexa			3 r	3 r
			4 rr	4 rr
vibrante alveolar		92 rr	92 rr	184 rr
vibrante alveolar espirantizada		9 rr	5 r	5 r
			49 rr	58 rr
fricativa velar		23 rr	1 r	1 r
			175 rr	98 rr
uvular		3 r		3 r
		87 rr		87 rr
fricativa glotal		2 r	70 rr	2 r
		59 rr		129 rr
total r-simples		366	497	863 r
total r-duplo		375	497	872 rr
total		741	994	1735

Figura 40. Tabela das ocorrências de tipo de rótico por variante em Blumenau e Lages.

Na apresentação que se segue, aparece uma diferença na maneira como tratamos os casos de r-simples e de r-duplo. Em Blumenau, 90% dos casos de r-simples são realizados com a aproximante alveolar e, em Lages, 98% com o tepe alveolar. Vale lembrar que essas tendências em termos de frequência de uso correspondem ao que estamos considerando como o padrão de realização dos dois tipos de róticos em cada cidade. No caso do r-simples, focalizamos, nesta seção, prioritariamente a questão de que fator poderia estar correlacionado aos casos de exceção, ou seja, quando um r-simples não é realizado por uma dessas duas variantes, a

aproximante alveolar e o tepe alveolar. Já no caso do r-duplo, procuramos identificar possíveis tendências na escolha das variantes que o realizam, uma vez que, diferentemente do r-simples, não se configura um padrão evidente de uso.

Começamos pela posição do acento. Conforme discutido detalhadamente no capítulo 5, examinamos 3 posições de acento: quando o acento lexical recai sobre a vogal imediatamente antes do rótico (doravante posição anterior, sigla “a”, na figura abaixo), quando recai sobre a vogal imediatamente seguinte (doravante posição posterior, sigla “p”) ou quando não recai sobre nenhuma dessas duas vogais (doravante posição nenhuma, sigla “n”). As cidades são abreviadas com “B” para Blumenau e “L”, para Lages.

	a		p		n		Σ	
	+	-	+	-	+	-	+	-
B aprox. alv.	129	89	124	90	77	93	330	90
tepe alv.	7	5	6	4	2	2	15	4
tepe alv. esp.	7	5	6	4	3	4	16	4
retroflexa	0	0	0	0	0	0	0	0
vibrante alv.	0	0	0	0	0	0	0	0
vibr. alv. esp.	0	0	0	0	0	0	0	0
fric. velar	0	0	0	0	0	0	0	0
uvular	1	1	1	1	1	1	3	1
fric. glotal	1	1	1	1	0	0	2	1
Σ	145		138		83		366	
L aprox. alv.	0	0	1	1	0	0	1	0
tepe alv.	194	97	187	98	105	99	486	98
tepe alv. esp.	0	0	0	0	1	1	1	0
retroflexa	3	1	0	0	0	0	3	1
vibrante alv.	0	0	0	0	0	0	0	0
vibr. alv. esp.	3	1	2	1	0	0	5	1
fric. velar	1	0	0	0	0	0	1	0
uvular	0	0	0	0	0	0	0	0
fric. glotal	0	0	0	0	0	0	0	0
Σ	201		190		106		497	
Σ aprox. alv.	129	37	125	38	77	41	331	38
tepe alv.	201	58	193	59	107	57	501	58
tepe alv. esp.	7	2	6	2	4	2	17	2
retroflexa	3	1	0	0	0	0	3	0
vibrante alv.	0	0	0	0	0	0	0	0
vibr. alv. esp.	3	1	2	1	0	0	5	1
fric. velar	1	0	0	0	0	0	1	0
uvular	1	0	1	0	1	1	3	0
fric. glotal	1	0	1	0	0	0	2	0
Σ	346	328	189		863			

Figura 41. Tabela das variantes do r-simples, em Blumenau e Lages, considerando-se a posição do acento.

Quanto à realização do r-simples, o comportamento em ambas as cidades é bem delineado. No caso de Blumenau, há uma leve diferença entre as 3 posições de acento: em posição anterior ao rótico, há 11% de ocorrências não realizadas como aproximante; em posição posterior, há 10%; e na posição ‘nenhuma’, o nível de exceções do padrão aproximante diminui para 7%. Quanto à distribuição das variantes que contam como exceções, o tepe alveolar, o tepe espirantizado, a uvular

e a fricativa glotal, há níveis muito semelhantes nas 3 posições de acento, não sendo possível identificar nenhuma preferência particular para a realização das 36 ocorrências que são desviantes do padrão aproximante em Blumenau.

Em Lages, a predominância do tepe alveolar como variante padrão para o r-simples é ainda mais acentuada do que a da aproximante em Blumenau. Pelas raras exceções (11 ocorrências) não é possível assinalar nenhum uso preferencial. Vejamos, na figura 42, o comportamento das variantes do r-duplo em relação à posição do acento.

	p		a		n		Σ	
	+	-	+	-	+	-	+	-
B aprox. alv.	18	12	13	8	15	21	46	12
tepe alv.	9	6	9	6	4	6	22	6
tepe alv. esp.	14	9	12	8	11	15	37	10
retroflexa	0	0	0	0	0	0	0	0
vibrante alv.	25	17	50	32	17	24	92	25
vibr. alv. esp.	8	5	1	1	0	0	9	2
fric. velar	10	7	8	5	5	7	23	6
uvular	43	29	36	23	8	11	87	23
fric. glotal	21	14	27	17	11	15	59	16
Σ	148		156		71		375	
L aprox. alv.	7	3	7	4	4	3	18	4
tepe alv.	9	4	8	5	5	4	22	4
tepe alv. esp.	35	17	12	7	20	17	67	13
retroflexa	0	0	1	1	3	2	4	1
vibrante alv.	32	16	42	25	18	15	92	19
vibr. alv. esp.	21	10	17	10	11	9	49	10
fric. velar	66	32	70	41	39	32	175	35
uvular	0	0	0	0	0	0	0	0
fric. glotal	36	17	14	8	20	17	70	14
Σ	206		171		120		497	
Σ aprox. alv.	25	7	20	6	19	10	64	7
tepe alv.	18	5	17	5	9	5	44	5
tepe alv. esp.	49	14	24	7	31	16	104	12
retroflexa	0	0	1	0	3	2	4	0
vibrante alv.	57	16	92	28	35	18	184	21
vibr. alv. esp.	29	8	18	6	11	6	58	7
fric. velar	76	21	78	24	44	23	198	23
uvular	43	12	36	11	8	4	87	10
fric. glotal	57	16	41	13	31	16	129	15
Σ	354		327		191		872	

Figura 42. Tabela das variantes r-duplo, em Blumenau e Lages, considerando-se a posição do acento.

A posição do acento está relacionada com a escolha do rótico para a realização do r-duplo em ambas as cidades, como podemos ver na análise a seguir.

Entre os falantes de Blumenau predomina a realização do r-duplo como vibrante alveolar com 25% dos casos, seguida pela uvular, com 23%. No caso do acento anterior ao rótico, essa ordem é mantida e a tendência para a vibrante fortalecida com 32% contra 23% das ocorrências de uvular, esta mantendo a média geral. Em palavras com a posição do acento posterior ao rótico, essa ordem se inverte, predominando a uvular com 29% das realizações e diminuindo a frequência da vibrante alveolar para 17% dos dados. Em palavras com o acento em nenhuma das duas vogais de vizinhança imediata ao rótico (contexto menos recorrente na amostra), a vibrante alveolar ainda lidera como a variante mais usada, com um percentual de 24%, levemente abaixo da média geral. Nesse contexto, surge a aproximante alveolar como a segunda variante mais usada com 21% das ocorrências; e a uvular vai para o terceiro lugar compartilhando essa posição com o tepe alveolar espirantizado, ambas as variantes com 15% das ocorrências cada. Resumindo, em termos de frequência de uso, o acento anterior propicia a realização preferencial de um r-duplo como vibrante alveolar, o acento posterior favorece a realização do r-duplo como uvular e o acento em nenhuma das vogais vizinhas está associado a uma maior distribuição e, em relação ao todo, um maior número de exceções, para as realizações do r-duplo.

Nos falantes de Lages predomina, em todas as 3 posições de acento, a realização do r-duplo como fricativa velar, porém, em diferentes graus. A fricativa velar é mais freqüente nas palavras com o acento anterior ao rótico, com 41% das ocorrências. Nessa posição de acento, a segunda variante mais usada, com 25% dos casos, é a vibrante alveolar. Nas posições de acento posterior e em nenhuma das vogais vizinhas, o predomínio da fricativa velar é menos saliente (32%), ficando em segundo lugar o tepe espirantizado, com 17% dos casos para ambas as posições. Nesses dois casos, a vibrante alveolar fica em terceiro lugar entre as variantes para o r-duplo, com 15% e 16%, respectivamente.

Entre os resultados que apresentamos nesta seção, até aqui, há fenômenos que poderiam estar conectados, paralelamente, a mais de uma variante. Nesse caso, o que mais interessa é o comportamento do r-duplo, pois há menos variação no r-

simples, em relação à posição do acento. Conforme antecipamos, apresentaremos a relação entre os fatores lingüísticos intrínsecos, as cidades em um plano de variantes agrupadas na seção 6.3.2, para verificar comportamentos de maior extensão.

Mas antes de tratar das variantes agrupadas, analisamos o quadro das 9 variantes em relação ao segundo fator intrínseco, a classe de palavras.

Conforme discutido no capítulo 5, analisamos e distinguimos 3 classes de palavras, a saber, os verbos (V), os substantivos (S) e o conjunto de todas as demais classes (O). Entre os fatores lingüísticos analisados em nosso estudo, no caso das realizações do r-duplo, a classe de palavras é o que parece exercer maior influência na escolha e distribuição das variantes mais freqüentes. Enquanto isso, para o caso do r-simples, o padrão preferencial pela aproximante alveolar (Blumenau) e pelo tepe alveolar (Lages), já conhecido em nosso trabalho, se mantém. Vejamos, na figura 43, a distribuição das variantes na realização do r-simples pelas 3 classes de palavras.

	V		S		O		Σ	
	+	-	+	-	+	-	+	-
B aprox. alv.	122	88	100	92	108	92	330	90
tepe alv.	10	7	1	1	4	3	15	4
tepe alv. esp.	5	4	5	4	6	5	16	4
retroflexa	0	0	0	0	0	0	0	0
vibrante alv.	0	0	0	0	0	0	0	0
vibr. alv. esp.	0	0	0	0	0	0	0	0
fric. velar	0	0	0	0	0	0	0	0
uvular	1	1	2	2	0	0	3	1
fric. glotal	1	1	1	1	0	0	2	1
Σ	139		109		118		366	
L aprox. alv.	0	0	1	1	0	0	1	0
tepe alv.	176	99	112	96	198	98	486	98
tepe alv. esp.	0	0	1	1	0	0	1	0
retroflexa	0	0	1	1	2	1	3	1
vibrante alv.	0	0	0	0	0	0	0	0
vibr. alv. esp.	2	1	2	2	1	0	5	1
fric. velar	0	0	0	0	1	0	1	0
uvular	0	0	0	0	0	0	0	0
glotal	0	0	0	0	0	0	0	0
Σ	178		117		202		497	
Σ aprox. alv.	122	39	101	45	108	34	331	38
tepe alv.	186	59	113	50	202	63	501	58
tepe alv. esp.	5	1	6	3	6	2	17	2
retroflexa	0	0	1	0	2	1	3	0
vibrante alv.	0	0	0	0	0	0	0	0
vibr. alv. esp.	2	1	2	1	1	0	5	1
fric. velar	0	0	0	0	1	0	1	0
uvular	1	0	2	1	0	0	3	0
fric. glotal	1	0	1	0	0	0	2	0
Σ	317		226		320		863	

Figura 43. Tabela das variantes do r-simples, em Blumenau e Lages, considerando-se a classe de palavras.

Para o r-simples, em relação à classe da palavra, há uma grande conformidade na distribuição das variantes majoritárias e excepcionais. O grupo mais estável na tabela exposta na figura 43, é constituído pelos verbos entre os falantes de Lages: 99% deles são realizados como tepe alveolar. O grupo que, dentro de um quadro tão padronizado como esse, apresenta a maior variação, é o grupo dos verbos nos falantes de Blumenau. Aqui temos 88% dos casos realizados como aproximante alveolar e 7%, como tepe alveolar. Em geral, o padrão dos falantes de Lages em relação ao r-simples é mais conformado do que o uso dos falantes de Blumenau.

No caso do r-duplo, a classe dos substantivos é a que apresenta um perfil mais bem delineado em termos de frequência mais recorrente com certas variantes. Vejamos na figura 44 a distribuição das variantes para o r-duplo em Blumenau e Lages.

	V		S		O		Σ	
	+	-	+	-	+	-	+	-
B aprox. alv.	27	20	11	6	8	17	46	12
tepe alv.	4	3	15	8	3	7	22	6
tepe alv. esp.	23	17	12	6	2	4	37	10
retroflexa	0	0	0	0	0	0	0	0
vibrante alv.	28	20	53	27	11	24	92	25
vibr. alv. esp.	4	3	5	3	0	0	9	2
fric. velar	13	10	2	1	8	17	23	6
uvular	30	22	53	27	4	9	87	23
fric. glotal	7	5	42	22	10	22	59	16
Σ	136		193		46		375	
L aprox. alv.	10	6	3	1	5	8	18	4
tepe alv.	13	7	8	3	1	2	22	4
tepe alv. esp.	30	17	24	9	13	21	67	13
retroflexa	4	2	0	0	0	0	4	1
vibrante alv.	25	14	63	25	4	7	92	19
vibr. alv. esp.	23	13	21	8	5	8	49	10
fric. velar	49	28	105	41	21	34	175	35
uvular	0	0	0	0	0	0	0	0
fric. glotal	24	13	34	13	12	20	70	14
Σ	178		258		61		497	
Σ aprox. alv.	37	12	14	3	13	12	64	7
tepe alv.	17	5	23	5	4	4	44	5
tepe alv. esp.	53	17	36	8	15	14	104	12
retroflexa	4	1	0	0	0	0	4	0
vibrante alv.	53	17	116	26	15	14	184	21
vibr. alv. esp.	27	9	26	6	5	5	58	7
fric. velar	62	20	107	23	29	27	198	23
uvular	30	9	53	12	4	4	87	10
fric. glotal	31	10	76	17	22	21	129	15
Σ	314		451		107		872	

Figura 44. Tabela das variantes do r-duplo, considerando-se as classes de palavras.

Na distribuição das variantes pelas classes de palavra, no caso do r-duplo, observamos, na figura 44, algumas tendências leves. Comparando as 3 classes na fala dos indivíduos de Blumenau, vemos que entre os verbos predomina a variante uvular com 22%, seguida pela vibrante alveolar e a aproximante alveolar, cada uma com 20% das ocorrências. Na realização dos substantivos destacam-se também a variante uvular e a vibrante alveolar, as duas variantes mais usadas, cada uma com 27%. Em terceiro lugar vem a fricativa glotal, com 22% das ocorrências. Ao contrário do que vemos no caso dos verbos, onde a aproximante alveolar é muito freqüente, nos substantivos essa variante não chega a um número muito alto de ocorrências. No grupo das demais classes de palavras predomina a vibrante alveolar com 24%, em segundo lugar fica a fricativa glotal com 22% e, em terceiro, a aproximante alveolar e a fricativa velar, cada uma com 17% das ocorrências. Em cada uma das 3 classes de palavras consideradas há uma preferência diferente: a) todas têm em comum a colocação da vibrante alveolar entre as primeiras duas variantes mais freqüente; b) 2 das 3 classes, os verbos e os substantivos, compartilham a colocação da variante uvular em primeiro lugar; c) 2 das 3 classes, os substantivos e as demais classes, têm a fricativa glotal como a segunda variante mais usada. Além dessas semelhanças destacam-se a preferência (segundo lugar) pela aproximante alveolar nos verbos, e pela fricativa velar (terceiro lugar) entre as demais classes de palavra.

Em Lages, cujos falantes de nosso *corpus* apresentam uma preferência geral pela fricativa velar, seguida, com alguma distância, pela vibrante alveolar, há um pouco menos de diversidade entre as classes de palavra. Todas as 3 classes apresentam o maior número de ocorrências como fricativa velar, seguida, nos verbos e nas demais classes, pelo tepe alveolar espirantizado e, nos substantivos, pela vibrante alveolar.

Comparando as classes de palavras no conjunto das duas cidades, podemos esboçar algumas possíveis tendências de uso. As variantes preferida, para o r-duplo, em todo o *corpus*, são a fricativa velar e a vibrante alveolar. Desconsideradas essas duas variantes mais recorrentes, nos verbos manifesta-se uma inclinação para as variantes mais anteriores, a aproximante e o tepe alveolar espirantizado; nos substantivos há uma inclinação oposta, ou seja, para as variantes mais posteriores, a fricativa glotal e a uvular. As demais classes não mostram uma preferência clara, sendo que a variante mais recorrente é a fricativa velar, seguida, não pela vibrante como no caso dos verbos e dos substantivos e, sim, pela fricativa

glotal. Em segundo lugar vem uma variante mais posterior, porém, em terceiro lugar fica, junto com a vibrante alveolar, o tepe espirantizado, ou seja, uma variante mais anterior.

De maneira análoga ao que já antecipamos no caso do fator “posição do acento”, há indícios, também nos nossos resultados para o fator “classe de palavras”, de um comportamento comum entre mais de uma variante. Para verificar a abrangência de alguns dos fenômenos descritos acima, analisamos, na seção a seguir, os fatores lingüísticos intrínsecos em relação a conjuntos de variantes amalgamados.

6.3.2 As relações entre a região, os fatores lingüísticos intrínsecos e as variantes agrupadas

Para a amalgamação de variantes que propomos nesta seção, consideramos a possibilidade de chegar a um quadro de variantes reduzido, válido para ambas as cidades. Seguimos dois princípios para avaliar a compatibilidade das variantes, com vistas a evitar a diluição de diferenças e distinções entre elas. O primeiro princípio concerne à semelhança fonética, quanto à zona ou quanto ao modo articulatorio. O segundo diz respeito à não-interferência na relação entre as variantes com aplicação aos dois tipos de rótico e as variantes exclusivamente aplicadas a um só tipo de rótico. Ou seja, não amalgamamos formas fonéticas muito dispersas quanto à zona ou ao modo de articulação e pretendemos manter a relação entre variantes de um só e variantes de dois tipos de rótico. A base de aplicação desses dois princípios é a distribuição das variantes pelos dois tipos de rótico no conjunto de ambas as cidades.

Segundo esse plano, podemos amalgamar as variantes aproximante alveolar, tepe alveolar e tepe espirantizado, para formar o primeiro conjunto. As 3 variantes compartilham aproximadamente a zona de articulação e possuem aspectos em comum concernentes ao modo de articulação. Além do mais, se olharmos a aplicação dessas variantes para ambos os tipos de rótico em todo o *corpus*, veremos que há realizações do r-simples e do r-duplo com essas 3 variantes (comparar figura 47).

A vibrante alveolar não é agrupada a nenhum conjunto e entra isoladamente nesse nosso passo analítico. Pela zona de articulação poder-se-ia juntar ao primeiro conjunto, porém há duas diferenças importantes entre este e a vibrante alveolar: a)

o modo de articulação vibrante já está mais distante do modo das variantes agrupadas no primeiro conjunto; b) a vibrante alveolar é a única variante em todo *corpus* que é exclusivamente aplicada na realização de um só tipo de rótico, a saber, o r-duplo. Uma vez que procuramos não velar a distinção, onde houver, entre as realizações do r-simples e do r-duplo, não podemos agrupar a vibrante alveolar nem ao primeiro conjunto e, pelo mesmo motivo, nem à vibrante alveolar espirantizada.

Uma outra variante que não agrupamos com mais nenhuma outra, é a retroflexa. Além do modo de articulação particular, em relação a essa variante há uma consideração adicional: trata-se de uma variante que ocorre em um dos falantes de Lages somente e é usada para ambos os tipos de rótico. Achamos mais justificável deixar a retroflexa, com suas raras ocorrências, separada das demais variantes.

O segundo agrupamento que propomos concerne a todas as demais variantes. Julgamos pertinente amalgamar a vibrante espirantizada, a fricativa velar, a uvular e a fricativa glotal, primeiro porque compartilham o modo fricativo e, segundo, porque há mistura entre os dois tipos de rótico nessas 4 variantes. Em relação à uvular, a variante exclusiva dos falantes de Blumenau, poder-se-ia argumentar de maneira semelhante ao que fizemos no caso da retroflexa, e deixar a variante à parte dos conjuntos. Porém, embora se trate de uma fricção leve, a variante encaixa-se articulatoriamente nesse segundo conjunto proposto e apresenta um comportamento parecido, em relação à distribuição para os dois tipos de róticos, com o da fricativa velar e da fricativa glotal. Em todos esses casos há uma grande predominância do r-duplo, porém, também em todos os casos, há um número pequeno de exceções na forma de aplicação dessas variantes para a realização do r-simples.

Sendo assim, chegamos a examinar a relação entre os fatores lingüísticos intrínsecos e os seguintes conjuntos e variantes isoladas: conjunto 1), formado pela aproximante alveolar, o tepe alveolar e o tepe alveolar espirantizado; a retroflexa; a vibrante alveolar; e o conjunto 2), formado pela vibrante alveolar espirantizada, a fricativa velar, a uvular e a fricativa glotal.

variante	total ocorrências	agrupamento	variantes agrupadas
aproximante alv.	331 r	849 r	conjunto 1)
	63 rr		
tepe alv.	505 r	210 rr	
	43 rr		
tepe alv. esp.	13 r		
	104 rr		
retroflexa	3 r	3 r	retroflexa
	4 rr	4 rr	
vibrante alv.	184 rr	184 rr	vibrante
vibrante alv. esp.	5 r	11 r	conjunto 2)
	58 rr		
fricativa velar	1 rr	372 rr	
	98 rr		
uvular	3 r		
	87 rr		
fricativa glotal	2 r		
	129 rr		

Figura 45. Quadro do agrupamento das variantes.

Expomos, em seguida, a aplicação das variantes amalgamadas, para os dois tipos de rótico, para ambas as cidades, em relação aos fatores lingüísticos intrínsecos, “posição do acento” (figura 46) e “classe de palavras” (figura 47). Não repetimos as observações sobre a distribuição em geral, visto que já foram apresentadas na seção anterior. Destacamos somente os comportamentos mais salientes depois do agrupamento.

R-SIMPLES	Acento								
	a		p		n		Σ		
	+	-	+	-	+	-	+	-	
B conjunto 1)	:	143	99:	136	99:	82	99	361	99
retroflexa	:	0	0:	0	0:	0	0	0	0
vibrante alv.	:	0	0:	0	0:	0	0	0	0
conjunto 2)	:	2	1:	2	1:	1	1	5	1
Σ	:	145	:	138	:	83		366	
L conjunto 1)	:	194	97:	188	99:	106	100	488	98
retroflexa	:	3	1:	0	0:	0	0	3	1
vibrante alv.	:	0	0:	0	0:	0	0	0	0
conjunto 2)	:	4	2:	2	1:	0	0	6	1
Σ	:	201	:	190	:	106		497	
Σ conjunto 1)	:	337	97:	324	99:	188	99	849	98
retroflexa	:	3	1:	0	0:	0	0	3	0
vibrante alv.	:	0	0:	0	0:	0	0	0	0
conjunto 2)	:	6	2:	4	1:	1	1	11	1
Σ	:	346	:	328	:	189		863	

R-DUPLA	Acento								
	p		a		n		Σ		
	+	-	+	-	+	-	+	-	
B conjunto 1)	:	41	28:	34	22:	30	42	105	28
retroflexa	:	0	0:	0	0:	0	0	0	0
vibrante alv.	:	25	17:	50	32:	17	24	92	25
conjunto 2)	:	82	55:	72	46:	24	34	178	47
Σ	:	148	:	156	:	71		375	
L conjunto 1)	:	51	25:	27	16:	29	24	107	22
retroflexa	:	0	0:	1	1:	3	2	4	1
vibrante alv.	:	32	16:	42	25:	18	15	92	19
conjunto 2)	:	123	60:	101	59:	70	58	294	59
Σ	:	206	:	171	:	120		497	
Σ conjunto 1)	:	92	26:	61	19:	59	31	212	24
retroflexa	:	0	0:	1	0:	3	2	4	0
vibrante alv.	:	57	16:	92	28:	35	18	184	21
conjunto 2)	:	205	58:	173	53:	94	49	472	54

Figura 46. Tabela do fator “posição do acento” em relação às variantes amalgamadas

Na figura 46 vemos, para o r-simples, a concentração das realizações nas variantes amalgamadas para o conjunto 1) com 97% a 99% das ocorrências em todas as posições do acento, para ambas as cidades. No caso do r-duplo, destaca-se a diferença, em Blumenau, entre as posições anterior e posterior, de um lado, e a posição “nenhuma”, de outro lado. Na posição “nenhuma” há 42% das ocorrências do r-duplo realizadas por uma das variantes do conjunto 1). Por outro lado, nas demais células compostas por “cidade” X “posição de acento” (em Blumenau 2 das 3 e, em Lages, todas as 3 posições), as frequências mais altas ocorrem todas nas variantes do conjunto 2).

Na figura abaixo (49) revela-se que o comportamento das variantes para o r-duplo, em relação aos substantivos, se ameniza um pouco em relação ao que foi reportado na análise com todas as 9 variantes, mas continua visível. O conjunto 2), formado pelas variantes fricativas, é o mais recorrente em ambas as cidades para todas as 3 classes de palavras. Já o conjunto 1) vem em segundo lugar, em ambas as cidades, nos verbos e nas demais classes de palavras. Somente nos substantivos, o segundo lugar é ocupado pela vibrante alveolar, tanto em Blumenau como em Lages, e o terceiro lugar por uma das formas reunidas no conjunto 1).

R-SIMPLES	Classe de palavras							
	S		V		O		Σ	
	+	-	+	-	+	-	+	-
B conjunto 1)	106	97	137	99	118	100	361	99
retroflexa	0	0	0	0	0	0	0	0
vibrante alv.	0	0	0	0	0	0	0	0
conjunto 2)	3	3	2	1	0	0	5	1
Σ	109		139		118		366	
L conjunto 1)	114	97	176	99	198	98	488	98
retroflexa	1	1	0	0	2	1	3	1
vibrante alv.	0	0	0	0	0	0	0	0
conjunto 2)	2	2	2	1	2	1	6	1
Σ	117		178		202		497	
Σ conjunto 1)	220	97	313	99	316	99	849	98
retroflexa	1	0	0	0	2	1	3	0
vibrante alv.	0	0	0	0	0	0	0	0
conjunto 2)	5	2	4	1	2	1	11	1
Σ	226		317		320		863	

R-DUPLA	Classe de palavras							
	V		S		O		Σ	
	+	-	+	-	+	-	+	-
B conjunto 1)	54	40	38	20	13	28	105	28
retroflexa	0	0	0	0	0	0	0	0
vibrante alv.	28	21	53	27	11	24	92	25
conjunto 2)	54	40	102	53	22	48	178	47
Σ	136		193		46		375	
L conjunto 1)	35	27	53	17	19	31	107	22
retroflexa	0	0	4	1	0	0	4	1
vibrante alv.	17	13	71	23	4	7	92	19
conjunto 2)	78	60	178	58	38	62	294	59
Σ	130		306		61		497	
Σ conjunto 1)	89	33	91	18	32	30	212	24
retroflexa	0	0	4	1	0	0	4	0
vibrante	45	17	124	25	15	14	184	21
conjunto 2)	132	50	280	56	60	56	472	54

Figura 47. Tabela do fator “classe de palavras” em relação às variantes amalgamadas.

Após a exposição e discussão, ao longo deste capítulo, de uma matriz contínua para as variantes e de sua distribuição para os dois tipos de rótico, em Blumenau e Lages, chegamos, na seção seguinte, à discussão de nossos resultados com ênfase nos aspectos fonético-fonológicos envolvidos, no intuito de captar padrões de uso.

6.4 As relações entre as variantes descritas

Na última seção deste capítulo, gostaríamos de relacionar a discussão acerca das propriedades fonéticas das 9 variantes com aspectos de sua distribuição e de seu uso em Blumenau e Lages. Para tanto, consideramos o que foi exposto no decorrer deste capítulo e, além disso, o que foi tratado nos capítulos 2 e 4. Examinamos as relações entre variantes foneticamente semelhantes e diferentes, vizinhas e distantes uma da outra em nossa escala contínua, e como e quando são aplicadas para qual tipo de rótico. Procedendo assim, pretendemos chegar a uma conclusão provisória no que concerne às questões de distribuição e de distinção dos róticos nas duas cidades antes de, no capítulo 7, entrar na discussão da gramática individual de cada falante.

Atentemos, primeiramente, para o quadro dos róticos como um todo para, depois, examinar minuciosamente as relações entre as variantes particulares. O levantamento fonético dos dados nas entrevistas gravadas com falantes de Blumenau e Lages confirma vários aspectos básicos discutidos em relação aos róticos do PB em geral, na literatura afim. A diversidade de formas é grande e as diferentes variantes estendem-se, tanto pelo modo, quanto pela zona de articulação, por um espaço articulatorio bem amplo. Se levarmos em consideração que estágios anteriores das línguas latinas, em geral, e do PB, possuíam um número inferior de variantes na realização dos róticos, podemos enxergar o conjunto das variantes descritas como uma tendência de aproveitar o máximo do espaço articulatorio definido e, ao mesmo tempo, de preencher as lacunas articulatorias entre uma variante e outra. Por essas duas tendências obtemos pares nos quais a diferença articulatoria é maximizada (comparar BOERSMA (1998) e De BOER (1997), no capítulo 4), mas, ao mesmo tempo, casos em que a passagem gradual entre uma variante e outra diminui a distinguibilidade. Dessa forma, observamos, nesse quadro de róticos, os dois movimentos previstos pelo equilíbrio entre os princípios acústicos e perceptuais, conforme expostos no capítulo 4.

Na literatura, de acordo com o que foi discutido no capítulo 2, há duas tendências apontadas no comportamento dos róticos. O apagamento, especialmente em posição final de palavra e mais acentuadamente no grupo dos verbos no modo infinitivo, e a posteriorização. Os resultados deste estudo são compatíveis com essas duas tendências. No sentido do exposto no parágrafo anterior, a posteriorização, nos dados de Blumenau e Lages, pode ser vista antes como uma extensão em número de variantes e espaço articulatório em geral, do que somente como posteriorização. O termo “fricativização” ao invés de posteriorização, é mais afinada com o fenômeno que descrevemos, porém a ocorrência de uma variante como a aproximante não cabe nem sob o rótulo de “posteriorização”, nem de “fricativização”.

No que concerne ao apagamento, observamos duas formas no material empírico que podem ser consideradas como um tipo de enfraquecimento. A aproximante, que poderia ser tratada como uma articulação de um tepe incompleto ou fraco, e a fricativa glotal, que, em nosso *corpus*, é realizada com muito pouca fricção, e, às vezes, especialmente na fala veloz, é reduzida à transição entre as vogais. Nesse aspecto, há ocorrências da aproximante que chegam a se assemelhar à fricativa glotal. Embora se trate de duas zonas de articulação bem distintas, há um efeito parecido em ambas as variantes. As características formantais das vogais vizinhas chegam a fazer parte do rótico e a propriedade articulatória é velada. Observamos, então, até na posição intervocálica, um enfraquecimento do gesto articulatório, resultando em um fechamento consonantal minimizado e até eliminado.

Concebendo a fricativa glotal, e mais ainda a aproximante alveolar, como tipos de rótico com tendência ao enfraquecimento ou até apagamento, também na posição intervocálica, interpretamos esse comportamento de maneira análoga ao apagamento reportado para outras posições do rótico na sílaba. Levando em consideração que a literatura afim descreve a tendência ao apagamento do rótico, em posição final, especialmente acentuada, no grupo dos verbos, fica interessante considerar que os verbos com r-duplo em nossa amostra constituem o contexto em que mais nitidamente se realiza a aproximante.

Além de situar nossos dados em relação às tendências reportadas para os róticos no PB em geral, é possível situá-los também em relação à grande gama de variantes, depreendendo algumas regularidades. Relembremos rapidamente os

comportamentos regulares evidentes em nosso *corpus*. Em Blumenau há uma tendência que chama a atenção. Entre os falantes que distinguem, auditiva e acusticamente, os dois tipos de róticos estão todos aqueles que apresentam a vibrante alveolar no seu inventário – com uma exceção: o falante 16 de Blumenau distingue apenas auditivamente e também produz a vibrante. A vibrante é concebida, pela literatura, como uma variante que tende à posteriorização e à fricativização. Reportamos no capítulo 2 que, especialmente na região Sul, há uma tendência à manutenção dessa variante. Entre essa tendência de manutenção e a tendência a distinguir categoricamente entre os dois tipos de rótico, podemos vislumbrar, em nossos dados, uma relação.

Contudo, antes de poder afirmar com vigor essas nossas conclusões concernentes à aproximante alveolar, é necessária uma reavaliação acústica de outros *corpora*. Pela semelhança entre essa variante e o tepe alveolar, não podemos excluir a possibilidade de que, em muitos casos auditivamente identificados como tepe, poder-se-ia tratar de realizações da aproximante, também em outras variedades do PB. Se tal hipótese se verificasse, estaríamos frente a um enfraquecimento gradual do tepe, que pode levar ao seu apagamento intervocálico.

Em nosso caso, é interessante notar que os falantes de Blumenau realizam o tepe alveolar propriamente dito, identificado pelo estouro, com muito pouca frequência. Enquanto na fala dos indivíduos de Lages aparece mais o tepe alveolar e muito menos a aproximante. Retomaremos a questão da relação entre a aproximante e o tepe alveolar no capítulo 7, quando discutirmos a possível relação entre o contato de línguas em Blumenau e as diferenças na escolha da variante entre essa cidade e Lages.

Cabe também enfatizar que, ao reunirmos as variantes aproximante alveolar, tepe alveolar e tepe alveolar espirantizado no que denominamos grupo 1), detectamos, no caso do r-duplo, uma correlação entre a realização de uma variante desse conjunto e uma das posições de acento, em Blumenau, enquanto as demais posições se correlacionam às variantes fricativas, em Blumenau e Lages.

Após ter discutido o comportamento da aproximante, do tepe e da vibrante alveolares, como também da fricativa glotal, gostaríamos de voltar a atenção para as demais variantes do nosso *corpus*, especialmente no que concerne às variantes

intermediárias¹²⁷, o tepe e a vibrante espirantizados, e à diferença entre Lages e Blumenau quanto às variantes fricativa velar e uvular.

As variantes de modo articulatorio intermediário, que apresentam um tepe mais uma aspiração ou fricção, ou então uma vibração sobreposta por uma fricção, ilustram um outro caso de aproveitamento de todo espaço articulatorio, em termos de modo e zona, pelos falantes examinados. Gostaríamos de comparar esse comportamento com o experimento de De Boer (1997) com os agentes de inteligência artificial no jogo de imitação. Nos agentes de De Boer, com o decorrer das repetições, as variantes próximas e não bem sucedidas em muitas partidas são eliminadas das listas de “fonemas” dos agentes. Na interação humana, não há um algoritmo estocástico que elimine de vez variantes fáceis de serem confundidas e com muito pouca frequência para serem bem sucedidas. Sendo assim, não formularemos uma hipótese sobre o comportamento futuro e eventual desaparecimento dessas variantes, mas gostaríamos de apontar para uma possível interpretação dessas formas.

Por último, consideramos as variantes fricativa velar e uvular. A fricativa velar é muito rara em Blumenau, onde predomina (na comparação entre essas duas variantes), a uvular. Em Lages, pelo contrário, há um grande número de ocorrências da fricativa velar e nenhuma da uvular. A presença da uvular na fala de Blumenau pode ser interpretada como um resultado do contato com o alemão, já que a forma uvular é raramente reportada para o PB e é muito comum no alemão. Em Blumenau, ambas as variantes estão em concorrência, enquanto em Lages, sem a inserção da uvular, a fricativa velar é dominante na faixa dessas duas zonas de articulação. Veremos, no capítulo 7, se e como o grau de contato individual dos falantes de Blumenau influencia o uso da uvular.

¹²⁷ Chamamos aqui o tepe e a vibrante espirantizados de “variantes intermediárias” no sentido de um *modo* de articulação intermediária, talvez mais apropriadamente descrito neste termo, já que observamos a gradência intermediária, no sentido de zona articulatoria, também entre as demais variantes.

6.5 Resumo do capítulo

Neste capítulo descrevemos as 9 variantes de róticos que ocorrem em nosso *corpus* nas cidades de Blumenau e Lages. Em cada cidade há um uso alternado de 8 variantes, sendo que a uvular ocorre exclusivamente em Blumenau e a retroflexa somente em Lages. Vimos que as formas que descrevemos são muito mais graduais do que categóricas, e que especialmente a fricativa velar, a vibrante e a vibrante espirantizada são variantes híbridas. Apresentamos, no início do capítulo, uma matriz em que identificamos essas 9 variantes dentro de uma escala gradiente, apontado dessa maneira para o caráter proximal dos 9 pontos que identificamos nesse *continuum*.

No que concerne à distinção dos tipos de rótico, descobrimos que 4 indivíduos de Blumenau e 4 de Lages não mantêm uma distinção categórica entre os dois tipos de rótico. Para o r-simples, a variante mais freqüente em Blumenau é a aproximante alveolar e, para o r-duplo, as variantes mais recorrentes são a vibrante alveolar e a uvular. Em Lages, para a realização do r-simples predomina o tepe alveolar e, para o r-duplo, a fricativa velar.

Em geral, há mais mistura e uma maior gama de variantes utilizadas pelos indivíduos de Lages. Em Blumenau, para o r-duplo, encontramos até 5 variantes em um falante e, em Lages, até 8. Nos falantes de Lages também ocorrem mais casos de exceções. Relacionamos os dois conjuntos formados pelos 10 falantes de cada cidade com os fatores “posição de acento” e “classe de palavra”.

Especialmente no agrupamento das variantes, observamos um comportamento na realização do r-duplo correlacionado, em Blumenau, ao acento em posição “nenhuma” e, em ambas as cidades, à classe dos substantivos. Esta classe apresenta a segunda maior concentração de ocorrências na vibrante alveolar, enquanto os verbos e as demais classes de palavras têm como segunda variante uma realização dentro do conjunto 1).

O comportamento dos substantivos, apontado pela comparação dos dois grupos de falantes de cada cidade, será retomado na análise nas gramáticas individuais que realizamos no capítulo 7, quando consideraremos também a questão dos itens

lexicais mais freqüentes em cada falante, tentando ver o mapeamento, isto é, a organização fonológica de cada gramática individual.

7 As gramáticas individuais

Neste capítulo tratamos do mapeamento das variantes na fala de cada indivíduo, e relacionamos o uso e a distribuição das variantes com os fatores lingüísticos intrínsecos e os dados lingüístico-biográficos de cada falante.

Os dados biográficos que apresentamos nesta seção referem-se a informações e julgamentos que os próprios informantes fornecem ao longo das entrevistas. Como se encontram algumas contradições em face dos registros constantes nas fichas do arquivo do projeto VARSUL, demos a preferência, nesses casos, para o conteúdo informado pelos próprios entrevistados. Analisamos primeiro (7.1) os informantes de Blumenau, expondo o perfil da bilingüidade de cada um e propondo uma classificação do grupo, em seu conjunto, segundo a terminologia de Heye (2003, ver capítulo 3), para depois mostrar as variantes de róticos encontradas nas entrevistas blumenauenses. Na seção 7.2 realizamos o mesmo procedimento com os falantes de Lages, antecipando desde já que obtivemos menos informações pessoais em suas entrevistas, o que leva a um desequilíbrio nas formas como tratamos os indivíduos de ambas as cidades. Os falantes de Blumenau constituem-se no foco central de nosso interesse, base principal para a nossa argumentação, enquanto os lageanos funcionam como grupo de controle, requerendo, as conclusões concernentes a esse grupo, uma maior cautela.

7.1 Os falantes e as variantes de róticos na entrevistas de Blumenau

Esta seção traz os resultados da distribuição das variantes pelos dois tipos de rótico na fala de cada indivíduo do nosso *corpus*. Começamos (7.1.1) com a apresentação dos falantes de Blumenau, discutindo o perfil lingüístico-biográfico de cada um, para examinar, depois, potenciais indícios para um mapeamento e organização da relação entre as variantes na gramática individual (7.1.2).

Primeiro, apresentamos uma sinopse bastante resumida das propriedades pelas quais avaliamos o grau de proximidade com o idioma alemão nos falantes de Blumenau.

7.1.1 Os dados lingüístico-biográficos dos falantes de Blumenau

No quadro abaixo (figura 48) apresentamos os 10 falantes de Blumenau dos quais consideramos todas as ocorrências de rótico intervocálico encontradas em suas entrevistas¹²⁸. Na primeira coluna seguimos a numeração dos falantes de acordo com o projeto VARSUL. Na segunda coluna consta a que geração pertence o informante. A primeira geração, para nosso controle, consiste nas pessoas que emigraram da Alemanha e vieram para o Brasil já adultos. Na coluna 3 especificamos a idade com que o informante chegou a Blumenau, a qual, na maioria dos casos, é 0, ou seja, eles nasceram em Blumenau. Na quarta coluna consta a idade com que os informantes começaram a aprender o alemão; aplicamos o valor 0 para os 8 que declaram ter aprendido o alemão como primeira língua materna. Em um caso não há tal informação e em outro o informante aprendeu somente um pouco de alemão quando já adulto. Em relação ao aprendizado do português, não há menção sobre isso em 3 entrevistas. Classificamos, ainda, como 0, na coluna 5, quando se tratar, no caso do português, da primeira língua materna, e como 4 e 6 quando seu aprendizado se deu a partir das idades pré-escolar e escolar. Embora assumamos, em certos casos, que os informantes pratiquem o alemão no dia-a-dia com um número maior de pessoas, nomeamos, na coluna 6, somente aquelas com as quais eles dizem explicitamente se comunicarem em alemão. Na última coluna (7) inserimos comentários dos próprios entrevistados que relativizam parcialmente as informações resumidas nas colunas anteriores e também as fichas de cada informante no projeto VARSUL.

¹²⁸ Houve algumas ocorrências que, por motivos variados, não puderam ser avaliadas auditiva e / ou acusticamente. Especialmente, quando o entrevistador fala paralelamente com o entrevistado, ou outros barulhos na gravação impedem a avaliação. No caso dos r-simples, conforme mencionamos no capítulo 5, consideramos o mesmo número de ocorrências que obtivemos para o r-duplo, uma vez que este último tipo de rótico ocorre com uma freqüência bem inferior em nosso *corpus*.

inf. Blu.	geração	mora em Blu. desde os_anos	aprendeu alemão aos_anos	aprendeu port. aos_anos	pratica alemão com	comentários
2	3a	0	0	6	filhos	
5	2a	2	0	4	marido	>viveu 19 anos na Alemanha >diz falar português com sotaque
8	4a	22 (nasc. em Brusque)	0	4	Sogra, netos, igreja	>diz que falar português continua difícil
9	4a	0	0	6	-	>diz ter desaprendido o alemão
11	3a	0	0	6	filhos	> diz escrever o alemão com erros, mas entender perfeitamente
13	4a	0	0	?	?	>diz que os filhos entendem alemão, mas preferem port.
16	-	0	-	0	-	>não é de origem alemã >aprendeu um pouco de alemão com a esposa de origem alemã
19	4a?	?	?	?	Comunidade	>antecedentes vieram da Áustria
21	3a	0	0	6	?	-
24	4a	0	0	?	?	-

Figura 48. Quadro das propriedades lingüístico-biográficas dos indivíduos de Blumenau.

No quadro acima vemos que 8 dos 10 informantes avaliados de Blumenau aprenderam o alemão como primeira língua materna e que 6 deles aprenderam o português somente na idade escolar (6) ou no jardim de infância (4). Analisando esses dados nos termos propostos por Heye (2003:37)¹²⁹, chegamos ao seguinte quadro. Os informantes são, na sua maioria¹³⁰, bilíngües de pais bilíngües. A forma de domínio da bilingüidade desses informantes é antes coordenada do que composta, o alemão é adquirido antes do português. As funções de uso são antes subordinadas do que equilibradas, tendo em vista que o número de pessoas com as quais os informantes se comunicam é pequeno. No diagrama abaixo mostramos essa classificação segundo a ilustração de Heye (2003:37).

¹²⁹ Ver seção 3.2.1.

¹³⁰ Isso vale para os informantes números 2, 5, 8, 9, 11 e 21 como também, provavelmente, para os números 13 e 24, embora não tenhamos obtido a informação sobre a idade com que esses aprenderam o português.

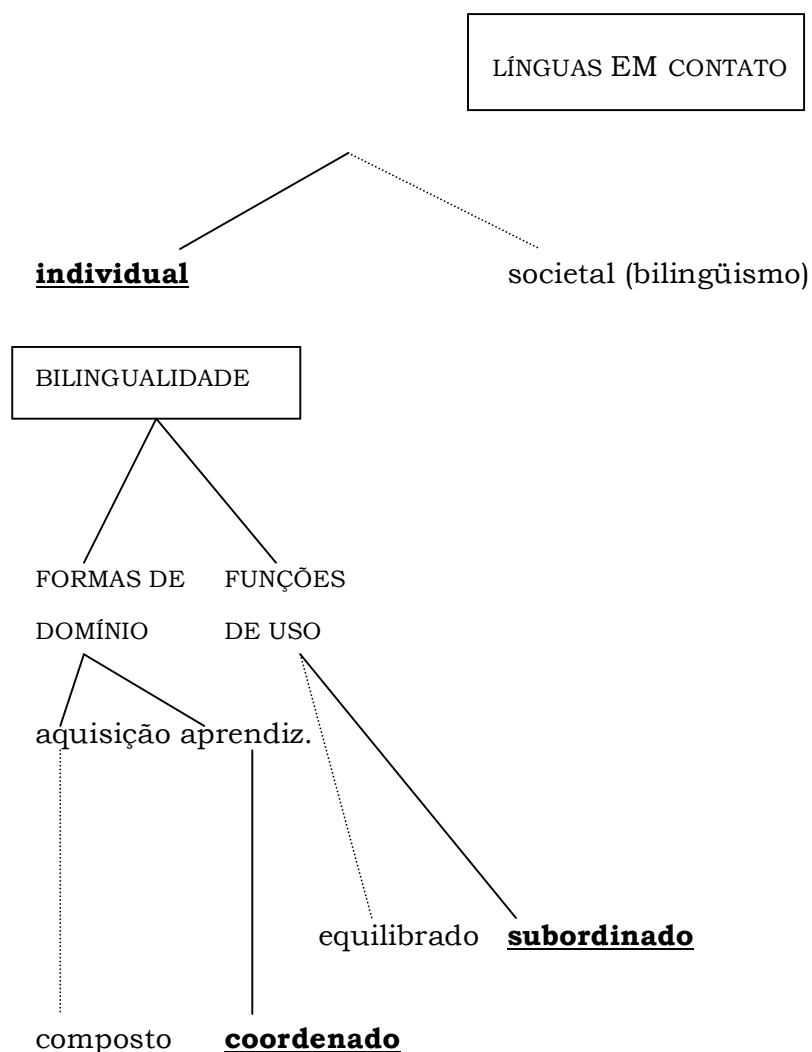


Figura 49. Diagrama da bilingüidade dos informantes de Blumenau, segundo a terminologia de Heye (2003:37).

Exceto nos casos dos informantes 5 e 8, que relatam ter dificuldades com o idioma português, e dos informantes 9, que alega ter desaprendido o alemão, e 16, que não é de descendência alemã e aprendeu somente um pouco de alemão depois de adulto, não temos informações mais detalhadas sobre o real grau de domínio das duas línguas pelos entrevistados.

Com base nesse recorte de informações sobre os indivíduos de Blumenau, propomos a escala mostrada na figura 50, em termos de domínio e uso do idioma na vida atual dos falantes.

grau de contato	menor	médio		maior
falantes no.	16	9, 13, 19, 21 e 24(?)	2 e 11	5 e 8

Figura 50. Quadro da escala do grau de contato com o alemão dos falantes de Blumenau.

O falante 16 se situa no pólo do menor (ou até sem) contato com o alemão, por não ser de descendência alemã e ter aprendido somente um pouco do idioma após ter casado. No grau médio, encaixamos os falantes 9, 13, 19, 21 e 24. Sabemos, dos quatro primeiros, que aprenderam o alemão como primeira língua materna, porém o falante 9 alega ter desaprendido essa língua e os demais não mencionam praticar ainda o alemão. O informante 24, na verdade, fornece tão poucas informações que a sua classificação está duvidosa. Já os falantes 2 e 11, também alocados no grau médio, ficam separados dos anteriores porque dizem ainda praticar o alemão com certas pessoas. Por fim, identificamos os falantes 5 e 8 como os indivíduos que mais praticam o alemão hoje em dia. Na seção a seguir veremos a gramática individual de cada um dos falantes de Blumenau.

7.1.2 As gramáticas individuais dos falantes de Blumenau

A análise de cada gramática individual é apresentada em forma de uma tabela. Nela constam os dados sociais do falante, a distribuição das variantes usadas pelo indivíduo pelos tipos de rótico, a relação da distribuição com os fatores intrínsecos das palavras e o item ou os itens mais freqüentes na fala do informante particular. Nos comentários sobre cada falante, focalizamos (1) a distribuição das variantes pelos tipos de rótico, (2) as correlações entre as variantes e os fatores e, (3) os casos de pouca ocorrência, que constituem as exceções de cada entrevistado em relação ao seu próprio padrão. Na avaliação do fator freqüência optamos pela consideração de itens lexicais que ocorrem mais do que 3 vezes no *corpus* individual. A ordem da apresentação segue a ordem que estabelecemos entre os falantes segundo o grau de contato de cada indivíduo. Começamos, portanto, com o falante 16. Esse é situado no pólo do menor contato dentro da nossa escala. Após a discussão da gramática individual desse falante prosseguimos em direção ao pólo do maior contato.

O falante 16 de Blumenau foi categorizado com o menor grau de contato. De fato, o entrevistado, que não é de descendência alemã, diz ter aprendido “um pouco” de alemão com a esposa, que é de origem alemã.

Blumenau 16 grau de contato: menor	mgb 131	fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra						
		classe de palavras			posição do acento			item/itens mais freq.
variante		S	V	O	a	p	n	
aprox. alveolar	63 r	12	24	27	23	25	15	
tepe alveolar	2 rr	2			1		1	1x "arroz" 1x "bairro"
tepe alv. esp.	27 rr	8	18	1	9	10	8	4x "arroz" 2x "bairro" 1x "carro"
vibrante alv.	35 rr	24	7	4	22	8	5	2x "bairro" 4x "carro"
total r-simples	63	12	24	27	23	25	15	
total r-duplo	64	34	25	5	32	18	14	15
total	127 132	46	49	32	55	43	29	15

Figura 51. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Blumenau 16.

O falante 16 de Blumenau apresenta 4 variantes para as 127 realizações de róticos encontradas na amostra. A distinção entre as variantes aplicadas ao r-simples e ao r-duplo é categórica. Para o r-simples é realizada sempre a aproximante alveolar, para o r-duplo há variação entre o tepe alveolar, o tepe espirantizado e a vibrante alveolar. Na interpretação da distinção entre r-simples e r-duplo desse falante, porém, não devemos esquecer de que a diferença entre a aproximante e o tepe alveolar é captada somente na análise acústica. Junto com 3 falantes de Lages (6, 12 e 24, tratados na seção 7.2.2) o falante 16 de Blumenau constitui um grupo de indivíduos cuja distinção entre os dois tipos de róticos, quanto aos casos da

¹³¹ Já que se trata de uma individualização, consta, nesta coluna, a classificação de cada falante segundo os critérios sociais do projeto Varsul. A primeira das siglas denomina o sexo (f e m), a segunda a escolaridade (p = primário, g = ginásial, c = colegial) e a terceira, a idade (a = 25 a 49 anos, b = 50 anos ou mais). Neste caso, do falante 16 de Blumenau, estamos tratando de um homem com mais de 50 anos de escolaridade ginásial.

¹³² Na gravação desse falante encontramos o maior número de ocorrências por pessoa entre todos os falantes de Blumenau, porque trata-se de uma entrevista mais extensa, em número de linhas, do que todas as outras entrevistas consideradas. As entrevistas de Lages são, geralmente, mais extensas do que as de Blumenau.

aproximante e do tepe alveolar, não aparece na análise auditiva. Sendo assim, localizam-se em um meio termo entre os falantes que distinguem auditivamente sem equívoco e os que não distinguem e usam as mesmas variantes para os dois tipos de rótico. Porém, trata-se de somente 2 ocorrências (de tepe alveolar atribuído ao r-duplo) que são potencialmente confundíveis. A realização do tepe espirantizado já se distingue claramente na impressão auditiva.

Nos casos de r-duplo, há uma correlação acentuada entre a vibrante alveolar e os substantivos. No entanto, se olharmos as 3 palavras mais freqüentes da amostra, “arroz”, “bairro” e “carro”, aparece uma distribuição regular. As realizações de “bairro” são disseminadas pelas 3 variantes de r-duplo, para “arroz” há a predominância do tepe espirantizado (4 de 5 ocorrências) e para a palavra “carro” da vibrante alveolar (4 de 5 ocorrências). Quanto ao fator posição de acento, verifica-se, na vibrante alveolar, um alto índice de acento anterior. Porém, todas as 22 ocorrências, nesse caso, são, coincidentemente, substantivos. No caso do falante 16, parece ser a classe de palavra o fator desencadeador, uma vez que há 24 ocorrências de substantivos na vibrante alveolar.

No caso de poucas ocorrências em uma célula, a saber, das duas realizações do tepe alveolar para o r-duplo, chama atenção o fato de que ambas as ocorrências são aplicações dessa variante a itens mais freqüentes no *corpus* individual. Os itens lexicais, no caso desse indivíduo, apresentam não somente uma distribuição equilibrada, mas, além disso, são responsáveis por todas as ocorrências em uma variante rara dessa pessoa.

O falante 16 é o único indivíduo do conjunto de Blumenau ao qual atribuímos a categorização do menor contato com o alemão. Com o próximo caso a discutir, entramos no grupo classificado como contato médio.

O falante 9 aprendeu primeiro o alemão e, somente na escola, o português. Porém, alega ter “deixado o alemão quando entrou em aula” e ter “desaprendido”. Consideramos esse indivíduo ainda como pertencente ao grau médio de contato com o alemão, para distingui-lo do falante 16, que não aprendeu o alemão antes de casar.

Blumenau 9 grau: médio	fga	fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra						
		classe de palavras			posição do acento			item/itens mais freq.
variante		S	V	O	a	p	n	
aprox. alveolar	26 r	8	9	9	8	8	10	
tepe alveolar	4 r		3	1	2	1	1	
vibrante alv.	10 rr	4	6		6	4		1 x “marreco”
vibr. alv. esp.	6 rr	4	2		1	5		4 x “marreco”
uvular	9 rr	4	3	2	2	7		3 x “marreco”
fricativa glotal	2 rr	2				2		2 x “marreco”
total r-simples	30	8	12	10	10	9	11	
total r-duplo	27	14	11	2	9	18		10
total	57	22	23	12	19	27	11	10

Figura 52. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Blumenau 9.

O falante 9 de Blumenau se utiliza de 6 variantes para um total de 57 realizações de rótico. Aqui temos um caso de uma distinção categórica entre as variantes aplicadas ao r-simples, a aproximante e o tepe alveolar, e as variantes do r-duplo, a vibrante alveolar, a vibrante espirantizada, a uvular e a fricativa glotal.

Para o r-simples, predomina a aproximante alveolar. Nos casos do tepe alveolar trata-se, sem exceção, de verbos. Não há diferença, entre as duas variantes, no que concerne à posição do acento.

Para o r-duplo, há uma distribuição entre as ocorrências de substantivos e verbos relativamente equilibrada. Na fricativa glotal, há 7 dos 9 casos com o acento posterior. A palavra mais usada desse falante, “marreco”, é realizada através de 4 variantes diferentes. Por sua alta frequência, equivalente a mais de 30% das ocorrências de r-duplo na amostra, supõe-se que esse fator sobreponha-se aos demais fatores lingüísticos discutidos para esse caso.

O falante 13 de Blumenau também se insere no grupo de grau de contato médio com o alemão. Nesse caso, temos poucas informações diretas sobre o domínio e a

presença do alemão na vida do indivíduo hoje em dia. A pessoa diz falar alemão, porém, não descobrimos ao certo o que isso significa para ela.

Blumenau 13	fgb	fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra						
		classe de palavras			posição do acento			item/itens mais freq.
variante		S	V	O	A	p	n	
aproximante	36 r	8	12	16	12	12	12	
alveolar	16 rr	3	10	3	3	5	8	
tepe alv.	17 rr	11	3	3	6	8	3	
fricativa glotal	7 rr	7			6		1	5x “guerra”
total r-simples	36 r	8	12	16	12	12	12	
total r-duplo	40 rr	21	13	6	15	13	12	5
total	76	29	25	22	27	25	24	5

Figura 53. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Blumenau 13.

O falante 13 de Blumenau usa somente 3 variantes, aplicando a aproximante alveolar tanto para o r-simples quanto para o r-duplo. As variantes tepe alveolar e fricativa glotal são exclusivamente para a realização do r-duplo.

Nas 3 variantes do r-duplo vemos as seguintes distribuições: a aproximante alveolar ocorre preferencialmente com verbos, e o tepe alveolar, com os substantivos.

A palavra mais freqüente, “guerra”, com 5 ocorrências, é realizada categoricamente como fricativa glotal. A distribuição do fator posição do acento está bem equilibrada em todas as variantes.

O próximo indivíduo, o falante 19 de Blumenau está no grupo de grau médio de contato com o alemão, porém sua família, segundo a entrevista, mora em Blumenau desde a fundação da cidade. Os antecessores do informante vieram da Áustria. Temos pouca informação sobre o real domínio que ele tem do alemão, mas há sinais de uma forte identificação como teuto-brasileiro: ele expressa, de várias maneiras, que prefere e mantém mais contato com a comunidade teuto-brasileira,

porém não sabemos ao certo se esse contato diz respeito também ao contato com o idioma.

Blumenau 19	mca	fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra						
grau: médio		classe de palavras			posição do acento			item/itens mais freq.
variante		S	V	O	a	p	n	
aprox. alveolar	44 r	10	16	18	17	20	7	
tepe alveolar	6 r		2	4	2	2	2	
fric. velar	9 rr	2	5	2	2	3	4	1x "terreno" 1x "carro" 3x "arrumar"
uvular	14 rr	8	5	1	9	5		1x "carro" 3x "terra" 1x "guerra"
fricativa glotal	31 rr	20	5	6	12	14	5	6x "terreno" 3x "carro" 2x "terra" 1x "arrumar" 3x "guerra"
total r-simples	50	10	18	22	19	22	9	
total r-duplo	54	30	15	9	23	22	9	
total	104	40	33	31	42	44	18	25

Figura 54. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Blumenau 19.

Na amostra do falante 19 de Blumenau encontram-se 5 variantes de rótico, mantendo a distinção categórica entre o r-simples, realizado como aproximante e tepe alveolar, e o r-duplo, realizado como fricativa velar, uvular e fricativa glotal.

Para o r-simples, predomina a variante aproximante alveolar, com uma distribuição bem equilibrada entre as classes de palavras e as posições do acento.

Para o r-duplo, predomina a realização como fricativa glotal. O falante apresenta um total de 25 ocorrências dos 5 itens mais freqüentes na amostra. A distribuição desses itens parece bem equilibrada. Analisando as classes de palavra, observa-se

que a fricativa glotal tem alta incidência entre os substantivos de. Porém, essa tendência não pode ser supervalorizada, porque há, entre as palavras com o r-duplo, um número duas vezes maior de substantivos do que de verbos. A posição do acento não apresenta uma regularidade clara para o r-duplo.

A classificação do falante 21 de Blumenau como grau médio deve-se a menções de atividades culturais ligadas a tradições alemãs que envolvem o idioma, na comunidade. Contudo, além de saber que a pessoa aprendeu o alemão como primeira língua materna, não obtivemos mais informações sobre o grau de contato e domínio do idioma atualmente.

Blumenau 21 grau: médio	fcb	fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra						
		classe de palavras			posição do acento			item/itens mais freq.
variante		S	V	O	a	p	N	
aprox. alveolar	26 r	11	9	6	14	10	2	
vibrante alv.	12 rr	4	8		3	7	2	1x “bairro”
vibr. alv. esp.	3 rr	1	2			3		
uvular	12 rr	9	3		9	2	1	3x “bairro”
fricativa glotal	3 rr	3			2	1		1x “bairro”
total r-simples	26	11	9	6	14	10	2	
total r-duplo	30	17	13		14	13	3	
total	56	28	22	6	28	23	5	5

Figura 55. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Blumenau 21.

O falante 21 de Blumenau realiza 6 variantes diferentes em um total de 56 ocorrências de rótico na amostra. Para o r-simples, o uso da aproximante alveolar é categórico, para o r-duplo há variação entre a vibrante alveolar, a vibrante espirantizada, a uvular e a fricativa glotal.

Nas formas aplicadas ao r-duplo há alta incidência da uvular e da fricativa glotal entre os substantivos (em 12 de 15 ocorrências nas duas variantes). Entre as 12 ocorrências da uvular, em 9 temos substantivos com o acento anterior ao rótico.

Além do mais, percebemos uma leve inclinação para a vibrante alveolar nas palavras com o acento posterior ao rótico (em 7 das 12 ocorrências dessa variante). A palavra mais freqüente da amostra, “bairro”, realiza-se uma vez como vibrante alveolar, uma vez como fricativa glotal e 3 vezes como uvular.

O falante 24 de Blumenau é aquele sobre o qual obtivemos menos informações em todas as entrevistas de Blumenau. Esse indivíduo foi classificado como pertencente ao grupo médio, porém não há indícios muito concretos acerca da intensidade do seu contato com o alemão.

Blumenau 24 grau: médio (?)	mcb	fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra						
		classe de palavras			posição do acento			item/itens mais freq.
variante		S	V	O	a	p	n	
aproximante	32 r	3	15	14	13	8	11	
alveolar	5 rr		2	3	3	2		2x “morrer”
tepe alveolar	5 r		3	2	1	2	2	
	3 rr	2	1		2	1		2x “erro” 1x “morrer”
fric. velar	8 rr		5	3	5	3		1x “morrer”
uvular	3 r	3			2	1		
	14 rr	11	2	1	2	11	1	1x “erro”
fricativa glotal	6 rr	3	1	2	3	2	1	3x “erro”
total r-simples	40	6	18	16	16	11	13	
total r-duplo	36	18	11	7	15	19	2	10
total	76	24	39	23	31	30	15	10

Figura 56. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Blumenau 24.

O falante 24 de Blumenau apresenta 5 variantes de rótico, aplicando 2 delas somente ao r-duplo e 3 a ambos os tipos de rótico. O r-simples é predominantemente realizado como aproximante alveolar, porém há 5 ocorrências em que é usado o tepe alveolar e 3 em que o falante aplica a variante uvular para o r-simples. No caso do tepe alveolar trata-se, em 3 das 5 ocorrências, de verbos e, no

caso da uvular, os 3 dados são de substantivos. Quanto à posição do acento, todas as 3 variantes contam com uma distribuição equilibrada das três posições de acento.

Para o r-duplo há 3 variantes mais freqüentes, a fricativa velar, a uvular e a fricativa As palavras mais freqüentes dessa amostra são realizadas através de todas as 5 variantes aplicadas ao r-duplo por esse falante. Ambas estão fortemente presente nas variantes menos usadas, constituindo 2 das 5 ocorrências da aproximante alveolar, 3 das 3 ocorrências do tepe e 3 das 6 ocorrências da fricativa glotal. Justamente na variante mais usada para o r-duplo, a uvular, encontra-se somente uma realização do grupo dos itens mais freqüentes.

Na escala da figura 50, o informante 2 é identificado como tendo grau de contato médio. Ele informa que falava somente alemão até entrar na escola, onde começou a aprender o português, e alega ainda praticar o alemão hoje em dia com os filhos em casa.

Blumenau 2	fpa	fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra						
		classe de palavras			posição do acento			item/itens mais freq.
grau: médio		S	V	O	a	p	n	
variante								6x “carro”
aproximante	23 r	13	10		11	11	1	
alveolar	1 rr	1			1			1x “carro”
tepe alveolar	4 r	1	3		2	2		
tepe alv. esp.	9 rr	1	7	1	2	4	3	1x “carro”
uvular	15rr	8	3	4	3	10	2	3x “carro”
fricativa glotal	1 r	1			1			
	6 rr	5		1	4	2		1x “carro”
total r-simples	28	15	13		14	13	1	
total r-duplo	31	15	10	6	10	16	5	
total	59	30	23	6	24	29	6	6

Figura 57. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Blumenau 2.

O falante 2 de Blumenau apresenta um total de 5 variantes das quais usa 3 categoricamente ou para o r-simples (tepe alveolar), ou para o r-duplo (tepe alveolar espirantizado e variante uvular). Nas outras duas variantes (aproximante alveolar e fricativa glotal) aparece uma mistura de ocorrências entre o r-simples e o r-duplo. Contudo, nesses casos de alternância, vemos que há somente 2 exceções, em um total de 59 ocorrências, nas quais o falante quebra a distinção entre o r-simples e o r-duplo.

O r-simples é realizado predominantemente (23 de 28 ocorrências) pela aproximante alveolar, 4 vezes ocorre o tepe alveolar e 1 vez a fricativa glotal. A realização do r-simples como fricativa glotal se dá no item “carreira”, cujo r-simples é precedido por um r-duplo e este realizado como uvular. A proximidade da uvular no rótico precedente é uma possível explicação para a ocorrência única da fricativa glotal no caso desse r-simples.

Para o r-duplo não há uma só variante principal. Ao contrário, as realizações são distribuídas entre o tepe espirantizado (9 ocorrências), a variante uvular (15) e a fricativa glotal (6). Porém, observa-se que o tepe espirantizado ocorre predominantemente com os verbos, e as variantes uvular e fricativa glotal, com os substantivos.

O item lexical mais freqüente desse falante (“carro”) ocorre em todas as variantes do r-duplo, mostrando uma leve inclinação para a uvular.

A uvular ocorre preferencialmente com palavras de acento posterior ao rótico.

O último, do grupo do grau médio, de contato com o alemão, a ser tratado, é o falante 11 de Blumenau. Na entrevista há indícios de um bom domínio do idioma, porém não encontramos muitas informações acerca do uso do alemão hoje em dia.

Blumenau 11 grau médio	mga	fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra						
		classe de palavras			posição do acento			item/itens mais freq.
variante		S	V	O	a	p	n	
aprox. alveolar	30 r	11	13	6	6	14	10	
vibrante alv.	22 rr	8	9	5	11	4	7	2x “serra”
uvular	5 rr	5			1	2	2	1x “serra”
fricativa glotal	2 rr	2			1		1	1x “serra”
total r-simples	30	11	13	6	6	14	10	
total r-duplo	29	15	9	5	13	6	10	4
total	59	26	22	11	19	20	20	4

Figura 58. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Blumenau 11.

O falante 11 de Blumenau usa 4 variantes diferentes para um total de 59 ocorrências de rótico na amostra. O uso da aproximante alveolar para o r-simples é categórico, e não há mistura entre as variantes atribuídas ao r-simples e ao r-duplo.

Para o r-duplo predomina a vibrante alveolar. Nos 7 casos em que se realiza uma outra variante, trata-se, sem exceção, de substantivos. A posição do acento parece significativa para a vibrante alveolar, já que 50% (11 das suas 22 ocorrências) ocorrem com palavras de acento anterior ao rótico.

Com a apresentação dos falantes 5 e 8 de Blumenau, a seguir, chegamos ao grupo dos indivíduos de maior contato com o alemão, concluindo com esses a descrição das gramáticas individuais dos falantes dessa cidade.

O falante 5 de Blumenau é classificado em nossa escala como uma pessoa que ainda mantém estreito contato com o alemão hoje em dia. O informante nasceu na década de 1930. O pai é da Alemanha, a mãe de Blumenau. Quando, durante o Estado Novo, após a declaração de guerra contra Alemanha, começou a proibição do alemão no Brasil, o informante foi alfabetizado pelo pai que o obrigava a fazer leitura e estudos de alemão em casa. Na década de 1960, foi para a Alemanha onde morou durante 19 anos. Não há uma informação totalmente clara, mas parece que

o esposo é um alemão que veio morar no Brasil. No caso do falante 5, temos muitas informações que apontam para o grau de contato e, também, para o grau de domínio do alemão, uma vez que a pessoa trabalhou como secretário bilingüe na Alemanha.

Blumenau 5 grau: maior	fpb	fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra						
		classe de palavras			posição do acento			item/itens mais freq.
variante		S	V	O	a	p	n	
aprox. alveolar	22 r	12	5	5	7	8	6	
tepe alv. esp.	7 r	4	2	1	6	1		
vibrante alv.	13 rr	3	8	2	6	3	4	2x “guerra”
fric. velar	6 rr	2	1	3	4	1	1	2x “guerra”
uvular	11 rr	7	4		6	4	1	1x “guerra”
total r-simples	29	16	7	6	13	10	6	
total r-duplo	30	12	13	5	16	8	6	5
total	59	28	20	11	29	18	12	5

Figura 59. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Blumenau 5.

O falante 5 de Blumenau apresenta 5 variantes de róticos em um total de 59 ocorrências. O falante 5 distingue categoricamente entre as variantes atribuídas ao r-simples e ao r-duplo. Para o r-simples, ele realiza em 22 dos 29 casos a aproximante e, nos casos restantes, o tepe espirantizado. O r-duplo apresenta 3 variantes, a vibrante alveolar, a fricativa velar e a fricativa glotal, com menos ocorrências da fricativa velar.

Entre as realizações do r-simples como tepe detectamos que a posição do acento anterior ao rótico está correlacionada à ocorrência dessa variante em 6 dos 7 casos.

Para o r-duplo, a vibrante alveolar ocorre preferencialmente com verbos, e a uvular, com substantivos. Na fricativa velar há uma correlação com o acento anterior ao rótico em 4 dos 6 casos.

O falante 8 de Blumenau também é considerado um dos que tem maior contato com o alemão ainda hoje. Embora pertença já à quarta geração desde os imigrantes e o falante 5 à segunda, ambos apresentam algumas características em comum. Os dois nasceram na mesma década e aprenderam o alemão antes da segunda guerra mundial. Em comparação com o falante 5 que, por indicações indiretas, parece ter um bom domínio do alemão, o falante 8 alega falar o alemão às vezes um pouco “atrapalhado”. Mas, por outro lado, parece que o contato com o alemão se dá na família inteira desse informante, já que a neta dele está aprendendo alemão com o filho do informante.

Blumenau 8	Mpb	fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra						
		classe de palavras			posição do acento			item/itens mais freq.
variante		S	V	O	a	p	n	6x “corrigir” 5x “correr”
aproximante alveolar	28 r	10	13	5	12	12	4	
	24 rr	9	11	4	6	11	7	6x “corrigir” 2x “correr”
tepe alv. esp.	5 r	1	2	2	5			
	1 rr		1			1		1x “correr”
uvular	7 rr	4	3		3	3	1	2x “correr”
fricativa glotal	1 r		1		1			
	2 rr	1		1			2	
total r-simples	34	11	16	7	18	12	4	
total r-duplo	34	14	15	5	9	15	10	11
total	64	25	31	12	27	27	14	11

Figura 60. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Blumenau 8.

Entre as 4 variantes encontradas na amostra de do falante 8, há somente uma, a variante uvular, que é usada exclusivamente para o r-duplo, as demais variantes apresentam realizações dos dois tipos de rótico, embora com distribuições diferentes. Contudo, em duas das variantes aplicadas a ambos os tipos de rótico, temos somente uma realização do r-duplo no tepe espirantizado e uma realização

do r-simples na fricativa glotal. Em outras palavras, a mistura verdadeira limita-se à aproximante alveolar, preferida pelo falante para ambos os tipos de róticos.

Para o r-simples, na sua realização como tepe espirantizado, há uma correlação com a posição do acento anterior ao rótico em todas as 5 ocorrências dessa variante.

Para o r-duplo, a fricativa glotal ocorre exclusivamente com palavras que têm o acento em nenhuma posição de imediata vizinhança do rótico.

Nos dois itens lexicais mais freqüentes, há uma palavra, “corrigir”, que é realizada categoricamente com a aproximante alveolar. A outra, “correr”, é distribuída pelas variantes aproximante alveolar e uvular, e também é realizada como tepe espirantizado, do qual constitui a ocorrência única.

7.1.3 Resumo da discussão das gramáticas individuais dos falantes de Blumenau

Concluimos a nossa seção sobre as gramáticas individuais dos falantes de Blumenau com um resumo das tendências mais e menos salientes na organização e no mapeamento das variantes. Comparamos os 10 falantes em relação aos dois tipos de rótico, à classe de palavra, à posição de acento, ao item lexical mais freqüente e avaliamos a relação entre o grau de contato e a organização da gramática individual de cada falante.

Pela classificação do grau do contato com o alemão, que exibimos na figura 50, diferenciamos 3 níveis de contato com o alemão. No entanto, não se revelou nenhum comportamento característico em correlação a esses níveis. Vejamos o caso do falante 16, que pertence ao menor grau de contato por não ser de descendência alemã e ter aprendido somente um pouco de alemão depois ter casado com uma mulher de origem alemã. Observamos, na distribuição das variantes usadas por esse indivíduo, uma distinção categórica entre o r-simples e o r-duplo, porém o falante 16 apresenta um caso analógico ao que comentamos no capítulo 6 quando falamos em algumas particularidades da distinção fonético-fonológica pelos falantes 6, 8 e 24 de Lages. No caso desses 3 informantes e também no caso do falante 16

de Blumenau, a distinção entre as variantes somente se revela seguramente na avaliação acústica. Na avaliação auditiva, a distinção entre r-simples e r-duplo por esses 4 falantes não é identificada com segurança. Em outras palavras, auditivamente, esses falantes parecem misturar as variantes para o r-simples e para o r-duplo. No caso de Blumenau, justamente o indivíduo indubitavelmente classificado como o de menor contato com o alemão, apresenta essa ambigüidade e não distingue nitidamente entre as variantes do r-simples e do r-duplo.

Se observarmos o grupo que classificamos como de contato médio com o alemão, constituído pelos falantes 2, 9, 11, 13, 19, 21 e 24(?), tampouco conseguimos definir um padrão em comum entre eles. Os falantes 9, 11, 19 e 21 distinguem – de modo auditiva e acusticamente perceptível –, entre as variantes para o r-simples e o r-duplo. Os falantes 2, 13 e 24 apresentam uma mistura – auditiva e acusticamente comprovada – entre as variantes para os dois tipos de rótico.

Tampouco se identifica um padrão entre os dois falantes 5 e 8, classificados no grau de maior contato com o alemão. O falante 5 distingue categoricamente, enquanto o falante 8 não distingue entre as variantes do r-simples e do r-duplo.

A partir somente do contato individual, com base no conhecimento da biografia lingüística obtida nas entrevistas disponibilizadas pelo projeto VARSUL, não podemos estabelecer uma tendência em relação à distinção ou não-distinção fonética entre o r-simples e o r-duplo, ou em relação à distribuição das variantes. Contudo, no que concerne à questão da distinção entre o r-simples e o r-duplo, a investigação das gramáticas individuais revela que, na maioria dos falantes que apresentam uma mistura das variantes pelos tipos de rótico, os casos de transgressão de uma variante entre um tipo e outro não são aleatórios e atingem um número bem pequeno de ocorrências. Exceto para o caso dos falantes 8, 13 e 24, que apresentam bastante mistura, podemos afirmar que os casos de transgressão são explicáveis pela análise que apresentamos. Passamos, a seguir, à discussão dos fatores correlacionados aos padrões e às exceções nos falantes de Blumenau.

Observamos dois fenômenos na fala dos informantes de Blumenau que apontam para regularidades na organização das gramáticas individuais. Trata-se 1) de uma variante correlacionada à distinção entre o r-simples e o r-duplo, a saber, a vibrante

alveolar e 2) dos fatores lingüísticos pelos quais detectamos correlações com a escolha da variante.

No caso de Blumenau, há uma correlação entre os falantes que apresentam no seu inventário fonético a vibrante alveolar e os que distinguem categoricamente entre o r-simples e o r-duplo. Nas gramáticas individuais dos falantes 5, 9, 11, 16 e 21 aparece a vibrante alveolar e todos esses 5 falantes mantêm a distinção entre r-simples e r-duplo, com exceção do caso ambíguo do falante 16 que acabamos de expor. Não obstante, ele distingue articulatoriamente, o que aparece na avaliação acústica. Além desses 5 falantes, há mais um indivíduo em Blumenau que apresenta a distinção categórica entre os dois tipos de rótico, sem utilizar a vibrante alveolar, a saber, o falante 19. Podemos assumir uma correlação média, senão forte, entre a vibrante alveolar na gramática individual e a distinção entre os dois tipos de rótico. Voltaremos a considerar esse aspecto na seção 7.3, quando analisarmos as propriedades das variantes conforme se revelam no uso pelos falantes de ambas as cidades.

Quanto aos fatores lingüísticos examinados nesta seção, podemos resumir algumas correlações e apontar as possíveis regularidades que se manifestam no mapeamento das variantes de um ou mais indivíduos de Blumenau. Vejamos, brevemente, variante por variante.

A aproximante alveolar é, com grande predominância, usada para a realização do r-simples. Nos casos em que essa variante representa o r-duplo, ela ocorre mais facilmente com verbos do que com substantivos. Além do mais, nos dois falantes que apresentam a aproximante alveolar para o r-duplo, porém com poucas ocorrências (falante 2, 1 ocorrência, falante 3, 5 ocorrências), há uma correlação com a distribuição dos itens mais freqüentes pelas variantes. Esses itens parecem ser responsáveis pela grande diversidade, em termos de número de variantes, nas gramáticas de vários indivíduos analisados acima.

O tepe alveolar é uma variante usada para o r-simples, por 3 falantes, e para o r-duplo, por 3 falantes. Um falante mistura os dois tipos de rótico. Com exceção do falante 13, o tepe conta, nos demais 5 falantes, somente com um número de ocorrências entre 2 e 6. Na aplicação do tepe alveolar para o r-simples, há, em todo o *corpus* de Blumenau, somente 1 caso de substantivo. Aproximadamente dois

terços das demais realizações do tepe alveolar para esse rótico se dão com verbos, e um terço, com palavras de outras classes. A aplicação do tepe para o r-duplo ocorre preferencialmente com substantivos e / ou os itens lexicais mais freqüentes.

O tepe espirantizado também é uma variante que representa os dois tipos de róticos. 2 falantes aplicam o tepe espirantizado somente ao r-duplo, 1 somente ao r-simples, e 1 mistura ambos. Para sua realização como r-simples, não detectamos um comportamento particular em relação aos fatores lingüísticos. Mas para o r-duplo, o tepe espirantizado apresenta uma correlação com verbos e os itens lexicais mais freqüentes.

Sobre a vibrante já falamos mais acima, nesta seção.

A vibrante alveolar espirantizada, uma variante de somente 9 ocorrências em dois falantes de Blumenau, é aplicada exclusivamente ao r-duplo. Temos uma pequena correlação, no caso do falante 9, entre essa variante e os itens lexicais mais freqüentes, no caso, substantivos.

A fricativa velar, também uma variante não muito difundida entre os falantes de Blumenau, está levemente correlacionada à classe dos verbos, ao acento na posição anterior ao rótico e, também, aos itens lexicais mais freqüentes.

As variantes uvular e fricativa glotal são as mais usadas, em termos de números de falantes, em Blumenau. Em termos de ocorrência ficam, respectivamente, em terceiro e segundo lugar, após a vibrante alveolar. Na realização de ambas para o r-duplo existe uma correlação bastante acentuada com os substantivos (classe em que acontece mais da metade das realizações dessas duas variantes). Além disso, embora de maneira menos saliente a fricativa glotal ocorre preferencialmente com o acento anterior ao rótico.

No resumo geral dos nossos resultados, na seção 7.3, que se reporta a todos os falantes, voltaremos aos aspectos avaliados nesta seção.

7.2 Os falantes e as variantes de róticos na entrevistas de Lages

Apresentamos nesta seção os resultados da avaliação fonética e dos dados lingüístico-biográficos das entrevistas dos informantes de Lages. Para o que se propõe o projeto VARSUL, a cidade de Lages representa a colonização gaúcha, ficando em segundo plano o seu contexto histórico que também apresenta, embora em menor escala, imigração alemã, entre outras. Isso se revela nitidamente quando compararmos as perguntas feitas pelos entrevistadores. Nas entrevistas de Blumenau solicitam-se várias informações sobre a origem étnica do informante e sua família e também sobre o domínio e uso do alemão hoje em dia na vida do informante e sua família. Nas entrevistas de Lages, essas perguntas são raras ou, quando ocorrem, não perseguidas com muita profundidade. Sendo assim, obtivemos menos informações em relação à origem dos informantes lageanos e suas famílias. No que concerne ao domínio de outros idiomas, sem ser o português, há poucas informações nas entrevistas. Entretanto, um dos critérios da escolha dos informantes das cidades como Lages, que não representa, no *corpus* do VARSUL, as regiões bilíngües, é justamente a monolingualidade do indivíduo entrevistado. Nota-se pelas informações dadas pelos entrevistados de Lages, como também já vimos no caso de Blumenau, que os critérios e categorias estabelecidos pelo VARSUL não são estritamente aplicados. Mesmo considerando esse fator, que diminui a confiabilidade de que não haja indivíduos bilíngües entre os entrevistados de Lages, a questão da bilingüidade é o critério que mais claramente divide os grupos de falantes de Blumenau e Lages.

7.2.1 Os dados lingüístico-biográficos dos falantes de Lages

Para os casos em que obtivemos as informações pelas entrevistas, expomos na figura 61 as cidades ou estados de onde vieram os pais dos informantes (coluna 2), a idade com que os informantes vieram morar em Lages (coluna 3) e citamos comentários, quando ocorrem, que tenham alguma relação com o alemão ou a origem (étnica e lingüística) da família do informante.

inf. Lgs	pais oriundos de	mora em Lgs desde os__anos	comentários sobre possível contato com o alemão / outras observações
3	SC (prox. Lgs ¹³³)	8	
6	?	8	
8	RS	?	> participa em tradições gaúchas e usa gírias gaúchas
12	RS	?	>informante nasceu no RS >fala de costumes italianos na infância
14	Lgs	0	
16	Lgs	?	>pai de origem polonesa, veio para Lages quando criança
17	Lgs	10	>diz ser criado com tradições gaúchas
20	SC (prox. Lgs ¹³⁴), pai do litoral	18	>avô paterno e avó materna são “alemães”
21	?	?	>fala de tradições natalinas alemãs na infância
24	Lgs	0	>diz ser “lageano da gema”

Figura 61. Quadro das propriedades lingüístico-biográficas dos indivíduos de Lages.

O que chama atenção neste relatório bastante limitado é o fato de que, em quatro dos casos em que consta essa informação, os informantes de Lages não nasceram na cidade e não passaram o primeiro período de aquisição de língua materna no município. Além do mais temos um caso (informante n° 20) que é de descendência de alemães. Antes de estabelecer um recorte de informantes e suas famílias enraizados de nascença na cidade de Lages, podemos, provavelmente, dizer que estamos frente a habitantes de Lages de biografias não atípicas para essa cidade. Afinal, trata-se de uma cidade cuja história está intimamente ligada ao fluxo do comércio entre os estados do Rio Grande do Sul e São Paulo e à migração que o acompanhou.

¹³³ Campo Belo do Sul, município vizinho a Lages.

¹³⁴ Do município Ponte Alta, que faz fronteira com Correia Pinto, que, por sua vez, faz fronteira com o município de Lages.

Conforme procedemos na discussão das gramáticas individuais dos falantes de Blumenau, expomos agora a distribuição das variantes pelos dois tipos de rótico em cada falante e discutimos possíveis regularidades na sua realização.

7.2.2 As gramáticas individuais dos falantes de Lages

Iniciamos a nossa apresentação diretamente com o primeiro falante 3 para, depois, seguir conforme a organização das entrevistas pelo catálogo do VARSUL.

Lages 3	mpa	fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra						
		classe de palavras			posição do acento			item/itens mais freq.
variante		S	V	O	a	p	n	
aprox. alveolar	2 rr	2			1		1	1x “serraria” 1x “terra”
tepe alveolar	58 r	17	21	20	25	26	7	
	2 rr	2					2	2x “serraria”
tepe alv. esp.	1 rr			1			1	
vibrante alv.	32 rr	28	3	1	16	7	9	12x “serraria” 9x “terra”
vibr. alv. esp.	4 rr	4			2		2	3x “serraria” 1x “terra”
fric. velar	1 r			1	1			
	15 rr	13	2		5	3	7	7x “serraria” 1x “terra”
fricativa glotal	1 rr			1		1		
total r-simples	59	17	21	21	26	26	7	
total r-duplo	57	49	5	3	24	11	22	37
total	116	66	26	24	50	37	29	37

Figura 62. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Lages 3.

O falante 3 de Lages apresenta 7 variantes de rótico diferentes. Duas dessas, o tepe alveolar e a fricativa velar, são atribuídas a ambos os tipos de rótico, o r-simples e o

r-duplo, enquanto as demais, a aproximante alveolar, o tepe espirantizado, a vibrante espirantizada e a fricativa glotal, contam somente com realizações do r-duplo. O uso do tepe alveolar para o r-simples é categórico - com uma exceção com a fricativa velar. O que chama atenção são os 5 casos, em que um tipo de rótico é realizado somente 1 (o r-simples no tepe espirantizado e na fricativa velar, o r-duplo na fricativa glotal) ou 2 vezes (o r-duplo na aproximante alveolar e no tepe alveolar) por uma variante.

Uma outra particularidade dessa amostra é a distribuição desequilibrada entre as classes de palavras, entre as 57 ocorrências de r-duplo do falante 3 de Lages há somente 5 verbos e 3 itens de outra classe de palavra frente a 49 ocorrências de substantivo. Ou seja, estamos analisando predominantemente o r-duplo em substantivos¹³⁵. Além do mais, entre os 49 substantivos há 25 ocorrências da palavra mais freqüente “serraria” e 12 da segunda palavra mais freqüente, “terra”. Dentro da análise da gramática individual desse falante, focalizamos, portanto na configuração que os itens lexicais fornecem para a gama das e as relações entre as variantes.

Entre as realizações do r-duplo predomina a vibrante alveolar, em segundo lugar vem a fricativa velar. Duas das exceções dessa tendência, a única ocorrência de tepe espirantizado e a única ocorrência da fricativa glotal, são constituídas justamente por 2 dos 3 itens de outra classe de palavra com r-duplo. As demais variantes menos freqüentes, a aproximante alveolar (2 ocorrências), o tepe espirantizado (2 ocorrências) e a vibrante espirantizada (4 ocorrências) são realizações das 2 palavras mais freqüentes da amostra, “serraria” e “terra”.

¹³⁵ No caso do r-simples, a distribuição está equilibrada.

Lages 6	fpb	fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra						
		classe de palavras			posição do acento			item/itens mais freq.
variante		S	V	O	a	p	n	
aprox. alveolar	1 rr		1			1		1x “morrer”
tepe alveolar	33 r	12	8	13	16	16	1	
tepe alv. esp.	15 rr	9	5	1	5	10		2x “morrer”
vibrante alv.	18 rr	10	7	1	8	8	2	3x “morrer”
vibr. alv. esp.	5 r	2	2	1	3	2	0	
fric. velar	5 rr	2	1	2		5		1x “morrer”
fricativa glotal	1 rr		1			1		1x “morrer”
total r-simples	38	14	10	14	19	18	1	
total r-duplo	40	21	15	4	13	25	2	8
total	78	35	25	18	32	43	3	8

Figura 63. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Lages 6.

Na amostra dos dados do falante 6 de Lages encontramos um total de 6 variantes de rótico das quais 2 são aplicadas para o r-simples e 5, para o r-duplo.

O r-simples é realizado na maioria dos casos como tepe alveolar, tendo 5 exceções em que é produzida uma vibrante alveolar espirantizada. Essas 5 ocorrências, vistas pelos fatores classe de palavra e posição do acento, não apresentam um comportamento regular que pudesse influenciar a escolha da variante.

No r-duplo, há duas variantes muito usadas (o tepe alveolar espirantizado com 15 ocorrências e a vibrante alveolar, com 18) e 3 pouco usadas (a aproximante alveolar e a fricativa glotal com uma ocorrência cada e a fricativa velar com 5 ocorrências). Nas variantes muito usadas vemos que há uma leve inclinação da vibrante alveolar ocorrer com os substantivos. O que chama a atenção nas variantes pouco utilizadas é o fato de a fricativa glotal e a aproximante alveolar serem realizadas na palavra “morrer”, que é o item lexical mais freqüente na amostra do falante. “Morrer” não apresenta nenhuma preferência por alguma das variantes do r-duplo e ocorre seja como uma das duas variantes já mencionadas, seja como uma das duas

variantes predominantes entre as realizações do r-duplo desse falante, a saber, o tepe espirantizado e a vibrante alveolar. Já a fricativa velar, que aparece em 5 ocorrências, todas com acento posterior, não é aplicada, na amostra, à palavra “morrer”.

Lages 8	mpb	fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra						item/itens mais freq.
		classe de palavras			posição do acento			
variante		S	V	O	a	p	n	
aprox. alveolar	3 rr	2	1		2		1	
tepe alveolar	57 r	13	22	22	23	27	7	
	12 rr	8	4		4	8		3x “correr”
tepe alv. esp.	1 rr	1				1		
vibrante alv.	4 rr	4			1	2	1	
vibr. alv. esp.	24 rr	10	12	2	6	12	6	6x “correr”
fric. velar	6 rr		4	2		5	1	
fricativa glotal	2 rr		2			2		
total r-simples	57	13	22	22	23	27	7	
total r-duplo	52	25	23	4	13	30	9	9
total	109	38	45	26	36	57	16	9

Figura 64. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Lages 8.

Na fala do falante 8 de Lages encontramos 7 variantes de róticos. O indivíduo aplica o tepe alveolar categoricamente para o r-simples, porém não mantém a distinção entre os dois tipos de rótico, utilizando essa variante também para o r-duplo.

Para o r-duplo predomina a realização como vibrante espirantizada e tepe alveolar. A aproximante alveolar, o tepe espirantizado, a vibrante alveolar, a fricativa velar e a fricativa glotal são produzidas com frequências inferiores, de 1 a 6 vezes. Para as fricativas velar e glotal observamos uma leve tendência para os verbos (6 dos 8 casos) ocorrerem com essas variantes. Enquanto isso, na aproximante alveolar, no

tepe espirantizado e na vibrante alveolar predominam os substantivos (7 dos 8 casos).

O item lexical mais freqüente na amostra do falante 8 é o verbo “correr”, é realizado sempre com uma das duas variantes mais freqüentes de r-duplo desse informante, tendo 3 realizações como tepe alveolar e 6 como vibrante espirantizada. A posição do acento parece mais significativa para a fricativa velar, que tem 5 dos 6 casos dessa variante com acento posterior.

Lages 12	mga	fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra						
		classe de palavras			posição do acento			item/itens mais freq.
variante		S	V	O	a	p	n	
aprox. alveolar	1 rr	1			1			
tepe alveolar	35 r	7	13	15	17	13	5	
tepe alv. esp.	3 rr	2	1		1	2		1x “churrasco”
vibrante alv.	4 rr	4					4	2x “arrumar”
fric. velar	28 rr	20	8		6	14	8	6x “churrasco” 5x “arrumar”
fricativa glotal	2 rr	1	1			2		1x “churrasco”
total r-simples	35	7	13	15	17	13	5	
total r-duplo	38	28	10		8	18	12	15
total	73	35	23	15	25	31	17	15

Figura 65. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Lages 12.

Os róticos produzidos pelo falante 12 de Lages distribuem-se entre 6 variantes, mantendo a distinção entre o r-simples, que é categórica e exclusivamente realizado como tepe alveolar, e o r-duplo, com ocorrências nas variantes aproximante alveolar, tepe alveolar espirantizado, vibrante alveolar, fricativa velar e fricativa glotal.

Entre as variantes do r-duplo, a fricativa velar conta com o maior número de ocorrências. Não conseguimos depreender um comportamento regular na distribuição das variantes do r-duplo pelos fatores classe de palavras e posição do acento. Os dois itens lexicais mais freqüentes, as palavras “churrasco” e “arrumar”, são, na maioria dos casos, realizados como fricativa velar, contudo, apresentando exceções com realizações como tepe espirantizado, vibrante alveolar e fricativa glotal.

Lages 14	fgb	fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra						item/itens mais freq.
		classe de palavras			posição do acento			
variante		S	V	O	a	p	n	
aprox. alveolar	1 r	1				1		
tepe alveolar	50 r	16	11	23	23	18	9	
	3 rr		3				3	3x “arrumar”
tepe alv. esp.	1 r	1				1		
	30 rr	10	17	3	2	9	19	11x “arrumar” 1x “carro” 5x “serraria”
vibrante alv.	10 rr	6	3	1	4	4	2	
vibr. alv. esp.	3 rr		2	1		1	2	
fric. velar	3 rr	3					3	
total r-simples	52	18	11	23	23	19	9	
total r-duplo	49	19	25	5	6	14	29	30
total	101	37	36	28	29	33	38	30

Figura 66. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Lages 14.

O falante 14 de Lages realiza 6 variantes de rótico na amostra, tendo uma variante somente para o r-simples (a aproximante alveolar), uma predominante mas não exclusiva para o r-simples (o tepe alveolar), uma variante predominantemente para o r-duplo (o tepe espirantizado) e 3 variantes exclusivamente para o r-duplo (a vibrante alveolar, a vibrante espirantizada e a fricativa velar). As duas exceções da predominância do r-simples na realização do tepe ocorrem ambas com substantivos.

No r-duplo, 2 das variantes com número de ocorrências inferior (o tepe alveolar e a vibrante espirantizada) são realizações da palavra mais freqüente da amostra, “arrumar”. “Arrumar” é, na maioria dos casos, realizado com tepe espirantizado (11 ocorrências) e, algumas vezes, com vibrante alveolar, que é a segunda variante mais freqüente entre as formas aplicadas ao r-duplo.

Há mais 3 ocorrências de substantivos, sem regularidade em relação à posição de acento, que fogem da tendência ao tepe espirantizado ou à vibrante alveolar, sendo realizadas como fricativa velar.

Lages 16	mgb	fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra						
		classe de palavras			posição do acento			item/itens mais freq.
variante		S	V	O	a	p	n	
tepe alveolar	54 r	18	17	19	15	22	17	
fric. velar	54 rr	29	15	10	30	18	6	4x “erro”
fricativa glotal	3 rr	2		1	2			2x “erro”
total r-simples	54	18	17	19	15	22	17	
total r-duplo	57	31	15	11	32	19	6	6
total	111	49	32	30	47	41	23	6

Figura 67. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Lages 16.

O falante 16 de Lages apresenta um padrão bastante simples. Ele utiliza apenas 3 variantes, distingue entre o r-simples, realizado categoricamente como tepe alveolar, e o r-duplo, predominantemente realizado como fricativa velar, com 3 exceções de fricativa glotal. Dessas 3 ocorrências, 2 são realizações de uma das palavras mais freqüentes na amostra, “erro”.

Lages 17	fca	fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra						
		classe de palavras			posição do acento			item/itens mais freq.
variante		S	V	O	a	p	n	
tepe alveolar	51 r	1	22	28	18	20	13	
retroflexa	1 rr	1			1			1x “bairro”
fric. velar	24 rr	12	8	3	5	9	10	2x “bairro”
fricativa glotal	25 rr	19	6		10	5	10	9x “bairro”
total r-simples	51	1	22	28				
total r-duplo	50	33	14	3	16	14	20	12
total	101	34	36	31	34	34	33	12

Figura 68. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Lages 17.

A distribuição das variantes pelos dois tipos de róticos do falante 17 de Lages é simples como o padrão do falante 16, com a exceção de que o falante 17 realiza uma vez a retroflexa para o r-duplo. Para o r-simples, o uso do tepe alveolar é categórico. O r-duplo é realizado, em 49 dos 50 casos, ou como fricativa velar ou como fricativa glotal.

O item lexical mais freqüente da amostra, a palavra “bairro”, apresenta realizações pelas 3 variantes de r-duplo desse falante, constituindo também a exceção da retroflexa.

Lages 20	mca	fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra						
		classe de palavras			posição do acento			item/itens mais freq.
variante		S	V	O	a	p	n	
aprox. alveolar	4 rr	2		2	1	3		
tepe alveolar	42 r	10	14	18	17	17	8	
	5 rr	4		1	4	1		4x “guerra”
tepe alv. esp.	5 rr	2		3	2	3		1x “guerra”
retroflexa	3 r	1		2	3			
	3 rr	3					3	
vibrante alv.	1 rr		1			1		
vibr. alv. esp.	9 rr	7		2	4	4	1	
fric. velar	3 rr	2		1	3			
fricativa glotal	6 rr	2		4		5	1	
total r-simples	45	11	14	20	20	17	8	
total r-duplo	36	22	1	13	14	17	5	5
total	81	33	15	33	34	34	13	5

Figura 69. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Lages 20.

O padrão dos róticos do falante 20 de Lages, ao contrário dos dois indivíduos que acabamos de apresentar, não é, nem um pouco, simples. Esse falante utiliza as 8 variantes de rótico encontradas em todo o *corpus* de Lages, inclusive a retroflexa. Aparece uma tendência para a distinção entre o r-simples e o r-duplo, porém ela não é mantida categoricamente.

Para o r-simples, o falante aplica predominantemente o tepe alveolar, tendo como exceções 3 realizações da retroflexa. Esses 3 casos são palavras com o acento anterior, não apresentando nenhum padrão relativo ao fator classe da palavra.

Para o r-duplo são utilizadas todas as 8 variantes. Entre elas, a forma que reúne mais ocorrências (9) é a vibrante espirantizada e a forma com uma só ocorrência é a vibrante alveolar, enquanto as outras 6 variantes contam com 3 a 6 casos. A

palavra mais freqüente da amostra, “guerra”, é realizada 4 vezes como tepe alveolar e 1 vez como tepe alveolar espirantizado.

Analisando a posição do acento, vemos que há 4 casos com tendências em relação a esse fator: 3 das 4 ocorrências da aproximante alveolar apresentam o acento posterior; todas as 3 realizações da retroflexa para o r-simples têm o acento anterior, como também as 3 ocorrências da fricativa velar; por último, 5 das 6 ocorrências da fricativa glotal são palavras com o acento na posição posterior ao rótico. Pelo fator classe da palavra, percebemos uma correlação em um caso: todas as 3 ocorrências do r-duplo realizado como retroflexa pertencem à classe dos substantivos.

O que chama atenção, nesse falante, é justamente a diversidade das variantes e a ausência de uma variante bem predominante para o r-duplo. No *corpus* desse indivíduo encontra-se somente uma ocorrência de um verbo com o r-duplo, realizado, no caso, como vibrante alveolar, constituindo a única ocorrência dessa variante. Parecido com o que vimos em outros falantes, o item lexical mais freqüente, a palavra “guerra”, também é responsável pela presença de uma variante na gramática do falante 20, no caso, o tepe alveolar para o r-duplo.

Lages 21	fcb	fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra						
		classe de palavras			posição do acento			item/itens mais freq.
variante		S	V	O	a	p	n	
tepe alveolar	37 r	8	17	12	21	5	11	
fric. velar	10 rr	6	3	1	3	4	3	2x “churrasco” 2x “terra”
fricativa glotal	30 rr	17	8	5	4	17	9	3x “churrasco” 3x “terra”
total r-simples	37	8	17	12	21	5	11	
total r-duplo	40	23	11	6	7	21	12	10
total	77	31	28	18	28	26	23	10

Figura 70. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Lages 21.

No caso do penúltimo falante da nossa análise, o número 21 de Lages, estamos outra vez frente a um padrão de distribuição das variantes pelos tipos de rótico muito simples. O falante usa 3 variantes no total, distinguindo categoricamente entre a forma atribuída ao r-simples, o tepe alveolar, e as duas formas de realização do r-duplo, a fricativa velar e a fricativa glotal.

No r-duplo há uma preferência para a fricativa glotal, porém não se manifesta nenhuma regularidade em relação aos fatores classe da palavra ou posição do acento. As duas palavras mais freqüentes da amostra, “churrasco” e “terra”, são distribuídas, de modo similar ao padrão geral do r-duplo, entre as duas variantes.

Lages 24	mcb	fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra						
		classe de palavras			posição do acento			item/itens mais freq.
variante		S	V	O	a	p	n	
aprox. alveolar	7 rr	2	2	3	2	3	2	
tepe alveolar	69 r	10	31	28	19	23	27	
tepe alv. esp	12 rr	6	1	5	2	10		1x “guerra”
vibrante alv.	23 rr	19	3	1	13	10		10x “carro” 1x “guerra”
vibr. alv. esp.	9 rr	6	3		5	4		1x “guerra”
fric. velar	27 rr	22	2	3	16	10	1	3x “carro” 5x “guerra”
total r-simples	69	10	31	28	19	23	17	
total r-duplo	78	55	11	12	38	37	3	21
total	147	65	42	40	57	60	30	21

Figura 71. Quadro da distribuição das variantes pelos fatores intrínsecos das palavras constituintes da amostra no falante Lages 24.

Embora o falante 24 de Lages esteja utilizando um maior número (6) de variantes no total, em relação ao informante anterior, ele também apresenta um padrão relativamente claro. A distinção entre o r-simples e o r-duplo é categórica, usando exclusivamente o tepe alveolar para o r-simples.

Para o r-duplo há 5 variantes diferentes, porém, ao contrário de muitos casos que vimos nesta seção, não há variantes com um número de ocorrências muito pequeno ou realização única de alguma variante. Pelos fatores classe da palavra e posição do acento, não descobrimos nenhuma correlação sistemática com alguma das variantes. Ao contrário, a distribuição é bem equilibrada. Os dois itens lexicais mais freqüentes da amostra, as palavras “guerra” e “carro”, ocorrem com todas as variantes do r-duplo com exceção da aproximante alveolar, e predominam com as duas variantes mais freqüentes também: “carro”, com 10 ocorrências da vibrante alveolar, e “guerra”, com 5 da fricativa velar.

7.2.3 Resumo dos resultados pelos falantes de Lages

Na análise das gramáticas dos falantes de Lages mostram-se 3 grupos de falantes que compartilham, internamente, um padrão muito semelhante. O primeiro grupo, constituído pelos falantes 16, 17 e 21, apresenta um único padrão simples, com exceção de apenas uma ocorrência de retroflexa no falante 17. Para o r-simples, esses 3 falantes aplicam categoricamente o tepe alveolar, para o r-duplo são usadas as fricativas velar e glotal. O segundo grupo, com exceção concernente à vibrante espirantizada cuja aplicação difere entre os indivíduos, abrange os falantes 6, 12 e 24. O r-simples, nesse grupo, é realizado categoricamente como tepe alveolar, com a exceção de 5 ocorrências do falante 6. O r-duplo varia entre a aproximante alveolar, o tepe espirantizado, que são duas variantes relativamente raras nesse grupo, e a vibrante alveolar, a vibrante espirantizada e as fricativas velar e glotal; a maioria dos casos de r-duplo, nesse grupo, é realizada como vibrante alveolar ou como fricativa velar. O terceiro e último grupo já apresenta um padrão com mais exceções, porém essas atingem um número pequeno de ocorrências (6 no total em todos os 4 falantes). Os falantes 3, 8, 14 e 20 compartilham a seguinte distribuição: o r-simples é realizado com 7 das 8 variantes possíveis no *corpus* de Lages, com exceção da retroflexa; a distribuição das realizações de r-duplo pelas 7 variantes também é semelhante nesse terceiro grupo – a aproximante alveolar, o tepe alveolar o tepe espirantizado e a fricativa glotal são raras vezes usadas, enquanto a vibrante alveolar, a vibrante espirantizada e a fricativa velar predominam na fala dos 4 indivíduos.

Olhando o panorama de todos os 10 falantes de Lages percebemos duas tendências, parcialmente contraditórias. Por um lado, estamos diante de um padrão mais diversificado, com um maior número de variantes aplicadas por cada falante para o r-duplo e um maior número de exceções concernentes a cada padrão individual para a realização do r-simples. Pela análise dos fatores classe da palavra e acento, que ainda comentamos no final desta seção, não obtivemos tendências tão claras quanto no caso de Blumenau. Por outro lado, há mais uniformidade entre os falantes de Lages. Retomando os 3 grupos descritos no parágrafo acima, vemos que o segundo e o terceiro grupo ainda compartilham padrões muito parecidos. Sendo assim, o que une os falantes de Lages é justamente a diversidade de variantes usadas e a mistura de formas aplicadas para o r-simples e o r-duplo. Tirando os indivíduos 6, 12 e 24, que somente mediante a análise acústica podem ser considerados como falantes que distinguem entre o r-simples e o r-duplo, temos no total somente 3 falantes que mantêm a distinção e 7 que não a mantêm. Além do mais, todos os falantes de Lages usam predominante e, muitas vezes, categoricamente o tepe alveolar para a realização do r-simples. A segunda variante, aplicada por todos os 10 falantes, é a fricativa velar. Nesse aspecto, os lageanos em nosso *corpus* aproximam-se do padrão concebido pela literatura afim, conforme expomos no capítulo 2, sendo que o tepe alveolar é a forma fonética esperada, nesse padrão, para o r-simples, e a fricativa velar é reportada como muito freqüente na realização do r-duplo.

Tendo em vista essas duas tendências, parcialmente opostas, no comportamento dos lageanos em nosso *corpus*, podemos dizer que, ao mesmo tempo em que apresentam mais semelhanças com o padrão do PB, conforme a sua descrição discutida no capítulo 2, esses falantes exibem uma mistura de variantes em maior grau do que os indivíduos de Blumenau.

Em relação aos fatores intrínsecos e à freqüência das palavras que constituem o nosso *corpus*, observamos, nas gramáticas dos falantes de Lages, que as duas tendências mostradas por vários falantes de Blumenau, concernentes à classe de palavras, não se manifestam em Lages. Somente nos falantes 8, 14 e 20 há casos em que as exceções do padrão individual parecem estar correlacionadas com a classe da palavra. No falante 20 há uma certa correlação entre as exceções e a posição do acento também.

Na seção a seguir comentamos, de maneira resumida, os fenômenos mais importantes observados na nossa análise das gramáticas individuais na comparação de ambas as cidades.

7.3 Resumo do capítulo

Neste capítulo analisamos a distribuição e o uso das variantes de rótico por cada falante considerado em nosso estudo. Relacionamos a escolha da variante fonética com os fatores biográfico-lingüísticos dos informantes e intrínsecos das palavras que constituem o nosso corpus. Apresentamos duas comparações, uma para cada cidade, apontando ao comportamento dos róticos e possíveis correlações com os fatores considerados. A interpretação e a conclusão dos nossos resultados segue-se no capítulo 8.

8 Conclusão

Neste último capítulo apresentamos uma retrospectiva rápida e o balanço final dos resultados deste estudo em relação às questões teóricas e metodológicas levantadas ao longo do trabalho. Revisamos e resumimos os nossos dados, confrontando-os com a discussão fonético-fonológica (8.1), com as implicações da abordagem da gramática individual (8.2) e com a questão de línguas em contato (8.3).

8.1 A discussão fonético-fonológica

8.1.1 Os aspectos fonéticos

Na avaliação auditiva e acústica identificamos 9 variantes de róticos que interpretamos antes como pontos em uma escala contínua, do que como variantes categóricas e bem delimitadas. Há realizações intermediárias, praticamente entre todos esses 9 pontos. Sendo assim, os nossos dados ratificam fortemente a posição, representada por Silva et alii (2001), sobre a gradiência das variantes.

Quanto à questão dos diferentes âmbitos fonéticos, argumentamos, com base nas variantes parcialmente ambíguas, como, por exemplo, a distinção entre a aproximante e o tepe alveolar, por uma integração dos aspectos articulatórios, acústicos e auditivos para a avaliação e interpretação do fenômeno. Especialmente a análise acústica aponta para a necessidade de se fazer uma reavaliação por métodos acústicos e, quando possível, até por recursos de exames articulatórios, das variantes em questão. A descrição impressionista dos róticos do PB ainda predomina na literatura afim, o que pode velar tendências de desenvolvimento da fala ou retardar a descoberta das mesmas.

No que concerne a duas tendências, a posteriorização e o apagamento, reportadas para os róticos do PB em geral, já antecipamos, no capítulo 6, a maneira pela qual as interpretamos em relação aos nossos dados. Concebemos a grande diversidade de formas, tanto quanto à zona, como quanto ao modo de articulação, como uma tendência de expansão e aproveitamento do espaço articulatório como um todo,

parecido com o que vimos no experimento de De Boer (1997). Enquanto à posteriorização temos 3 casos de variantes que devemos avaliar. O caso da fricativa glotal, nos falantes de Blumenau, pode ser interpretado como uma tendência de se afastar da variante uvular, já que esta se conforma menos com a noção das variantes padrão no PB, conforme expomos no capítulo 2. O segundo caso, o da vibrante espirantizada, também permite sua interpretação como uma posteriorização. Por último, temos um caso de uma variante, não descrita ainda, pelo que saibamos, na literatura afim, que não se encaixa na tendência à posteriorização sem porém. Trata-se do tepe alveolar espirantizado. Pelas suas características descritas no capítulo 6, ele aparenta ser uma articulação posteriorizada do tepe alveolar propriamente dito, realizado com um aumento de força no gesto articulatorio. Entretanto, do ponto de vista do uso dessas duas variantes, salienta-se a aplicação predominante do tepe espirantizado para a realização do r-duplo. Nesse aspecto, essa variante assemelha-se mais à vibrante alveolar, que é categoricamente aplicada para o r-duplo, em todo o nosso *corpus*, do que com o tepe alveolar, cuja aplicação para o r-simples predomina fortemente entre os nossos falantes. Portanto, o tepe espirantizado possui características ambíguas concernentes aos seus aspectos fonéticos e fonológicos e, conforme acabamos de argumentar, poder-se-ia ser identificado também de uma articulação mais anterior da vibrante alveolar.

É interessante observar que há variantes nas quais se nota uma aproximação entre as realizações do r-simples e do r-duplo, porém, em nossos dados, não se encontram variantes muito próximas de outros sons, não-róticos. Se compararmos, por exemplo, a gama das variantes descritas neste trabalho com o comportamento dos róticos no alemão, a língua em contato com o PB em Blumenau, vemos que, nesse caso, o espaço articulatorio do alemão “livre” para hospedar variantes de róticos está mais limitado do que no PB. Conforme detalhamos no capítulo 3, no alemão, as formas [x] e [h] são atribuídas a outras classes de sons. No PB, o espriamento das variantes, resultando nessa grande diversidade que a literatura afim reflete, provavelmente é possibilitado pelo número inferior de fronteiras com outras classes de som, no caso, a fricativa velar e glotal.

A tendência de ocupar, não somente diferentes zonas de articulação, mas também os espaços entre variantes, gostaríamos de avaliá-la nos termos de Boersma (1998) e dos princípios funcionais. Pela parte da percepção, o princípio atuante influencia

o desenvolvimento de variantes mais bem delimitadas. Pela parte da articulação, o princípio tende à facilitação, ou então à maior economia do gesto articulatório. No caso de nossas variantes, a atuação paralela desses dois princípios conflitantes pode ser deduzida da seguinte maneira. A aproximante alveolar e a fricativa glotal se distinguem, a princípio, por uma distância máxima entre as zonas de articulação. A realização da aproximante alveolar, predominantemente para o r-simples, e da fricativa glotal, predominantemente para o r-duplo, como ocorre na fala dos indivíduos de Blumenau, aponta para o princípio de manter ou até aumentar a distinção audível dos dois tipos de róticos. Por outro lado, ao mesmo tempo, as duas variantes assemelham-se, e até chegam a ser auditivamente confundidas pela diminuição do gesto articulatório. Conforme descrevemos no capítulo 6, ambas as variantes contam com realizações enfraquecidas que apresentam pouca distinção articulatória. Ambas revelam, em nossos dados, uma tendência para a articulação relaxada, semi-vocálica. Dessa forma, a distinguibilidade auditiva entre ambas as variantes, tão distantes pela zona de articulação, é diminuída.

O enfraquecimento do gesto articulatório, nesses dois casos, assemelha-se um pouco, embora provavelmente esteja ligado à fala rápida e descuidada, à tendência reportada na literatura para o apagamento do rótico em final de palavra.

8.1.2 Os aspectos fonológicos

A partir da distribuição das variantes pelos dois tipos de rótico vimos, em nosso *corpus*, que a cisão entre as formas aplicadas na realização de um ou outro tipo não está tão clara quanto sugere a dicotomia entre o assim chamado “r-fraco” e “r-forte”. Especialmente o tepe alveolar espirantizado, uma variante ainda não descrita pela literatura afim, e a retroflexa, não prevista para o contexto intervocálico, fogem de uma caracterização dentro dos parâmetros “fraco” e “forte”.

Uma das indagações iniciais desta pesquisa era se os falantes de Blumenau distinguem ou não entre os dois tipos de rótico. Essa questão foi estendida, em nosso trabalho, também aos falantes de Lages: os 20 indivíduos analisados em nosso *corpus* distinguem ou não entre as variantes aplicadas ao r-simples e ao r-duplo? A resposta é tripartida: tanto há falantes que distinguem categoricamente, como há falantes que não distinguem bem os dois tipos, e há falantes nos quais a

mistura parece constituir a norma. A relação numérica entre esses 3 grupos de informantes depende dos parâmetros de avaliação e dos métodos pelos quais atribuímos uma variante a um dos dois tipos de rótico.

Um trabalho de natureza fonético-fonológica como este não visa nem comprovar, nem negar a existência de um ou de dois fonemas de rótico no PB. Como discutido no capítulo 4, não compartilhamos do ponto de vista estruturalista que concebe a organização fonológica representada em uma camada abstrata e ideal, distante da fala – fonética – real¹³⁶. Para o nosso objetivo e com os dados avaliados neste estudo, há uma outra interpretação do âmbito fonético-fonológico, apresentada no capítulo 4 e que retomamos em relação aos nossos dados na seção a seguir. Trata-se do modelo de representação mental de exemplares na gramática individual, conforme a proposta de Bybee (2001 e 2005).

8.2 A gramática individual

A metodologia de análise das gramáticas individuais revelou-se um procedimento mais frutífero para o caso de Blumenau do que para o caso de Lages. Para as gramáticas individuais dos falantes de Blumenau apontamos certas formas de regularidade e irregularidade na distribuição das variantes, especialmente quanto ao papel da classe de palavras e dos itens lexicais mais freqüentes. No caso de Lages, embora haja mais semelhança entre os 10 indivíduos nessa cidade do que entre os indivíduos de Blumenau, não conseguimos estabelecer correlações muito nítidas que indicassem a organização interna do mapeamento das variantes dos falantes. Essa situação deve-se, provavelmente, a dois fatores principais. Primeiro, levantamos somente um número pequeno de fatores e dispusemos de um número limitado de ocorrências¹³⁷ por falante. Segundo, também é possível que a situação dos róticos na fala de indivíduos de Lages esteja apontando para uma grande

¹³⁶ Se analisássemos a variação em nossos dados em termos estruturalistas (lembrando que concebemos o gerativismo como um modelo estruturalista), não haveria indícios fonéticos que apontassem à existência de um só fonema subjacente, seja ele o r-simples ou o r-duplo. Há uma variante, a vibrante alveolar, usada categoricamente para a realização do r-duplo. Nos demais casos há predominâncias, isto é, em algumas variantes o r-simples e, em outras, o r-duplo.

¹³⁷ Obtivemos, em média, 30 a 60 ocorrências do r-duplo em entrevistas de aproximadamente 1h de duração. Para conseguir um número significativamente maior de realizações do r-duplo em um registro de fala espontânea e natural, seriam necessárias várias horas de gravação.

mistura de variantes, de modo que somente com uma comparação diacrônica poder-se-iam identificar as formas de auto-organização atuantes na gramática de cada falante.

Especialmente para os falantes de Blumenau, o instrumento de análise das gramáticas apontou para a importância do fator classe de palavras, já manifesta, embora com menos saliência, na comparação das duas cidades, conforme discutido no capítulo 6. Como se relaciona o comportamento desse fator em nosso *corpus* com a teoria de Bybee (2001 e 2005) A teoria dos exemplares prevê, a princípio, duas propriedades dos itens lexicais mais freqüentes, que são, parcialmente adversárias e conflitantes. A forma fonética desses itens pode ser o desencadeador de uma mudança fonética que se espalha a partir desses itens e chega a ser usada na produção de outras palavras menos freqüentes. Por outro lado, os itens lexicais podem apresentar justamente as formas fonéticas mais resistentes perante mudanças que atingem os demais itens. Vista assim, a teoria de exemplares não afirma nem a probabilidade de mudança, nem a conservação das formas e, sim, retrata a força dos itens lexicais dentro da formatação da gramática lexical. Essa força pode atuar numa dupla direção: como inovação e/ou como resistência Comparando essa visão com a análise dos itens lexicais levada a cabo no capítulo 7, vemos que há indícios, justamente, para ambas as duas propriedades. Em muitos casos, especialmente nos falantes de Blumenau, encontramos um quadro com, mais ou menos, a seguinte configuração. Para o r-duplo¹³⁸, predominam uma ou duas variantes, porém, ao mesmo tempo, o falante alterna entre até 5 variantes na realização desse tipo de rótico, o que resulta em vários casos de formas com 1 a 3 ocorrências apenas. Na maioria dos falantes de Blumenau, o item mais freqüente ocorre em muitos desses casos de poucas ocorrências por variante. Ou seja, o aumento da diversidade de variantes encontradas na fala de um só indivíduo está correlacionado aos itens lexicais mais freqüentes desse falante. Mas somente o fato de os itens mais freqüentes preponderarem para variantes pouco usadas na gramática de um indivíduo não basta para concluir algo com respeito às duas propriedades. Pela teoria de Bybee, esse uso poderia ser tanto uma marca da resistência desses itens frente a uma tendência às variantes mais usadas nas demais palavras; como se tratar de uma inovação dentro da gramática individual.

¹³⁸ E os itens mais freqüentes em nosso *corpus* são, sem exceção, palavras com o r-duplo.

Como interpretamos essa situação, sendo que nas variantes mais usadas por um falante também ocorrem os itens mais freqüentes?

No material que avaliamos neste estudo há uma forte relação entre o fator "item lexical mais freqüente" e a classe dos substantivos. Não sabemos, ao certo, se se trata meramente de uma coincidência dentro das limitações do nosso *corpus*, ou se é o reflexo da distribuição dos itens mais freqüentes no uso em geral do PB, ou seja, se as palavras com r-duplo intervocálico mais freqüentes no PB são, na sua maioria, substantivos. Nesse caso, não podemos avaliar com muita clareza a atuação desses dois fatores, classe e freqüência lexical, na disputa interna da gramática do indivíduo. Não obstante, identificamos um comportamento particular de ambos os fatores. Nos substantivos (e isso vale, em primeiro lugar, para o r-duplo nos falantes de Blumenau e, de maneira menos acentuada, para o r-simples em Blumenau e também para ambos os tipos de rótico em Lages), há uma ocorrência maior das variantes mais posteriores. Isto é, ou uma preferência pelas variantes posteriores propriamente ditas, produzidas nas zonas de articulação velar, uvular e glotal; ou são as variantes com o maior esforço do gesto articulatório em comparação com as outras variantes, menos preferidas pelos substantivos, situadas na mesma zona de articulação. Por exemplo, o tepe e a vibrante alveolar são realizados na mesma zona de articulação. Entre essas duas, quando ambas estão presentes em uma gramática individual e quando ambas são aplicadas para o mesmo tipo do rótico, há uma freqüência maior de substantivos na vibrante e uma freqüência maior de verbos ou das demais classes de palavra no tepe. Esse exemplo encontra-se no falante 16 de Blumenau.

Uma vez que todos os itens mais freqüentes do nosso *corpus* são substantivos, não há como separar claramente o comportamento dos dois fatores. Contudo, se considerarmos o fato de os itens mais freqüentes apresentarem o espraiamento por uma grande diversidade de variantes como uma propriedade desses itens, a diferença, embora leve, entre o item freqüente e o substantivo, em nosso *corpus*, poderia ser assim resumida: os itens apresentam um espraiamento, e os substantivos uma tendência para as variantes ou posteriores ou de maior esforço no gesto articulatório.

Em geral, a perquirição individual, na qual se considera cada ocorrência de cada variante, mostra a complexidade do fenômeno dos róticos na fala dos indivíduos

analisados neste estudo. Apontamos às características antes graduais do que categóricas das variantes fonéticas e descrevemos duas realizações, o tepe alveolar espirantizado e a vibrante alveolar espirantizada que, pelo que saibamos, ainda não tinham sido reportadas para o PB. Em comparação com o padrão do PB, conforme descrita na literatura afim, há, em nosso *corpus*, 4 variantes emergentes, resultantes de uma extensão e um aproveitamento do espaço articulatório. Essa extensão e esse aproveitamento podem ser vistos, adotando a visão de Wildgen (2005), como indícios de um momento emergência de novas formas. A força adversária, concebida no modelo de Wildgen, a tendência para a auto-organização e convencionalização das variantes, no momento da gravação dos nossos falantes, não se manifesta com tanto vigor nas gramáticas individuais.

8.3 O contato de línguas

Na análise dos dados biográfico-lingüísticos procuramos, no caso dos falantes de Blumenau, distinguir entre as falantes com menor, médio e maior contato com o alemão, baseando essa classificação nos dados disponíveis nas próprias entrevistas. Na comparação entre as gramáticas dos indivíduos a que atribuímos o mesmo grau de contato, não se revelou um comportamento em comum. Ao contrário, às vezes há mais aspectos em comum entre falantes dos 3 níveis diferentes (mais, menos e e nenhum bilinguismo) do que entre os falantes com o mesmo grau de contato/bilinguismo.

No que concerne à classificação possível a partir do nosso material empírico, parece que o contato de línguas, nos falantes de Blumenau, manifesta-se antes como um fenômeno coletivo (“região”) do que individual em termos da bilinguidade de cada informante. A influência do contato entre o PB e o alemão na região de Blumenau é indicada por dois aspectos, nos quais os falantes de Blumenau diferem bastante dos de Lages. Reportando-nos à análise comparativa entre o alemão e o PB, no capítulo 3, podemos afirmar que a preferência, na fala de Blumenau, da variante uvular em detrimento da fricativa velar, é um possível sinal do contato com o alemão. A variante uvular é uma realização do rótico muito freqüente no alemão, enquanto a fricativa velar não é atribuída a uma realização de *erre*, no alemão, e sim a uma classe de som diferentes. Um fenômeno análogo, embora mais ameno, podemos constatar para a uvular em relação à fricativa glotal. A fricativa glotal, no

alemão, é mais uma delimitação do espaço articulatório disponível para a variação dos róticos. Em Lages, a fricativa velar é a variante mais usada para a realização do r-duplo e não ocorre nenhuma realização de uvular.

8.5 Resumo do capítulo

Neste capítulo retomamos as questões levantadas ao longo deste estudo e as relacionamos aos resultados do nosso trabalho. Revimos a discussão fonético-fonológica, a questão da distinção e da distinguibilidade das variantes em relação aos tipos de róticos, como também a teoria da gramática individual, o conceito da língua como um sistema complexo, a abordagem de línguas em contato e as implicações metodológicas desta pesquisa.

9 Considerações finais

Neste trabalho definimos, desenvolvemos e discutimos uma abordagem funcional que criasse uma ponte entre o estudo sócio- ou geolingüístico da variação fonética dos róticos no PB do Sul e uma proposta de aplicação teórica da análise fonológica da gramática individual. Apresentamos a grande gama de variantes encontradas em nosso *corpus* e descrevemos o seu caráter gradiente, no que concerne a suas propriedades auditivas e acústicas. Argumentamos em favor de uma ligação muito mais próxima entre o detalhe fonético e a análise fonológica do fenômeno, tendo em vista a grande distância entre esses dois domínios lingüísticos na representação abstrata fonológica estruturalista e gerativa. Através da nossa perquirição minuciosa de todas as ocorrências¹³⁹ em todos os 20 falantes considerados, conseguimos apontar para a complexidade da variação dos róticos no PB e a relação difusa entre as realizações do r-simples e do r-duplo.

Dependendo do critério de avaliação¹⁴⁰, obtivemos entre, aproximadamente, 5% e 8% das 1.735 ocorrências nas quais, igualmente dependendo dos critérios, entre 8 e 12 dos 20 falantes transgridem a distinção entre o r-simples e o r-duplo. Sendo assim, podemos concluir que a transgressão entre as variantes aplicadas para um ou outro tipo de rótico é comum entre os nossos falantes, porém, ainda assim, acontece somente em poucos casos. Por esse motivo focalizamos, em nossa análise das gramáticas individuais, especialmente os fatores relacionados às ocorrências excepcionais em relação ao padrão individual. Descobrimos com esse procedimento 1) que há uma correlação entre os itens mais freqüentes em cada falante e a diversidade de variantes por ele usados, 2) que a classe dos substantivos aponta para as variantes mais posteriores e a classe dos verbos, para as variantes mais anteriores ou de menos esforço articulatório. No que concerne aos substantivos, é possível que haja uma correlação com o comportamento dos itens lexicais mais freqüentes, uma vez que esses são, na sua grande maioria, substantivos. Se houver

¹³⁹ Exceto aquelas ocorrências com qualidade de gravação inferior à exigência de uma análise acústica.

¹⁴⁰ O número de ocorrências desviantes do padrão de distinção e o número de falantes que distinguem, nas suas realizações fonéticas, entre os dois tipos de rótico, variam dependendo da opção feita delimitar o fator “padrão de distinção”. Podemos, ou avaliar o conjunto de todos os falantes para delimitar o padrão, ou focalizar no padrão de cada indivíduo. Além do mais, podemos excluir ou incluir os casos que dependem da distinção entre a aproximante e o tepe alveolar que é somente acusticamente distinguível.

realmente essa correlação, estaria explicado também o fato de termos observado mais tendências no comportamento das realizações do r-duplo do que do r-simples. No que concerne ao fenômeno descrito para os verbos, levantamos e discutimos a hipótese de que pode se tratar de um comportamento análogo à tendência, geralmente reportada para o PB, de apagamento do rótico em posição final de palavra. Em relação à segunda tendência descrita na literatura afim, isto é, a posteriorização ou fricativização dos róticos do PB, assumimos a posição de que os nossos dados apontam mais fortemente para um fenômeno de espraçamento pelo espaço articulatório.

Por se tratar de uma abordagem teórica que implica uma análise empírica complexa, mas aberta, percorremos, neste estudo, vários caminhos e procedimentos metodológicos diferentes. Avaliamos a influência do contato lingüístico sobre o conjunto dos falantes e sobre cada indivíduo, realizamos um exame das freqüências em relação aos fatores lingüísticos intrínsecos e enfatizamos o potencial da auto-organização de cada sistema lingüístico individual que é a gramática do falante.

Uma abordagem como esta, que visa abranger um conjunto de fatores inter-relacionados e de qualidades e dinâmicas bem diversas, chega a algumas limitações que futuros estudos poderão superar. Julgamos interessante fazer uma análise auditiva e acústica com um material empírico mais amplo, especialmente no que concerne às ocorrências por falante, e, principalmente, de uma qualidade acústica superior, tendo disponíveis gravações digitais feitas em estúdio e em campo. Com um aparato metodológico desse tipo, seria possível comparar nossos resultados fonéticos com a fala de indivíduos oriundos de outras regiões, pôr à prova os nossos resultados e corroborar ou refutar a significância do contato de línguas, dos itens lexicais mais freqüentes e da classe de palavras para o mapeamento da gramática individual.

Bibliografia

- ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS),
 ALTENHOFEN, Cléo V., KLASSMANN, Mário S., KOCH, Walter [orgs.] (2002)
 Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC; Curitiba: Ed. da
 UFPR.
- ALTENHOFEN, Cléo V. (1996) Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur
 Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem
 Portugiesischen. Mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung. Bd. 21.
 Stuttgart: Franz Steiner Verlag.
- ALTENHOFEN, Cléo V. (2003) O contato entre o português e as línguas de
 imigrantes no Brasil: O exemplo do hunsrückisch. In: SAVEDRA, Mônica;
 HEYE, Jürgen [orgs.] Línguas em contato. paLavra 11, Série Linguagem,
 Volume temático. Departamento de Letras da PUC-Rio. Rio de Janeiro: Ed.
 Tapera. p. 146-166.
- AGUILERA, Vanderci de A. (1998) A Geolingüística no Brasil. Caminhos e
 Perspectivas. Londrina: Ed. da UEL.
- ARCHANGELI, Diana (1988): Aspects of Underspecification Theory. Phonology
 Yearbook 5. p. 183-207.
- AUER, Peter (1999) Sprachliche Interaktion. Eine Einführung anhand von 22
 Klassikern. Tübingen: Niemeyer.
- ATLAS LINGÜÍSTICO DE SERGIPE (ALS): FERREIRA, Carlota da S. *et alii* (1987)
 Salvador: Ed. da UFBA / Fundação Estadual de Cultura de Sergipe.
- ATLAS PRÉVIO DE FALARES BAIANOS (APFB) ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota
 da S.; ISENSEE, Dinah (1963) Rio de Janeiro: MEC / Instituto Nacional do
 Livro.
- AZEVEDO, Milton M. (1981) A Contrastive Phonology of Portuguese and English.
 Washington: Georgetown University Press.
- BAUSCH, Karl-R.; KASPER, Gabriele (1979) Der Zweitsprachenerwerb:
 Möglichkeiten und Grenzen der 'großen' Hypothesen. In: Linguistische
 Berichte 64/79. p. 3-35.
- BLOOMFIELD, Leonard (2001) Die Sprache. (Tradução por Ernst Peter do original
 inglês "Language" (1933) New York: Henry Holt & Co.) Wien: Ed. Praesens.

- BOERSMA, Paul (1998) *Functional Phonology*. Tese de Doutorado, Universidade de Amsterdam. Disponível em: <<http://www.fon.hum.uva.nl/paul/>> Acesso em: 01.02.2001.
- BONET, Eulália; MASCARÓ, Joan (1997) On the representation of contrasting rhotics. In: MARTÍNEZ-GIL, Fernando; MORALES-FRONT, Alfonso [orgs.] *Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages*. Washington DC: Georgetown University Press. p. 103-126.
- BROWMAN, Catherine; GOLDSTEIN, Luis (1993) Dynamics and articulatory phonology. *Staus Report on Speech Research*. Haskins Laboratories: New Haven. p. 51-62.
- BYBEE, Joan (1998) A functionalist approach to grammar and its evolution. *Evolution of Communication* 2. p. 249-278.
- BYBEE, Joan (2001) *Phonology and Language Use*. Cambridge Studies in Linguistics 94. Cambridge: University Press.
- BYBEE, Joan (2005) The impact of us on representations: Grammar is usage and usage is Grammar. LSA Presidential Address.
- CAGLIARI, Luiz C. (1981) *Elementos de fonética do português brasileiro*. Tese de livre docência. Campinas: Ed. da UNICAMP.
- CALLOU, Dinah; MORAES, João A.; LEITE, Yonne (1996) Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /R/ no Português do Brasil. In: KOCH, Ingedore, G.V. [org.] *Gramática do Português Falado*. Vol VI. Campinas, S. Paulo: Ed. Unicamp / FAPESP. p. 465-493.
- CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne (1998) Apagamento do R Final no Dialeto Carioca: um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real. *DELTA*., São Paulo, v. 14, n. spe, Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19.2.2007.
- CÂMARA Jr., J. Mattoso (1953) *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. Rio de Janeiro: Simões.
- CÂMARA Jr., J. Mattoso (1970) *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- CÂMARA Jr., J. Mattoso (1977) *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.
- CARDOSO, Suzana A. M.; MOTA, Jacyra A. (2003) Um passo da geolingüística brasileira: o Projeto ALiB. In: RONCARATI, Claudia; ABRAÇADO, Jussara [orgs.] *Português Brasileiro. Contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: Letras.

- CASTELLO BRANCO, Juçara S. (2001) Alemães em Lages: uma trajetória de conflitos e alianças guardadas. Dissertação de mestrado. UFSC, Florianópolis.
- CLARK, John; YALLOP, Colin (1990) *An Introduction to Phonetics and Phonology*. Blackwell.
- CLEMENTS, George N. (1990). The role of the sonority cycle in core syllabification. In: J. KINGSTON, John; BECKMAN, Mary E. [orgs.] *Papers in laboratory phonology I: Between the grammar and physics of speech*. Cambridge: University Press. p. 283-333.
- CLEMENTS George N.; HUME, Elizabeth (1995) The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, John [org.] *The handbook of phonological theory*. Oxford: Blackwell. p. 245–306.
- CLIFFORD, James (1986) Introduction: Partial Truths. In: CLIFFORD, James; MARCUS, George E. [orgs.] *Writing Culture. The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley: University of California Press. p-1-26.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thaís (2002) Descartando fonemas: a representação mental na Fonologia de Uso In: HORA, Dermeval da; COLLISCHONN, Gisela [orgs.] *Teoria Lingüística: Fonologia e outros temas*. Ed. Universitária.UFPB. p. 200-231.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thaís (2003) Difusão lexical: explorando o papel da frequência III Congresso Internacional da Abralín – Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.projetoaspa.org/cristofaro/publicacao/pdf/2003abralin.pdf>> Acesso em: 15.03.2006.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thaís (2006) Fonologia probabilística: Estudos de caso do português brasileiro. Disponível em: <<http://www.projetoaspa.org/cristofaro/publicacao/pdf/linguagemfonologia-2006-ms.pdf>> Acesso em: 15.03.2006.
- DE BOER, Bart (1996) A First Report on Emergent Phonology Vrije Universiteit Brussel. AI lab AI-memo. p. 96-10. Disponível em: <<http://www.ai.rug.nl/~bart/report1.pdf>> Acesso em: 1.7.2006.
- DE BOER, Bart (1997) A second Report on Emergent Phonology Vrije Universiteit Brussel. AI-lab AI memo. p. 97-04. Disponível em: <<http://www.ai.rug.nl/~bart/report2.pdf>> Acesso em: 1.7.2006.
- ESBOÇO DE UMA ATLAS LINGÜÍSTICO DE MINAS GERAIS (EALMG) (1977), ZÁGARI, Roberto L. *et alii*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.
- FÖLDES, Csaba (1999) Zur Begrifflichkeit von “Sprachenkontakt” und “Sprachenmischung”. In: LASATOWICZ, Maria K.; JOACHIMSTHALER, Jürgen

- [orgs.] Assimilation - Abgrenzung - Austausch. Interkulturalität in Sprache und Literatur. Frankfurt a.M., Berlin, Bern, Bruxelles, New York, Wien: Lang 1999. p. 33-54. Disponível em: <<http://www.vein.hu/german/begriff.html>> Acesso em: 20.02.2006.
- FÖLDES, Csaba (2002) Kontaktsprache Deutsch: Das Deutsche im Sprachen- und Kulturenkontakt In: HASS-ZUMKEHR, Ulrike; KALLMEYER, Werner; ZIFONUN, Gisela [orgs.] Ansichten der deutschen Sprache. Festschrift für Gerhard Stickel zum 65. Geburtstag. Tübingen: Narr. p. 347-370.
- FROTA, Sónia (2000): Prosody and Focus in European Portuguese. New York: Garland.
- FROTSCHER, Méri (2003) Da Celebração da Etnicidade teuto-brasileira à Afirmação da Brasilidade: Ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929-1950). Tese de doutorado. UFSC, Florianópolis.
- GIVÓN, Talmy (1995) Functionalism and Grammar. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- GLASER, Barney G.; STRAUSS, Anselm L. (1967) The Discovery of Grounded Theory. Strategies for Qualitative Research. Chicago: Aldine Pub.
- GOLDSMITH, John (1976) Autosegmental phonology. Tese de doutorado, publicada em 1979. New York: Garland Press.
- GUTTENKUNST, Helga Prade (1996): Interferências lingüísticas no Português falado no RS, em regiões de colonização alemã. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, RS.
- HAYES, Bruce (2000) The phonological-phonetical interface. LabPhon 7. Proceedings of the Seventh Conference on Laboratory Phonology. University of Nijmegen.
- HERNANDORENA, Carmen L. M. (2001) Introdução à Teoria Fonológica. In: BISOL, Leda [org.] Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. 3ª edição revista. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- HESS, Wolfgang (2005) Artikulatorische und Akustische Phonetik. Disponível em:<http://www.ikp.uni-bonn.de/dt/lehre/materialien/aap/aap_3f_4p.pdf> Acesso em: 12.07.2006.
- HEYE, Jürgen (2003) Considerações sobre Bilingüismo e Bilingualidade: Revisão de uma Questão. In: SAVEDRA, Mônica; HEYE, Jürgen [orgs.] Línguas em contato. paLavra 11, Série Linguagem, Volume temático. Departamento de Letras da PUC-Rio. Rio de Janeiro: Ed. Tapera.

- HIRST, Daniel; di CRISTO, Albert (1998) *Intonation Systems*. Cambridge: University Press.
- HOFFMANN, Ludger (2003) *Einleitung*. In: Hoffmann, Ludger [org.]: *Funktionale Syntax. Die pragmatische Perspektive*. Berlin; New York: de Gruyter, 2003
- HOLLAND, John H. (1992) *Adaptation in Natural and Artificial Systems*. Massachusetts Institute of Technology: MIT Press.
- HOPPER, Paul J (1987) *Emergent grammar*. Berkeley Linguistics Society, vol. 13. p. 139-157.
- INTERNATIONAL PHONETIC ASSOCIATION (IPA) Disponível em:
<<http://www.arts.gla.ac.uk/ipa/ipa.html>> Acesso em: 12.01.2004.
- KIPARSKY, Paul (1982) *Lexical morphology and phonology*. In: YANG, In-Seok [org.] *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin.
- KÖNIG, Werner (1989) *Atlas zur Aussprache des Schriftdeutschen in der Bundesrepublik Deutschland*. Ismaning: Hueber.
- KRASHEN, Stephen D. (1982). *Principles and practices of second language acquisition*. New York: Pergamon.
- LABOV, William (1973) *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- LABOV, William (1994) *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford: Blackwell.
- LADEFOGED, Peter (1975) *A course in phonetics*. New York: Harcourt Brace Jovanovich.
- LEBEN, William (1973) *Suprasegmental Phonology*. Tese de doutorado. Massachusetts Institute of Technology. Publicado em 1980 por Garland Press: New York.
- LEHMANN, Christian, (s/d) *Phonologie und Phonetik*. site da web, disponível em:
http://www.uni-erfurt.de/sprachwissenschaft/personal/lehmann/CL_Lehr/PhonPhon/Phon_Index.html Acesso em: 5.2.2006.
- LIBERMAN, Mark (1975) *The intonational system of English*. Tese de Doutorado. Massachusetts Institute of Technology. (Publicado 1978).
- LICHEM, Klaus (1969) *Phonetik und Phonologie des heutigen Italienisch*. München: Max Hueber.
- LINDBLOM, Björn; MACNEILLAGE, Peter F.; STUDDERT-KENNEDY, Michael (1984) *Self-Organizing Processes and the Explanation of Phonological Universals*. In:

- BUTTERWORTH, Brian; COMRIE, Bernard; DAHL, Östen [orgs.] Explanations for Language Universals. Berlin: Mouton. p.191- 203.
- LINDBLOM, Björn (1999) Emergent phonology. Proceedings of the 25th Annual Meeting of Berkeley Linguistic Society. University of California, Berkeley.
- LOPEZ, Barbara (1979) The sound pattern of brazilian portuguese. (Cariocan Dialect). Tese de doutorado. University of California, Los Angeles.
- MAILER, Valeria C. d. O. (2003) O alemão em Blumenau: uma questão de identidade e cidadania. Dissertação de mestrado. UFSC, Florianópolis.
- MARGOTTI, Felício Wessling (2004) Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil. Tese de doutorado. UFRGS, Porto Alegre.
- MARQUARDT, Lia (1977) A vibrante no Rio Grande do Sul: uma análise computacional. Dissertação de mestrado. UFRGS, Porto Alegre.
- MATEUS, Maria H. (1982). Aspectos da Fonologia do Português. Lisboa: INIC.
- MATEUS, Maria H. (1984) Aspectos da fonologia do português. Lisboa: Centro de Estudos Fonológicos.
- MATEUS, Maria H.; ANDRADE, Ernesto de (2000) The Phonology of Portuguese. Oxford: University Press.
- MAYRING, Philipp A.E. (2000) Einführung in die qualitative Sozialforschung. Adaptação para o português disponível em:
<http://www.cin.ufpe.br/~pcart/metodologia/pos/Mayring043.pdf#search=%202Grounded%20theory%22> Acesso: 15.7.2006.
- MONARETTO, Valéria N. O. (1997) Um Re-Estudo da Vibrante: Uma Análise Variacionista e Fonológica. Tese de doutorado. PUCRS, Porto Alegre.
- MONARETTO, Valéria N.O.; QUEDNAU, Laura R.; HORA, Dermeval da (2001) As consoantes do português. In: BISOL, Leda [org.] Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. 3ª edição revista. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- NEVES, Maria H. M. (1999) Estudos Funcionalistas no Brasil. DELTA. São Paulo, v.15. no. spe. p.70-104. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300004&lng=en&nrm=iso Acesso em 28.08.2006.
- NOLL, Volker (1999) Das brasilianische Portugiesisch. Herausbildung und Kontraste. Heidelberg: Universitätsverlag Winter.
- NURC Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta, desenvolvido em cinco capitais brasileiras (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto

- Alegre). Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/projnurc.html>>
Acesso em: 3.4.2006.
- OGLIARI, Marlene (1999) As Condições de Resistência e Vitalidade de uma Língua Minoritária no Contexto Sociolingüístico Brasileiro. Tese de doutorado. UFSC, Florianópolis.
- OHALA John J. (1991) The integration of phonetics and phonology. Proceedings of the XIIth International Congress of Phonetic Sciences, Aix-en-Provence. Vol. 1, p. 1-16.
- OLIVEIRA, Marco A. de (1983) Phonological variation and change in brazilian portuguese: the case of the liquids. Tese de doutorado. University of Pennsylvania.
- OLIVEIRA, Marilucia B. de (2001) Manutenção e apagamento do (r) final de vocábulo na fala de Itaituba. Dissertação de mestrado. UFPA, Belém.
- PIERREHUMBERT, Janet (2001) Exemplar dynamics: Word frequency, lenition and contrast. In: Bybee, Joan; Hopper, Paul [orgs.] Frequency effects and emergent grammar. Amsterdam: John Benjamins. p. 137-157.
- PRAAT. Sistema de análise fonética, desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink do Departamento de Ciência Fonética da Universidade de Amsterdam. Disponível em: <<http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>> Acesso em: 20.12.2005.
- PRINCE, Alan e SMOLENSKY, Paul (1993): Optimality Theory: Constraint interaction in generative grammar. Rutgers University Center for Cognitive Science Technical Report 2.
- PUPP SPINASSÉ (2005) Deutsch als Fremdsprache in Brasilien. Eine Studie über kontextabhängige unterschiedliche Lernersprachen und muttersprachliche Interferenzen. Frankfurt/M; Berlin; Bern: Lang.
- RIGATTI, Ana Paula (2003) Realização do rótico no onset em falantes de Luzerna-SC e Panambi-RS, regiões de imigração alemã. Dissertação de mestrado. PUC-RS, Porto Alegre.
- REIGHARD, John (1985) La vélarisation de l'r en français et en portugaise. In : Actes du XVII^{ème} Congrès international de linguistique et philologie romanes. II : Aix-en-Provence Université de Provence. p. 311-321
- REINECKE, Katja (2005) A variação do /R/ pré-vocálico e intervocálico no português falado em Blumenau. Artigo não publicado.
- RIEGER, Burghard (1995) Warum fuzzy Linguistik? Überlegungen und Ansätze einer computerlinguistischen Neuorientierung. Disponível em:

- http://www.uni-trier.de/uni/fb2/ldv/ldv_home/ldv_archiv/http/www/public_html/ldvpage/rieger/pub/aufsaeetze/essen95/essen95.html Acesso em: 8.7.06.
- ROSENBERG, Peter (1998) Deutsche Minderheiten in Lateinamerika. In: HARDEN, Theo; HENTSCHEL, Elke [orgs.] *Particulae particularum*. Festschrift zum 60. Geburtstag von Harald Weydt. Tübingen: Stauffenburg. p. 261-291.
- ROSENBERG, Peter (2005) Vergleichende Sprachinselforschung: Konvergenz und Sprachwandel in deutschen Sprachinseln in Russland und Brasilien. *Comunicação de congresso*. Disponível em: ><http://www.kuwi.euw-frankfurt-o.de/~sw1www>> Acesso em: 15.5.2006.
- SELTING (2000) The construction of units in conversational talk. *Language in Society* 29. p. 477-517.
- SELTING, Margret; COUPER-KUHLEN, Elizabeth (2000) Argumente für die Entwicklung einer 'interaktionalen Linguistik'. *Gesprächsforschung - Online-Zeitschrift zur verbalen Interaktion*. Ausgabe 1. Disponível em: <<http://www.gespraechsforschung-ozs.de>> Acesso em: 3.3.2003.
- SILVA, Adelaide; ALBANO, Eleonora (1999) Brazilian português rhotics and the phonetics/phonology boundary. *ICPHS99 Proceedings, San Francisco, Vol. 3*, p. 2211-2214.
- SILVA, Adelaide H. P. (1999) Pistas para o condicionamento prosódico sobre a variabilidade de produção de /r/. *Estudos Lingüísticos* 28. p.682-688.
- SILVA, Adelaide H. P. *et alii* (2001) Por uma abordagem dinâmica dos processos fônicos. Curitiba: *Revista Letras*, n. 55. p. 93-113.
- SPESSATO, Marizete B. (2001) *Marcas da história: Características dialetais dos imigrantes italianos na fala de Chapecó*. Dissertação de mestrado. UFSC, Florianópolis.
- STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet (1990) *Basics of Qualitative Research. Grounded Theory Procedures and Techniques*. Nexbury Park, London, New Delhi: Sage.
- SZCZEPEK, Beatrice (2000a) Formal Aspects of Collaborative Productions in English Conversation, *InLiSt - Interaction and Linguistic Structures*, No. 17, June. Disponível em: <<http://www.uni-potsdam.de/u/inlist/issues/17/index.htm>>Inlist> Acesso em: 20.2.2002.
- SZCZEPEK, Beatrice (2000b) Functional Aspects of Collaborative Productions in English Conversation, *InLiSt - Interaction and Linguistic Structures*, No. 21, December. Disponível em: <<http://www.uni->

potsdam.de/u/inlist/issues/21/index.htm> Acesso em: 20.2.2002.

- TAVARES, Maria A. (2003) A Gramaticalização de e, aí, daí e então: Estratificação/Variação e Mudança no Domínio Funcional da Sequenciação Retroativo-Propulsora de Informações - Um Estudo Sociofuncionalista. Tese de doutorado. UFSC, Florianópolis.
- TERNES, Elmar (1999) Einführung in die Phonologie. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft. 2a edição, revista e ampliada.
- THOM, René (1983) Catastrophes et paraboles. Entretiens sur les mathématiques, la science et la philosophie. Paris: Maloine.
- TRUBETZKOY, Nikolaus S. (1989) Grundzüge der Phonologie. 7. Auflage. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- VARELA-FUHR, Maria Cristina (1992) Jacaré ou Krokodil? Aquisição fonológica de consoantes líquidas por crianças bilíngues (português-alemão) Dissertação de mestrado. PUC-RS, Porto Alegre.
- VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA URBANA NA REGIÃO SUL DO BRASIL (VARSUL) Porto Alegre, UFRGS; Porto Alegre; PUC-RS; Florianópolis, UFSC; Curitiba, UFPR.
- VOTRE, Sebastião J. (1978) Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro. Tese de doutorado. PUCRJ, Rio de Janeiro.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin (1968) Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.P.; MAKIEL, Yakov [orgs.] Directions for historical linguistics. University of Texas: Austin.
- WETZELS, W. Leo (1997) The lexical representation of nasality in brazilian portuguese. *Probus* 9 (2). p. 203-232.
- WIESE, Richard (1996) The Phonology of German. Oxford: University Press.
- WILDGEN (2005) Das dynamische Paradigma in der Linguistik (Revisto e ampliado da edição de 1987). Disponível em: http://www.fb10.uni-bremen.de/homepages/wildgen/pdf/das_dynamische_paradigma.pdf Acesso em: 4.5.2005.
- ZURAW, Kie (2003) Optimality in Linguistics. In: ARBIB, Michael [org.] Handbook of Brain Theory and Neural Networks. Cambridge, MA. MIT Press. p.819-822. Disponível em: <http://www.linguistics.ucla.edu/people/zuraw/dnldpprs/OTHBTNN2e.pdf>> Acesso em: 6.4.2006.